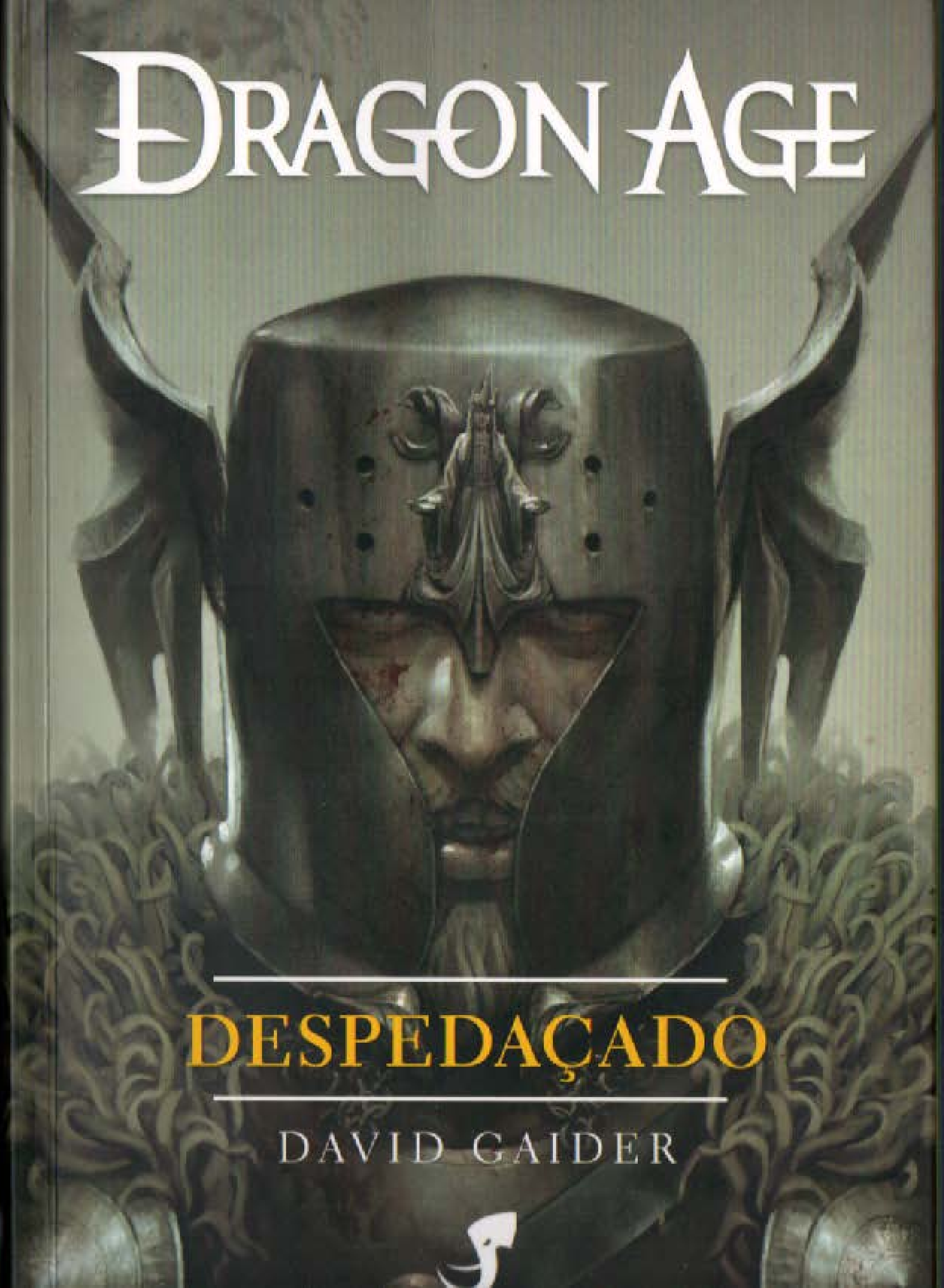
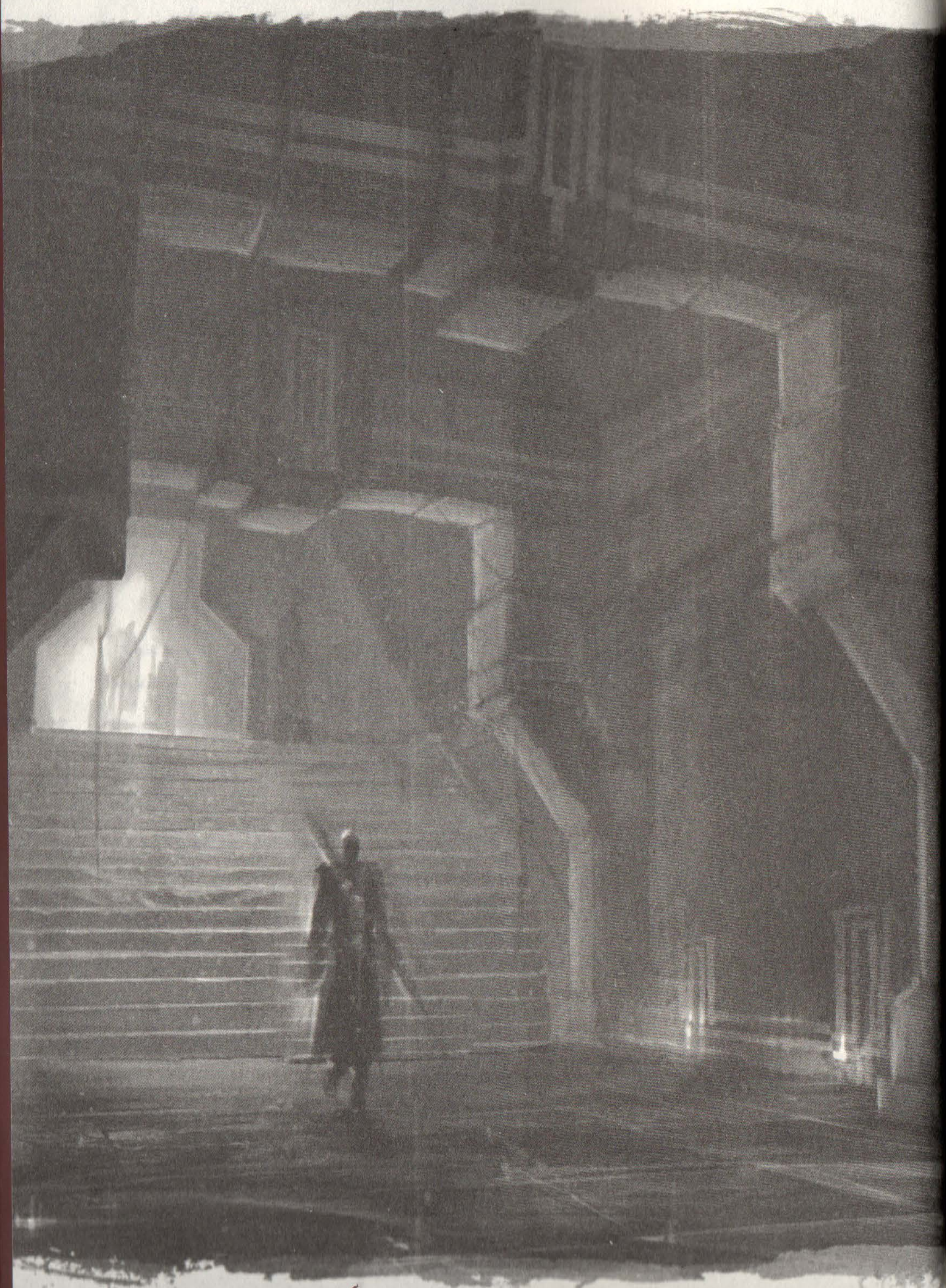

DRAGON AGE
DESPEDAÇADO
DAVID GAIDER



DAVID GAIDER

DESPEDAÇADO

Tradução
Rafael Pelluso

JAMBÔ

DRAGON AGE

DESPEDAÇADO

©2009 Eletronic Arts, Inc. Todos os direitos reservados.
DRAGON AGE, BioWare e seus respectivos logos são marcas registradas de EA International (Studio and Publishing) Ltd. EA é uma marca registrada de Electronic Arts Inc. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL: Asunder
TRADUÇÃO: Rafael Pelluso
DIAGRAMAÇÃO: Rodrigo Moser
EDIÇÃO: Thiago Rosa
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Elisa Guimarães
REVISÃO: Aline Haar
EDITORA-CHEFE: Karen Soarele
DIRETOR-GERAL: Guilherme Dei Svaldi
EQUIPE DA JAMBÔ: Guilherme Dei Svaldi, Rafael Dei Svaldi, Leonel Caldela, Ana Carolina Gonçalves, André Schwertz, Andrew Frank, Cássia Bellman, Dan Ramos, Daniel Boff, Davide Di Benedetto, Elisa Guimarães, Freddy Mees, Gislaine Alves, Glauco Lessa, J. M. Trevisan, Julia Rosiello, Karen Soarele, Marcel Reis, Marcelo Cassaro, Marlon Vernes, Matheus Tietbohl, Maurício Feijó, Priscilla Souza, Tatiana Gomes, Thiago Rosa e Tiago Guimarães.

Rua Coronel Genuíno, 209 • Porto Alegre, RS
CEP 90010-350 • editora@jamboeditora.com.br •
www.jamboeditora.com.br

Todos os direitos desta edição reservados à Jambô Editora. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

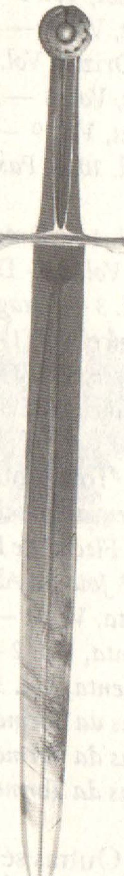
1ª edição: agosto de 2023 | ISBN: 978658863462-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G137d Gaider, David.
Despedaçado / David Gaider; tradução de Rafael Pelluso — Porto Alegre: Jambô, 2023.
400 p. il.

1. Literatura norte-americana. II. Título.

CDU 869.0(81)-311



Para as Planícies Livres
N
Cimas
Amaranthina
Mar Desperto
Terra Costa
Colina Oeste
Rio Hafter
Para Orlais
Estrada Imperial
Docas do Lago Calenhad
Orzammar
Torre do Círculo
Denerim
O Bann
Passagem de Gherlen
Pico do Dragão
Rio Dane
Rio Drakon
Ferelón
Ponta Sul
Lago Calenhad
Floresta Breciliana
Acampamento Valeano
Ruínas
Lothering
Castelo Penhasco Rubro
Coração da Floresta
Aldeia do Penhasco Rubro
Estrada Imperial
Montanhas do Dorso Frio
Retroterra
Passagem Breciliana
Oceano Amaranthino
Gwaren
Ermos
Territórios

1

EU SOU O FANTASMA do Pináculo.

Era um pensamento desagradável, um que Cole tinha revirado várias vezes em sua mente. Dizia-se que fantasmas não existiam, que os mortos não andavam realmente entre os vivos, mas algumas pessoas acreditavam neles mesmo assim. Acreditavam que um homem morto poderia se perder em seu caminho para junto do Criador, eternamente à deriva em uma terra de sombras.

Cole não estava morto. No entanto, ao mesmo tempo, não existia e caminhava entre os vivos.

Por acaso, uma vez ouviu uns magos falando a seu respeito, ainda que não tivessem ideia de que o estivessem fazendo. Ele os encontrou tarde da noite, apinhados em um dos corredores escuros do Pináculo Branco. Havia muitos desses tais cantos secretos na grande torre — lugares onde os magos iam para escapar dos olhos desconfiados dos templários vigilantes, e Cole os conhecia todos.

Cole sabia muito menos sobre os tais magos. Sabia, no entanto, que haviam corrido um grande risco ao se esgueirarem para fora de seus aposentos. Poucos templários da torre eram gentis, e a maioria acreditava que os magos constantemente conspiravam para cometer horrores indizíveis… quando a verdade geralmente era muito mais banal. A maioria das conversas deles era fofoca. Os magos sussurravam segredos um para o outro, às vezes especulações bobas sobre envolvimentos românticos, e

outras vezes coisas muito mais sérias que eles sabiam ser verdade, mas nunca poderiam falar abertamente. Ocasionalmente, em vez disso, ele esbarrava em magos se encontrando romanticamente. Eles secretamente pressionavam pele na pele, um ato desesperado de intimidade entre pessoas para quem tais momentos fugazes só podiam ser roubados.

Ele encontrou a dupla que falava dele apenas por acaso, ouvindo seus sussurros abafados enquanto passava pelas sombras. Uma era uma mulher simples com cabelos compridos cor de palha, e o outro um menino elfo desengonçado. Reconheceu ambos, mas apenas de vista. Eram aprendizes mais velhos, do tipo que tinha pouco talento para magia e que há muito já havia se preparado para o inevitável. Um dia seriam chamados pelos templários para sua provação final, e Cole nunca os veria novamente... ou os veria vagando pelos corredores como Tranquilos sem emoção, desprovidos de suas habilidades e condenados a passar suas vidas servindo apaticamente seus algozes.

Cole se lembrou do pavor nos olhos deles. A mulher simples carregava um hematoma na bochecha, o roxo mosqueado já começando a desaparecer. De seu esconderijo, a dupla procurou furtivamente por qualquer sinal de guardas vagando, começando pelo som mais fraco. Até o deslizar de um rato passando os fazia pular; mesmo assim, não se moveram de seu esconderijo.

Apesar de toda sua prontidão, estavam completamente alheios à aproximação de Cole. Não que ele esperasse algo diferente. Andou bem do lado deles, inclinando-se para ouvir.

— Eu lhe digo que vi — a mulher insistiu, sua voz tingida de assombro. — Eu estava andando pelas passagens inferiores para pegar um livro para o Encantador Garlen e lá estava.

— O fantasma. — O menino elfo não se prestou a esconder sua incredulidade.

— Oh, dragões podem existir, mas fantasmas não? — Sua voz foi ficando indignada. — O Coro não sabe de tudo! Há coisas no Turvo que não tem como eles...

— Pode ter sido um demônio.

Ela parou, seu rosto empalidecendo com o medo repentino.

— Mas... não tentou falar comigo. Acho que nem me viu. Pensei que talvez fosse um visitante, alguém que havia se perdido, mas quando o segui até a esquina, ele simplesmente sumiu.

O menino elfo franziu a testa, sua voz baixando para um sussurro difícil até mesmo para Cole ouvir.

— Você sabe o que eles nos ensinam. Quando um demônio vem, não parecerá ruim a princípio. Será algo que vai deixá-la curiosa, até o momento em que começar a te corromper.

O olhar dela se perdeu, sua boca retesada de preocupação. Ela olhou através de Cole, mas apenas um pensamento passou por sua mente: ela realmente me viu?

O menino elfo suspirou e a abraçou forte, murmurando palavras de conforto sobre como não estava falando sério quando fez o aviso. Talvez ela tivesse razão. A mulher assentiu entorpecida, segurando o choro.

— Com o que se parecia? — ele então perguntou.

— Você está sendo condescendente.

— Não, eu quero saber. Talvez fosse um templário?

— Você acha que eu não conheço todos os templários na torre até agora? Alguns muito mais do que eu gostaria. — Ela tocou o hematoma em sua bochecha, e o menino elfo fez uma careta, mas não disse nada. — Não, ele não estava de armadura ou robe; era apenas um homem, não muito mais velho que você. Cabelo desgrenhado, talvez loiro? As roupas de couro pareciam precisar urgentemente de um sabão. Houve outros que o viram, e suas descrições correspondem ao que eu vi.

— Talvez fosse um operário trabalhando nos túneis.

— Quando foi a última vez que alguém trabalhou por aqui? — Ele ficou sem resposta e deu de ombros.

— Eu sei, é que...

— Cheguei perto o suficiente para ver os olhos dele. — A mulher franziu a testa, pensativa. — Ele parecia tão triste, como se estivesse perdido por aí. Você pode imaginar? — Ela estremeceu, e o menino elfo sorriu de forma tranquilizadora.

— Então esse é o infame Fantasma do Pináculo. Os outros vão ficar com tanta inveja.

Ela sorriu debilmente em resposta.

— Não devíamos dizer nada.

— Provavelmente não.

Eles ficaram por mais um tempo, e Cole permaneceu. Esperava que eles pudessem falar um pouco mais sobre o que a mulher viu, mas eles não o fizeram. Eles deram as mãos no escuro e ouviram os sons abafados do canto que descia da capela da torre lá em cima. Quando a missa da meia-noite terminou, não havia nada além de silêncio, e a dupla voltou relutantemente para seus aposentos.

Cole não os seguiu. Em vez disso, sentou onde eles se sentaram, deixando o silêncio preenchê-lo. Sabia que não era um demônio. Nunca tinha visto um ou falado com um, não que ele soubesse, e a menos que alguém pudesse ser um demônio e não ter noção disso, simplesmente não era possível. Um fantasma, no entanto? Disso não tinha tanta certeza.

Lembrou-se de quando chegou à torre pela primeira vez. Como todos os outros magos antes dele, chegou aterrorizado, arrastado pelos corredores pelas mãos rudes de um templário. Não tinha ideia de onde ficava aquele lugar estranho, ou mesmo quanto tempo eles viajaram para chegar lá. Passou grande parte da viagem com os olhos vendados e inconsciente, e seus captores antipáticos se recusaram a lhe dizer coisa alguma. Até onde sabia, iriam matá-lo.

Ele se lembrou de ter sido empurrado por um corredor escuro, vazio, exceto por alguns aprendizes que se apressaram para sair do caminho. A maioria desviou os olhos, e isso só serviu para elevar o medo de Cole. Estava sendo levado para um calabouço, um poço negro do qual ele nunca sairia, por seu crime de ser um mago. Os templários o chamavam por essa palavra em tons secos e feios quando precisavam chamá-lo de alguma coisa. Mago. Antes daquele dia, não era uma palavra que Cole associava a si. Era algo que só tinha ouvido da boca dos sacerdotes, uma palavra de ordem para aqueles que foram amaldiçoados pelo Criador.

E agora era isso que ele era. Maldito.

Eles o jogaram em uma cela. Estava deitado no chão de pedra úmido, choramingando. Esperava por uma surra, mas não a recebeu. Em vez disso, a porta da cela se fechou com um estrondo ensurdecedor; inicialmente, Cole estava aliviado, mas quando os homens se foram, esse alívio evaporou. Eles o deixaram sozinho no escuro com apenas os ratos como companhia. As criaturas corriam invisíveis ao redor dele, beliscando-o

com dentes afiados. Tentou rastejar para longe deles, mas não havia para onde ir, nada a fazer, exceto deitar em posição fetal e rezar.

Lá no frio e no vazio, ele rezou pela morte. Qualquer coisa seria melhor do que esperar o retorno dos templários, imaginando sabe-se lá qual novo tormento planejaram para ele. Os sacerdotes diziam que os demônios vinham atrás dos magos, para transformá-los em terríveis abominações, mas Cole não conseguia imaginar nada mais assustador do que os próprios templários. Ele não conseguia fechar os olhos o suficiente para bloquear a memória de seus olhos indiferentes.

Não queria ser um mago. Ele não queria descobrir como se tornava um mago e não via nada de incrível na ideia de magia. Orou fervorosamente ao Criador, repetidas vezes, por livramento. Rezou até sua voz ficar rouca, rezou para que os templários até se esquecessem de sua existência.

E então seu desejo foi realizado. Foi exatamente o que fizeram.

Talvez tivesse morrido ali na escuridão, esquecido. Talvez tenha sido assim que surgiram os fantasmas: eram aqueles que faleceram e se recusaram a aceitar. Assim ficariam, a protelar na vida que não os queria mais.

Ele fechou os olhos com força. *"Criador do céu"*, ele pensou, *"se eu estiver morto, então me dê um sinal. Não me quer ao seu lado, assim como todos os padres me diziam? Não me deixe aqui"*.

Mas não houve resposta. Nunca houve.

Se estava morto, por que ainda dormia? Por que ele ainda tinha fome, respirava e suava? Não eram coisas que um morto fazia. Não importa como o chamavam, não era fantasma, nem demônio.

Mas isso não significava que ele era real.

Lá em cima, o Pináculo Branco fervilhava de gente. Havia muitos andares na grande torre, cheios de luz do sol e amplos espaços. Cole raramente subia lá. Ficava muito mais confortável lá embaixo, entre as coisas que os templários haviam esquecido, bem como as coisas que *queriam* esquecer. As entranhas da torre penetravam fundo na terra e eram seu lar.

Os primeiros andares das câmaras inferiores da torre eram bastante inofensivos. Continham os estoques de cozinha, bem como os arsenais: câmaras gigantes cheias de equipamentos e armas suficientes para equipar

um exército de templários. Abaixo estavam os arquivos — salas e mais salas cheias dos livros que não se mantinham nas bibliotecas superiores.

Havia livros sobre magia, assim como livros de música e filosofia, livros em línguas esquecidas e até mesmo os livros proibidos que eles trancavam a sete chaves. Normalmente os arquivos ficavam vazios, mas às vezes Cole encontrava um mago passando longas horas lendo à luz de velas. Ele jamais entendeu o que achavam de tão interessante sobre palavras e imagens. Livros eram apenas papel velho para ele.

Muito mais interessantes eram os andares que se encontravam sob os arquivos. A parte mais antiga da torre era chamada de "o Poço", e poucos, incluindo Cole, exploravam suas profundezas. Havia passagens inundadas lá embaixo há muito tempo seladas atrás de tijolos, só para desmoronar por negligência. Escadas precárias levavam a depósitos antigos, alguns cheios apenas de poeira e outros com relíquias de aparência estranha. Um grande mausoléu erigido como o legado silencioso dos templários que haviam morrido séculos atrás, estátuas desbotadas de heróis esquecidos erguiam-se sobre caixões de mármore. Ele encontrou esconderijos de tesouros, cujos donos há muito pereceram. Seguiu túneis escuros que iam em círculos, ou tinham desmoronado, ou até mesmo desembocavam nos esgotos da cidade. Alguém lá em cima sabia disso?

Conhecia todas as partes do Poço, exceto a área que ficava em seu cerne. As masmorras estavam lá, centenas e centenas de celas em vários andares. Mais do que os templários jamais poderiam querer, e muito mais do que usavam. As mais antigas eram preenchidas com pouco mais que os ecos silenciosos dos atormentados, deixados como marcas indeléveis em pedra. Aquilo fez sua pele arrepiar. Cole evitava as masmorras, indo lá apenas quando era absolutamente necessário. Quando precisava.

Como agora.

Não havia tochas nas masmorras. Em vez disso, colocavam lampiões-incandescentes dentro de lâmpadas de vidro, coisas que tremeluziam como chamas, mas emitiam uma luz fria e azul. Magia, sabia ele, pois podia sentir seu sussurro acariciando sua pele enquanto passava. Ainda assim, apenas um número limitado delas foi usado. O suficiente para os guardas verem os próprios pés.

Havia uma entrada, um corredor intimidante com teto abobadado e vários portões de ferro, que podiam ser fechados em um instante.

Qualquer um que fosse pego dentro quando isso acontecesse seria espetado por espinhos que saíam de buracos escuros nas paredes. Cole estremeceu enquanto atravessava. Aquela não era a única armadilha mortal na masmorra. Os templários preferiam seus prisioneiros mortos a fugitivos, e as velhas marcas de chamuscado nas paredes contavam sobre aqueles que tentaram.

Do outro lado daquele corredor havia um único posto de guarda, uma sala simples com uma pequena mesa e duas cadeiras. Ele viu uma garrafa de vinho aberta e duas taças meio cheias, e pratos cobertos com os restos frios da janta. Uma capa estava pendurada no cabide da parede, com dois capacetes sujos de terra no chão embaixo dela. Nenhum guarda presente, e as portas internas estavam escancaradas. Eles deviam estar perto.

Cole entrou ressabiado na prisão. O fedor de medo, antigo e novo, imediatamente atacou suas narinas. As celas daqui eram usadas com frequência. Quantas pessoas poderiam estar presas agora ele não tinha ideia, embora soubesse que havia, pelo menos, uma. Ele ouviu gemidos de medo mais à frente no corredor.

Havia risos também, junto de conversa fiada entre dois homens. Suas vozes ecoavam. Cole rastejou para dentro até que viu os primeiros sinais de luz azul à frente. Dois templários de armadura estavam na frente de uma cela aberta, um segurava um lampião-incandescente. Nenhum deles usava capacete, por isso os reconheceu — não o suficiente para saber seus nomes, pois conhecia poucos, mas o suficiente para saber que aqueles dois eram caçadores impiedosos, templários que haviam servido a ordem por tantos anos que suas capacidades de demonstrar alguma piedade haviam sido moídas até virar pó.

— Cuidado — advertiu o Portador do Lampião. — Essa aí sabe conjurar fogo.

O outro, que Cole apelidou de Narigudo, bufou com desprezo.

— Eu gostaria de vê-la tentar.

O choramingo veio de dentro da cela. O Portador do Lampião revirou os olhos e se virou.

— Não me preocuparia. Não havia sobrado muita marra quando a capturamos. Agora tem menos ainda.

— Huh. Acha que ela vai aguentar?

— Provavelmente seria melhor não. — A dupla trocou olhares maliciosos enquanto os gritos desesperados ficaram mais altos. Narigudo deu de ombros e bateu a porta da cela, atrapalhando-se com um grande molho de chaves de ferro até encontrar a que queria. A fechadura encaixou-se com um som sinistro.

Os templários se viraram e caminharam em direção a Cole, sussurrando entre si. Uma piada, seguida de uma risada cruel. Ele ficou onde estava, prendendo a respiração nervosamente enquanto se aproximavam. Quando o alcançaram, no entanto, fizeram o que a maioria fazia: passaram pelo seu lado, completamente alheios ao ocorrido. Não era certeza acontecer, e Cole sempre meio que esperava que pudessem vê-lo. Até meio que queria.

O chaveiro ele tirou do cinto do Narigudo ao passar.

Então eles partiram. O lampião-incandescente foi-se com eles, a única fonte de luz na prisão, que agora estava envolta em trevas. Cole lentamente soltou a respiração, esperando o som dos passos desaparecer. Ainda podia ouvir um leve choro atrás da porta da cela. Perto dali a água pingava na pedra com um *tec, tec, tec* ritmado. Ratos chiavam conforme emergiam das paredes. Mas não ouviu nada nas outras celas. Se havia prisioneiros, eles estavam dormindo ou quase dormindo.

Ele deveria ir. Tentou forçar seus pés a se moverem, mas estavam paralisados. Sentia-se imaterial, como se fosse feito da mesma substância que as sombras e o primeiro passo faria com que se perdesse nelas para sempre. O pânico aumentou, e seu coração disparou. Suor escorria por seu rosto.

"Agora não", ele titubeou. *"Ainda não!"*

Cole estendeu a mão para a parede. Parte dele estava com medo de que sua mão simplesmente atravessaria, e tropeçaria e cairia. E continuaria caindo. Cada vez mais para baixo ele iria, um grito derradeiro engolido por um esquecimento negro. Mas sua mão tocou a pedra. Uma pedra divinamente fresca. Suspirou, grato, e pressionou seu rosto contra ela, deixando sua aspereza gelada raspar sua pele.

Sua respiração desacelerou. Estava tremendo, mas ainda era real. *"Ainda há tempo"*.

Remexendo num bolso, pegou uma pequena trouxa de pano. Cuidadosamente ele a desdobrou e o brilho índigo de um lampião-incandescente emergiu. Para o que estava por vir, ele precisaria de luz.

Foram necessárias várias tentativas até encontrar a chave que o templário havia usado. Girou-a tão silenciosamente que a fechadura encaixou com um *tinido estridente*. Então ele estacou — o choro lá dentro parou abruptamente. Sem esperar para ver se o barulho provocou uma resposta dos guardas, Cole puxou a porta e entrou na cela.

O lampião-incandescente revelou uma cela minúscula, incrustada de sujeira. Estava vazia, exceto por um único balde e uma garota encolhida no canto, vestida com trapos imundos salpicados de sangue. Dela? Ou de outro? O cabelo preto da garota pendia em mechas molhadas pelos ombros, e ela protegia o rosto com os braços.

Por um longo período de tempo Cole não fez nada, remexendo-se enquanto a olhava. Então curvou-se, colocando a pedra no chão ao seu lado. Sua cintilação aumentou, projetando a sombra dele dançando loucamente pelas paredes. Podia sentir o cheiro da garota apesar da sujeira da cela: um suor pesado, misturado com doença. Ela tremeu, certa de que ele estava aqui para machucá-la. Então ele aguardou.

Depois de um tempo, um par de olhos avermelhados espiou por trás de seus braços. Ela era bonita, ou fora bonita. Agora estava abatida, exausta por alguma provação que passara para chegar aqui. A garota piscou para a luz do lampião-incandescente, a confusão brigava com o terror. Ela encarou Cole e ele a encarou de volta.

— Você *consegue* me ver — disse. Seu alívio era palpável.

A garota ganiu como se tivesse sido esbofeteada, lutando para ficar o mais longe possível dele. Ela se encurralou na cela como um animal enjaulado, ofegando furiosamente. Suas mãos imundas arranhavam as paredes, como se fosse possível atravessá-las desta maneira. Cole esperou até que seus esforços desesperados diminuíssem e ela virou-se para ele novamente.

— Você pode me ver — repetiu, desta vez com mais confiança.

— O incêndio não foi minha intenção — sussurrou entre respirações irregulares. — O fogo saiu de minhas mãos, mas nem sei como. Tudo aconteceu tão rápido. Eu tentei avisá-los... — A garota cerrou os olhos

com força, lágrimas escorrendo pelas bochechas sujas. Enxugou o rosto com a mão trêmula, espalhando a sujeira em seu rosto.

Cole esperou. Enfim, seus soluços se acalmaram e ela olhou para ele novamente, com mais cautela desta vez. Ainda agachado em frente a ela, ele não tinha se movido, e viu o primeiro lampejo de curiosidade.

— Então você é um mago? — ela perguntou. — Disseram que um viria.

Ele hesitou.

— Não.

— Então... quem é você?

— Meu nome é Cole.

Dificilmente aquela era a resposta que estava procurando. Ela o encarou esperando algo, mas ele não disse nada.

— Mas... se você não é um mago — ela finalmente perguntou, — então o que está fazendo aqui? O que quer de mim?

— Eu vim porque você pode me ver. — Ele enfiou a mão sob o colete de couro e sacou uma adaga da bainha. Era uma lâmina ornada com um punho de latão elaborado esculpido na forma de uma cabeça de dragão. Sua superfície brilhava na luz azul, e os olhos da garota afixaram-se nela com forte descrença. — Eu senti quando eles a trouxeram — ele continuou. — Eu sabia que você veria, mesmo antes de conhecê-la.

A boca da garota se abriu e depois bateu os dentes, fechando-se novamente. Quando falou, sua voz era muito baixa.

— Você... vai me matar?

— Eu creio que vou. Sim.

Ela deixou escapar um pequeno suspiro.

— Por que sou uma maga?

— Não, não é isso.

— Então por quê? O que eu fiz para você?

— Você não fez nada comigo. — A emoção brotou, um desespero que havia empurrado para dentro de si agora lutava para escapar. Isso o deixou sem fôlego, e por um momento ele repousou a cabeça nos joelhos e balançou para frente e para trás. Parte dele ponderava se a garota usaria sua magia enquanto tinha a chance. Ela conjuraria fogo, conforme o templário admoestou? Como seria isso? Ela poderia matá-lo?

Mas ela não fez nada. Cole lutou para recuperar a compostura e expirou uma vez, longa e vagarosamente, antes de olhar para cima de novo. A garota estava paralisada. Ela não conseguia desviar o olhar de sua adaga, e talvez nem tivesse considerado que poderia fazer algo para detê-lo.

— Estou... desaparecendo — ele murmurou. — Posso me sentir escorregando pelas rachaduras. Tenho que fazer isso, me desculpe.

— Eu vou gritar.

Mas ela não gritou. Ele viu a ideia desmoronar em seu interior quando ela percebeu que isso só chamaria os templários de volta, isso se alguém voltasse. Mesmo encarando um homem armado bem na sua frente, essa possibilidade era pior ainda. Era algo que ele entendia muito bem. Lentamente, ela caiu no chão, derrotada.

Cole avançou, seu coração batendo loucamente em seu peito. Estendeu a mão e tocou a bochecha da garota, e ela não se encolheu.

— Posso fazer isso sumir. — As palavras foram gentis, e ele ergueu a adaga para comprovar sua promessa. — A dor, o medo. Eu posso ser rápido. Você não precisa ficar aqui e ver o que eles prepararam para você.

Ela o estudou, estranhamente calma.

— Você é um demônio? — ela enfim perguntou. — Dizem que é isso que acontece com os magos. Os demônios vêm e os transformam em monstros. — Então ela sorriu, uma careta sem vida que combinava com seus olhos mortos. — Mas você não precisa fazer isso. Eu já sou um monstro.

Ele não respondeu.

— Eu disse que não queria queimá-los. Foi o que disse a eles também. Mas eu menti. — A confissão vazou dela como veneno frio. — Ouvi minha mãe, meu pai, todos gritando, e não fiz nada. Eu queria que eles queimassem. Estou feliz por eles terem morrido.

Ao contar seu segredo, a garota respirou fundo e piscou para conter as lágrimas. Olhou para Cole esperando algo, mas ele apenas suspirou.

— Não sou um demônio — disse ele.

— Mas... o que é você, então?

— Um perdido. — Ele se levantou e estendeu a mão para ela. Ela hesitou, mas então assentiu de forma trôpega. Ele a colocou de pé, onde ficou a apenas alguns centímetros de distância. Lá na luz azul do lampião-incandescente, uma estranha intimidade os envolveu. Ele

podia ver cada marca em sua pele, cada mancha que as lágrimas haviam deixado em seu rosto, cada fio de cabelo.

— Olhe para mim — ele pediu. Ela piscou confusa, mas obedeceu. — Não, *olhe* para mim.

E ela o fez. A garota olhou para Cole, olhou *para dentro* dele. Ele ia matá-la, e ela sabia disso. Ele passou pela vida, despercebido e rapidamente esquecido por todos, mas para ela, naquele momento, ele era a coisa mais importante do mundo. Agora ela sabia o que ele era. Cole era seu livramento, uma saída de um mundo cheio de horrores. Ele viu um alívio cansado em seus olhos, misturado com o medo. Naqueles olhos ele estava ancorado e se sentia real.

— Obrigado — ele respirou, e enfiou a adaga em seu peito.

Ela engasgou em choque, mas não desviou o olhar. Ele empurrou para cima, cravando a lâmina profundamente em seu coração. Ela convulsionou, um jorro de sangue brilhante irrompeu de sua boca. Então, com um espasmo final, ela desabou em seus braços.

Cole a abraçou, olhando em seus olhos. Ele absorveu cada momento conforme a vida se esvaía dela. Foi um instante que pareceu se estender para sempre... e então ela se foi.

Tremendo, ele permitiu que o corpo escorregasse da adaga e tombasse sem vida no chão. Estava apenas vagamente ciente do sangue quente cobrindo a lâmina, suas mãos e toda a parte da frente de suas roupas de couro. Ele não conseguia parar de olhar para aqueles olhos, fitando o nada. Ajoelhou-se e os fechou, deixando uma listra escarlate em suas pálpebras. Então ele tropeçou para trás, encostado na parede da cela. Era difícil respirar.

Você precisa parar.

Precisou de toda a força de vontade que lhe restava, mas ele desviou os olhos dela. Como um bêbado, cambaleou em direção ao lampião-incandescente e o tirou do chão, envolvendo-o de volta no pano até que a cela fosse mergulhada na escuridão abençoada mais uma vez. Respirou de forma lenta e deliberada enquanto recuperava o controle.

Quase tinha esquecido de como era estar conectado, de sentir que pertencia ao mundo. Parte dele tinha certeza de que os templários estavam prestes a vir correndo, que todo o Pináculo Branco perceberia

de uma só vez quem ele era — o mago fugitivo que andava entre eles... o Fantasma do Pináculo.

Eles viriam com seus feitiços e suas espadas. O jogariam no chão, e então ele seria trancado em uma cela novamente. Estaria perdido naquela escuridão até que viessem lidar com ele de uma vez por todas. Desta vez eles não o esqueceriam. Desta vez a porta se abriria e eles o veriam deitado ali, e desta vez ele estaria implorando para que terminassem o serviço.

Mas ninguém veio. Ninguém nunca vinha.

2

ENTRE A NOBREZA de Orlais, o costume ditava que se devia usar máscaras em público. Essas obras de arte delicadamente trabalhadas foram pintadas para indicar a convergência da família de um indivíduo. Algumas foram ungidas com pequenas joias dispostas em padrões refinados, enquanto outras foram incrustadas com prata e ouro. Outras mais exageravam com suas decorações de penas de pavão ou escamas brilhantes de dragão. Ter uma máscara mais bonita que a de seu rival era visto como uma vantagem e, assim, os fabricantes de máscaras do Império estavam entre os artesãos mais influentes e procurados.

Os servos usavam uma versão mais simples da máscara tradicional da casa de seu senhor ou senhora, uma mensagem clara para quem os visse: *tenho dono, e me prejudicar é arriscar incorrer a ira de quem eu sirvo.* Usar uma máscara a qual você não tinha direito era extremamente perigoso. Um nobre esperto protegia suas máscaras como a sua reputação.

Ficar sem máscara em Orlais, por conta disso, era uma declaração. Dizia que ou você era um camponês que não era útil o suficiente para fazer parte de uma casa nobre, ou se considerava acima do Jogo. Para a elite, porém, ninguém estava acima do Jogo. Ou você era um jogador ou peão, e nada mais.

Justinia V, Divina do Coro e convidada de honra das festividades vespertinas, não estava de máscara. Nem o rebanho de sacerdotes que a

acompanhava. O sacerdócio não estava acima do Jogo, fato, mas era uma exceção a ele, e esperava-se que qualquer nobre mantivesse um verniz de respeito irrepreensível ao falar com um sacerdote, independente do que vestisse. Muitos sacerdotes se envolveram no Jogo mesmo assim, e alguns até afirmavam que a Divina era uma de suas melhores jogadoras. O sacerdócio simplesmente jogava por regras diferentes.

Evangeline também não estava usando máscara. Como templária, ela tecnicamente se enquadrava na mesma isenção do sacerdócio. Era uma isenção, no entanto, que a nobreza em grande parte ignorava.

Também era a única no salão de baile do palácio usando armadura e portando uma arma. Sua armadura de templária tinha sido polida para brilhar, e ela usava sua melhor túnica vermelha, aquela com a estrela do Coro costurada em fios de ouro. Até prendeu os negros cabelos no alto, com o estilo de trança elegante usada pelas damas da corte. Apesar de seu esforço, empalidecia em comparação com todos os vestidos reluzentes, as perucas bufantes com seus penteados exóticos e fios de pérolas, as joias resplandecentes brilhando à luz do fogo, e ela sabia disso.

Evangeline sabia muito bem o que as damas da corte que olhavam para ela estavam pensando e o tipo de coisas que sussurravam umas para as outras por trás de seus delicados leques. Alguém tão bonita quanto ela poderia ter se casado. O fato dela ter se juntado a uma ordem militar significava que vinha de uma família pobre ou, muito pior, era muito *bronca* para se juntar adequadamente às fileiras da sociedade.

Nada disso era verdadeiro, mas não importava. Não estava lá para jogar o Jogo. Estava lá para servir como guarda de honra da Divina, um lembrete visível para aqueles que poderiam usar a celebração como uma desculpa para causar problemas.

Ostensivamente o baile estava sendo dado pela Imperatriz, mas Sua Majestade Imperial não estava em local de destaque. De acordo com tudo o que havia sido dito à Evangeline, a rainha estava no Palácio de Inverno, na distante Halamshiral, desfrutando das atenções de seu último amante ou lidando com uma rebelião, dependendo de para quem perguntasse. Seja como for, estava claro que o evento havia sido organizado por burocratas palacianos, não que algum dos convidados parecesse se importar. Comparecer era provar que você era digno de um convite, e esse fato por si só já valia a pena. O salão estava lotado.

A Divina estava sentada em um enorme trono de madeira ornamentado com entalhes que haviam sido trazidos especialmente para a ocasião. Ficava no alto de um estrado, proporcionando um ponto de vista de onde ela podia ver toda a câmara. Isso também significava que qualquer um que se aproximasse dela precisaria chegar por baixo. Os nobres orlesianos não gostavam de ser lembrados de sua subserviência, mesmo por alguém inquestionavelmente seu superior, e assim, uma vez que a longa fila de simpatizantes educados no início da noite terminou, poucos optaram por se aproximar.

Assim, a convidada de honra lá sentou-se em rígido silêncio, com apenas os sacerdotes assistentes fazendo vigília ao seu lado. Ela observou a multidão de dançarinos girar ao redor do salão, sua expressão mantida neutra para que ninguém pudesse acusá-la de tédio. Se ela sentiu desconforto no volumoso manto vermelho e capelo brilhante, não deu nenhuma indicação disso. Evangeline achava que a Divina era a encarnação da elegância glacial, mas a maioria dos comentários que ouviu era sobre a idade da mulher. Sua antecessora ocupou o cargo por quase cinquenta anos, tanto tempo que o Império se acostumara com a ideia de uma Divina trêmula e idosa. Agora as coisas haviam mudado, e alguns expressavam o desejo de que Justinia V não vivesse até chegar à velhice.

De maneira tipicamente orlesiana, só o faziam na surdina, é claro, e com punhais escondidos atrás das costas. Afinal de contas, era da escolhida do Criador de quem estavam falando. Evangeline achou quase repugnante o afã deles em justificar tal sacrilégio com zombarias mesquinhas e alfinetadas, mas assim era o estilo do Império.

Os músicos, uma grande trupe reunida no alto da galeria superior do salão, de repente começaram uma música mais frenética. Os que estavam no andar de baixo aplaudiram a escolha deles e começaram a se preparar para o tordião. Era uma dança animada que se tornara popular desde que um rumor recente afirmava que era a favorita da Imperatriz. Os dançarinos se alinharam um em frente ao outro e assumiram *a postura correta*, pé direito ligeiramente à frente, com o peso uniforme. Então começaram: um pequeno chute no ar com o pé esquerdo seguido de um pequeno salto com o direito, alternando até que no quinto passo eles deram um pequeno salto de volta à postura. E então recomeçava.

Todos aqueles chutes e saltos formaram um belo espetáculo. Havia muita alegria ébria no salão, embora alguns dos dançarinos claramente se dedicaram à ação com uma elegância adestrada. A multidão ao redor aplaudiu ruidosamente, maravilhados. E até a Divina e seus sacerdotes uniram-se à ovação.

À medida que o ritmo da música aumentava, o ritmo da dança tornava-se frenético. De repente, houve um grito de alerta — uma jovem estatelou-se no chão, rasgando sua saia e levando outros três com ela. Pior, sua máscara voou e caiu no chão com um grande tinido. A música estacou conforme um burburinho de interesse misturado com diversão irrompeu.

Ninguém se moveu para ajudar a jovem. Ela foi deixada para se levantar desajeitadamente, segurando os restos de sua saia enquanto ia atrás de sua máscara. Uma mulher de aparência imperiosa com uma peruca alta de cachos brancos, obviamente sua mãe, correu para a pista para agarrar seu braço e tirá-la dali. O rosto da mãe estava escondido por sua máscara dourada, mas cada movimento dela demonstrava mais desgosto do que preocupação.

Um observador experiente poderia ter notado que uma outra jovem em um brilhante vestido amarelo foi a responsável pela queda. Também poderia ter notado que, quando os músicos começaram uma nova música mais lenta para se recuperar da interrupção, ela se moveu para interceptar o cavalheiro em frente ao qual a garota caída estava dançando. Verdade seja dita, Evangeline suspeitava que todos os presentes sabiam exatamente o que ela havia feito e por quê. E também aprovavam silenciosamente seu ardil. O Jogo era tão impiedoso quanto desprezível.

Evangeline manteve sua posição à frente do estrado da Divina, examinando a multidão com cuidado. Suas pernas estavam doloridas de tanto ficar de pé, e o cheiro almiscarado de suor coberto pelo perfume doce estava aos poucos se tornando difícil de aguentar. Ainda assim, tinha que estar alerta. O problema de tantas máscaras era que qualquer uma delas podia esconder um assassino. Qualquer um aqui poderia ser um penetra, e nenhum outro conviva estaria ciente de tal coisa. Ela tinha que confiar que o exército de guardas do lado de fora do salão tivesse sido diligente em seu dever. Por ora, só podia esperar. Mais

uma hora, talvez, até que a Divina se retirasse educadamente, e então seu dever terminaria.

— Você mal pode esperar para fugir, não é?

Evangeline virou-se para ver que uma das criadas da Divina havia se aproximado dela pelo estrado. Era alguém que já tinha visto antes: uma mulher com cabelos ruivos curtos e olhos azuis vívidos que se comportava de uma maneira tão sóbria e graciosa que Evangeline não ficaria surpresa em descobrir que ela não era sacerdote, apesar das vestes. Uma guarda-costas, talvez? Certamente fazia sentido que a Divina não entregasse seu destino a uma espadachim solitária. Evangeline mal ficou ofendida.

— Vossa Eminência não precisa temer que eu a abandone — ela respondeu.

A mulher ergueu a mão, sorrindo de forma apaziguante.

— Oh, eu não quis insinuar que você iria. Você resguarda melhor seus sentimentos do que a maioria dos templários que conheci. Mesmo assim, este deve ser um serviço muito chato para você.

Evangeline pensou, sem saber ao certo como responder.

— Creio que meu Comendador achou que eu ficaria mais... à vontade neste ambiente, considerando a família em que nasci.

— Mas você não está.

— Deixei essa vida para trás há muito tempo.

Ela olhou para a multidão de dançarinos, que estavam terminando a última música. Eles aplaudiram vigorosamente os músicos na galeria e depois se dispersaram em conversas. Era como ver uma alcateia de lobos em ação. Descobriam os mais fracos do bando, isolando-os antes de matá-los. A única violência perpetrada, no entanto, era feita com palavras suaves e promessas. O salão de baile era um campo de batalha, repleto de corpos, no entanto, guerra alguma estava sendo vencida. Na próxima reunião social, essa cena se repetiria, e de novo, tão certo quanto as marés.

— Toda essa riqueza e influência, e para que a usam? Em benefício próprio, enquanto o mundo deles desmorona ao seu redor.

A ruiva parecia impressionada.

— Eu concordaria com isso. Sei que Sua Eminência também.

— Então há, pelo menos, três de nós.

Ela riu com vontade e estendeu a mão.

— Perdoe minha falta de educação. Meu nome é Leliana.

— Oficial Evangeline.

— Oh sim, eu a conheço. Houve muito debate sobre quem protegeria a Divina esta noite. Muitos colegas de sua ordem, afinal, expressaram certos... posicionamentos que nos preocupam muito.

Havia um tom na voz da moça que despertou o interesse de Evangeline, como se houvesse muito mais no que havia dito do que deixara transparecer. Quando Leliana percorreu uma curta distância até uma mesa lateral e serviu uma taça de vinho, Evangeline a seguiu.

— O que quer dizer? — perguntou. — Que tipo de preocupação?

— Você está ciente do que aconteceu em Kirkwall.

— Não estão todos?

Leliana apontou para a fileira de janelas imponentes do outro lado do salão, através das quais o Pináculo Branco podia ser visto com clareza. Era uma das poucas estruturas, além do próprio palácio, que podia ser vista de qualquer lugar da capital, e à noite era iluminada por magia para parecer uma brilhante lasca branca cortando a escuridão — a espada do Criador, como os próprios templários gostavam de chamar.

— O Círculo dos Magos em Kirkwall se rebelou e mergulhou a cidade na guerra, e desde então estamos sentindo as consequências em Thedas. Os templários agora têm duas maneiras de interpretar o fato: como um desafio à sua autoridade... ou como uma lição a ser aprendida.

— E o que isso tem a ver comigo? Não creio que tenha expressado opinião alguma.

— Não? — Leliana tomou um gole de seu copo, estudando Evangeline sobre a borda com alegria brilhando em seus olhos. — Você diz que a nobreza não faz nada de útil com sua influência. Não devo inferir a partir disso que supõe que os templários são diferentes?

Novamente, ela fazia insinuações.

— Claro que sim. Nós protegemos o mundo dos magos e os magos de si próprios; não porque eles nos pedem, ou porque a tarefa é fácil, mas porque é a coisa certa a fazer.

— Isso soa como uma opinião para mim.

— É uma que eu compartilho com o resto da minha ordem.

— Se ao menos fosse assim. — Leliana pareceu melancólica por um instante, mas depois deu de ombros. —Muitos acreditam que uma guerra é inevitável e que o Coro não fez o suficiente para apoiar os esforços dos templários para preveni-la. Dizem que devemos começar a escolher lados.

— E você está dizendo que eu fui escolhida para proteger a Divina esta noite porque acredita que escolhi um lado?

— Não sei ao certo. Isso poderia render uma boa conversa.

Evangeline fez uma pausa, atônita. A ruiva continuou a beber seu vinho, seu ar inocente fazendo parecer que não discutiam nada importante.

Do outro lado do salão, outro templário fez-se presente. Era um mancebo, um dos membros mais jovens da ordem, e o brilho do suor em seu rosto dizia que tinha vindo para cá depressa. Ele avistou Evangeline com um olhar de imenso alívio e correu pela multidão em sua direção.

— Ser Evangeline! Graças ao Criador encontrei você! — Ele deteve-se quando as alcançou, percebendo tardiamente que havia interrompido a conversa delas.

Leliana riu um bocado, não parecendo nem um pouco ofendida.

— Não há necessidade de se preocupar, jovem ser, embora espere que tenha uma boa razão para trazer sua espada. Afinal, aquela deveria ser a única. — Ela inclinou a cabeça em direção à lâmina pendurada no cinto de Evangeline.

O jovem templário olhou para sua arma, ainda na bainha, e corou de vergonha.

— Desculpe-me, eu não achei que...

— Qual o seu intento aqui? — Evangeline o advertiu.

— Eu, uh... Ah, sim! — Aliviado, tirou um pergaminho dobrado de sua túnica e entregou a ela. — Fui enviado pelo Comendador. Houve outro assassinato no Pináculo Branco.

— Houve? — Um calafrio percorreu a espinha de Evangeline conforme ela abria o pergaminho. Era um bilhete convocando-a de volta à torre assim que a Divina se retirasse para seus aposentos. Também mencionava que o Buscador-Mor tinha mostrado interesse pessoal neste último caso de assassinato. Lendo nas entrelinhas, ficou claro que o Comendador considerava isso um desdobramento indesejado. — Diga que voltarei assim que puder.

O templário assentiu, mas em vez de sair, hesitou. Olhou para Leliana, mordendo o lábio em dúvida, e ela arqueou uma sobrancelha curiosa em resposta.

— Sinto muito, madame, mas acho que tenho uma mensagem para você também.

— Oh? Dos templários?

— Não, um servo está lá fora procurando por você. Uma sacerdote ruiva perto da Divina, disse ele. Ele me disse que há um velho amigo pedindo para vê-la.

— Um velho amigo? — Ela parecia intrigada. — Esse servo disse quem?

— Não, madame. Ele disse que essa pessoa veio de Ferelden, se isso ajuda.

— Ajuda. — Ela se virou para Evangeline e fez uma mesura. — Parece que nossa conversa terá que continuar outra hora, boa irmã. O Criador te proteja até lá.

— E você também. — Evangeline observou a mulher sair com o jovem templário e percebeu que sua curiosidade estava ainda mais aguçada do que antes. Dizia-se que a Divina mantinha agentes ao seu lado, e que alguns deles eram bardos: mestres manipuladores do Jogo, às vezes espiões e até assassinos. Se esta mulher era isso, então a conversa delas tinha sido muito perigosa.

Evangeline olhou casualmente ao redor do salão, conjecturando quantas pessoas haviam testemunhado a discussão e feito comentários a respeito. A notícia chegaria ao Comendador? Essa era uma época difícil para os templários. A rebelião em Kirkwall provocou agitação em todos os Círculos de Thedas, e a repressão resultante deixou as coisas muito tensas. Todo mundo estava ressabiado, vendo conspirações em todos os cantos. O Pináculo Branco não era exceção.

Felizmente, ninguém parecia prestar atenção nela. No que dizia respeito à nobreza orlesiana, a Divina era figura decorativa nesses eventos, e Evangeline era uma guarda-costas em quem não se devia prestar atenção. Ela suspirou lentamente e voltou para seu posto em frente ao estrado. Ela deveria estar preocupada com os assassinatos. Sua investigação não tinha dado em nada e, no clima atual, fora um fracasso imperdoável. Com um pouco de sorte, haveria mais evidências desta vez.

O baile ia acabando, os músicos já fazendo suas reverências finais e guardando seus instrumentos. Alguns homens estavam se retirando para a "sala noturna" do palácio, que era uma maneira educada de dizer que beberiam muito, fumariam cachimbos de kohl e se envolveriam em atividades as quais suas esposas não aprovariam. Convenientemente, isso deixou as mulheres livres para reclamar de seus maridos ausentes e se entregarem à alcovitagem. Outros já estavam inventando desculpas — esses seriam os que reduziriam suas perdas, saindo antes que prejudicassem ainda mais suas reputações — mesmo que sair antes do convidado de honra fosse visto como uma admissão de fraqueza.

Como se pressentisse a oportunidade, a Divina levantou-se de sua cadeira. Os sacerdotes ao seu lado deram um passo à frente no estrado e começaram a bater palmas ruidosamente para chamar a atenção da multidão. Funcionou, e houve um barulho geral de conversas animadas enquanto todos se reuniam na expectativa de um discurso. Evangeline se afastou para não bloquear a visão de alguém.

Assentindo em agradecimento a seus convidados, a Divina ergueu as mãos. Ela era uma figura impressionante em suas vestes cerimoniais e capelo, e por direito, a nobreza deveria estar se curvando e agradecendo ao próprio Criador por ter tido a oportunidade de conhecer Sua escolhida, em vez de tratá-la como apenas mais uma convidada com um título extravagante. Naturalmente, os presentes estavam enfastiados demais, ou orgulhosos demais, para mostrar tal reverência, mas estavam dispostos a fingir respeito e, depois de algum tempo, a sala ficou completamente silenciosa.

— Honrados cidadãos, irmãos e irmãs — começou ela, sua voz ressoava. — Nos reunimos aqui esta noite para agradecer ao Criador, pois é por Sua vontade que desfrutamos de tantos privilégios: prosperidade, liberdade, um império que se estende por metade de Thedas. É nesta cidade que o Canto da Luz começou sua jornada pelos quatro cantos do mundo, e por isso é apropriado pararmos para considerar nosso papel como filhos prediletos do Criador.

A Divina fez uma pausa, e com um sorriso enigmático, desceu do estrado. Evangeline quase engasgou de surpresa, e o espanto mal disfarçado nos rostos dos sacerdotes ainda no estrado indicavam que isso era muito inesperado. Na verdade, era inédito.

Sussurros maravilhados se espalharam pelo salão enquanto Sua Eminência se achegava nos mais próximos. Alguns recuaram incertos, enquanto outros tiveram a educação de fazer uma reverência ou se ajoelharem. Os líderes do Coro sempre foram figuras distantes, raramente saindo da Grande Catedral, exceto em ocasiões de Estado. Sua aceitação do convite para vir a um baile, mesmo a pedido da Imperatriz, havia sido algo surpreendente. Não havia, portanto, nenhum precedente real no qual os nobres pudessem se basear além de uma audiência formal.

Ela pegou a mão de uma senhora vetusta em um elegante vestido bronze que fazia reverência, a mulher praticamente estremeceu ao erguer sua máscara e beijar os anéis da Divina. Sorrindo suavemente, a Divina caminhou em direção à multidão; eles se dividiram prontamente diante dela. Praticamente recuaram, na verdade, e Evangeline os imaginou como um mar de serpentes sibilantes, apesar de todas as perucas e vestidos extravagantes.

Tardiamente, lembrou-se de seu propósito e se aproximou para ficar atrás da Divina. Seus olhos examinavam a multidão, que manteve sua distância mesmo enquanto se aproximava. Apesar do horror por trás das máscaras, era fácil perceber que a curiosidade deles havia sido atiçada. Uma vantagem, talvez, de ter uma mulher mais jovem usando o manto sagrado?

— Não devemos permitir que o medo obscureça nossa razão — continuou a Divina. — Devemos nos lembrar de todos aqueles que nos defenderam nos maus tempos em eras passadas, que nos permitiram prosperar por meio de seu sacrifício. Temos uma dívida com eles e, no entanto, nos esquecemos vergonhosamente de tal verdade.

A Divina fez uma pausa dramática, seus olhos varrendo a plateia emudecida.

— Eu falo dos magos. O Cântico da Luz diz: A magia existe para servir a humanidade, e não para dominá-la. E assim tem sido. Os magos nos serviram bem, em muitas guerras ao longo de muitos séculos, mas em tempos de paz como cuidamos deles? Não queremos fazer-lhes mal, não obstante, não os prejudicamos?

— Você mente! — O grito ecoou da multidão. Por um momento, parecia que ninguém tinha certeza de quem havia falado. Houve um burburinho inusitado, e rapidamente os nobres se separaram mais

uma vez quando outro homem deu um passo à frente. Ele não parecia diferente dos muitos outros nobres convidados, um cavalheiro calvo, mas de aparência distinta, com uma túnica de veludo preto. Quando arrancou a máscara, no entanto, revelou um rosto contorcido pelo pesar e pela raiva.

— Você deseja todo o mal a nós! É o Coro que os ensina a nos temer! — Continuou. — Você nos mantém na palma da mão, nos lembrando de novo e de novo de como nos deixam viver apenas porque somos *úteis*!

As pessoas na pista de dança continuaram a recuar, dando ao homem um amplo espaço até que ele ficou praticamente a sós com a Divina, Evangeline a apenas alguns passos atrás. Ela pôs a mão no cabo de sua espada. Se este homem fosse um mago como alegara, significava que era perigoso. Se sacasse sua lâmina, ou se os guardas do lado de fora percebessem a desordem, então a existência da Divina poderia ser posta em risco.

De fato, a Divina permaneceu calma, levantando as mãos em súplica para a multidão.

— Por favor, senhores — ela ordenou. — Não há necessidade de ter medo. Existem maneiras melhores de conseguir uma audiência, é verdade, mas eu vou ouvir este homem falar com prazer.

A plateia chilreou nervosamente, não convencida por completo. Nem o mago.

— Você vai me ouvir falar? Dissolveu o Colégio de Encantadores, silenciou nossos líderes! Você fez tudo, menos nos ouvir!

— Estou ouvindo — respondeu, — mas a lei deve ser mantida; decerto compreende isso. Se é para haver paz, ela não pode ser alcançada por meio de ameaças e exigências. As vidas de muitos outros estão em jogo, não só dos magos.

Evangeline observou o mago minuciosamente. Aquele homem não deveria estar aqui. Pelo que disse, pertencia a um Círculo — talvez até mesmo ao Pináculo Branco, embora não o reconhecesse — mas ele claramente escapou de seus vigias templários para vir. Ela duvidava que fosse apenas para conversar.

Ele estava tremendo, aparentemente a apenas alguns instantes de cair em lágrimas, mas seus punhos permaneciam firmemente cerrados ao seu lado.

— Não vemos a paz sendo alcançada — ele cuspiu. — Se Kirkwall foi um exemplo, nos mostrou que nada será feito a menos que lutemos por isso.

Dito isso, ele ergueu as mãos e um poder vermelho brilhante começou a se aglutinar ao redor delas. A câmara encheu-se de uma carga elétrica que fez cócegas na pele, uma vibração que reverberou profundamente nos crânios. Magia. A barragem que mantinha o pânico da multidão sob controle de repente se rompeu. As pessoas gritavam em pânico e algumas começaram a correr para as portas do salão. Eles empurravam quem estivesse em seus caminhos, pisoteando-os se necessário, e o pânico deu lugar a gritos de terror.

Evangeline interpôs-se em frente à Divina. Num piscar de olhos, puxou sua espada e a ergueu para o homem. Seus olhos se encontraram: templários e magos, os mais antigos inimigos.

— Desista — ela o advertiu. — Você sabe o que sou capaz de fazer. Não há necessidade disso acabar em sangue.

Ele soltou um som que era meio riso, meio soluço desesperado.

— E de que outra forma deveria terminar? Eu já estou morto.

O mago estendeu as mãos, um amplo arco de chamas irrompeu, mas Evangeline já estava se movendo.

— Para trás, Eminência! — gritou, esperando que a Divina ouvisse. Ela avançou em direção ao fogo, sentindo o calor lamber seu rosto, e cravou a espada no peito dele.

Ela tinha poder próprio, o mesmo poder que todo templário partilhava. Era um poder que os magos temiam. Conforme a lâmina o atingia, ela o canalizou, sentindo-o aumentar através dela e entrar em sua arma. Houve um clarão brilhante à medida que o fluxo de mana do mago foi interrompido, suas chamas cessando.

— Cadela! — ele gritou, cambaleando para trás. Havia sangue onde sua túnica estava rasgada. Ele passou os dedos nela, olhando para o sangue como se estivesse chocado ao vê-lo ali. Então olhou para Evangeline, seu rosto se contorcendo em ódio cego.

Ela correu para o mago, percebendo o que estava prestes a fazer, mas era tarde demais. O sangue em suas mãos chiou e evaporou enquanto ele extraía mana diretamente dele. O sangue em seu peito fumegava e seus olhos ardiam com um poder sombrio e maligno.

Evangeline sentiu a onda de energia atingindo-a antes que o alcançasse. Ela tentou aumentar sua aura de proteção, mas a magia a quebrou como se fosse vidro fino. Isso a deixou sem fôlego, e ela percebeu que recuava voando pelos ares. Ela se estatelou no chão de mármore, rolando de ponta a ponta conforme deslizava. Sua cabeça bateu em algo duro.

Ali jazia ela, o mundo girando vertiginosamente ao seu redor enquanto tentava se levantar. Seus braços pareciam não querer cooperar. Os gritos no salão eram ensurdecedores, parecendo vir de todos os lugares ao mesmo tempo. Ela também podia ouvir os gritos dos guardas tentando entrar, mas havia muitos nobres tentando passar por eles. Em algum lugar atrás dela os sacerdotes gritavam, implorando à Divina que fugisse.

Evangeline sentiu a rajada de calor antes que as chamas a atingissem. Mal conseguiu invocar sua aura novamente, e desta vez ela aguentou. Mesmo assim, a barreira cedeu sob o ataque, e a dor conforme as chamas queimavam sua pele era agonizante. Ela gritou. Sua visão escureceu, e sentiu os últimos vestígios de poder dentro dela se esvaindo.

Poderia ter sido um segundo ou uma hora depois quando Evangeline reabriu os olhos, ela não tinha certeza. Ela estava agachada no chão, as mãos cheias de bolhas cobrindo a cabeça. Sua espada havia desaparecido. Ela devia ter soltado durante a queda. O ar estava impregnado com o cheiro acre de fumaça — alguma coisa no salão havia pegado fogo e estava se espalhando rapidamente. O pânico havia redobrado, atingindo um auge febril conforme os convidados tentavam fugir de toda maneira possível. Alguém jogou uma cadeira por uma das janelas abobadadas, e ela se estilhaçou com um estrondo retumbante.

Então ela olhou para cima. E viu um par de botas pretas. Elas pertenciam ao mago, e ele estava caminhando em direção à Divina. Seu capelo havia caído, mas suas vestes vermelhas eram inconfundíveis mesmo através da fumaça. Ela havia se retirado para o outro lado do salão, encostada na parede como um animal encurralado. Ela observou o mago aproximar-se com cautela, recusando-se a ceder ao terror como todos os outros haviam feito.

Evangeline viu o mago erguer o punho, com poder se formando ao seu redor.

— Eles já nos temem — ele rosnou. — Então que tenham um motivo para tal.

Com um brado intenso, Evangeline ergueu-se. Trincando os dentes para segurar a dor, lançou-se em direção ao mago e mal agarrou sua túnica. Quando ela o puxou para trás, ele tentou dar meia volta. Mãos agitadas enviaram uma gota de chamas para cima. Por um instante, parecia que todo o teto estava inundado de fitas vermelhas e pretas, um mar de fogo que se agitava e borbulhava à medida que se espalhava.

Ela jogou o mago no chão, com força. Ele rosnou para ela, tentando afastá-la com as mãos. A mão dele segurou o rosto dela, e Evangeline sentiu um dedo cravando em seu olho, mas ela não permitiu ser rechaçada.

A manopla dela desceu sobre o rosto dele — uma, duas, três vezes. E então alguma coisa estalou. Ela parou. O salão ainda estava em chamas, mas elas não pertenciam mais ao mago. Ele estava imóvel, suas feições torcidas em uma desordem sanguinolenta, olhos vazios a fitavam em uma acusação silenciosa.

E então tudo ficou escuro.

Quando Evangeline voltou a si, viu-se sentada no chão do terraço do lado de fora do salão de baile. Normalmente era onde os convidados do palácio poderiam ter vindo para respirar o ar da noite, um lugar de tranquilidade, mas no momento era puro caos. Enxames de pessoas se aglomeravam, algumas chorando no chão, outras gritando. Uma dama num vestido esfarrapado passou por perto, quase histérica enquanto gritava o nome de um homem. Um nobre gordo estava sentado no chão próximo, sua valiosa túnica enegrecida de sangue enquanto um guarda tentava cuidar de seus ferimentos. À distância, ela podia ver a guarda da cidade entrando e saindo do palácio, desesperadamente tentando restaurar a ordem.

Há quanto tempo estava aqui? A Divina estava em segurança? Era muita coisa para assimilar, a confusão fluindo ao redor dela em um mar de vozes aleatórias. Ela tentou ficar de pé, mas a dor a atingiu como um soco. Trincando os dentes, recuou e tentou manter a consciência.

Fumaça saía das janelas do palácio, e só agora a brigada de incêndio chegou com baldes na mão. Com alguma sorte, eles controlariam as chamas antes que metade do palácio fosse incendiado. Se isso acontecesse, a Imperatriz ficaria no mínimo desapontada quando voltasse de Halamshiral.

Isso, Evangeline lembrou a si mesma, *se a Imperatriz não estivesse de alguma forma envolvida no ataque*. Sua ausência exatamente na noite em que um mago entra no palácio para atacar a Divina parecia mais do que coincidência. Se fosse o caso, havia pouco que os templários pudessem fazer a respeito. Se não fosse, alguém ia pagar.

Ela foi assolada por uma convulsão de tosse e sua visão ficou turva.

— Você está bem, Oficial? — alguém perguntou.

Seus olhos piscaram várias vezes antes de reconhecer Leliana, a mulher ruiva com quem havia falado mais cedo. Ela se ajoelhou ao lado de Evangeline, um olhar de preocupação sincera em seu rosto.

— O quê? — Evangeline respondeu tolamente, sentindo como se uma névoa se infiltrasse em sua mente. Ela esfregou a testa, e só tardiamente percebeu que as bolhas em suas mãos haviam sumido. Sua pele estava inteira.

Leliana sorriu, tranquilizada.

— Há magos aqui agora. Mandei um deles curar você, mas ainda haverá dor. Você inalou muita fumaça, eu acho. Eu estava preocupada...

— Estou bem. Obrigada. — Evangeline balançou a cabeça. Os gritos ao redor dela estavam muito mais claros agora, como se o mundo estivesse entrando em foco. — A Divina... ela não se machucou, né? Ela escapou?

— Sim. Ela foi levada para um local seguro. — Evangeline deu um suspiro de alívio. Uma coisa a menos para se preocupar, então.

— Quero agradecer você — disse Leliana. — Eu deveria estar aqui. Se algo tivesse acontecido com Justinia enquanto eu estava fora, eu nunca teria me perdoado.

— Eu entendo.

— Sua Eminência também está extremamente grata, quero que saiba disso. Se houver algo de que precise...

Evangeline assentiu, mas não conseguiu fazer mais nada. Satisfeita, Leliana apertou seu ombro e saiu. Mais templários já estavam chegando. A ordem estava sendo restaurada. Respirando fundo, ela se levantou e endireitou sua armadura. Apesar da magia de cura, ainda parecia que seus ossos estavam cobertos de hematomas e seus pulmões cheios de fuligem.

Magia não pode fazer tudo, admoestou-se.

3

RHYS ESTAVA SENTADO na antecâmara do Comendador, esperando a inevitável convocação para seu escritório. Era uma sala sem enfeites de pedra cinzenta, mobiliada apenas com um par de cadeiras de madeira, nada digno de nota além da enorme janela da sacada que dominava a parede oposta. Dali podia-se ver Val Royeaux como um todo, até o distrito portuário à beira-mar. Era uma vista espetacular da capital, que poucos magos conseguiam ver; raramente eram convidados para os níveis superiores do Pináculo Branco — a menos, é claro, que algo tivesse dado errado.

E deu. Nenhum dos templários disse de fato o que tinha acontecido, mas seus rostos sisudos diziam muito. Havia ocorrido outro assassinato.

Ele olhou para Adrian, sorrindo enquanto ela corria de um lado para o outro da pequena sala. Indo e vindo, de lá para cá, como se ela estivesse prestes a ir quando uma parede a impedia e a forçava a se virar. Então ela cuspia com raiva e olhava para a grande porta de carvalho do Comendador, como se pudesse ordenar que se abrisse apenas com sua força de vontade. Em todos os anos em que serviram juntos no Círculo dos Magos, ele nunca a vira desistir de um confronto, imaginário ou real. O povo dizia que tal atitude não parecia coisa de mago, tal comentário poderia fazê-la espumar pela boca.

Rhys tendia a rir dessas observações. Como *deveria* ser um mago, afinal? Ele sabia o que as pessoas comuns do lado de fora da torre pensavam.

Se fossem gentis, diriam que um mago era um velho franzino de barba branca que passava todo o tempo cercado de pergaminhos e livros. Se fossem cruéis, diriam então que um mago era um sujeito de aparência sinistra com cabelos pretos e barba pontuda, alguém que espreitava nas sombras convocando demônios sempre que os templários não o impediam energicamente de fazê-lo.

Adrian estava tão distante do ideário popular de mago quanto era possível estar. Para começar, ela era muito pequena, com um emaranhado de cachos ruivos e sardas que ainda a faziam parecer uma criança, embora fosse apenas alguns anos mais nova que Rhys, e ele se aproximava rapidamente dos quarenta. Ela desprezava tais comparações, e apenas Rhys conseguia se safar com suas ocasionais implicâncias. Se ela estivesse de bom humor. E para completar, ela xingava feito uma peixeira.

Pensando bem, até Rhys não tinha muito a aparência de um mago. Adrian dizia que ele era bonito demais, um comentário que sempre o fazia rir. Ele *realmente* achava que o grisalho que estava começando a aparecer em sua barba era bastante notável, mas isso não arrebatava mulheres por onde passava. Não que tenha percebido. Além disso, Rhys era terrível em espreitar nas sombras, e não era o que a maioria das pessoas consideraria um "acadêmico". Havia feito muita pesquisa de campo quando jovem, mas trancar-se em uma biblioteca e olhar para livros até seus olhos ficarem minúsculos estava longe de ser seu ideal de diversão. Não muito diferente de ser convocado ao escritório do Comendador.

Isso o deixou zangado. Tanto ele quanto Adrian eram encantadores seniores; tendo servido fielmente ao Círculo dos Magos pelas décadas desde que seus respectivos Tormentos os tornaram magos completos... mas hoje eles bem que podiam ser confundidos com aprendizes devido à falta de consideração com a qual os recebiam.

— Isso é sacanagem — Adrian praguejou. Como de costume, ela estava muito mais disposta a expressar sua raiva que Rhys. Parou de andar por um momento e lançou um olhar mordaz que dizia: *Por que você não está fazendo alguma coisa?*

— Você fica uma graça quando age assim.

— Sabe o que seria uma graça? Eu tacando fogo nesta sala. Me pergunto quão graciosa você me acharia.

Ele riu suavemente.

— Bem, eu ainda acharia tudo uma graça. Os templários, por outro lado, podem não concordar.

— Isso os faria correr — ela bufou. — Estou cansada de ser ignorada.

— Bem, por que você não diz a eles? Eles estão bem ali, afinal.

— Você acha que não vou? — Virou-se para encarar a porta do escritório. — Estamos esperando há mais de uma hora! Não podem nos tratar assim!

Rhys não sabia se ria ou ficava horrorizado, então se contentou com um pouco dos dois.

— Pelo sopro do Criador, mulher! Sossega esse facho! Você sabe por que eles nos trouxeram aqui. Não enfie mais ideias na cabeça deles.

— Você não acha que essas ideias já existem? Eles decidiram que um de nós é culpado. Agora estão apenas tentando provar. — Ela marchou até a cadeira vazia ao lado dele e se sentou. Então imediatamente pulou de volta, como se sentar fosse uma concessão que ela ainda não estava disposta a fazer. — Até onde sabem, poderia ser um templário cometendo esses assassinatos! Eles consideraram isso? Quem mais tem as chaves das masmorras?

Rhys suspirou, esfregando as têmporas. É claro que era apenas a quinta vez em uma hora que Adrian expunha sua teoria favorita, como se fosse ele quem precisasse ser convencido.

— Você está me dando dor de cabeça com toda essa gritaria, sabia disso? — Reclamou.

— Você está tão louco de raiva quanto eu, admita.

— Se você disser só louco, então com certeza. Nós dois estamos completamente insanos. — Ele deu uma piscadela astuta, e embora revirasse os olhos, ela também riu com desânimo. Aquilo funcionou para acalmá-la um pouco, como sempre. — Ouvi dizer que, de fato, nem todas as vítimas estavam nas masmorras. Uma delas era um aprendiz.

— Você não está falando do Jolen, está? Pensei que ele tinha falhado em seu Tormento.

— Isso é o que todos pensavam, mas eu ouvi alguns templários falando sobre o caso no pátio uns dias atrás. Eles mencionaram o nome de Jolen.

— Eles falam abertamente sobre isso?

Ele piscou para ela.

— Você ficaria surpresa com esse feitiço que conheço que envolve parecer muito ocupado enquanto na verdade se está ouvindo. É incrível e funciona até mesmo em templários.

Ela ignorou a piada, batendo de leve no queixo, pensativa.

— Jolen estava indo tão mal nas aulas dele. Encantador Adria disse que tudo que ele queria fazer na semana passada era se esconder em sua cela. Era esse o nível de medo que tinha de seu Tormento. Quando ele não apareceu como um Tranquilo, eu apenas presumi...

— Eu também — assentiu. Não era incomum aprendizes simplesmente desaparecerem. Os templários o buscavam para fazer o seu Tormento no meio da noite, sem aviso prévio. Tenha sucesso no teste e você será um mago por completo. Falhe e você estará morto. Se recusasse o teste, seria submetido ao Rito da Tranquilidade que o transformaria em um castrado sem emoção. Era um destino preferível para alguns, mas Rhys achava isso difícil de acreditar, ele não conseguia se aproximar de um Tranquilo sem estremecer. Preferia estar morto do que passar o resto de sua vida olhando o mundo através daqueles olhos mortos.

Quando alguém falhava em seu Tormento, no entanto, o resto dos magos não era informado. O aprendiz simplesmente sumia. Acontecia com frequência, e considerando que um mago não tinha vida própria — você poderia ser transferido para outro Círculo ou ser dispensado para algum serviço designado pelo Coro sem nem mesmo poder se despedir — era normal, pessoas indo e vindo... Era algo que não se questionava. Pode ter acontecido muito mais assassinatos do que os magos suspeitavam, e apenas os templários saberiam com certeza.

— Eles deviam nos contar! — Ela fervia de raiva, seus pensamentos obviamente refletindo os dele. — Eles deveriam pelo menos contar ao Primeiro Encantador. Eles não podem nos manter no escuro para sempre.

— Suspeito que eles diriam o contrário.

Ele esperava que Adrian explodisse mais uma vez, mas em vez disso ela parecia pensativa. Ela se virou e caminhou em direção à janela da sacada, olhando para a cidade abaixo. Ele sabia o que ela estava pensando. Havia participado de seu Tormento quase vinte anos atrás, e desde então ele se permitiu acreditar que era alguém importante para o Círculo, que valorizavam suas habilidades e suas contribuições. Não era fácil ser lembrada do quão errada era essa noção.

Desde que o Coro ordenou o fechamento do Colégio dos Encantadores, as coisas ficaram cada vez mais tensas. A permissão para viajar havia sido suspensa. Reuniões foram proibidas, e mesmo nas raras ocasiões em que as reuniões eram permitidas no grande salão do Pináculo Branco, o Primeiro Encantador tinha pouco a dizer a eles. Ele devia ser o líder e patrono deles, mas no momento parecia que havia sido reduzido a uma figura decorativa.

Houve rumores de rebelião, é claro. Sempre havia essa conversa. Magos na distante cidade de Kirkwall se rebelaram um ano atrás, e considerando o que aconteceu com eles, Rhys não ficou surpreso que a conversa nunca tenha ido além disso. Isso o fez pensar se aquela situação poderia um dia mudar. Se Adrian conseguisse o que queria, sim; e às vezes ele até concordava com ela.

Ele pulou quando a porta do escritório do Comendador abriu de supetão. Adrian virou-se, sua expressão irritada indicando que ela planejava dizer ao homem exatamente o que pensava, mas ambos ficaram surpresos ao ver uma mulher parada na porta. Era a Oficial Evangeline, trajando as roupas e as armas dos templários e claramente sem paciência para brincadeiras.

O Primeiro Encantador estava ao seu lado. Edmonde era um estadista ancião entre os magos do Pináculo Branco, um homem tão grisalho e curvado pela idade que parecia mal conseguir usar suas vestes pretas sem desmaiar. No momento parecia derrotado, seus membros tremiam de tanto cansaço que só conseguia se manter de pé apoiando-se em seu cajado. Ele olhou para Rhys, seus olhos turvos pediam desculpas — não era possível saber se pelo que havia dito a eles ou pelo que estava por vir — e lentamente saiu da sala sem dizer uma palavra.

Ser Evangeline observou o Primeiro Encantador partir e, por um momento, seu comportamento rígido desapareceu. Ela fechou os olhos e suspirou, fez um som discreto e cansado de alguém que fora forçado a fazer algo desagradável. Quando ela os abriu novamente, foi como se o momento nunca tivesse ocorrido.

— Encantador Rhys — falou, indicando para ele entrar.

Adrian deu um passo à frente.

— E quanto a mim? — reclamou.

— Daqui a pouco.

— Então eu vou ficar aqui fora até vocês estarem prontos nessa porra? Por que estamos sendo tratados como criminosos? Se você quer nossa ajuda com a investigação, isso mal é...

— No tempo certo — a templária repetiu com um tom resoluto. Seu olhar de advertência indicava que sua paciência estava se esgotando perigosamente, e era o suficiente para deixar até mesmo Adrian abalada. Rhys balançou a cabeça para Adrian negativamente na tentativa de desencorajá-la. Ela cerrou os dentes e olhou para ele, mas manteve-se em silêncio.

Rhys seguiu a Oficial sala adentro.

O escritório estava igual desde a última vez em que ele estivera lá. Os mesmos troféus de guerra da época de jovem soldado do Comendador. A mesma pintura maçante feita por algum parente preocupado com o campo pastoral de Orlais. A mesma estante cheia de tratados prolixos sobre a história e os dogmas do Coro. O fogo da lareira havia se tornado uma chama baça, mas exalava calor suficiente para dar à sala uma sensação quente e esfumaçada. A única coisa diferente no escritório era que o Comendador não estava lá.

Em vez disso, havia um estranho sentado atrás da enorme mesa de carvalho. O cabelo arruçado indicava que o homem tinha certa idade, mas seu rosto fora talhado em pedra sólida. A armadura que ele usava era como a de um templário, mas preta como carvão e estampada com uma imagem estranha que parecia o sol do Coro, com um olho no centro. O mais notável eram os olhos cinzentos do homem: cortantes e frios. Este homem era um guerreiro, alguém que mataria sem pensar duas vezes. Pela primeira vez, Rhys ponderou se corria perigo de verdade.

— Sente-se — o homem disparou, acenando para a pequena cadeira em frente à mesa. Rhys consentiu antes que se desse conta do ocorrido. Ele ficou sentado em silêncio enquanto o homem examinava várias folhas de pergaminho. Havia tensão no ar, e Rhys não conseguia determinar o que o deixava mais nervoso: a ideia de que seja lá o que estivesse escrito naquelas páginas era sobre ele, ou aquela tal de Ser Evangeline que estava de pé ao lado da mesa, com uma expressão completamente vazia.

Ele limpou a garganta. Pensando bem, não havia necessidade daquilo ser desagradável.

— O Comendador vai se juntar a nós? — Ele ousou perguntar.

O homem olhou por cima dos papéis que lia, erguendo as sobrancelhas, curioso perante essa impertinência. Por um momento, parecia que talvez não dissesse nada. Então ele arriou as folhas na mesa, arrumando-as em uma pilha organizada de forma meticulosa.

— Comendador Eron não é mais o chefe desta ordem. Eu sou o Buscador-Mor Lambert e estarei no comando do Pináculo Branco até segunda ordem.

Rhys sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Ele pode não ter reconhecido o símbolo na armadura do homem, mas seu nome tinha ouvido falar. Os Buscadores da Verdade, uma ordem que estava acima dos templários como servos pessoais da Divina. Só se falava deles sussurrando, e mesmo assim apenas para dizer que, quando um Buscador aparecia, certamente haveria algum problema.

— Isso tem algo a ver com os assassinatos? — perguntou Rhys.

O Buscador-Mor fez uma pausa, seus olhos perfuravam o crânio de Rhys.

— Você tem conhecimento deles?

— Todos têm. Só porque vocês não nos dizem o que está acontecendo não significa que não vamos descobrir. Não somos idiotas.

O Buscador-Mor olhou para Ser Evangeline, mas ela se recusou firmemente a encará-lo. A leve contração no canto de sua boca dizia *eu avisei*. Então ele olhou para Rhys, cruzando os braços.

— Estranho que todos os outros magos nesta torre professem ignorância sobre o assunto. Seria ótimo se me contasse o que acha que sabe.

Rhys poderia mentir, mas para quê? Era perfeitamente plausível que o Buscador-Mor já soubesse o que ia dizer. Ainda assim, ceder o deixava irritado. Ele não tinha o talento de Adrian para vitupérios, mas achava que devia retrucar. Afinal, esses templários não controlavam a torre porque os magos pediram. Eles o faziam porque podiam, e porque o Coro disse que era dever sagrado deles. Dos magos era esperado apenas que fossem obedientes, e Rhys não era o tipo de mago que aceitaria tal desequilíbrio de poder sem se irritar.

— Acho que foram cinco — disse ele despretensiosamente, — mas ouvi que pode ter sido doze. Ninguém sabe quantos com certeza.

— Prossiga.

— O primeiro foi um iniciado. Um menino fazendeiro que foi trazido do sul das Terras Agrárias. Nós nem conseguimos descobrir seu nome porque foi morto em sua cela dois dias depois que os templários o trouxeram.

— Estranho que tenha ouvido algo a respeito.

— Nem tanto. Os iniciados não são os únicos que vocês enfiam nessas masmorras e elas não são à prova de som. Alguém ouviu gritos de uma das outras celas, e não do tipo corriqueiro. No dia seguinte, os templários zumbiam ao redor da torre como vespas.

O Buscador-Mor deu de ombros.

— Iniciados morrem.

Rhys sentiu sua raiva crescer. Do jeito que o homem falou, parecia que a morte de jovens magos não tinha importância. Ele tentou manter seu comportamento casual, manter o sorriso em seu rosto, e não deixar este homem derrotá-lo. Não foi fácil.

— Gritando daquele jeito? Não, senhor — conseguiu dizer através dos dentes cerrados.

O Buscador-Mor o ignorou.

— Como ficou sabendo dos outros?

— Nós... sabíamos que iniciados estavam sendo trazidos, mas não os víamos mais tarde como aprendizes. Os templários nos diziam que foram transferidos para outro Círculo, mas dá para saber quando um templário está mentindo assim. Havia muitas perguntas e batidas surpresa. E então Jolen morreu.

O homem olhou para a Oficial.

— O quarto — ela disse com um aceno de cabeça.

— Ah — disse ele. — Sim, suponho que não seja surpresa que a ordem daqui não seja capaz de manter segredo.

— E por que deveria? — Rhys reclamou, sentindo sua raiva borbulhando apesar de seus esforços para mantê-la sob controle. — Se há alguém por aí matando magos, não temos o direito de saber? Os templários deveriam estar nos protegendo! Não é por isso que estamos trancados aqui?

O Buscador-Mor lançou um olhar gélido em sua direção, e ele se arrependeu instantaneamente de seu surto. Ele não queria se arrepender — queria continuar gritando, fazer essas pessoas verem o quão errado era tratar magos formados, magos com *poder*, como se fossem crianças recalcitrantes. Diante daquele olhar, ele sabia que não adiantava. Ele era um bom juiz de caráter. Se necessário fosse, esse homem cortaria a garganta de Rhys antes mesmo dele lançar um único feitiço. E faria isso com o mesmo comportamento frio e psicótico que ele demonstrava no momento.

O Buscador-Mor franziu a testa, tamborilando os dedos na mesa como se decidisse exatamente que tipo de resposta era adequada.

— Protegê-lo é parte do motivo pelo qual você está na torre, de fato. — Seu tom de repente ficou agradável, o que de alguma forma tornou a situação ainda mais assustadora. — A outra parte, claro, é que a magia é perigosa. Pode ser perigosa sem a intenção do mago, caso um demônio se apodere dele, mas nem todos os magos têm boas intenções, não é? — A pergunta era sinistra, e não de todo irrelevante. — Você conhece um homem chamado Encantador Jeannot? — O homem perguntou.

— Sim, claro. Ele é um encantador sênior aqui, assim como eu.

— Era, infelizmente. Ontem à noite ele tentou assassinar a Divina, na frente de muitas testemunhas, e foi morto. — O homem observou atentamente enquanto permitia que a informação fosse absorvida.

Rhys sentiu calor, como se descobrisse que estava muito mais frito que havia imaginado inicialmente. Havia mais coisas acontecendo do que apenas assassinatos, muito mais. Jeannot tentou assassinar a líder do Coro? Como ele tinha saído da torre? Fazer tal coisa sem ajuda parecia... improvável. Subitamente, fazia sentido o Comendador ter ido embora e o Primeiro Encantador agir como agiu.

— Eu... entendo — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Ele usou magia de sangue durante a tentativa — o Buscador-Mor continuou. — Você sabia que Jeannot conhecia tais artes proibidas?

— Não, de forma alguma.

— Interessante. — O tamborilar dos dedos continuou, o único som na sala. Rhys sentiu uma gota de suor descendo lentamente pela testa. Era impossível manter uma torre inteira de magos sob controle total, não sem trancar todos eles em celas como prisioneiros. Os templários

sabiam que os magos se esgueiravam pelas suas costas e fofocavam, e não seria ilógico imaginar que também compartilhavam outros tipos de conhecimento. Onde havia um mago do sangue, poderia haver mais. Poderia haver dúzias.

Eles acham que eu sei. Ou que eu sou um deles.

— Houve seis assassinatos no Pináculo Branco até hoje — anunciou o Buscador-Mor. — Quatro iniciados e dois aprendizes. Qualquer outro número que você tenha ouvido é mera especulação. Esses seis, no entanto... foram intrigantes. — Ele deu a deixa para Evangeline explicar. Ela não parecia convencida de que isso era uma boa ideia, mas aquiesceu.

— Todos eles foram esfaqueados no coração e largados para sangrar — ela começou, seu tom era clínico. — Nenhuma arma foi encontrada. Não foram encontradas provas perto das vítimas. Até onde sabemos, quem fez isso conseguiu passar pelos guardas, destrancar as celas e sair sem ser notado. Por ninguém.

Uma desconfiança furtiva se infiltrou na cabeça de Rhys. Ele tentou impedir, afastá-la completamente de sua mente, mas ela não ia embora. *Não sem antes ser notada por alguém.* Era tudo o que ele podia fazer para evitar que seus pensamentos o denunciassem, e pelo jeito como os dois templários o encaravam, parecia que não estava sendo particularmente bem-sucedido.

O Buscador-Mor inclinou-se sobre a mesa, formando um triângulo com os dedos enquanto olhava atentamente. — Veja bem, é *possível* que um templário possa ter feito isso e que seus colegas o tenham acobertado. Talvez um pequeno grupo, dedicado a atos de maldade contra as mesmas pessoas que deveriam vigiar. É deplorável, mas já aconteceu outras vezes.

— Questionei primeiro os templários — explicou Evangeline a Rhys, um pouco na defensiva, talvez. —Começamos a alternar os turnos de guarda, transferimos...

— Também é *possível* — o Buscador-Mor interrompeu, — que um mago do sangue possa ter feito um guarda dormir ou esquecer o que viu. A existência desses feitiços de controle mental é uma das razões pelas quais a magia do sangue é proibida. Sangue derramado em sacrifício, no entanto, poderia ser usado para energizar algo muito, muito pior. Algo que ainda não podemos nem conjecturar.

— Pode ser um demônio também — adicionou Evangeline.

— Caso seja, então é um demônio poderoso o suficiente para influenciar os magos desta torre. — O homem vasculhou a pilha de pergaminhos até encontrar um em particular. Ele bateu no papel com o dedo. — Aqui diz que você é um médium, Encantador.

Rhys manteve a calma no rosto.

— Sim.

— Você tem um talento raro para detectar e se comunicar com espíritos e demônios.

— Sim.

— Já detectou ou se comunicou com alguém ou alguma coisa aqui no Pináculo Branco?

Outra gota de suor entrou no olho de Rhys. Ele a limpou, rezando para que o tremor das suas mãos não estivesse dando na vista.

— Sim, mas... o Véu aqui é fino. Faz parte da minha pesquisa. Isso tudo deve ter sido anotado pelo Primeiro Encantador...

— Estou ciente de sua pesquisa — o Buscador-Mor interrompeu, seu tom carregado de desaprovação pesada. — Também sei que foi descontinuada há quase um ano, após a rebelião em Kirkwall. Bem antes dos assassinatos começarem. E ultimamente?

— Não, não aconteceu nada. — Pelo menos isso era verdade.

— Parece-me que alguém tão talentoso não permitiria que templários o impedissem de fazer o que quisesse. Não podemos segui-lo através do Véu. Você poderia estar falando com demônios toda noite, e ninguém iria saber.

— Não é tão simples assim — insistiu Rhys. — Entrar conscientemente no Turvo requer preparação, um grupo de magos trabalhando juntos. Minha pesquisa exigia um trabalho meticuloso para me proteger dos espíritos que estava contatando, caso...

— Caso fosse corrompido — o homem completou para ele. — Aprender mais sobre os espíritos é importante se quisermos nos proteger deles de maneira mais eficaz. O Comendador Eron me examinava depois de cada ritual. Ele confiava em mim. Se não fosse o caso...

O homem cuidadosamente recolocou a folha de pergaminho na pilha.

— O juízo do Comendador Eron não o ajudou a se proteger das acusações contra ele, nem a encontrar um mago do sangue debaixo de seu nariz.

Ser Evangeline fechou a cara nessa hora, mas o Buscador-Mor Lambert não notou. Rhys franziu a testa, não estava gostando do caminho que a conversa tomava. Nem um pouco.

— Estou sendo acusado de alguma coisa? — Perguntou.

— Ainda não.

A Oficial pigarreou, ignorando o olhar de advertência que recebeu do Buscador-Mor. Ela se inclinou para Rhys. — Eu vi você com Jeannot — disse gentilmente. — Tanto você quanto a Encantadora Adrian. Vocês três fazem parte da fraternidade Libertária. Acho que pode entender por que estamos preocupados.

E finalmente aconteceu. Rhys estava se perguntando quando esse assunto surgiria. A situação o aborreceu o suficiente para fazê-lo deixar de lado qualquer esforço em conter sua raiva.

— Então você acha que todos os Libertários se tornaram magos do sangue? Que faremos qualquer coisa para libertar o Círculo, até mesmo nos tornarmos exatamente aquilo que motivou a criação do Círculo em primeiro lugar? — Ele se sentou para frente, agora olhando para os dois. — Deixe-me dizer uma coisa: eu não sabia que Jeannot era um mago do sangue, nem por que fez o que fez. Não éramos íntimos. Se soubesse, teria contado ao Primeiro Encantador. São magos assim que dão à fraternidade, e a todos nós, má reputação.

— Então nos diga quem era próximo dele.

Rhys cruzou os braços.

— Não.

Os olhos do Buscador-Mor se arregalaram.

— Você está se recusando a responder?

— Eu estou. Eu não participarei da perseguição à minha irmandade. Somos os primeiros a ser culpados por tudo.

— Então nos dê outra resposta.

— Você não está procurando por respostas. — Rhys se levantou, desafiante. — Isso não é uma investigação. Alguém tentou matar a Divina, e você não vai ficar satisfeito até conseguir montar uma conspiração que faça sentido na sua cabeça. Então, o que quer que vá fazer, eu sugiro que faça. Tranque-me na masmorra. Talvez eu possa ser a próxima vítima do assassino? Isso deve me livrar das suspeitas bem rápido.

Houve um silêncio longo e tenso, pontuado apenas pelo suspiro de desgosto de Ser Evangeline. O Buscador-Mor ficou estoicamente indignado. Levantou-se da cadeira e com firmeza endireitou seu peitoral.

— Isso foi tolice.

Se o homem esperava ser respondido, isso não aconteceu. Rhys permaneceu onde estava, os dois não paravam de se encarar. Sabia que isso provavelmente terminaria com ele preso. Eles poderiam deixá-lo lá até apodrecer, ou até mesmo transformá-lo em um Tranquilo — só para garantir. Mas Rhys não se importava mais. Um aprendiz desaparecido era uma coisa, mas ele era um encantador sênior e um membro dos Libertários. Que fiquem à vontade para explicar isso para o resto do Círculo e para Adrian, e vejam se isso os ajudaria em alguma coisa. Dado o clima que estava se formando na torre desde o ano passado, não seria nada bom.

— Saia — o Buscador-Mor rosnou então.

Ser Evangeline deu um passo à frente e agarrou Rhys pelo braço. Ele lutou para não ser levado, ainda encarando o olhar do Buscador-Mor. O homem queria briga, e Rhys ficou tentado em lhe dar o que queria. Mas então ele cedeu e permitiu-se ser puxado para fora do escritório, lembrando-se de que estava se safando facilmente.

Afinal, sabia mais do que tinha deixado transparecer. E agora eles sabiam disso também. Saindo daquela sala, ele sentiu como se um nó de forca tivesse sido colocado em seu pescoço, apenas esperando o momento certo para apertar.

O interrogatório de Adrian não correu muito melhor que o dele. Parecia muito pior, se levarmos em consideração o ódio demonstrado por ela após o inquérito. Horas depois, ela estava furiosamente indo de um lado ao outro na área comum, reclamando com qualquer mago que quisesse ouvir sobre a conspiração com a qual estavam lidando.

De fato, a área comum não foi projetada para ser usada como um salão de reuniões. Não era nada mais que um espaço do lado de fora das câmaras dos magos nos andares intermediários da torre, permitindo o acesso à escadaria central. Não havia móveis de verdade, apenas pisos

frios de pedra e algumas pequenas janelas que, todo inverno, deixavam o frio entrar. Estátuas cercavam a área em cada pilar de sustentação, representações de aparência sombria de guerreiros ancestrais. Rhys sempre as odiou. Ele sentia os olhos briosos deles o encarando, julgando por ter a ousadia de possuir poderes mágicos.

Mas não havia outro lugar para os magos irem. Boatos sobre a presença do Buscador-Mor se espalharam como fogo, assim como a notícia do atentado contra a vida da Divina. Quando Adrian e Rhys entraram na área comum ela já estava lotada. Todos falavam em voz baixa — como se qualquer frase dita mais alta que um sussurro fosse trazer a cólera dos templários. O cheiro de puro medo permeava a câmara, mas junto dele veio uma corrente de raiva.

E se o Buscador-Mor invocasse o Direito de Anulação? Rhys ouviu essa pergunta mais de uma vez. A imagem de cada um dos magos da torre sendo morto por uma espada era difícil de contemplar. Era um direito que os templários possuíam, destinado a ser usado apenas como um último ato de desespero quando um Círculo de Magos estivesse completamente tomado pela corrupção. Supostamente, foi o que aconteceu em Kirkwall. Se o Direito de Anulação não fora invocado desde então, sem dúvida foi porque os templários temiam mais rebeliões — mas até onde eles aguentariam?

De acordo com Adrian, a mesma pergunta deveria ser feita para os magos. Ela não acreditou no que o Buscador-Mor disse sobre Jeannot. Como poderia um homem ter chegado tão perto da Divina? Adrian achou tudo muito suspeito e sugeriu que aquilo era um estratagema dos templários para virar a opinião pública mais firmemente a seu favor. Já Rhys não tinha tanta certeza. Havia rumores entre os Libertários sobre membros que não estavam mais felizes em buscar pacificamente a liberdade, ainda mais agora que o fechamento do Colégio dos Encantadores havia removido completamente essa opção. Eles queriam ação, mesmo que isso envolvesse arrastar o resto dos magos chutando e gritando consigo. Rhys achava que tais pessoas eram capazes de realizar rituais proibidos para obter uma vantagem, sem falar em manter suas atividades em segredo até mesmo do resto de sua irmandade. Os templários tinham todos os motivos para estarem nervosos.

Mas eles não sabiam de tudo, sabiam? Enquanto Rhys ficou ali parado na área comum, observando a multidão agitar-se em seu descontentamento como um mar antes da tempestade, ele sentiu apenas culpa. Estava mantendo um segredo, tanto dos templários quanto de seus companheiros magos. Ele não podia contar a verdade a ninguém, e as chances de que pudesse fazer algo a respeito pareciam pequenas.

Adrian marchou até ele, já preparando outro discurso motivador. Quantos foram até agora? Três? A conversa na área comum seguia em círculos, e ainda não estava nem perto de chegar a algum ponto produtivo — embora isso certamente não fosse por falta de esforço de Adrian.

— Você não vai fazer nada? — Ela ralhou.

Ele sorriu para ela.

— Eu estou fazendo. Estou observando.

— Faça outra coisa!

— Querida Adrian — ele riu. — O que você quer que eu faça, exatamente? Você parece estar dando conta da indignação. É cansativo só de olhar.

Ele tentou segurá-la pelos ombros, acalmá-la antes que fizesse algo precipitado, mas ela se afastou com um olhar ressentido.

— Não venha com essa! Você sabe tão bem quanto eu que eles o ouvirão antes de me ouvir. Eles sempre foram assim.

— Isso não é verdade — ele protestou. Mas também não era totalmente mentira. Alguns dos encantadores mais jovens já tinham se aproximado dele, sondando com perguntas esperançosas. Outros até estavam assistindo a conversa deles agora. Eles o estavam esperando. Dava para ver em seus olhos. Era uma sensação desconfortável.

— O Primeiro Encantador não está fazendo nada — ela disse, apenas alto o suficiente para que o homem ouvisse de soslaio. Edmonde estava não muito longe, olhando com indiferença pela janela. Ele não tinha falado com ninguém, e sua única reação à declaração de Adrian foi fechar os olhos com uma expressão de dor. Rhys se sentia mal pelo homem e pela posição na qual havia sido colocado. Ela não podia entender? Rhys ergueu a mão para pedir que mantivesse a voz baixa, mas ela a estapeou para baixo. — Os outros encantadores seniores são iguais. Você pode fazer alguma coisa, Rhys. Assuma o controle!

Era sempre o mesmo pedido. Adrian era teimosa e por isso fez inimigos. Rhys era mais charmoso, ela dizia, e, portanto, mais querido. Ele poderia transmitir seu ponto de vista para aqueles que não ouviriam, apesar de seus protestos de que isso o colocaria na mesma posição em que ela estava.

— Isso não vai adiantar — disse ele.

Ela suspirou amargamente, de ombros caídos. Essa foi mais uma vez que ele a desapontou. Adrian era amiga dele há muito tempo — na verdade, por um período eles foram mais que amigos, na medida em que suas vidas dentro dos limites do Círculo os permitia. Mas ele nunca seria o líder que ela esperava que fosse, então a amizade era tudo o que restava entre eles.

— Pelo menos conte a todos sobre os assassinatos — ela murmurou. — Você sabe que eles estão morrendo de curiosidade, e eu nem conversei *tanto* assim com o Buscador. Bastardo pomposo e arrogante, aquele lá.

Rhys hesitou. A última coisa que ele queria era falar sobre os assassinatos. Acontece que ele não precisava tomar uma decisão sobre isso de qualquer forma, pois logo em seguida vários guardas entraram na área comum e ordenaram que todos se retirassem para seus aposentos. Ele não ficou surpreso. Em circunstâncias normais, Rhys e Adrian estariam agora nas masmorras, junto com qualquer outra pessoa que tivesse dado bom dia à Jeannot. Felizmente, os templários não tinham interesse em provocar ainda mais os magos.

Adrian, é claro, não sentiu vontade de retribuir o favor. Rhys viu um brilho de indignação em seus olhos e se preparou para o bafafá inevitável. Felizmente, o Primeiro Encantador escolheu aquele momento para intervir. Edmonde virou-se da janela e silenciosamente sugeriu que todos fizessem o que os guardas pediram. Amanhã seria outro dia. Isso cortou as asinhas de Adrian e, lentamente, todos na área comum se dispersaram.

Rhys ficou aliviado. Aquilo poderia lhe dar a chance que estava esperando.

Ele passou as horas seguintes em seu aposento, olhando para o teto de sua cama. Às vezes, ele ouvia os passos de guardas passando por sua porta. Sorte dele que os encantadores seniores tinham seus próprios quartos. Por mais austeros que fossem, os quartos forneciam mais privacidade que os dormitórios. Escapava-se de um dormitório com bastante facilidade — aprendizes faziam isso o tempo todo — mas não sem serem vistos por outros que compartilhavam o quarto. Onde Rhys precisava ir, tinha que ter certeza absoluta de que ninguém mais sabia sobre isso.

No meio da noite, um silêncio absoluto se arrastara pela torre. Não se ouviu passos por mais de uma hora. *É agora ou nunca*, disse a si mesmo. Lentamente, ele se sentou no escuro, atento ao menor dos ruídos do lado de fora que pudesse indicar uma sentinela. Nada.

Tateando cegamente, Rhys encontrou seu cajado encostado na parede. Ele sentiu a madeira quente quando a tocou, despertando-a de seu sono. O orbe cristalino deu boas-vindas com um brilho suave que preencheu a sala, mas Rhys o escureceu novamente acenando sua mão. Luz era a última coisa que precisava.

Então ele se assustou. Algo na sala se moveu assim que a luz se apagou. Preparando-se, ele ordenou que o cajado brilhasse mais uma vez — e suspirou quando percebeu que era apenas seu reflexo vindo do espelho ornamentado no canto. Um presente de Adrian, algo que ela comprou para ele anos atrás, quando passeios na cidade ainda eram permitidos.

— Você pode se admirar nele — ela riu, e como era raro vê-la sorrindo, ele não pôde recusar. Era a única coisa extravagante que possuía e, no entanto, ainda não se acostumara com sua presença. Irritado, ele queria derrubá-lo com um chute.

Acalme-se, seu idiota, ou fará o trabalho dos templários por eles. Ele se permitiu rir, e um pouco de medo se esvaiu dele. O vazio que ficou o deixou trêmulo e se sentindo meio tolo.

Rhys apagou o cajado novamente e se esgueirou em direção à porta. Abriu o trinco, tentando pressioná-lo um pouco, e foi recompensado quando a porta se abriu com apenas um clique suave. Ele espiou o corredor. Uma lâmpada incandescente estava pendurada na escadaria central, mas estava bem longe. Tudo mais próximo fora engolido pelas sombras. Não havia ninguém à vista, mas era difícil confiar nos olhos.

Reunindo sua magia, lançou sua mente pelo Véu e convocou um espírito através dele. Ele era minúsculo, um fiapo de criatura com quase nenhuma consciência para chamar de sua. A esfera cintilante pairava

sobre a palma de sua mão, seu zumbido mágico fazendo cócegas nos cabelos de sua nuca.

— Eu preciso que fique quieto — ele sussurrou. — Você consegue, não consegue?

O foguinho fátuo sacudiu-se animadamente e baixou sua luz. Ele mal o via agora. Jogando-o ao vento, ele sentiu sua animação conforme flutuava para a área comum. Mesmo um espírito tão pequeno demonstrava grande alegria ao vir para o mundo real. Eles tinham um fascínio sem fim com as coisas mais estranhas: uma cadeira de madeira, um pedaço de bife, uma pena. Deixado por conta própria, um fogo-fátuo oscila em torno de objetos aleatórios por horas, fazendo estranhos gorjeios conforme explora o ambiente.

Os templários desaprovavam mesmo o uso de espíritos tão benignos, embora não fosse de fato proibido. Afinal, os melhores curandeiros convocavam espíritos de compaixão para ajudá-los. Esses espíritos não se demoravam e retornavam imediatamente para onde vieram, mas o Coro olhava para as pessoas que tinham o talento de contatá-los com suspeita — como era seu caso. Apesar disso, tinha sua utilidade.

Rhys esperou. Logo quando estava começando a temer que o fogo-fátuo havia se distraído, ele sentiu seu retorno. Ele veio descansar em sua palma aberta, emitindo um estranho arranjo de sons agitados. Fechou os olhos e tentou reunir todas as impressões que pôde de sua memória. As primeiras imagens que viu eram confusas e faziam parecer que a área comum estava cheia com uma dúzia ou mais de templários. Então ele percebeu que estava olhando para as estátuas e não conseguia diferenciar. Típico.

Mas uma das imagens havia se movido. Ele se concentrou naquele único avistamento e recebeu impressões suficientes do fogo-fátuo para entender. Havia uma sentinela do outro lado da escada. Enfim, o salão estava sendo vigiado.

— Preciso que faça mais um favor para mim — ele perguntou calmamente. O fogo flutuou de sua mão, já tremendo de antecipação. — Preciso que você atraia o homem para longe. Não importa para onde. Só mais alguns minutos e você estará livre para retornar ao Turvo.

Era um comando bastante complexo. O fogo-fátuo rodopiou, brilhando levemente enquanto pensava, e então saiu flutuando de novo. Em poucos

minutos, Rhys ouviu um palavrão abafado dito pelo guarda ao longe. E logo em seguida, passos descendo as escadas em um ritmo acelerado. Ótimo. Isso daria a Rhys o tempo de que precisava.

Esgueirando-se para o corredor, ele virou-se não para a escada, mas para a parte mais escura da área comum. Um pequeno depósito ficava escondido ao lado dos dormitórios. Ele rastejou até lá o mais silenciosamente possível e entrou.

Estava um breu lá dentro, o ar espesso com o fedor de fumaça velha. Ele segurou uma tosse e ordenou que seu cajado brilhasse. A luz revelou uma sala cujas paredes iam um pouco mais além do que seu braço podia alcançar, forradas de ambos os lados com prateleiras precárias cheias, quase estourando com as coisas que o Tranquilo usava para servir às câmaras dos magos. Também havia evidências de que os aprendizes frequentavam esse depósito: o chão estava cheio de migalhas de pão, cinzas deixadas por tubos de kohl ilícitos e lampiões-incandescentes gastos.

No entanto, era engraçado que os aprendizes não haviam descoberto a pedra solta na parede dos fundos. Se tivessem, teriam percebido que não precisavam se esconder em um armário. Pressionar a pedra abriu uma escotilha, e isso levou a um forro atrás. De lá, podia-se escalar sem ser visto pelas cozinhas e para os níveis subterrâneos da torre. Havia muitas dessas passagens no Pináculo Branco; os poucos magos que sabiam sobre elas guardavam seu segredo com zelo, para que os templários não as selassem.

A hora seguinte foi gasta rastejando pela escuridão e poeira intermináveis até encontrar seu caminho. Perto das cozinhas ele teve que se esgueirar entre as paredes, tentando não se engasgar com o ar fétido. Então o forro finalmente se transformou em uma escada extremamente íngreme. Ele conseguia ficar de pé, mas as paredes eram tão estreitas que mal conseguia se espremer. Tudo parecia muito claustrofóbico. Sufocante. Opressor.

Seu alívio era palpável quando ele finalmente sentiu o ambiente mudar. Ele sabia que as escadas levavam a uma câmara aberta abaixo, uma sala que pertencia a uma das muitas partes não utilizadas dos andares inferiores, e ele estava chegando perto. Rhys seguiu seu caminho ansioso — até demais, na verdade. Um dos últimos degraus desmoronou sob seu peso e, com um grito, ele se lançou para a frente.

O cajado voou de suas mãos, sua luz sumindo conforme caía lá embaixo com um tinido, e ele vinha logo atrás. Tentando desacelerar sua descida agarrando-se às paredes, ele só conseguiu tornar sua queda mais desajeitada. Ele se contorceu e deu com a cabeça na parede, e então finalmente foi ao chão com força total.

Ai.

Rhys ficou deitado na escuridão, se acostumando com a dor. Havia muita dor, uma dor aguda e latejante. Lentamente, verificou a extensão de seus ferimentos. A mão mexia bem. Seus pés se moviam. Nada estava quebrado, embora seu corpo discordasse. Um alívio, com certeza.

Não havia sons de passos, nada que indicasse que alguém tinha ouvido sua queda e vindo investigar. Até aqui, nada demais. Este lugar não ficava longe das masmorras, mas pela forma como o som viajava no Poço, era improvável que alguém pudesse encontrar a fonte, mesmo que a ouvisse. De qualquer forma, os guardas geralmente não iam até tão longe, mas sempre havia uma primeira vez.

Gemendo, Rhys ficou de joelhos e tateou procurando seu bastão. Suas mãos encontraram poeira, poeira e mais poeira. Havia também pedras soltas e pedaços de madeira podre. Ali deveria ter sido um depósito, embora há quanto tempo atrás só o Criador saiba. Havia alguns caixotes e barris velhos, há muito vazios e agora serviam apenas para as teias de aranha. Ainda tinha um banquinho? Algum intrépido mago havia trazido um para baixo há muito tempo, mas não era mais seguro se sentar nele.

Finalmente ele encontrou seu cajado. Fechando a mão em torno dele, ordenou que o orbe brilhasse... e engasgou em choque. Alguém estava na sala com ele. Um jovem estava sentado de cócoras a menos de um metro e meio de distância, olhando com olhos pávidos por baixo de um tufo de cabelo loiro despenteado. Ele claramente não era um mago nem um templário, vestido com couro gasto quase todo coberto de poeira e sujeira, e não via um banho há séculos. Havia uma tensão furtiva na maneira como ele se agachava, como um rato de adega pego no flagra — paralisado pelo medo e ao mesmo tempo desesperado para correr.

— Cole — Rhys suspirou, recuperando o fôlego para acalmar seu coração acelerado. — Você quase me matou de susto!

O jovem mordeu o lábio inferior, contorcendo-se desconfortavelmente.

— Faz muito tempo que não vejo você — disse. Sua voz tinha um aspecto rouco, sem dúvida adquirida pela falta de seu uso. — Achei que tinha esquecido.

— Eu não esqueci. Eu disse que estava ficando mais difícil escapar, não disse? — Rhys se levantou com cuidado. Ele limpou um pouco da sujeira, franzindo a testa para os rasgos e hematomas que seriam mais difíceis de explicar mais tarde. Então ele parou, lembrando-se do motivo pelo qual havia passado por todo aquele esforço em primeiro lugar. Ele se virou para olhar para Cole, desconfiado de como deveria abordar o assunto. O jovem já estava bastante nervoso.

— Há algumas coisas que eu preciso perguntar para você — ele começou. — Coisas importantes.

— Oh. — A maneira como Cole se contorcia sem sair do lugar, como uma criança culpada ansiosa por encontrar qualquer desculpa para sair, mas incapaz de se afastar, disse a Rhys tudo o que precisava saber. Cole sabia exatamente o que Rhys queria saber. Ele sabia e tinha ido encontrar Rhys mesmo assim, porque não podia evitar.

— É você, não é? Você é o assassino.

4

FAZIA QUASE UM ANO desde que Rhys tinha visto Cole pela primeira vez.

Ele se lembrava bem da época, porque o Pináculo Branco tinha acabado de receber a notícia da rebelião em Kirkwall. Os magos tremiam de medo, templários presentes nos salões aos montes. Em meio a tudo isso, Rhys teve vislumbres esporádicos de um estranho à espreita, um jovem que não estava correndo como todo mundo, mas que simplesmente... observava. Embora esse estranho estivesse vestido de maneira estranha, Rhys não deu muita bola ao assunto. Devia ser um novo aprendiz, ou um visitante sancionado pelos templários. Ninguém mais parecia prestar muita atenção a esse estranho, afinal, então por que ele deveria? Naquela época, estranhos não eram uma visão comum na torre, mas também não eram raros.

Mais tarde, durante uma palestra no grande salão, Rhys o viu novamente. Sentado no fundo da câmara e observando os procedimentos com uma expressão perplexa. O jovem parecia totalmente deslocado, então Rhys se virou para Adrian e perguntou quem ela achava que poderia ser.

Adrian olhou para onde ele tinha apontado e franziu a testa.

— De quem você está falando? Não tem ninguém lá atrás.

— Tem certeza?

— Isso é uma piada? O que *você* está vendo?

Aquilo calou Rhys. Se ele estava vendo algo que Adrian não via, então era sua imaginação... ou coisa pior. Podia ser um espírito, ou mesmo um demônio, e isso significava problemas. Ainda assim, ele era um médium. Se esse jovem era um demônio, por que ele não o detectou como tal?

Então Rhys deu a entender à Adrian que fora apenas um mal-entendido, meio convencido de que era o caso. Depois disso, ele perguntou por aí — com cuidado. Será que alguém tinha visto algo estranho na torre? Alguém que não era dali? Foi quando ele ouviu falar do Fantasma do Pináculo.

Aquilo era ridículo, claro. Toda sua pesquisa indicava que fantasmas não existiam. Na melhor das hipóteses, eram espíritos disfarçados de mortos ou que estavam confusos. Quando as pessoas morrem, suas almas vão... para algum lugar. Se acreditarmos no que Coro diz, elas residem com o Criador em algum reino além do Turvo. Até os próprios espíritos afirmavam não saber, se é que a palavra de tais seres era confiável.

No entanto, esses rumores causaram-lhe ainda mais preocupação. Então ele ficou atento à reaparição do jovem, determinado a confrontá-lo e tirar tudo a limpo. Como o velho ditado sobre panelas vigiadas diz, aguardar o avistamento do jovem fez com que de repente não houvesse sinal dele em lugar nenhum.

Então Rhys desceu ao Poço para procurá-lo. Foi lá onde todos a mencionarem esse misterioso fantasma concordaram que ele poderia ser encontrado. Se fosse um espírito, Rhys devia descobrir o motivo de não conseguir senti-lo para pôr em sua pesquisa — e precisava provar a si mesmo que não estava sendo influenciado por um demônio particularmente esperto.

Ele pesquisou nos arquivos. Ele vasculhou algumas das áreas esquecidas da torre, até mesmo em lugares que eram tecnicamente proibidos. Justo quando começou a suspeitar que a coisa toda era sua imaginação, ele achou Cole por acaso. Ou melhor, Cole o achou por acaso.

Rhys lembrou-se de ter dobrado uma esquina e quase esbarrado num jovem parado ali, observando-o. Quando Rhys falou com ele, o jovem saltou como se tivesse sido atingido. O choque de encontrar alguém que pudesse vê-lo fora considerável, evidentemente, e foi preciso mais do que um pouco de convencimento para acalmá-lo. Ele fora atraído pela investigação de Rhys, mas nunca considerou que poderia ser porque

Rhys o tinha visto anteriormente. Há muito tempo parou de perceber outras pessoas o notando, porque isso nunca acontecera. Essa primeira conversa foi... esclarecedora. De acordo com Cole, ele foi trazido pelos templários e jogado em uma cela. Ele não se lembrava quando, e não se lembrava claramente de como saiu, mas agora estava perdido em um mundo que não podia vê-lo. Rhys nunca tinha ouvido falar de tal coisa. Na verdade, ele teve que tocar o homem para ter certeza de que era, de fato, uma pessoa real.

— Como você pode ser invisível? — Ele perguntou.

— Não sei.

— Mas... as pessoas *viram* você. Vislumbres fugazes, mas mesmo assim. Eu ouvi as histórias.

— Às vezes. Eu não sei por quê.

As respostas de Cole foram evasivas. Ele estava desconfortável sendo questionado e com medo do que Rhys faria com o conhecimento de sua presença. Ele implorou para não ser entregue aos templários, a ponto de ficar exaltado. Rhys concordou com relutância — quem acreditaria nele, afinal, se dissesse que um homem invisível estava espreitando os salões da torre? Especialmente se aquele homem não quisesse ser visto.

Então ele deixou Cole lá, prometendo voltar futuramente, e não entendeu por que a resposta do jovem foi de incredulidade silenciosa até encontrá-lo novamente vários dias depois. Naquela época, Cole se assustou mais uma vez. Disse que conseguira fazer com que as pessoas o notassem antes e que poderia fazê-lo se realmente tentasse. Mas eles sempre se esqueciam dele novamente logo depois. Ele simplesmente desaparecia de suas mentes e presumiu que o mesmo aconteceria com Rhys.

Mas não foi o caso. Rhys continuou voltando, a princípio porque estava intrigado com esse estranho mistério. Se pudesse descobrir o que estava tornando Cole invisível, talvez pudesse desfazer. Talvez houvesse algo a ser aprendido com esse poder. Rhys não era um estudioso, mas pesquisas interessantes sempre o atraíram, especialmente se pudessem ajudar alguém.

E Cole precisava de ajuda. O jovem nunca falou sobre isso, mas era óbvio que ele estava desesperadamente sozinho. Por mais que a companhia fosse estranha e assustadora, o medo nunca foi suficiente

para mantê-lo afastado. Por fim, deixou de ser para ajudá-lo; Rhys ainda queria descobrir a verdade, é claro, mas agora era porque gostava de Cole. O jovem falava vagaroso, mas tinha uma mente afiada e uma natureza curiosa. Ele também era um exemplo perfeito de por que o Círculo não funcionava. E se os magos estivessem lá para saudar sua chegada à torre, com compreensão em vez de medo e desprezo? E se ele tivesse percebido que seu talento não era aterrorizante, mas ímpar e fascinante?

Então eles se encontravam na medida da ousadia de Rhys. Eles jogavam cartas à luz de um lampião-incandescente, e Cole mostrou a ele alguns dos mistérios que havia descoberto no Poço — coisas que Rhys nem suspeitava que pudessem estar lá embaixo. Eles conversavam sobre qualquer coisa, desde que fosse irrelevante. Perguntas sobre como Cole se tornara o que era, ou mesmo a possibilidade de ajudá-lo, muitas vezes o levavam a recuar para as sombras.

Eles foram descobertos apenas uma vez, por um guarda templário patrulhando os arquivos. O homem entrou na sala despercebido, assustando os dois enquanto refletiam sobre um tabuleiro de xadrez. O guarda ficou ali, olhando, e então perguntou se Rhys sempre jogava sozinho. Rhys gaguejou com uma desculpa de que estava elaborando estratégias, e o guarda seguiu em frente, balançando a cabeça perplexo. Até aquele momento, Rhys tinha perguntado a si mesmo se Cole não era simplesmente difícil de notar, se alguém de posse de evidência direta o veria normalmente. Mas não foi o caso.

E então o Colégio de Encantadores foi fechado.

Com isso veio um maior escrutínio sobre cada mago na torre e, portanto, menos oportunidades para Rhys ir a qualquer lugar sem que sua ausência fosse notada. Suas visitas tornaram-se raras, e quando vinha encontrava Cole retraído e apático. O jovem se convencia toda vez de que Rhys o havia esquecido, apesar dos sinais contrários. Depois ficava mal-humorado, expressando uma dúvida de que, se Rhys não o esquecera até agora, sem dúvida logo o faria.

Então Rhys redobrou seus esforços para encontrar uma resposta. Sua busca nos arquivos resultou em quase nada. Ele considerou abordar o assunto com Adrian, mas o que ela diria? O que alguém poderia dizer? Descartando a possibilidade dos templários descobrirem seu segredo, que conselho alguém poderia dar a respeito de alguém que Rhys nem

poderia provar que existia? Ser incapaz de ajudar o fez se sentir culpado, assim como a noção de que suas visitas estavam fazendo Cole se sentir pior em vez de melhor.

A última vez que Rhys desceu ao Poço, teve que procurar por horas para localizar Cole. Era incomum, porque normalmente o jovem o encontrava primeiro. Rhys não ousou gritar, em vez disso, vasculhou os cantos esquecidos onde Cole ficava, meio temendo que talvez encontrasse um corpo sem vida.

Eventualmente, ele encontrou Cole nas criptas templárias, empoleirado no topo de um enorme sarcófago como um corvo triste. O jovem parecia doente e pálido, como se não dormisse há semanas. Ele não disse olá quando Rhys se aproximou, apenas observou com cautela, e então perguntou do nada se Rhys achava que ele estava morto.

— Você não está morto — Rhys insistiu. — Você é tão real quanto eu.

— Talvez *você* não seja real. Você poderia ser um demônio enviado para atormentar a mim.

— É isso que eu faço? Atormento você? — Os olhos, pávidos.

— Sim. Não.

Rhys estendeu a mão para tocar Cole, para tranquilizá-lo, mas o jovem apenas subiu mais no sarcófago.

— Deixe-me em paz — ele murmurou, embora não soasse convincente.

— É isso que você realmente quer que eu faça?

— Não.

— Cole, venha comigo. Preciso levá-lo ao Primeiro Encantador, *fazê-lo* ver você. Podemos escrever as coisas, para que ninguém se esqueça. Então poderemos ajudá-lo. Sinto muito, mas não consigo fazer isso sozinho.

Silêncio.

— Você não *quer* ajuda? — Ele perguntou.

— Não quero que ninguém me machuque. — Cole era um homem adulto, mas este era o apelo assustado de uma criança. Rhys ficou lá por um longo tempo, olhando para ele impotente.

— Você poderia ir embora, sabe. Não precisa ficar na torre como eu.

— Para onde eu iria?

Rhys não tinha uma boa resposta para isso. *Lugar algum. Qualquer lugar exceto aqui. Se eu fosse você, passaria por aqueles templários, sairia da torre e iria a algum lugar onde nunca poderiam me encontrar.* Mas ele não era

Cole. O jovem evitou os andares superiores da torre porque as pessoas o assustavam. A cidade fora da torre era uma impossibilidade, tão aterrorizante em seu caos que ele provavelmente nem podia imaginar. E que tipo de vida seria essa, assistir a um mundo explodindo de emoção no qual você só poderia ser um espectador?

Então Rhys relutantemente o deixou lá, saindo da cripta com um par de olhos vigiando suas costas. Isso foi há um mês, e até se sentar hoje no escritório do Comendador, ele nunca tinha feito uma conexão entre esse jovem triste e os assassinatos. A ideia de que ele poderia ser algo mais do que uma vítima nunca passou pela sua cabeça.

Agora Cole estava agachado perante ele, olhando com a mesma expressão taciturna da última vez em que se encontraram. Estaria Rhys em perigo? Ele achava que sabia do que esse jovem era capaz, mas estava errado. Mais do que errado; ele estava pensando feito um idiota. Parte dele se agarrava à noção de que *deveria* haver uma explicação para isso.

— Diga-me que isso não é verdade — ele inquiriu. — Diga-me que você realmente não matou aquelas pessoas, que há uma outra explicação.

— Não posso.

— Foi magia de sangue? Você estava tentando... se curar com algum ritual que encontrou? Algo que viu nos arquivos?

Cole parecia perplexo.

— Eu não conheço nenhuma magia.

— Então *por quê*? Conte pelo menos o motivo.

— Eu precisava.

— Você precisava matá-los? Como pôde... — Rhys parou de repente, uma hipótese terrível surgindo em sua mente. — Foi Jeannot? Ele o encontrou, falou com você? Ele disse para você fazer isso?

— Não sei quem é.

— Um mago como eu, porém mais velho. Menos cabelo. Eu sei que ele vem aqui...

— Ele come pêssegos? Há um homem com essa aparência que vai aos arquivos. Às vezes eu o vejo na cripta, mas só quando ele está falando com os outros.

— Outros? Que outros?

Cole deu de ombros.

— Eles falam no escuro, sobre coisas chatas. Ele deixa caroços de pêssego no chão. É assim que eu sei que ele vai para lá.

Rhys pensou sobre isso por um momento. Reuniões secretas na cripta? Se Jeannot fazia parte disso... então a suposição do Buscador-Mor sobre a existência de uma conspiração na torre pode não estar errada. Uma possibilidade arrepiante.

— Por que você não me contou sobre isso antes? — Perguntou.

— Eu não sabia que você não sabia. Ou que você queria saber.

— Eles poderiam ter visto você? Talvez tenham lançado um feitiço para forçá-lo a fazer essas coisas. Pelo que sabemos, pode ter sido eles que fizeram isso com você para começo de conversa.

Cole considerou a ideia. Por mais de um minuto, ele desenhou linhas ociosas no chão empoeirado, franzindo a testa.

— Eles não me viram — ele disse enfim. — Ninguém pode me ver, exceto você. E os que eu...

— Aqueles que você matou. — Cole assentiu.

— Foi por isso que você os matou? Você pensou que eles contariam aos templários?

— Não. Eles não me viram até que eu fui até eles. Mas eu sabia que me veriam. — Cole mordeu o lábio, uma expressão que Rhys tinha visto antes sempre que o homem estava tentando colocar um pensamento difícil em palavras. — Você já esteve debaixo d'água? — Ele finalmente perguntou.

— É claro.

— Há uma piscina em um dos corredores inferiores. Eu vou lá às vezes. — Ele parecia perdido em pensamentos. — Você pode flutuar debaixo d'água. Se você fechar os olhos, é como se estivesse flutuando no nada. Você está cercado pela escuridão e tudo o que consegue ouvir é você mesmo. Todo o resto está longe.

— Não entendo.

Cole suspirou de frustração.

— Às vezes sinto que estou debaixo d'água e nunca mais vou sair. Eu continuo afundando e afundando, e não há fundo. A escuridão vai me engolir. — Ele olhou para o chão, envergonhado. — Estou caindo nas rachaduras entre o que é real e o que não é real, e se eu não parar, estarei perdido para sempre. O único jeito de ficar é...

Rhys recuou. Apenas um passo. Ele não queria fazer isso, mas Cole percebeu mesmo assim. A dor que se contorceu em seu rosto com essa percepção foi difícil de assistir. Rhys se viu dividido entre o medo e a preocupação. Ele gostava de Cole, e sempre gostou, mas era muito difícil conciliar o jovem inofensivo que ele conhecia e um assassino que havia esfaqueado seis magos indefesos no coração.

— O único jeito de ficar é — disse com uma voz baixa e tensa — matando alguém?

— Eu sei que eles vão me ver — Cole sussurrou. — Não sei por que, mas sei. Então eu vou até eles. No momento em que morrem, olham para mim. Sabem que fui eu quem os matou, e isso faz de mim a coisa mais importante do mundo. — Seu rosto tornou-se arruinado pela dor novamente. — Nunca fui tão importante para ninguém. — As palavras saíram como um coaxar rouco.

— E... ser importante o torna real?

Cole olhou para ele com olhos arregalados e incompreensíveis.

— Não é assim com você?

Rhys não sabia como responder. Havia uma pergunta mais importante que permanecia no fundo de sua mente: Cole o mataria também? Ele podia ver o homem, afinal, assim como suas vítimas. Se Cole se convencesse de que matar Rhys de alguma forma o tornaria real, ele não o faria? Por mais que Rhys quisesse ajudar este jovem, estava ficando claro que ele delirava. Estava além da salvação.

— Cole — disse Rhys com firmeza. — Você tem que me ouvir. Você não vai desaparecer. Assassinar pessoas inocentes não vai mudar nada.

— Você não sabe disso. Você disse uma vez que não tinha ideia do que havia de errado comigo.

Rhys deu um passo à frente e agarrou Cole pelos ombros, levantando-o. Os olhos do jovem se arregalaram em choque, mas ele não lutou.

— Cole, você não tem ideia do tipo de problema que isso causou. Não só para mim, mas para todos nós. Eles acham que um mago de sangue está matando todo mundo. Você tem que vir comigo.

— Não! — Cole lutou para se libertar, mas Rhys o segurou.

— Nós temos que *fazê-los* ver você! Diga a eles que seja lá o que aconteceu com você está afetando sua mente, que não é sua culpa. Sei

lá, alguma coisa desse tipo! Esta é a única maneira de você conseguir ajuda, Cole!

— Eles não podem me ajudar! — Ele se soltou do aperto de Rhys, recuando rapidamente para a parede oposta. — Eles não vão! — Seu olhar era um olhar de horror abjeto e traição.

Rhys hesitou. Claro que Cole estava certo. Mesmo que os templários pudessem vê-lo e não esquecer, não o ajudariam. As chances são de que eles o considerem alguém que caiu nas garras de um demônio. Os magos, enquanto isso, veriam alguém que havia assassinado seis de seus companheiros... e Rhys não tinha certeza se deveria tentar convencê-los do contrário. Cole estava doente. Matou pessoas em benefício próprio. Isso não merecia punição? Ele ergueu as mãos para evitar que Cole corresse.

— Você não pode continuar fazendo isso — alertou. — De uma forma ou de outra, isso tem que parar.

— Por favor — Cole soluçou. Ele parecia tão agoniado que era difícil não sentir pena. — Nunca quis deixá-lo com raiva. Não quero que você pare de falar comigo também.

— Então venha comigo.

— Não posso! — Cole disparou em direção à porta. Rhys saltou, mas com uma mão segurando seu bastão ele só conseguiu agarrar a borda do colete de couro de Cole com a outra. Não foi o suficiente, e ele quase caiu quando Cole escapou para o corredor escuro lá fora.

— Droga! — Não queria que tivesse que ser assim. Ele correu atrás de Cole e parou do lado de fora. Seu cajado iluminava uma passagem que seguia em frente, assim como uma escada em caracol à direita. Se ele se lembrava corretamente, a frente eventualmente levava às masmorras, mas as escadas iam mais fundo no Poço. Lá embaixo, havia um labirinto de corredores antigos que incluíam as criptas dos templários. Ele não conseguia ver para onde Cole havia corrido, e os ecos dos passos do homem vinham de toda parte.

Rhys desceu correndo as escadas. Haveria templários nas masmorras e, embora não vissem Cole, ele duvidava que isso fizesse alguma diferença. Ele descia dois ou três degraus por vez, deslizando pelas paredes de pedra cada vez que as escadas viravam. Parte dele temia levar outro tombo, um mais sério desta vez, mas ele não se importou.

Finalmente chegou ao fundo. Em instantes ele vislumbrou o jovem à distância, correndo o mais rápido que podia. — Pare! — Ele canalizou mana através de seu cajado, liberando um raio de energia branca que se lançou pelo corredor. Atingiu a parede perto de Cole, fazendo com que a pedra explodisse com um estrondo de trovão. Rochas voaram para todos os lados.

Ele ouviu Cole gritar de medo. Rhys cobriu a boca, tossindo com o dilúvio de poeira fresca, mas continuou correndo. Encontrou o jovem encolhido perto de uma pilha de pedras soltas, com as menores ainda caindo do teto. Ele estava imundo, porém ileso. Ótimo. Rhys não pretendia matá-lo.

— Cole, não me faça fazer isso — ele gritou enquanto se aproximava, tentando recuperar o fôlego. — Você tem que vir comigo. Não há outra escolha!

Então ele desacelerou até parar. Cole não estava se acovardando. Ele estava agachado no chão, seus olhos brilhando perigosamente. Em suas mãos estava um punhal com uma lâmina dentada, uma arma letal. E era óbvio que ele sabia como usá-lo.

— Eu não quero machucar você — Cole avisou, sua voz baixa e ameaçadora.

Eles trocaram olhares, nenhum dos dois dispostos a ceder. Isso deixou Rhys com raiva, ao pensar em todo o tempo em que passou se preocupando com esse jovem, apenas para descobrir que ele era um lobo em pele de cordeiro. Ainda que Cole nunca tivesse afirmado ser outra coisa, Rhys ainda se sentia traído.

— Por que não? — Ele berrou. — Eu posso ver você. Me matar não vai tornar você mais real? — Considerando a maneira como Cole se encolheu com aquele tom acusatório, foi como se Rhys tivesse dado um tapa na cara dele. E ele não se arrependeu. Chega de pegar leve. — Esta é a sua última chance. — O orbe em seu cajado estalou com energia branca.

Os olhos de Cole se estreitaram e, por um momento, Rhys pensou que ele poderia atacar. Então ele de repente saltou na direção oposta. Alarmado, Rhys disparou uma rajada de seu bastão, mas Cole se esquivou agilmente para o lado. Mais pedras voaram, espalhando uma nuvem de poeira ainda mais espessa, e Rhys cambaleou para trás, tossindo.

Quando ele se recuperou, esfregou os olhos e viu que Cole se foi. Areia descia de grandes rachaduras no teto. Ele teria que ser mais cuidadoso — a última coisa que ele queria fazer era causar um colapso aqui embaixo. No entanto, ele não desistiria. Embora Rhys detestasse a ideia de levar alguém aos templários, isso tinha que ser feito. A única maneira de provar que os assassinatos não foram cometidos por magos era ter Cole na mão e rezar para o Criador que a estranha habilidade do jovem não significasse que eles esqueceriam o que ele tinha feito cinco minutos depois.

Preparando seus nervos, Rhys correu pela nuvem e perseguiu Cole. Ele segurou seu cajado na direção dele, já canalizando mana para dentro dele. Ele não ia errar novamente.

Evangeline se sentia exausta. Se ela tivesse ficado dormindo em seus aposentos como havia planejado, então não teria descoberto a ausência do Encantador Rhys de seus aposentos. A ignorância a absolveria de qualquer responsabilidade de agir, e certamente o mago estaria de volta pela manhã sem que ninguém percebesse. Ela sabia muito bem como os magos se esgueiravam pela torre. Como ratos, eles conseguiam farejar cada canto escuro e passagem secreta onde podiam encontrar alguma privacidade. Em circunstâncias normais, ela não consideraria isso um problema.

Mas essas não eram circunstâncias normais, e ela sabia disso. Uma última verificação com a sentinela que havia colocado na área comum dos magos e então ela descansaria — foi o que disse a si mesma. O homem a princípio gaguejou e insistiu que não havia deixado seu posto, o que significava que havia sim. Ele tentou parecer desdenhoso quando mencionou a luz que viu na escada, alguém carregando uma tocha, ou assim pensou. Ela soube imediatamente o que tinha acontecido.

Depois de tantos anos vigiando seus protegidos, poderíamos imaginar que os templários estariam acostumados com a ideia de que os magos poderiam usar seus feitiços para fazer mais do que lançar relâmpagos. Evidentemente, imaginação não era algo que a ordem pudesse ensinar.

Considerando que o Encantador Rhys tinha uma facilidade com espíritos, não era difícil descobrir quem era o responsável.

Por isso, agora ela seguia o Primeiro Encantador Edmonde pelo longo lance de escadas que levava à câmara do filactério. Ele iluminou o caminho com seu cajado, embora as sombras ainda oprimissem de todos os lados. O velho mago tropeçava a cada dois degraus, parando para limpar a fadiga turvando seus olhos. Ela sentia pena, mas havia pouca alternativa.

Não demorou muito para que as escadas finalmente se abrissem para um vestíbulo. Uma única sala de pedra, contendo apenas uma enorme abóbada. A porta era um mecanismo elaborado de construção anã, uma série de círculos interligados feitos de latão e aço e outras ligas que Evangeline não conseguia nem imaginar o nome — forte o suficiente para resistir até mesmo ao mais coordenado dos ataques mágicos. A torre inteira poderia ser derrubada no chão e ela permaneceria intacta. Tudo que estava dentro seria destruído, é claro, o que a fez se perguntar por que não a colocaram no subsolo. Ela imaginou que a ordem gostava de manter os filactérios longe do alcance dos magos, como um brinquedo brilhante balançando sobre a cabeça de uma criança desesperada.

Em cada lado da porta do cofre, uma placa de vidro brilhava com um leve brilho avermelhado. Duas chaves de entrada: uma para um templário e outra para um mago. Essa era a única maneira de entrar, conforme ditado desde o princípio do Círculo.

Um guarda em armadura de templário estava na frente do cofre, sua postura tão ereta que não havia dúvida de que ele estava dormindo apenas alguns momentos antes.

— Oficial! — ele saudou astutamente. A situação merecia uma reprimenda, mas esse *era* o posto mais tedioso em toda a torre. Ali nem precisava de guarda até a rebelião de Kirkwall; o Comendador Eron decidiu que a prudência exigia isso. Normalmente, não se esperaria que a câmara fosse necessária no meio da noite. O dia de sorte do guarda, ela supôs.

— Vejo que leva o trabalho a sério — ela disse conforme se aproximava.

— Sim, Ser! — O guarda piscou com força, sua testa brilhava com o suor. Ele tinha o rosto suave de um fidalgo, um segundo ou terceiro

filho de algum canto esquecido do Império que, sem dúvida, desprezava o fato de que subir na ordem não era tão fácil quanto achou que seria.

— Saia da frente — ela bracejou para ele, irritada; ele quase ganiu conforme se apressava para sair da frente dela. Ela se virou para o Primeiro Encantador ao seu lado. — Vamos?

O mago parecia quase como se tivesse tombado de exaustão.

— Isso é realmente necessário, Ser Evangeline?

— Um dos seus está desaparecido, na noite após um atentado contra a vida da Divina. Também foi logo após o questionarmos sobre os assassinatos. Acho que isso justifica a suspeita, não é?

— Questionado, mas não acusado.

— Se você preferir, podemos acordar o Buscador-Mor Lambert e pedir sua opinião.

Os ombros do Primeiro Encantador afundaram. Soltando um suspiro trabalhoso, ele se arrastou até a placa de um lado do cofre e colocou a mão sobre ela. A luz vermelha reagiu ao seu toque, mudando e girando até ficar azul. Assentindo, ela caminhou até o outro, removendo sua luva e tocando sua mão nua nela. Ela canalizou poder através de sua pele, que formigava conforme a placa lentamente mudava para azul também.

O cofre começou a estremecer, soltando um gemido retumbante que ecoou por toda a câmara. As engrenagens giraram e os círculos metálicos que faziam parte da porta começaram a deslizar em direções diferentes. Ela observou, fascinada, enquanto cada camada se alinhava lentamente, uma por uma... até que a fechadura emitiu um ruído final e fim. Um pequeno painel no centro da porta se abriu, revelando uma maçaneta. Ela marchou, acenando para o templário embasbacado que se afastasse, e a puxou. A porta inteira se abriu com muito mais facilidade do que seu peso sugeria, fazendo tão pouco som que suas grandes dobradiças poderiam ter sido lubrificadas ontem, e não séculos atrás. Aqueles anões certamente manjavam das coisas.

A câmara sem janelas no interior era enorme. Continha seis grandes pilares que chegavam ao topo do teto, cinco ao redor das bordas da sala com o maior no centro. Cada pilar estava coberto de delicados frascos de vidro e cercado por uma escada de metal. Cada um desses frascos continha apenas algumas gotas de sangue, tiradas de cada mago quando foi introduzido no Círculo, e imbuídas de magia que fazia o sangue

brilhar. Eles faziam parecer como se os pilares estivessem cobertos de joias escuras e brilhantes, e coletivamente os frascos inundavam toda a câmara em uma palidez carmesim medonha. A cor das coisas proibidas.

Evangeline nunca gostou desta sala. Os frascos emitiam uma vibração que era mais sentida do que vista. A sensação crescia e crescia quanto mais se ficava, até quase enlouquecer. Na mente dela, os filactérios lembravam muito a magia de sangue, mas como os templários os achavam útil, permitiram. Um pouco de hipocrisia em nome do bem maior.

O Primeiro Encantador Edmonde estava ao lado dela, olhando para os pilares com evidente desgosto. Ele esfregou a testa com sua mão mirrada, e então notou que ela o observava.

— Rhys é um bom rapaz — disse, como se respondesse a uma pergunta.

— Você teria dito o mesmo de Jeannot?

— Não, embora eu duvide que você acredite em mim agora.

— Você tem razão.

Ela caminhou até o grande pilar central, tocando as escadas de metal que o contornavam para se certificar de que eram sólidas. Parecia impossível que suportariam o peso de uma pessoa até o topo, mas as escadas nem sequer tremeram sob seu peso. Ainda assim, para sua própria paz de espírito, ela a testava toda vez.

Evangeline subiu com cuidado. Notou que vários frascos tinham parado de brilhar. Normalmente, isso significava que o mago ao qual pertencia estava morto. Ela teria que se lembrar de sugerir que o Tranquilo limpasse os frascos extintos, uma tarefa que já estava muito atrasada. Mas para quem ela diria isso? O Buscador-Mor? Ela não acreditava muito que o homem estivesse interessado em assuntos simples como a administração diária da torre.

O frasco do Encantador Rhys estava quase na metade do caminho para o topo. Ela verificou a marcação rúnica sobre ele no registro para ter certeza. Passou pela cabeça dela se os arquivistas Tranquilos alguma vez estiveram errados. Eles eram desumanamente metódicos, e sua natureza passiva os tornava confiáveis, mas será que os templários confiavam demais neles? Todos eles já foram magos e, embora não abrigassem emoções, se perguntou se era possível que um Tranquilo se voltasse contra eles um dia.

O Coro sempre alegou que isso jamais poderia acontecer. Mas num tempo distante o Coro também considerara a ideia de uma rebelião de magos algo impensável.

— Então, nós magos agora estamos confinados aos nossos aposentos? — o Primeiro Encantador chamou por ela. — Tradicionalmente, sempre nos deram o controle da torre. Você não pode espremer as pessoas em uma caixa cada vez menor e esperar que elas desapareçam.

— Ou haverá uma rebelião? Como em Kirkwall? — ela impôs mais irritação em sua voz do que queria. Enquanto descia as escadas, com o frasco de sangue na mão, ela tentou manter seu temperamento sob controle. — As condições eram duras lá, nisso eu concordo com você. Considerando tudo o que aconteceu, espero que até você concorde que não é a mesma coisa.

Ele deu de ombros.

— Um ataque à Divina foi uma tolice, sem dúvida. Tudo o que peço é que nem todos paguemos pelo crime de um homem.

Evangeline chegou ao pé da escada e se virou para ele.

— Talvez o Encantador Rhys não esteja envolvido, afinal. E se ele estiver sendo esfaqueado agora para encobrir a culpa de outra pessoa? Os templários estão aqui para proteger os magos, quer você goste ou não.

— Mesmo que isso nos mate? — O homem distraidamente concedeu sua réplica imediata. — Me desculpe por isso. Está tarde. Você tem o que precisa?

— Sim.

— Então vamos embora.

Eles saíram da câmara, e Evangeline permitiu que o Primeiro Encantador seguisse seu caminho. Ele desceu a escada principal sem mais comentários enquanto o guarda calmamente fechava o cofre atrás dela. O mago estava claramente dividido entre querer fingir que nada tinha acontecido e bajular uma oficial superior. Ela planejava deixá-lo suar.

Ela ergueu o frasco filactério e o estudou. *Agora vamos ver para onde você foi*, ela pensou. Concentrando-se, canalizou um pouco de poder para dentro dele. O brilho carmesim do sangue pulsava e depois se intensificou lentamente.

Então ainda estava na torre. Isso foi um começo.

Evangeline desceu as escadas, de olho no frasco. Quanto mais baixo ela descia, mais forte o brilho se tornava. Não dizia em qual direção o Encantador Rhys estava, mas indicaria se chegasse perto — e quando ela desceu os andares onde os magos mantinham seus aposentos, ela percebeu que ele estava ainda mais baixo. Definitivamente uma passagem secreta, então, a menos que o sentinela tenha se afastado mais de seu posto do que alegara.

Ela continuou a se mover pelos corredores escuros da torre, o brilho misterioso do filactério iluminando seu caminho. O pátio interno estava vazio, sem os templários que passavam seu tempo treinando. A capela estava silenciosa, e apenas a Chama Eterna no braseiro sagrado indicava que alguma vez foi usada. Ela estava totalmente sozinha, apenas o eco de seus passos fazia companhia.

Por fim, o frasco a levou ao Poço. Nada inesperado mesmo. Se o homem estava tão perto quanto o brilho indicava e não estava nos andares dos magos, então é aqui que ele estaria.

A primeira coisa que ela fez foi ir para as masmorras. Não porque esperasse encontrar Rhys lá — como esperado, o filactério concordava com sua suposição — mas porque ela não ia começar a vagar no escuro à procura de um mago potencialmente perigoso sem contar a alguém. Seu encontro no baile a lembrou de que mesmo um mago poderia ser um oponente formidável. As masmorras eram um lugar mórbido. Uma relíquia de uma época em que esta torre não pertencia ao Coro, mas servia como a fortaleza governante do Imperador Kordillus Drakon. Foi ele quem fundou o Coro, durante uma época de grande agitação, quando cultistas estavam por toda parte e a magia devastava as terras. Ela supôs que um dia essas masmorras estiveram cheias, e as antigas câmaras de tortura foram usadas regularmente. Ela estremeceu com a ideia de que esses dispositivos poderiam ser postos em uso mais uma vez.

Poderia chegar a isso, caso os magos pressionassem. Evangeline não era tola o suficiente para imaginar o contrário, e esperava que eles também não fossem.

Os dois templários na estação de guarda da masmorra estavam jogando cartas, e ela balançou a cabeça quando eles começaram a se levantar.

— Acordada até tarde, Oficial? — Um deles perguntou.

— Estou procurando um mago desaparecido. — Ela apontou para o frasco. — Não vimos nada.

— Não creio que as masmorras seriam o primeiro destino dele — ela riu ironicamente. — Mas eu queria que vocês estivessem cientes antes de adentrar mais fundo no Poço. Nunca se sabe, né?

Os homens trocaram olhares expressivos.

— Acha que vai ter problemas?

— Quer que um de nós vá junto?

— Não. Verifique as celas. Certifique-se de que todos ainda estejam inteiros. — Evangeline se virou para ir embora, mas então parou ao perceber que o outro templário parecia nervoso. — Preocupado com algo, senhor? — Ela perguntou.

De forma suspeita, o homem se esquivou do olhar de seu colega.

— Err... tenho ouvido barulhos. Vindos de baixo, digo.

— Que tipo de barulhos?

— Apenas os de sempre — o outro insistiu.

Agora ela estava interessada. Ela cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha como se perguntasse algo para ambos.

— E o que constitui "o de sempre"? Já faz um tempo desde que tirei serviço de guarda nas masmorras. No entanto, pode ser o primeiro de muitos para certas pessoas.

— Epa, veja bem! — O templário ergueu as mãos defensivamente. — Há todo tipo de barulho em um lugar antigo como este. Você os ouve lá embaixo. As coisas se desmantelam ou algo entra pelos esgotos. Se você for atrás de cada coisa que ouvir, passará a noite toda correndo no escuro.

— Pode ser o Fantasma do Pináculo — o outro sugeriu, um pouco envergonhado.

Evangeline revirou os olhos. Ela tinha ouvido aquele boato, o tipo de bobagem dita por magos. Não esperava isso de um templário. A possibilidade de que tal "fantasma" pudesse ser um demônio, principalmente se houvesse magos do sangue na torre, tornava isso menos engraçado. Na verdade, poderia ser algo que ela teria que levar bem a sério.

Ela deixou as masmorras, agora movendo-se com urgência.

Ainda estava procurando pelo caminho para as passagens inferiores, pois desconhecia a área, quando ouviu o primeiro som estranho. Um estrondo distante, como um trovão... ou uma explosão. Ela correu mais

rápido, descendo um lance de escadas enquanto sacava sua lâmina. Então ouviu algo diferente: um estalo agudo e elétrico. Feitiços estavam sendo lançados.

O que, em nome do Criador, estava acontecendo lá embaixo? Uma batalha?

Evangeline correu pelos corredores, olhando o filactério para avaliar seu brilho. Duas vezes teve que voltar ao se encontrar com um beco sem saída e depois uma terceira vez, quando percebeu que a passagem não estava indo na direção certa. Ela xingou baixinho, meio para si mesma, por não acordar a torre inteira quando esse assunto começou, e meio para os idiotas que consideravam as entranhas de uma torre um excelente lugar para construir um labirinto. A ordem deveria ter selado essas partes do Poço séculos atrás.

Então ela entrou nas criptas dos templários e o viu. O Encantador Rhys estava ao lado de um dos sarcófagos maiores, a estátua sobre ele caíra no chão e se despedaçara em cem pedaços. Havia poeira pairando no ar, junto com o cheiro acre de fumaça. O próprio mago estava imundo, manchado de sujeira e fuligem, e aquilo era sangue em seu rosto? Seu bastão estalava com energia brilhante, pronto para o ataque.

— Pare, mago! — Gritou, brandindo sua espada. — Este é o seu único aviso!

Rhys assustou-se com a voz dela e se virou. Ela meio que esperava uma briga, mas assim que ele a reconheceu, a luz brilhante ao redor de seu bastão se desvaneceu. Rhys deu um sorriso irônico.

— Ora, olá, Ser Evangeline. O que a traz a estas bandas do Poço?

— O barulho. E um mago desaparecido.

Ele assentiu, mais seriamente dessa vez.

— Acho que não deu para evitar.

De algum jeito ele conseguia ficar bonito mesmo debaixo de sujeira. *Era por causa dos olhos*, ela pensou. Eram de uma cor marrom calorosa, gentis como os de seu pai. Alguém de feições tão agudas e de barba escura poderia parecer insensível, ou até mesmo sinistro, se possuísse outro tipo de olhos. Isso o tornava difícil de avaliar. Certamente, a maneira como ele enfrentou o Buscador-Mor dizia algo sobre sua coragem... ou sua imprudência.

Ela avançou nele.

— Se importa de me dizer o que você está fazendo?

Por um instante pensou que ele realmente poderia lhe contar. Ficou claro que ele considerava a possibilidade, franzindo a testa pensativamente. Mas então balançou a cabeça.

— Você não acreditaria em mim.

— Não acreditaria? — Ela se aproximou dele tanto quanto sua ousadia permitiu, sua espada em riste quase o tocando. Ele olhou para baixo, mas sua postura permaneceu relaxada. Não haveria batalha, então. Isso era bom. — O que espera que eu pense? O Buscador-Mor o questiona e então você se esgueira aqui pra baixo para... sei lá? Demolir a cripta? Extravasar um pouco da raiva?

— Não. Não exatamente.

— Você estava lutando com alguém. Quem?

Evangeline o observava atentamente e o pegou olhando para um canto escuro do outro lado da cripta. Ela seguiu seu olhar, mas não viu nada lá, exceto lajes de pedra, marcas de queimaduras e fumaça. Ele definitivamente estava lançando feitiços em... alguma coisa.

— Você vê algum inimigo com quem eu possa lutar? — Ele perguntou em tom evasivo. Ela fez uma pausa. Era possível que quem quer que estivesse lutando tivesse fugido. Ela passou pela única entrada, mas pelo que sabia havia uma dúzia de passagens secretas saindo daqui.

Ainda assim... algo não parecia certo.

— Não. Não vejo. — Ela abaixou sua lâmina um pouco. — Mas isso não é resposta que se dê.

O mago não disse nada, e distraidamente esfregou seu rosto. Definitivamente havia um corte no meio da sujeira, e quando ele tirou a mão, pareceu assustado ao ver o sangue.

— Bem — disse levemente, como se esta fosse uma conversa casual que eles poderiam ter nos salões da torre. — O que você vai fazer agora?

— Você não me deixa escolha. É cadeia para você, até eu entender tudo isso.

— Cadeia? Eu não sei se isso...

Evangeline não lhe deu tempo de terminar sua fala. Ela se lançou para frente, girando sua espada para que pudesse acertá-lo na parte de trás da cabeça com o punho. Ele foi pego completamente de surpresa e

caiu como um saco de batatas. Seu cajado se apagou, sobrando apenas a luz carmesim de seu frasco.

Ela ficou de pé sobre ele, mantendo sua espada pronta enquanto examinava o resto da cripta. Devia haver algo aqui, mas ela viu apenas a fumaça subindo da estátua caída e uma nuvem de poeira flutuando no ar. Todo o resto estava quieto, literalmente tão silencioso quanto a sepultura.

Pelo sopro do Criador, homem! O que você estava fazendo?

O que foi esse movimento que ela captou com o canto do olho? Apertando a espada, ela se esgueirou até o canto da cripta. Olhou cuidadosamente para os espaços entre cada sarcófago, procurou nas sombras por alguém escondido.

Nada.

Ela estremeceu. Havia muitas estátuas aqui, de homens mortos há tanto tempo que seus nomes haviam desaparecido até mesmo de seus epitáfios. E havia muita conversa sobre fantasmas. Aquilo deixara seu estômago embrulhado, e ela odiava isso. Ela não podia lutar contra o medo.

Evangeline voltou para o inconsciente Encantador Rhys. Embainhando sua espada, ela o jogou com dificuldade por cima do ombro e partiu. Quando ela saiu, os cabelos de sua nuca se arrepiaram.

Ela não conseguia fugir da sensação de que estava sendo observada.

5

RHYS ACORDOU NO ESCURO, sem saber onde estava. Primeiro houve uma agonia, uma dor latejante que ameaçava partir sua cabeça em duas. Então veio o pânico, até se lembrar das ameaças de Ser Evangeline. Suas mãos estavam algemadas. Suas narinas cheias do odor de suor. Ele estava na masmorra da torre, sem ao menos um cobertor para mantê-lo aquecido. Ele ficou deitado lá pelo que podia ter sido várias horas, tremendo e quase vomitando de náusea. Um sono inquieto ia e vinha. Quando Ser Evangeline finalmente apareceu, ele estava meio delirante. Até onde sabia, podia ter ficado lá embaixo por semanas. Ele se assustou quando ela concisamente o informou que não tinha se passado mais do que um dia.

Perguntas surgiram. O que Rhys tem feito nos andares de baixo? Como havia chegado lá? Quem eram seus cúmplices? Todas, elaborações do que ela tinha perguntado na cripta, só que agora era sua última chance de responder. Ele ficou em silêncio; a hora de responder essas perguntas tinha passado. Mesmo que pensasse haver qualquer chance dos templários acreditarem na verdade, o que ele não achava ser o caso, uma história tão estranha agora só pareceria um ardil para salvar sua pele.

E era óbvio o que ela estava querendo: uma confissão de que ele tinha ido à cripta para se encontrar com conspiradores Libertários. Ele quase perguntou a ela que conspiradores poderiam ser — havia outros magos

desaparecidos de seus quartos naquela noite? Talvez ela pensasse que ele estava em conluio com os templários.

Houve um pensamento arrepiante. Se ao menos houvesse uma mentira que pudesse inventar para que ela aceitasse.

Por fim, ela balançou a cabeça com nojo e saiu. A princípio, ele quase implorou por água. Mas para quê? Morrer de sede provavelmente seria uma benção em comparação com o que tinham reservado para ele.

Então não havia mais nada a fazer a não ser esperar o inevitável. O tempo passou lentamente no escuro. A dor em sua cabeça eventualmente desapareceu, substituída por uma nova em seu estômago. Ele se irritou com as algemas e lutou para encontrar uma posição confortável no chão de pedra. Às vezes ele dormia, mas não sonhava. Outras vezes, ficava ali deitado, sozinho com seus pensamentos amargos.

Cole viria buscá-lo? Lá estava ele, alguém que podia vê-lo, agora amarrado e indefeso. Os templários iriam supor que sua morte foi um plano de magos tentando acobertar seus nomes. Será que Cole sabia que as algemas impediam Rhys de lançar feitiços direito? Talvez ele seja capaz de invocar um espírito, talvez possa até mesmo abrir a porta. Mas e aí? A única saída era passar por um salão vigiado cheio de armadilhas antigas que poderiam empalá-lo num instante.

Cada vez que Rhys abria os olhos esperava ver Cole agachado na cela, o olhando com seus olhos tristes e pávidos. Houve momentos em que Rhys tinha certeza de que reagiria com pavor. Em outros ele não sentia nada além de raiva, e desejava gritar com o jovem por colocá-lo nessa confusão. *Eu gostaria de nunca tê-lo visto*, ele queria dizer. Então, nos momentos mais sombrios, quando estava ali deitado, faminto e com sede, se perguntava se ele não ficaria feliz. Um rosto amigável, vindo para salvá-lo de um destino pior que a morte.

Após esses momentos, ele chorava e tentava banir tais pensamentos de sua cabeça.

O inteligente a se fazer teria sido ir embora quando Cole se recusou a ir com ele até os templários. Bastava voltar a subir as escadas e esperar pelo melhor. Mas e se Cole matasse de novo? Os templários teriam seus temores confirmados e todos na torre sofreriam.

Na verdade, isso ainda pode acontecer. É apenas uma questão de tempo. O que quer que fizessem com ele, uma hora Adrian seria a próxima… e

qualquer outro mago na torre que se tornasse um suspeito. Talvez ele *devesse* dizer a verdade. Se eles iam matá-lo de qualquer forma, o que tinha a perder?

Mas talvez eles não o matassem. Eles poderiam transformá-lo em um Tranquilo. Como seria passar pela vida sem se importar com nada? Estar seguro e contente, sabendo o que foi feito com você, mas nunca se importando? Ele contaria a eles sobre Cole? Confessar tudo o que sabia sem se preocupar com o que poderiam fazer com essa informação?

Como ousam. Nenhuma prova. Nenhum julgamento. Apenas suspeitas e encontrá-lo no lugar errado na hora errada, e isso foi o suficiente para apagá-lo de toda a existência? Tudo porque temiam o que ele poderia ser capaz?

O desafio aqueceu um pouco seu coração; naquela cela fria, era uma espécie de conforto. Deixe que venham. Deixe o Cole vir. Ele evocaria toda magia que pudesse e lutaria, que se danem as consequências.

Quando a porta se abriu novamente, ele se sentiu pronto. Estava à espreita, uma semente de magia, que ele meticulosamente havia juntado, dormia no fundo de seu coração e estava pronta para explodir.

— Encantador Rhys — disse o templário à porta. A voz do homem soava a tédio, e ele jogou uma pequena pilha de panos dobrados. — Vista-se. Eu vou levar você para o banho.

Rhys não tinha certeza do que aquilo significava.

— Banho?

— Você está sendo liberado.

— Faz quanto tempo?

— Desde que você foi colocado aqui? Quatro dias. Agora apresse-se.

O homem girou nos calcanhares e saiu, a porta ficou aberta. Rhys piscou várias vezes, sem acreditar muito. Quatro dias? Pareceu uma semana, se não mais, embora que sem comida ou água ele provavelmente já teria morrido. Ele tentou segurar sua raiva, mas ela se esvaiu como areia por entre seus dedos. Por alguma razão, eles o estavam deixando sair.

Ele trocou seu manto sujo de terra pelo novo e saiu para o corredor. Ouviu homens conversando e até rindo no posto de guarda, então caminhou em direção a eles. Foi, sem dúvida, o passeio mais surreal de sua vida. Havia três templários na sala, bebendo taças de vinho, e eles olharam para ele como se nada fosse.

— Tem água na mesa — disse o guarda que o soltou. — Comida também.

Rhys olhou para onde o homem apontou e viu uma caneca de estanho junto com uma tigela de ensopado. O cheiro da carne o atraiu para mais perto, e antes que percebesse, já estava caindo de boca na refeição com gosto. Estava fria, praticamente congelada, mas ele não se importou. Ele a enfiou na boca tão rápido que quase engasgou, mas, ainda assim, era a melhor refeição que já tinha visto. A água desceu por sua garganta como ambrosia.

E então ele tombou, seu estômago protestava violentamente. Ajoelhado no chão, ele agarrou suas entranhas enquanto os homens riam. Enfim a dor passou e o guarda o puxou pelo ombro.

— Vamos — o homem riu, meio simpático.

Não demorou muito para que Rhys se encontrasse em uma pequena sala em outro lugar da torre com a luz do sol entrando pela janela. Seus olhos doíam, e tudo o que pôde fazer foi piscar até passar a dor e se perguntar o que estava fazendo ali. Pela porta, ele podia ouvir água sendo despejada em uma banheira e sentir o cheiro dos sais de banho. Uma sensação de mau agouro tomou conta dele. Sentia-se como um cordeiro sendo preparado para o abate.

Momentos depois, uma jovem elfa entrou. Ela usava uma túnica cinza comum, e ele imediatamente notou a pálida marca do sol em sua testa. Era uma Tranquila.

— Se estiver preparado — ela disse em uma voz monótona — a água está pronta.

Ela estendeu a mão esguia, mas ele não a pegou.

— Dói? — Ele perguntou.

— A água não fará mal a você.

— Não, o... — Rhys gesticulou para a marca. Talvez fosse uma pergunta pessoal, mas então ele se lembrou de que um Tranquilo não conseguia se ofender. Mesmo assim, parecia desculpa esfarrapada. Considerando que esteve perto de Tranquilos por toda sua vida na torre, já que eles desempenhavam todas as funções domésticas e administrativas, ele devia se sentir mais confortável na presença deles. Porém, ele nunca se sentia assim, e nem a maioria dos seus colegas magos. Na maioria das

vezes, eles tentavam fingir que os Tranquilos faziam parte do pano de fundo, e que não tinham outrora sido como eles.

A elfa piscou e inclinou a cabeça num gesto que poderia ser de incerteza. Ele realmente não conseguia distinguir. — O Ritual da Tranquilidade — ela declarou. — Não tenho permissão para falar sobre isso. Você sabe.

— Se eu vou me tornar como você, quero saber.

— Eu não estou preparando você para o Ritual. Você deve ser levado a uma reunião de magos no grande salão. Ela se virou e caminhou até o outro quarto, e ele a seguiu, letárgico. — O Buscador-Mor pediu que estivesse de banho tomado, então estou aqui para auxiliá-lo com isso.

Com certeza, a outra sala continha várias tinas de latão, uma das quais estava agora cheia de água fumegante. Ele nunca tinha visto o lugar antes, então imaginou que deveria ser nos aposentos dos templários. Que bizarro. Ele se virou para a elfa, atordoado.

— Eu estou livre? Assim, do nada? — Ele perguntou.

— Não tenho informações para oferecer sobre isso.

Ele hesitou apenas um pouquinho antes de tirar o manto e entrar na água. Recato era outra coisa que não tinha utilidade para os Tranquilos. Ela o observou com olhos vãos e entregou-lhe uma toalha assim que ficou imerso. Ele murmurou obrigado, tentando não olhar para a testa dela, e ela caminhou em direção à porta. Ela parou e se virou para olhá-lo.

— Se eu senti dor — disse suavemente — isso agora não significa nada para mim. Antes eu conhecia apenas o medo, mas agora conheço apenas a labuta. Qualquer que fosse a dor que havia, eu creio que foi uma troca aceitável.

A Tranquila foi embora. Embora Rhys estivesse sentado na água quase escaldante, sentiu um calafrio percorrer seu coração.

Uma hora depois, estava no grande salão. A enorme câmara ficava em uma estrutura não dentro do Pináculo Branco, mas sim presa ao seu andar mais baixo. Serviu como entrada principal da torre; por aqui reis e rainhas foram trazidos perante o homem que mais tarde se tornou o primeiro imperador de Orlais. O trono havia sido removido há muito tempo, é claro, mas os arcos palacianos e os vitrais serviam como uma lembrança daquele passado glorioso. Hoje era um sinal do poder da ordem dos templários, e nas raras ocasiões em que os magos foram autorizados a se reunir aqui, aquele lugar fazia questão de os lembrar disso.

O salão em si era incrivelmente longo, o chão feito de mármore brilhante em um padrão xadrez preto e cinza. Em ambos os lados havia fileiras de cadeiras, mas todas estavam vazias no momento. Em vez disso, todos se aglomeravam no meio da sala, juntando-se em grupos e conversando animadamente. Pelo que Rhys pôde ver, havia várias centenas de magos aqui, até aprendizes mais jovens. Todo o destacamento do Círculo dos Magos da torre.

Ele parou na entrada, olhando com espanto. Não haveria outra assembleia por, pelo menos, um mês, e com o ataque à Divina ele achou que os templários proibiriam até isso.

Então, viu um monte familiar de cachos ruivos quando Adrian foi direto para ele da multidão.

— Eles deixaram você sair da masmorra? — Ela perguntou conforme se aproximava. — Isso é surpreendente.

Ele sorriu para ela.

— Minha personalidade brilhante os conquistou.

— Ah, aposto que sim.

Rhys gesticulou para os outros magos, alguns dos quais estavam olhando sorrateiramente em sua direção.

— Então, isso é interessante. Quer me contar por que todo o Círculo está aqui?

— Eu pensei que *você* soubesse. É um mistério.

— Ah, eu gosto de mistérios! Um comunicado, talvez?

— Foi o que pensei. O Buscador-Mor deseja falar conosco, talvez? — Ela deu um sorriso besta. — Ou nos reunir em um só lugar. Dá menos trabalho para os templários nos massacrarem desse jeito.

— A eficiência deles é algo a se admirar.

Adrian riu sem graça, então pôs o braço dele no dela e o levou para o corredor. Seus passos ecoaram alto no mármore, atraindo olhares curiosos dos presentes. Ela parecia não perceber, mas Rhys estava um pouco desconfortável. Os outros achavam que ele era o responsável pelo que estava acontecendo? Quanto lhes foi dito? Evidentemente lendo seus pensamentos, Adrian se inclinou para perto enquanto caminhavam.

— Você tem sido o assunto da torre. O Primeiro Encantador disse que você tinha desaparecido, e só. Os templários se recusaram a nos dizer qualquer coisa.

— Então como você sabia que eu estava na masmorra?

— Nós criamos um tumulto, é claro, e eu liderei o ataque. Havia um grupo inteiro de nós encarando os templários. Eles estavam com suas espadas à mostra e tudo. Você perdeu.

— Tudo isso para mim? Que emocionante.

— Eu não ia deixar você desaparecer, só para reaparecer como um Tranquilo em algumas semanas. Não sem provas de que fez alguma coisa. — Adrian fechou a cara, com um olhar que ela normalmente reservava sempre que fazia um elogio relutante a alguém. — O Primeiro Encantador Edmonde nos apoiou. Ele estava lá com todos os feiticeiros seniores, exigindo falar com o Buscador-Mor.

Rhys apenas assentiu, meio que sem palavras. Ele podia brincar o quanto quisesse, mas a ideia de que os outros magos o defenderiam mesmo pondo em risco suas próprias peles era formidável. Teria feito o mesmo em seus lugares? Gostava de pensar que sim.

— Então o que aconteceu? — Ele finalmente perguntou.

— Ser Evangeline apareceu. — Adrian revirou os olhos para aquele nome. Ela nunca conseguia manter o que achava dos outros em segredo, muito menos de templários. — Ela ordenou que seus homens se afastassem e nos disse que você escapou do seu quarto no meio da noite. Desceu ao Poço, talvez até tenha entrado em algum tipo de batalha. — Ela fez uma pausa quando chegaram ao centro do salão, olhando para Rhys com curiosidade cautelosa. — Não... não é verdade, é?

Ah, então lá vinha. Ele notou que havia alguns outros por perto que pararam no meio de suas conversas, fingindo não ouvir, embora claramente estivessem. Adrian estava morrendo de vontade de saber a verdade. Todos estavam. — É verdade — admitiu.

— Qual parte?

— Eu desci ao Poço — disse cuidadosamente. — Eu precisava encontrar alguém. Eu fui pego, e foi isso.

— Você precisava encontrar *alguém*.

— Sim.

Os olhos dela brilharam com aborrecimento.

— Tá certo. Então não me conta. — Adrian o puxou para frente de novo, seriamente silenciosa.

Rhys não podia culpá-la por estar com raiva. Se alguém acreditaria nele sobre Cole, seria ela, mas e depois? Ela ficaria determinada a fazer alguma coisa, mesmo que não tivesse ideia do quê. Por mais que ele desejasse ser capaz de falar sobre isso, envolver Adrian em sua bagunça só pioraria as coisas para ela e todos os outros.

Ele olhou ao redor, esperando encontrar o Primeiro Encantador na multidão. Ele sentiu que deveria ir agradecer o homem, ou, pelo menos, pedir desculpas por causar-lhe tantos problemas. O objetivo por trás da busca por Cole, afinal, era poupar o Círculo do sofrimento — não causar mais. Mas ele não conseguia achar o homem em lugar algum.

Finalmente Adrian chegou ao seu destino: um pequeno grupo de feiticeiros seniores, todos os quais Rhys reconheceu. Membros da fraternidade libertária da torre — exceto Jeannot, é claro. Um deles, um elfo com longos cabelos negros e os estranhos olhos alienígenas típicos de sua espécie, assentiu com a cabeça quando eles se aproximaram. Garys tinha sido o líder não oficial da fraternidade antes de Adrian efetivamente suplantá-lo — não por meio de algum golpe, é claro, mas em virtude do fato de que ela não poderia não ser a líder e ainda assim ter as coisas feitas do jeito dela.

Consequentemente, Garys pouco se lixava para eles. Rhys retribuía o sentimento; Garys foi uma das razões pelas quais ele nunca se associou muito com os Libertários do Pináculo Branco, exceto por meio de Adrian.

— É bom ter você de volta — disse o elfo. A fala não pareceu sincera.

— Ah, eu ia ficar mais um pouco na cadeia, mas quem poderia perder uma coisa dessas? Uma assembleia, tão cedo? Emocionante! — Ele riu por dentro quando a mandíbula do elfo se apertou em irritação.

Adrian cruzou os braços, franzindo a testa severamente.

— Parece que Ser Evangeline estava dizendo a verdade. Ele escapou de seus aposentos naquela noite, assim como ela disse.

Garys ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Mais tolos somos nós por defender você, então. O que deu em você para fazer uma coisa dessas? E por que eles o deixariam sair depois disso? — Seus olhos se estreitaram, desconfiados. — O que você disse a eles, exatamente?

— Ele não disse *nada* a eles — Adrian insistiu. Então ela olhou para Rhys, repentinamente incerta. — Você não disse nada a eles, não é?

— Eu não sei de nada.

— Isso não impediria você de inventar alguma coisa — Garys rosnou. Rhys deu de ombros.

— Eu não dei aos templários uma razão para culpar os Libertários, se é isso que você está perguntando.

O elfo não parecia convencido, mas Adrian descartou a ideia.

— Isso não importa. Estamos juntos agora e precisamos conversar sobre qual é o nosso próximo passo. Se relaxarmos e não fizermos nada, eles acabarão colocando a culpa do ataque à Divina na gente. Você sabe que eles vão.

— Isso depende — disse Garys. Ele se virou para Rhys. — Os Libertários ficaram do seu lado, e talvez tenha sido isso que o tirou da cadeia. O que eu quero saber é se você vai retribuir o favor? Você nunca realmente fez parte da fraternidade, eu sei disso, mas vai ficar do nosso lado agora?

Havia um tom na voz do elfo que fez Rhys parar. Ele olhou ao redor e notou apenas outros Libertários por perto. A fraternidade estava planejando algo, talvez algo sério. Ou eles queriam sua ajuda, ou queriam testá-lo. De qualquer forma, era uma conversa perigosa, principalmente no meio do grande salão.

Isso também fez Rhys pensar. Eles *estavam* envolvidos no atentado à Divina e não contaram? Adrian fazia parte disso? Parecia improvável, já que ela era terrível para guardar segredos, mas mesmo assim...

Adrian o olhou esperançosa, assim como os outros.

— E aí? — Ela perguntou.

Felizmente, o destino interveio antes que ele pudesse dizer alguma coisa. O barulho da conversa no corredor aumentou de repente. Os magos moveram-se para os assentos de cada lado da câmara, seus passos um estrondo de ecos altos que tornava difícil falar. Rhys viu um dos Tranquilos circulando entre os grupos, pedindo calmamente a todos que desobstruíssem o salão.

— Parece que nosso tempo acabou — Garys murmurou.

— Podemos conversar mais tarde — disse Adrian. — Desde que esta não seja a maneira do Buscador-Mor nos dizer quais novos privilégios estão sendo revogados, e que devemos ficar trancados em nossos quartos. — Ela caminhou rapidamente em direção a um par de assentos livres

(na primeira fila, é claro) e acenou para que Rhys a seguisse. Ele o fez, deixando Garys de cara feia com os outros Libertários.

Não demorou muito para que um silêncio repentino surgisse. O Primeiro Encantador Edmonde apareceu. Ele usava vestes cerimoniais: brocado preto grosso com uma borda dourada, bem como um manto de pele branca que parecia pesado o suficiente para levá-lo ao chão. O homem se agarrava ao cajado, cada batida ressoando alto no mármore. Conforme todos se calavam, as batidas se tornaram o único som na câmara. Até o Primeiro Encantador chegar ao centro do salão, ele já tinha a atenção de todos.

Ele olhou em volta e a princípio não disse nada. O cansaço em sua postura era tão evidente quanto fora mostrado no escritório do Comendador.

— Estou feliz — ele começou, sua voz quase inaudível — que todos vocês tenham vindo para esta assembleia, e que estejam bem. Estamos em tempos perigosos, meus amigos, e eu não gostaria de nos ver provocando mais conflito. Nossos dons podem fazer coisas muito boas, se apenas nos permitirmos...

Ele divagou em silêncio, fechando os olhos. Ninguém ousava falar, e os únicos sons em todo o salão eram algumas tosses desconfortáveis. Quando o homem abriu os olhos novamente, ele levantou a mão e assentiu.

— Eu sei, eu sei. Estou velho, e agora vejo que sou o líder de vocês e tenho tão pouco a dizer. Se eu pudesse, faria melhor. — Ele se virou para as portas. — Há, no entanto, alguém que pode ter as palavras que eu não tenho.

Todos os olhos se voltaram para as portas. Uma senhora entrou, mas, em contraste com o Primeiro Encantador que estava desgastado pela sua idade, conduzia a dela com orgulho. Ela usava uma túnica de seda azul e um manto branco régio que se espalhava pelo chão atrás de si. Seu cabelo grisalho estava preso em um coque matronal, mas era fácil ver que ela tinha sido uma mulher bonita. Hoje ela até poderia ser chamada de bonita, pois seu rosto exibia a maturidade cautelosa de quem está acostumada ao poder.

Esta mulher não precisava de apresentação, pois todos os magos no salão a conheciam: Wynne, arquimaga e heroína do Flagelo em Ferelden nove anos atrás. Apesar disso, não foi recebida como heroína

por lá. Houve um punhado de aplausos educados, mas a maioria da multidão ficou chocada e em silêncio. Afinal, foi ela quem levou o Colégio dos Encantadores a votar contra sua independência do Coro antes de ser fechado. E havia muitos aqui que acreditavam que isso a tornava uma traidora.

Rhys resmungou para si. De todas as pessoas que ele esperava ver passar por aquela porta, ela era a última. Ele preferia que fosse o Buscador-Mor. Qualquer um menos ela.

— Dá para acreditar nisso? — Adrian sibilou em seu ouvido.

— Não. Não mesmo.

Wynne ignorou a tensão no corredor, em vez disso, assentiu educadamente para o Primeiro Encantador conforme ele se retirava. Seu olhar frio varreu a plateia, avaliando-a, ou talvez silenciosamente desafiando aqueles que ressentiam de sua aparição para falar. Ninguém discordou. Rhys achou que os olhos dela se demoraram nele, e fez o possível para não encará-los de volta. Então ela ergueu o cajado branco bem alto sobre a cabeça. Com um clarão ofuscante, um arco de relâmpago disparou em direção ao teto abobadado. Foi seguido por um trovão que reverberou por toda a câmara, sacudindo os vitrais.

A plateia engasgou, e muitos jogaram as mãos sobre suas cabeças achando que o telhado ia desabar sobre eles. Nada aconteceu. Wynne abaixou seu cajado, fitando aqueles sentados com uma expressão severa.

— Esse é o nosso poder — ela proferiu. — Podemos liberar uma grande força destrutiva, ou podemos controlá-la. É uma escolha que devemos fazer com sabedoria, pois esse poder pode trazer grande sofrimento aos outros.

Ela fez uma pausa, erguendo a mão livre. Seus dedos se moveram em um padrão elaborado conforme lançava um feitiço, e lentamente um espírito começou a se manifestar. Tinha uma forma vagamente humanoide, como se fosse feita de fios de luz diáfanos. O espírito pairou no ar ao lado dela, confuso, e Wynne estendeu a mão para ele. Seus dedos passaram por sua forma, deixando ondulações em seu rastro. Sua expressão era terna, quase maternal.

— E então há momentos em que essa escolha é tirada de nós. — Ela acenou com a mão e o espírito desapareceu com um brilho. — Existem espíritos muito menos benignos do que aquele, e se eles forçarem um

caminho até suas mentes, vocês se tornarão criaturas do caos. — Ela deu alguns passos em direção ao lado dos aprendizes no salão, olhando diretamente para um menino que não devia ter mais que doze anos. O rapazinho se afastou inquieto. — Mesmo o mais inocente entre nós pode se tornar um terror, e não há como saber quem vai cair.

Tristeza cruzou seu rosto, e ela se virou. Encarando o resto da plateia novamente, seu tom suavizou.

— Se vos digo coisas que já sabem, é porque nos esquecemos o quanto somos notáveis. Esquecemos os motivos que os outros têm para nos temer, e quão bons eles são. Vemos apenas as duras restrições impostas a nós, e elas parecem realmente muito injustas.

Rhys ouviu o sussurrar de cochichos raivosos ao seu redor. Ao seu lado, Adrian estava pálida. Ele podia sentir o ranger de seus dentes enquanto ela se impedia de explodir. Ele sentiu seu próprio temperamento se agitando também, por mais que tentasse suprimi-lo.

— Qual é a nossa alternativa? — Wynne continuou. Ela esperou por uma resposta, mas nenhuma veio. — Devemos pedir para cuidar de nós mesmos, sem a ajuda do Coro? Pedir ao povo de Thedas que confie em nós para não repetirmos os erros dos magistrados de Tevinter, erros que levaram o mundo à beira da destruição mais de uma vez?

Agora, ela segurava seu cajado branco à sua frente, e uma aura de fogo brilhou ao ganhar vida em torno dela.

— Ou vamos lutar? — A aura se intensificou até brilhar tão intensamente que Rhys foi forçado a desviar o olhar. Outros fizeram o mesmo. — Nós nos levantamos contra nossos opressores e mostramos a eles seu erro ao nos subestimar! — A luz apagou de repente, e com isso o salão ficou mortalmente silencioso. — Para quê? — Ela sussurrou. — Mesmo se pudéssemos matar todos eles, não mudaria nada.

— Eu aconselho paciência, assim como fiz há um ano no Colégio de Encantadores. Sim, as coisas devem mudar... Mas se não nos mostramos dispostos a nos curvar, como podemos esperar que aqueles que nos temem façam o mesmo?

— Paciência! — Uma nova voz gritou, os ecos ecoando por todo o salão. Rhys ficou surpreso ao descobrir que era a dele. Estava de pé, punhos cerrados ao lado do corpo, e agora uma centena de túnicas

farfalhavam enquanto todos os olhos se voltavam para ele. Da mesma forma, Wynne também o olhou com uma curiosa elevação de sua testa.

— Você tem algo a acrescentar, Encantador? — Ela perguntou.

Ele estava cansado de fingimento. Esta mulher dando-lhes um sermão como se devessem ser gratos pelo tratamento que recebiam... isso o encheu de raiva. Mesmo assim, ele não tinha planejado falar. Esta foi a segunda vez que ele deixou seu temperamento tomar conta dele: uma vez com o Buscador-Mor e agora isso. Se fosse esperto, ele resmungaria desculpas e se sentaria novamente.

Por outro lado. Isso significaria ceder.

— Eu tenho — finalmente disse. Adrian olhou para ele em choque, mas também em êxtase. Afinal, era ela que tinha fama de encrenqueira. Apertando os dentes, ele prosseguiu. — Quem é você para falar em paciência? Você tem mais liberdades do que qualquer um de nós. Você não está trancada em uma torre, encurralada em seus aposentos à noite como uma criança. Ninguém está a ameaçando com o Ritual da Tranquilidade por sair da linha. É fácil ser *paciente* quando você não passou pelo que passamos no ano passado!

Houve alguns aplausos, principalmente de Adrian e dos outros Libertários, mas ele também ouviu oposição. Várias vozes se levantaram em reclamação, enquanto outras discutiam; o nível geral de ruído começou a aumentar. Wynne ergueu a mão e lentamente a conversa se acalmou.

— Eu tenho liberdades — ela admitiu. — Elas foram conquistadas por meio de anos de serviço e como recompensa por minha participação na derrota das crias das trevas. Trabalhei para ganhar a confiança do Coro. Não esperei que caíssem do céu.

— E o que fizemos para nos negarem essa confiança, aqueles que passaram a vida inteira fazendo tudo o que nos era pedido? Por que todos nós somos responsabilizados pelos erros de alguns?

Os aplausos foram mais altos dessa vez. O Primeiro Encantador surgiu, aproximando-se de Wynne com um olhar preocupado, mas ela balançou a cabeça. — O que você quer que façam? — ela perguntou a Rhys, falando por cima da falação geral. — Discutir sobre procedimentos enquanto a torre cai ao redor deles? Estamos todos no mesmo barco, jovem, e cabe a todos remar, para que a corrente não nos leve embora.

Rhys ia responder, mas um olhar de advertência do Primeiro Encantador o fez mudar de ideia. De todo jeito, não importava. Magos dos dois lados do salão pularam de suas cadeiras, vaiando ou gritando com raiva. Outros aplaudiam com determinação Wynne ou discutiam com seus detratores. A câmara inteira estava em erupção em uma cacofonia de ruídos.

Wynne encarou a reação com um ar de resignação. O Primeiro Encantador Edmonde sussurrou algo em seu ouvido. Seja lá o que ele pediu, ela relutantemente concordou e virou-se para sair. Todos estavam tão envolvidos em suas discussões que mal notaram sua partida.

Ao lado de Rhys, Adrian se levantou. Ela não estava participando das discussões e, em vez disso, perplexa maravilhava-se com tudo aquilo.

— Nada mal — ela comentou. — Eu não poderia ter feito melhor sozinha.

— Sim, bem, aparentemente minha boca tem vontade própria.

— Eu gosto da sua boca. Ela devia falar mais por você. — Rhys assistiu em desgosto quando dois magos começaram a se empurrar nas proximidades. Um era Libertário, enquanto o outro fazia parte da fraternidade Legalista, "apologistas do Coro", como alguns gostavam de chamá-los, pois defendiam a obediência ao Coro e se opunham amargamente a todas as tentativas de independência. Ele estremeceu quando os homens começaram a derrubar cadeiras, atraindo outros para a briga.

— Bem, não olhe agora, mas a diversão está prestes a acabar. — Adrian apontou para as portas principais, e ele olhou bem a tempo de ver os templários entrarem. Havia, pelo menos, uma dúzia, armados com espada, já gritando a plenos pulmões para que todos voltassem aos seus aposentos.

Os aprendizes mais jovens, a maioria dos quais observara a balbúrdia de olhos arregalados, imediatamente se apressaram em obedecer. Os outros demoraram mais para obedecer, então os templários começaram a andar pela multidão para reforçar a ordem. Eles agarravam quem estava mais próximo, puxando rudemente para o saguão do andar. Isso provocou caos generalizado; os magos começaram a abandonar a área dos assentos todos de uma vez, alguns fugindo, enquanto outros abordavam os templários com raiva em defesa de seus companheiros.

O tempo parecia prestes a fechar no recinto. Rhys prendeu a respiração, meio que esperando que alguém lançasse um feitiço — uma única faísca de chama, até mesmo um bastão apontado na direção errada, e isso seria o fim de tudo. Os templários seriam forçados a agir, e haveria um banho de sangue.

Mas isso não aconteceu. Com uma lentidão excruciante, a ordem foi restaurada. Rhys permaneceu onde estava com um punhado de encantadores seniores, todos eles observando consternados os procedimentos. Adrian balançou a cabeça.

— Vamos embora, antes que os templários nos arrastem para fora também?

Ele assentiu. Mais deles estavam chegando, e os magos estavam se permitindo serem levados para fora. Os gritos deram lugar a um silêncio carrancudo, marcado apenas pelo ruído de passos no mármore. Enquanto Rhys e Adrian passavam pela multidão densa parada nas portas, eles foram interceptados por um velho Tranquilo em vestes cinza.

— Encantador Rhys? — O homem perguntou.

— Sou eu.

— O Buscador-Mor requisitou sua presença em seu escritório. Vou levá-lo até lá imediatamente.

Rhys trocou olhares cautelosos com Adrian. Aquilo foi rápido. Considerando que ele não esperava ser liberado da cela, ser jogado de volta (ou coisa pior) não era exatamente um prognóstico chocante.

— Eu vou com você — Adrian prometeu. Ele percebeu pelo tom dela que aquilo não era negociável.

— Você quem sabe.

A longa caminhada de volta ao escritório do Comendador, ou melhor, o escritório do Buscador-Mor, parecia mais uma marcha para a morte. À medida que subiam para os níveis superiores, tudo ficou quieto, como se uma mortalha tivesse coberto toda a torre. A tensão era palpável. Nenhum dos templários pelos quais passaram disse uma palavra, e o Tranquilo se contentou em mostrar o caminho em silêncio.

Rhys se inclinou para sussurrar algo para Adrian enquanto caminhavam.

— Se eles decidirem me punir, quero que você prometa que não tentará impedi-los.

— Você está louco? Claro que eu vou.

— E dar a eles uma desculpa para puni-la também? Você não pode me ajudar, Adrian, e não pode ajudar o resto dos magos de dentro das masmorras.

Ela franziu a testa, mas não disse nada, e evitou os olhares persistentes dele que seguiram.

Não demorou muito até estarem no saguão do escritório mais uma vez. Duas vezes em uma única semana, isso devia ser um recorde. A grande janela estava aberta desta vez, deixando entrar uma brisa misturada com cheiros azedos da cidade abaixo. Também deixava entrar o frio do fim de outono, fazendo Rhys estremecer.

Dois templários estavam em posição de sentido do lado de fora da porta do escritório, tão rígidos em seu estado de alerta que quase se podia sentir o cheiro do medo vindo deles. Medo do Buscador-Mor, presumiu Rhys. Eles mal reconheceram o Tranquilo, que se curvou e caminhou de volta com graça sem dizer uma palavra.

— Estão esperando você, Encantador... sozinho — disse um deles, e franziu a testa para Adrian. Dava pra ver uma névoa fina saindo de sua respiração.

— Eu não vou a lugar nenhum — ela rosnou.

O homem hesitou e depois deu de ombros. Obviamente ele preferia que os magos sofressem com o aborrecimento do Buscador-Mor do que se arriscar, então abriu a porta e saiu da frente.

Eles entraram. Como antes, o Buscador-Mor Lambert estava sentado atrás da mesa com Ser Evangeline ao seu lado. Na cadeira em frente a ele, no entanto, sentou-se Wynne. A senhora levantou-se imediatamente. Seu olhar era frio e calculista.

— Olá, Rhys — ela disse calmamente.

É claro que ela estaria aqui. Não era surpresa para ele.

— Olá, mãe — disse.

Se as sobrancelhas de Adrian subissem mais teriam ido parar no topo de sua cabeça.

O Buscador-Mor pigarreou, lançando um olhar de desaprovação para Rhys.

— Fui informado que você causou uma grande comoção no recinto.

— É por isso que estou aqui, não?

— Não. A Encantadora Wynne solicitou sua presença após o fim da assembleia. Por que achou que foi permitido sair de sua cela? — Rhys ficou surpreso com isso. Agora tudo fazia sentido. O homem olhou para Adrian e franziu a testa. —Ela, no entanto, não solicitou a presença de mais ninguém.

— Eu me convidei — disse em desafio.

— Não tem problema — interrompeu Wynne antes que o Buscador-Mor pudesse responder.

Ele se recostou na cadeira, apertando a mandíbula em uma fúria silenciosa.

— Faça o que veio fazer — disse ele entre dentes cerrados.

Wynne assentiu, satisfeita, e voltou-se para Rhys mais uma vez.

— Receio que não haja lugar para vocês se sentarem — ela começou e procurou ao redor da sala como se esperasse que cadeiras se materializassem de repente.

— Eu fico em pé — disse ele. — Para que tudo isso?

— Preciso da sua ajuda.

— Minha ajuda? — Rhys olhou para o Buscador-Mor, e então para Ser Evangeline, mas suas expressões pétreas não ofereceram esclarecimentos. — Para que você precisaria da minha ajuda? E por que eu a ajudaria?

— Você prefere voltar para as masmorras? — O Buscador-Mor intrometeu-se.

Rhys não respondeu. Por dentro, ficou irritado com a ameaça.

Wynne apenas assentiu, como se sua resposta não fosse surpresa.

— Um velho amigo meu foi transformado em uma abominação — ela começou. — Eu planejo um resgate, e isso significa entrar no Turvo para tirar o controle do demônio que o possuiu. É uma tarefa difícil, e não posso fazê-la sozinha. Vou precisar que você venha comigo para me ajudar a realizar o ritual.

O Buscador-Mor soltou um grunhido raivoso e deu um soco na mesa.

— Você não disse *nada* sobre tirar o Encantador Rhys da torre!

— Nem precisava dizê-lo, até agora.

— Você se esqueceu do ataque à Divina? Este homem está envolvido e não posso permitir que vá embora. Não mesmo.

— Eu imaginei que diria isso. — Ela enfiou a mão no bolso de sua capa branca e tirou um rolo de velino, cujo selo de cera era o símbolo do Coro. O Buscador-Mor o tirou de suas mãos fazendo cara feia. Quebrando o selo, ele desenrolou o pergaminho e leu. — Como pode ver em primeira mão, a Divina me deu plena autoridade para realizar minha missão como achar melhor. — Sorriu de leve. — E acho adequado levar o Encantador Rhys comigo. Ele é um curandeiro espiritual, afinal, e suas habilidades serão úteis.

O Buscador-Mor a ignorou e continuou a escanear o documento. Com atenção. Por fim, sua carranca piorou.

— Onde conseguiu isso?

— Com a Divina, obviamente. Uma velha amiga nos apresentou.

Ele enrolou o pergaminho de volta e o jogou sobre a mesa como se fosse lixo.

— Você parece ter muitos velhos amigos — ele zombou. — E eu deveria deixá-la colocar um mago em perigo só para salvar outro? O que há de tão especial nesse homem?

Wynne ponderou.

— Ele é um Tranquilo — ela admitiu.

Rhys quase cuspiu de surpresa.

— Como assim? Isso é impossível!

O Buscador-Mor também pareceu surpreso, e seus olhos se estreitaram para Wynne com desconfiança.

— O Ritual da Tranquilidade corta a conexão de um mago com o Turvo para sempre. Eles não podem ser possuídos por demônios; essa é a *ideia*.

— Mesmo assim, aconteceu. — Ela olhou para Rhys. — Você realizou pesquisas sobre demônios, de acordo com seu Primeiro Encantador. Meu amigo fez o mesmo. Se ele contatou um demônio com poderes extraordinários, precisamos saber o que é e se isso pode acontecer novamente. Agora, se, no entanto, for uma falha do Ritual da Tranquilidade...

— O Ritual nunca falhou — insistiu o Buscador-Mor.

— Se falhou — disse Rhys — então todos nós precisamos saber.

O Buscador-Mor Lambert remoeu a ideia, fazendo uma careta como se estivesse comendo algo azedo. Enfim, tomou uma decisão.

— Absolutamente não — disse secamente. — Não posso permitir um empreendimento tão mal pensado.

Wynne sorriu com doçura.

— Não cabe a você decidir.

— Sou responsável pela segurança de todos os magos dentro do Círculo.

— Se você prefere que a Divina dê essa ordem pessoalmente, podemos dar um jeito nisso.

O Buscador-Mor olhou para ela. Era o olhar perigoso de um homem que não esqueceria tão cedo o insulto que estava sofrendo. Wynne se recusou a ceder, e uma batalha silenciosa de vontades se seguiu enquanto os outros olhavam em tenso silêncio. Rhys se perguntou se estavam prestes a recorrer à violência.

Em vez disso, o homem cedeu.

— Ser Evangeline irá acompanhá-los — disse ele secamente — e garantirá que o Encantador Rhys retorne à torre assim que sua tarefa estiver concluída.

Os olhos da templária se arregalaram e sua boca se abriu como se estivesse prestes a protestar, mas depois reconsiderou. Wynne não hesitou.

— Não me lembro de ter pedido uma escolta — disse ela.

— No entanto, você receberá uma. — Ele olhou para Evangeline, e ela assentiu, aceitando a ordem. — Tenho certeza de que a Divina não se oporia ao meu fornecimento de proteção extra para sua missão, sem mencionar algumas garantias de que um mago perigoso não escapará misteriosamente de nosso alcance enquanto estiver ausente.

— Agora eu sou perigoso? — Rhys bufou.

— Sim. — Lambert o encarou com um olhar ameaçador. — Você acha que somos idiotas? Ser Evangeline o encontra nas criptas, sem explicação para sua presença ou comportamento? Você sabe muito mais do que admite. Só isso é uma acusação que não vou ignorar. — A última frase foi proferida em um tom tão forte que fez Rhys recuar um passo. — Leve-o — o homem vociferou para Wynne. — Mas se sua intenção for poupar seu filho da justiça, você não terá sucesso. Mesmo a Divina não irá protegê-la se nossa investigação for obstruída.

— Entendo. — Ela recolocou o pergaminho em sua capa. Então se recostou na cadeira, levantando uma sobrancelha curiosa para Rhys. — Você está disposto a me ajudar agora? Eu não vou forçá-lo a vir, se não quiser.

— Eu imaginei que diria isso. — Ela enfiou a mão no bolso de sua capa branca e tirou um rolo de velino, cujo selo de cera era o símbolo do Coro. O Buscador-Mor o tirou de suas mãos fazendo cara feia. Quebrando o selo, ele desenrolou o pergaminho e leu. — Como pode ver em primeira mão, a Divina me deu plena autoridade para realizar minha missão como achar melhor. — Sorriu de leve. — E acho adequado levar o Encantador Rhys comigo. Ele é um curandeiro espiritual, afinal, e suas habilidades serão úteis.

O Buscador-Mor a ignorou e continuou a escanear o documento. Com atenção. Por fim, sua carranca piorou.

— Onde conseguiu isso?

— Com a Divina, obviamente. Uma velha amiga nos apresentou.

Ele enrolou o pergaminho de volta e o jogou sobre a mesa como se fosse lixo.

— Você parece ter muitos velhos amigos — ele zombou. — E eu deveria deixá-la colocar um mago em perigo só para salvar outro? O que há de tão especial nesse homem?

Wynne ponderou.

— Ele é um Tranquilo — ela admitiu.

Rhys quase cuspiu de surpresa.

— Como assim? Isso é impossível!

O Buscador-Mor também pareceu surpreso, e seus olhos se estreitaram para Wynne com desconfiança.

— O Ritual da Tranquilidade corta a conexão de um mago com o Turvo para sempre. Eles não podem ser possuídos por demônios; essa é a *ideia*.

— Mesmo assim, aconteceu. — Ela olhou para Rhys. — Você realizou pesquisas sobre demônios, de acordo com seu Primeiro Encantador. Meu amigo fez o mesmo. Se ele contatou um demônio com poderes extraordinários, precisamos saber o que é e se isso pode acontecer novamente. Agora, se, no entanto, for uma falha do Ritual da Tranquilidade...

— O Ritual nunca falhou — insistiu o Buscador-Mor.

— Se falhou — disse Rhys — então todos nós precisamos saber.

O Buscador-Mor Lambert remoeu a ideia, fazendo uma careta como se estivesse comendo algo azedo. Enfim, tomou uma decisão.

— Absolutamente não — disse secamente. — Não posso permitir um empreendimento tão mal pensado.

Wynne sorriu com doçura.

— Não cabe a você decidir.

— Sou responsável pela segurança de todos os magos dentro do Círculo.

— Se você prefere que a Divina dê essa ordem pessoalmente, podemos dar um jeito nisso.

O Buscador-Mor olhou para ela. Era o olhar perigoso de um homem que não esqueceria tão cedo o insulto que estava sofrendo. Wynne se recusou a ceder, e uma batalha silenciosa de vontades se seguiu enquanto os outros olhavam em tenso silêncio. Rhys se perguntou se estavam prestes a recorrer à violência.

Em vez disso, o homem cedeu.

— Ser Evangeline irá acompanhá-los — disse ele secamente — e garantirá que o Encantador Rhys retorne à torre assim que sua tarefa estiver concluída.

Os olhos da templária se arregalaram e sua boca se abriu como se estivesse prestes a protestar, mas depois reconsiderou. Wynne não hesitou.

— Não me lembro de ter pedido uma escolta — disse ela.

— No entanto, você receberá uma. — Ele olhou para Evangeline, e ela assentiu, aceitando a ordem. — Tenho certeza de que a Divina não se oporia ao meu fornecimento de proteção extra para sua missão, sem mencionar algumas garantias de que um mago perigoso não escapará misteriosamente de nosso alcance enquanto estiver ausente.

— Agora eu sou perigoso? — Rhys bufou.

— Sim. — Lambert o encarou com um olhar ameaçador. — Você acha que somos idiotas? Ser Evangeline o encontra nas criptas, sem explicação para sua presença ou comportamento? Você sabe muito mais do que admite. Só isso é uma acusação que não vou ignorar. — A última frase foi proferida em um tom tão forte que fez Rhys recuar um passo.

— Leve-o — o homem vociferou para Wynne. — Mas se sua intenção for poupar seu filho da justiça, você não terá sucesso. Mesmo a Divina não irá protegê-la se nossa investigação for obstruída.

— Entendo. — Ela recolocou o pergaminho em sua capa. Então se recostou na cadeira, levantando uma sobrancelha curiosa para Rhys.

— Você está disposto a me ajudar agora? Eu não vou forçá-lo a vir, se não quiser.

Ele considerou. Recusar sem dúvida significaria um retorno ao calabouço, mas ele não confiava nos motivos de Wynne. Pelo menos aqui ele sabia o que esperar. Porém, esse amigo dela pesquisou demônios, assim como o próprio Rhys fez um dia. E se o homem possuísse conhecimentos que pudessem ajudar com a maldição de Cole? Isso também poderia provar a inocência de Rhys nos assassinatos. Era um tiro no escuro, mas poderia ser a única chance que teria.

— Muito bem — ele concordou com relutância, já se arrependendo. — Mas pelo que sei desse ritual, você vai precisar de mais do que apenas nós dois. São necessários três magos… no mínimo.

— Isso mesmo — Adrian saltou de repente. — Você deveria me levar.— Ela trocou um olhar decisivo com Rhys. Ela queria ir, isso estava claro. Ele não gostava da ideia de colocá-la em perigo e nem da ideia de se por em perigo, mas, ainda assim, não conseguia pensar em outra pessoa com quem preferisse enfrentar tudo aquilo. Afastá-la da torre também a impediria de se tornar sua substituta na masmorra.

— Sim — ele concordou. — Adrian deveria vir conosco.

Wynne se permitiu sorrir satisfeita.

— Então, vocês dois devem ir e se preparar. Partimos de manhã e é uma longa jornada até a Passagem Ocidental. — Ela olhou para Ser Evangeline. — Você também, minha querida, embora tenha que arranjar seu próprio cavalo. Eu só trouxe um extra.

— Isso não deve ser problema.

Ninguém se mexeu. Depois de um minuto constrangedor de silêncio tenso, Rhys se virou sem cerimônia e saiu. Não havia realmente mais nada a dizer. Adrian seguiu seus passos.

— Você me deve uma explicação — ela sibilou em seu ouvido assim que eles saíram pela porta.

— Com certeza.

Eles passaram pelo vestíbulo frio, ambos os guardas os ignorando deliberadamente, e voltaram para o corredor do lado de fora. *Se havia uma coisa boa nisso tudo,* pensou ele, *era que a final estava saindo daquela torre infestada de templários.* Mesmo que a folga não passasse de nada mais do que uma sentença adiada, pairando sobre sua cabeça como um machado de carrasco, ainda seria uma chance de respirar ar fresco. Os problemas do Círculo dos Magos poderiam ser deixados para trás, por um tempo.

Assim como Cole. Esse pensamento nublou bastante seu humor.

O que diabos estará fazendo agora, Cole?

6

RHYS ESTAVA DE SAÍDA.

Cole nunca passara tanto tempo nos andares superiores da torre. A presença de tantos templários fazia seu coração disparar. Conforme eles passavam, tudo o que podia fazer era evitar se jogar contra a parede e prender a respiração, mesmo sendo improvável que o vissem. Ele ainda achava que um dia o veriam. Afinal Rhys podia vê-lo e houve outros… por que não um templário? Qualquer dia desses uma mão seguraria seu ombro, ele se viraria e veria um deles o encarando, cheio de perguntas a fazer.

O que faria em tal caso? O mataria? Cole tinha puxado sua lâmina para Rhys. Ele não queria, mas Rhys parecia sério em sua ameaça. Cole havia traído seu único amigo no mundo, e mesmo que estivesse apenas tentando se proteger, isso ainda o deixava se sentindo mais sozinho do que nunca.

Ele encontrou Rhys com bastante facilidade, mas mesmo que estivesse desesperado para falar com o homem, manteve distância. O que diria, afinal? Falar nunca foi seu ponto forte. Mesmo que Rhys se dignasse a ouvir, Cole sequer conseguia imaginar um argumento que pudesse convencê-lo. Então, em vez disso, ele foi forçado a assistir de longe, oscilando entre o medo e a dúvida.

Ele viu Rhys carregando uma mochila, acompanhado pela maga sardenta com os cabelos ruivos cheios e crespos. Cole não tinha ideia

para onde estavam indo, mas pelo que ouvira por aí, estavam deixando a torre. E indo para algum lugar secreto.

Havia outra pessoa indo com eles também. Uma templária alta de cabelo preto, a mesma que encontrou Rhys nas criptas. Ele se lembrava bem dela. Ela havia estado a menos de dois metros de distância dele, olhando-o diretamente, embora nunca o tenha percebido, antes de finalmente ir embora. Ele deu um suspiro de alívio quando ela saiu.

Cole a tinha visto antes. Ele pensava nela apenas como a Oficial, pois era assim que todos a chamavam. Eles a tratavam com respeito, o que significava que era alguém importante.

Então, ele seguia a Oficial a partir de agora. Talvez ela pudesse dizer para onde Rhys estava indo, e até mesmo se voltaria. Isso significava que Cole passaria mais tempo nos andares dos templários da torre do que nunca. Isso o deixou se sentindo vulnerável, mas que escolha tinha?

A Oficial estava ocupada. Primeiro, ela passou mais de uma hora no pátio conversando com um de seus homens, provavelmente sobre o que ele deveria fazer enquanto estivesse fora. Cole mal prestou atenção, exceto para ouvir que ela não sabia quanto tempo ficaria fora. Uma semana, talvez.

Então ela se encontrou com outra mulher, também uma templária, para discutir o que "aconteceu" no grande salão. Cole não sabia de nada disso. Ele tinha ouvido a comoção mesmo nos andares mais baixos, mas a curiosidade por si só não foi suficiente para atraí-lo até lá. Na época, ele sabia apenas que Rhys fora liberado de sua cela.

Antes de levarem Rhys embora, Cole ficara sentado em frente àquela cela por horas. Ele olhava para a porta, sabendo que Rhys estava lá dentro. Ficava se perguntando se deveria abri-la, se não seria melhor falar com ele enquanto não tinha para onde correr. Mas Rhys acharia que Cole iria matá-lo, não é?

Cole não seria capaz de aguentar tal coisa, ver o mesmo olhar nos olhos de seu amigo que vira nos outros. Era melhor morrer.

Ele seguiu a Oficial por todos os lugares e, por fim, foi parar nos andares superiores, acima de onde os magos habitavam. Cole estremeceu conforme subia as escadas — ele raramente visitava esta parte da torre. Tudo tinha um aspecto rígido e frio. Até os templários pareciam nervosos quando vinham aqui.

Ele manteve-se próximo à mulher, quase pisando em seus calcanhares quando ela parava para abrir uma porta. Seriam esses seus aposentos? Aqui viviam os templários ilustres? Por que alguém tão importante iria a qualquer lugar com Rhys? Ele estava em apuros? A culpa era de Cole?

Ele queria muito perguntar para ela. Isso era o que as pessoas normais faziam, e ele se lembrava vagamente de uma vida antes de chegar à torre, quando podia fazer uma pergunta a alguém e esperar receber uma resposta. Agora só lhe restava imaginar, flutuando em um mar de silêncio quebrado apenas pelas visitas irregulares de Rhys. Ele sempre se sentia pior quando Rhys partia de novo; tornava o silêncio muito mais difícil de suportar.

A templária entrou no quarto e Cole a seguiu, esgueirando-se para dentro no momento em que ela fechou a porta. Era de fato um quarto de dormir, ainda que pequeno. Não havia muita coisa dentro, exceto por uma cama e um armário que ocupava quase metade do espaço. Uma pequena janela espiava a cidade abaixo, e em sua borda havia uma série de pequenas estatuetas esculpidas em pedra. Curioso, ele se aproximou e pegou uma. Ela era de um cinza mosqueado e lembrava um lobo sentado, com funestas gemas vermelhas em seus olhos. Estranha.

Ele a colocou de volta no peitoril, e a leve batida ao tocar a superfície foi suficiente para fazer a Oficial se virar. Cole travou, amaldiçoando sua estupidez. Se ele chamasse atenção para si, ela poderia notá-lo, só porque esqueceria mais tarde não mudava o fato de que ela o veria *agora*.

Ela estava desatando as tiras de couro das laterais de seu peitoral, mas parou no meio do processo. Ela olhou ao redor da sala, com as sobrancelhas franzidas em confusão. Cole sentiu um fio de suor rolar preguiçosamente pela lateral do rosto. Ele queria fugir, mas não se atreveu. Assim ela o veria com certeza. Mas se ela desse um passo à frente...

Ela não deu. Franzindo o cenho, a templária voltou à tarefa de remover sua armadura. Cole soltou um suspiro lento. Essa foi por pouco.

Em silêncio, a observou se despir. Ele já vira peles nuas antes: dos magos quando copulavam nos cantos escuros, por exemplo. Vira pessoas tomarem banho nas grandes banheiras de metal, que enchiam com água quente, e se perguntava por que se davam a tanto trabalho quando havia piscinas em perfeito estado no Poço abaixo. Ele também costumava observar os magos, fascinado com suas rotinas diárias, e isso incluía

quando eles trocavam de roupa e se preparavam para dormir. Depois de um tempo, aquilo perdeu a graça. Aquilo o fazia se sentir como uma criança pressionando o rosto contra uma janela, espiando um quarto quente e aconchegante onde nunca poderia entrar.

A Oficial removeu sua armadura peça por peça. Primeiro, a placa peitoral volumosa, depois as ombreiras, e em seguida as braçadeiras dos antebraços. Assim que tirou as grevas, ela estava apenas com a túnica manchada de suor. Por que os templários andavam em tanto metal, dia a dia? Eles realmente achavam que seriam convocados para batalha a qualquer momento? Contra pessoas que nem usavam armadura? Mais uma pergunta que nunca poderia fazer a ninguém.

Ela suspirou de alívio ao tirar a túnica pela cabeça. Havia uma pequena mesa de cabeceira ao lado de sua cama, em cima da qual havia uma tigela de água. Ela perfurou a fina camada de gelo que flutuava em sua superfície e umedeceu um pano para se limpar. Cole notou inúmeras cicatrizes em seu corpo musculoso e se perguntou como ela as conseguiu.

A mulher terminou de se lavar e abriu o armário, vestindo uma túnica nova. Cole percebeu que seus olhos se fixaram por um instante em algo lá dentro. Com cuidado, ela pegou um livro, um tomo empoeirado com o símbolo do sol gravado em relevo em sua capa de couro. O que poderia ser aquilo, Cole não fazia ideia. O couro parecia tão gasto e rachado que parecia que desmoronaria ao seu toque.

A Oficial o pegou com cuidado. Ela correu o dedo ao longo da capa, seu rosto ia se suavizando com um olhar que era ao mesmo tempo gentil e triste. A encadernação protestou com ruído, e ela inalou o cheiro de pergaminho amarelado do livro.

Cole não entendeu nada. O que havia de tão especial em um livro? Os arquivos nos níveis inferiores estavam cheios deles, alguns muito mais antigos do que este. Eles só faziam juntar poeira e não despertavam interesse nele e nem em ninguém.

Houve uma batida firme na porta e os dois pularam. A Oficial fechou o livro e rapidamente o guardou no armário.

— Sim? — Ela chamou. Sua voz soou um pouco estranha, como se houvesse um nó em sua garganta.

Não houve resposta, mas a porta se abriu e um homem entrou.

E não era um qualquer. Ele usava uma armadura escura com uma estranha insígnia em seu peitoral e tinha uma aura em sua presença que não deixava dúvidas de que estava no comando. Havia uma crueldade angular em seu rosto que imediatamente pôs Cole no limite. Mas era algo mais do que isso. Havia algo nele que dialogava com Cole, uma espécie de sussurro sombrio. Este homem tinha poder, algo completamente diferente dos outros templários.

Cole nunca o tinha visto antes e imediatamente ficou apavorado.

— Buscador-Mor Lambert — a Oficial gaguejou. — Eu poderia ter ido ao seu escritório. Não havia necessidade de você...

O homem ergueu a mão. Os olhos dele não olhavam para ela, em vez disso vasculhavam o quarto. Eles se estreitavam com suspeita, como se, do nada, sentisse algo de errado.

Então Cole percebeu. *Ele está procurando por mim.* Ele recuou tanto quanto pôde para o canto, escondendo-se atrás do armário aberto. Até esse movimento chamou a atenção do Buscador-Mor. Ele olhou na direção de Cole, não exatamente focando nele... mas o homem sabia que havia *algo* ali. Ele parecia um gato grisalho sentindo sua presa por perto, esperando o momento de atacar e desferir o golpe mortal.

— Há algo errado — anunciou o Buscador-Mor.

Aquilo pareceu alarmar a Oficial. Ela avançou pela sala até onde havia deixado sua armadura, sacando a espada da bainha. Ela a empunhou e examinou a sala em busca de um inimigo. Seu olhar passou direto por Cole.

O homem mal a notou.

— O que estava fazendo antes de eu chegar? — Ele perguntou.

— Tirando minha armadura.

— E nada mais?

— Nada de importante, meu senhor.

Cole prendeu a respiração. Quando teve certeza de que ele ia caminhar até o canto da sala e agarrá-lo pelo pescoço, o homem baixou a mão. Carrancudo em seu aborrecimento, ele olhou para a Oficial.

— Esta torre me deixou no limite. Pensei ter sentido... bem, deixa isso para lá.

Ela baixou a lâmina, transparecendo suas dúvidas.

— Há algo que deseje, Buscador-Mor?

— Sim. — Ele fechou a porta atrás de si. Então ele tirou algo de uma bolsa no cinto: era um pequeno pacote, embrulhado em pano roxo. A mulher o pegou e, ao abrir o pacote, revelou um trio de pequenos frascos de vidro. Cada um continha uma pequena quantidade de líquido, de azul vívido. Cole sentiu a familiar cócega da magia. A Oficial parecia saber o que era aquilo. No entanto, ela franziu a testa, como se este não fosse um presente muito bem-vindo, e rapidamente embrulhou os frascos de volta.

— Obrigada, Buscador-Mor,— ela disse — mas você não precisava me trazer isso pessoalmente.

— Não. — Ele acariciou o queixo, ponderando suas palavras com cuidado, enquanto o silêncio ficava tenso. — O que eu tenho a dizer não pode sair desta sala.

— Entendo.

— Eu enviei uma mensagem para a Grande Catedral. Não sei como a Encantadora Wynne conseguiu obter privilégios tão fora do comum com a Divina, mas ela disse a verdade.

A testa dela franziu.

— E... isso é uma coisa boa, certo?

— Significa que continuamos normalmente. — O Buscador-Mor juntou as mãos atrás das costas e começou a andar. Cole achou que ele parecia aflito. — Eu suspeito, no entanto, que a Divina não tem noção de todas as consequências da missão desta maga.

— Consequências?

— Pode não ser nada. As suspeitas da Encantadora Wynne sobre este tal Tranquilo podem estar incorretas, ou o caso pode ser tão raro que jamais se repetirá. — Ele parou de andar. — Mas se não for, se ele foi curado de alguma forma e o Rito da Tranquilidade se mostrar defectível...

A Oficial empalideceu.

— Algo assim é possível?

— Eu disse não e acredito nisso. — O Buscador-Mor olhou pela janela, balançando a cabeça com asco. — Mas também sou velho o suficiente para saber que o impossível não só pode, como vai acontecer quando há magia envolvida na história. Caso essa maga descubra alguma maneira de reverter a Tranquilidade, quero que você garanta que isso nunca chegue aos ouvidos dos outros.

Ela abriu a boca para falar, então reconsiderou. Depois de um instante, tentou novamente.

— E como propõe que eu faça isso, Buscador-Mor? Viajarei com três magos, nenhum deles fraco em matéria de poder.

O homem caminhou até ela, colocando as mãos em seus ombros e olhando-a direto nos olhos. Seu olhar era sombrio e intenso.

— Você sabe das implicações do Rito da Tranquilidade. Dificilmente poderia ser chamado de bondade, mas poupa os magos fracos demais para resistir à tentação de demônios de uma alternativa mais permanente. Se os magos do Círculo *acreditassem* ser possível escapar da Tranquilidade, que fosse algo seguro ou mesmo sábio fazê-lo, haveria o caos. — Ele apertou os ombros dela. — Estou contando com você para cumprir o seu dever, Ser Evangeline, em nome da paz e da ordem. De todas as decisões que o Comendador Eron tomou enquanto liderou o Pináculo Branco, está claro que a promover foi a mais sábia.

Evangeline (Cole percebeu que esse certamente era o nome dela) endireitou-se e apertou o maxilar com firmeza.

— Obrigado, meu senhor — assentiu. — Considere feito, se chegar a tanto.

— Reze para que não chegue.

Com isso, o Buscador-Mor saiu da sala. Quando a porta se fechou atrás dele, Evangeline relaxou. Ela se inclinou contra a cama, suas pernas pareciam que cederiam sob seu peso. Jogou o embrulho roxo de lado e exalou um longo suspiro.

Cole estremeceu no canto. Ele estava aliviado que o homem assustador tinha ido embora, mas agora estava em dúvida. Se ele entendera corretamente o que havia acontecido ali, Rhys estava em perigo? Seu primeiro impulso foi de ir de encontro ao Rhys imediatamente e contar para ele. Mas e se Cole estivesse errado? E se Rhys não acreditasse nele? O que faria?

Rhys inalou o ar fresco e o achou muito mais doce do que se lembrava. Finalmente estavam fora de Val Royeaux, com sua multidão fervilhante, baldes de lixo sendo jogados pelas janelas e o seu cheiro sempre

presente de esterco de cavalo e peixe. Os guardas no portão da cidade olharam para o grupo de esguelha: três magos, evidente pelo porte dos cajados, ainda que estivessem em roupas de viagem, e uma templária de armadura completa. Claramente não era algo que estes homens viam todos os dias, apesar de guarnecer a cidade que continha o Pináculo Branco. Eles estavam tão ansiosos para deixar o grupo passar que mal ofereceram resistência.

Ele não só havia se esquecido de como era estar fora da torre, mas também fora da cidade. Ocasionalmente, os magos eram escoltados para outros lugares pelos templários, caso sua magia fosse requisitada, mas aquilo era diferente. Rhys se sentiu livre. Admirou os imponentes carvalhos ao longo da estrada, suas folhas em tons de amarelo e laranja queimado no final do outono. Sorriu ao passar pelas carroças de mercadores, mesmo que os condutores evitassem olhar para ele. Riu quando um grupo de crianças se juntou à beira da estrada, pedindo um dinheirinho aos berros. Afinal de contas, era uma tradição orlesiana, e Rhys desejou que tivesse moedas para dar a eles.

Adrian estava muito menos entusiasmada. Ela estava sentada atrás dele no cavalo, os braços apertados ao redor de seu peito, e apenas abria a boca para reclamar da friagem e do traseiro dolorido. Ela nunca admitiria, mas Rhys sabia que ela tinha medo de cavalos. O olhar desconfiado que ela dirigiu ao animal no lado de fora da torre foi muito divertido. Ela daria um jeito, tinha certeza, mas apenas por pura determinação.

Evangeline também permaneceu quieta. Ela nem olhou quando passaram por um vilarejo perto da estrada, de onde se podia ouvir uma música animada. As pessoas dançavam na praça do vilarejo, um trio de elfos tocava cravos em um palco de madeira. Quando Rhys perguntou em voz alta se eles poderiam ver o que estava acontecendo, a templária o lembrou com severidade de que não estavam viajando a lazer. Durante a maior parte da viagem, ela mantinha os olhos na estrada à frente, seu manto escarlate se agitando na brisa fresca, e não queria conversa.

E não nos esqueçamos de Wynne.

A velha maga ia mais devagar que os outros; mesmo quando Evangeline mencionou incisivamente que precisavam ir mais rápido, ela apenas sorriu e manteve seu cavalo em seu ritmo tranquilo. Wynne havia enrolado um xale pesado em torno de suas vestes azuis e parecia

contente em pegar algo de suas bolsas para ler enquanto ainda havia luz do dia. Quando Evangeline tentava fazer mais perguntas sobre a missão deles, as respostas de Wynne eram vagas. No fim, a templária desistiu.

Se havia uma presença que podia diminuir o ânimo de Rhys, era a de Wynne. Ele achava que deveria se sentir grato por ela tê-lo tirado da torre, mas isso tornava tudo mais irritante. Aquilo mordiscou pelas bordas de sua consciência, reduzindo sua alegria inicial até que ficou quase tão quieto quanto os outros.

Enfim, Evangeline ordenou uma parada na primeira estalagem em que chegaram. Tais edifícios eram bastante comuns nas estradas principais, especialmente nas Terras Agrárias. Eram estruturas de pedra fortificada com telhados de ardósia azul facilmente reconhecíveis à distância, projetadas para oferecer abrigo seguro a comerciantes e viajantes. Esse parecia em boas condições, o brasão imperial pendurado do lado de fora do portão estava polido, e o pátio interno repleto de cavalos e carroças.

Evangeline não parecia ansiosa para entrar, mas eles precisavam de suprimentos de viagem, que não puderam adquirir na torre. Adrian declarou que se juntaria à templária, embora Rhys soubesse que não era por desejo de fazer companhia a ela. Ela queria sair do cavalo.

Então ele foi deixado sozinho do lado de fora com Wynne. Os dois estavam montados em seus cavalos do lado de fora do portão, o único som era o de um pé de vento que corria pelas árvores próximas. Um par de persianas em uma das janelas superiores da estalagem se abriu e fechou repetidas vezes.

Wynne fechou seu livro e suspirou. Ela estava fingindo não notar Rhys olhando para ela, e olhou especulativamente para as nuvens.

— Talvez neve — ela comentou. — Seria muito cedo, não?

— Seria.

Seu sorriso enigmático se transformou em uma carranca.

— Muito bem, Rhys — ela suspirou. — Se você tem algo a perguntar, agora certamente seria uma boa hora.

— Entendido. — Ele se virou na sela para encará-la de frente. — Por que estou aqui?

— Eu contei minha missão.

— Mas não por que você precisa de mim nela? — Ele retrucou. — E não me venha com essa conversa sobre eu ser um curandeiro espiritual. Você é tão habilidosa com espíritos quanto eu, se não mais.

— Muito provavelmente.

— Você precisa de um mago ou dois para ajudá-la com o ritual para entrar no Turvo. Poderia ter sido qualquer mago. Então a única razão para pedir a mim é porque...

— Porque você é meu filho — ela terminou para ele.

Rhys sentiu-se prestes a dizer algo rude e mal se conteve. Ele teve que desviar o olhar. Seus olhos recaíram sobre uma garotinha escondida nos arbustos a menos de três metros de distância. Ela não devia ter mais de oito anos, e olhava para os dois com olhos do tamanho de pires. Ou melhor, olhava para seus bastões. Não é estranho as crianças serem tão fascinadas por magia? É necessário tempo e as lições do Coro para aprenderem a ter medo de verdade.

— É esse o motivo, então? — Ele perguntou. — Eu nem sabia de você até quase dez anos atrás. Você veio atrás do Flagelo em Ferelden, e se apresentou... e então eu nunca mais a vi.

— Eu queria conhecer meu filho — disse ela. — Ver o homem que ele se tornou sem nenhuma orientação minha. Foi o que fiz.

— Então qual é o seu interesse agora? Você não precisava de mim para vir nesta missão. Você nem precisava vir ao Pináculo Branco. No entanto, você veio.

— Eu não vim para o Pináculo Branco procurando por você, Rhys. Era a torre mais próxima depois do meu encontro com a Divina. — Ela puxou o xale com mais força sobre os ombros, olhando na direção do portão da pousada como se esperasse que Evangeline e Adrian aparecessem. — Quando cheguei, me disseram que você tinha sido jogado nas masmorras, o principal suspeito de uma investigação de assassinato conduzida pelos Buscadores da Verdade. — Então ela olhou para ele, com olhos severos. — Há dez anos encontrei um homem que não precisava de mim para nada. Isso não é mais verdade.

— Eu não preciso da sua ajuda — ele rosnou. — Eu não matei ninguém.

— De acordo com os templários, você fez de tudo para convencê-los do contrário — bufou com ironia. — E você também se misturou com os Libertários. Achei que tivesse mais juízo.

— Nem todo mago está interessado em deitar e se fingir de morto como um cão mabari bem treinado. Não somos crianças, mas os templários nos tratam como se fôssemos.

— Porque muitos de vocês agem como se fossem.

— É isso que você acha? — Ele sentiu a raiva crescendo dentro de si de novo, e desta vez não tentou lutar contra ela. — A poderosa arquimaga nos ensina sobre responsabilidade? Você se lembra de como era viver em uma torre, ou já pensou em como deve ser para aqueles de nós que ainda vivem? Depois da rebelião em Kirkwall...

— Devemos discutir isso de novo? — Ela interrompeu.

— Suponho que não. Para quê? — Eles ficaram lá em suas selas, sem dizer nada enquanto o vento assobiava por cima dos dois. A placa imperial chiava conforme balançava lentamente para frente e para trás em seu poste. O tempo fechou. Wynne sentiu frio. Havia uma parede entre eles construída com todas as coisas não ditas, coisas que ele vinha armazenando nos anos desde que a conheceu. E agora a sentiu ficar maior.

A garotinha soltou um gritinho de terror e saiu de seu esconderijo nos arbustos. Ela correu para longe, como se estivesse sendo perseguida. Nenhum deles a viu partir, congelados como estavam em seu tenso silêncio.

— Por que me ajudou, então? — Finalmente perguntou.

— Isso importa?

— Para mim sim.

— Se eu soubesse que era assim que reagiria — suspirou — então, talvez eu o tivesse deixado em sua cela. Talvez lá seja o seu lugar.

Aquilo doeu. Ele não sabia como responder, então apenas balançou a cabeça.

— Você mudou — ele murmurou.

— Você não me conhece bem o suficiente para dizer isso.

— Lembro-me da mulher que conheci há dez anos — disse ele. — Achei que vinha de uma família de Ferelden e tinha sido levado jovem demais para me lembrar deles. Toda a minha vida eu me perguntei quem era minha mãe, e então ela apareceu do nada. Ela era uma mulher calorosa e gentil; e era uma heroína. O fato dela ser minha mãe me deixou orgulhoso.

Wynne não disse nada, os olhos fixos em algum lugar distante.

— Aquela mulher me disse que estava aliviada por finalmente termos nos conhecido. Ela me disse que voltaria… e nunca mais a vi. Ainda me pergunto o que aconteceu com ela.

— Estou bem aqui — disse ela com firmeza.

— A mulher que conheci não teria ido ao grande salão e nos dito que é melhor aguentar do que ter esperanças em algo melhor. Não seria aquela que convenceu o Colégio de Encantadores de que a rendição é a nossa única saída.

— Então sinto muito desapontá-lo.

Ele deu de ombros. O que mais ele poderia pedir a ela? O Primeiro Encantador Edmonde lhe disse uma vez que isso às vezes acontecia com magos. Eles viviam suas vidas inteiras separados da humanidade até que finalmente se esqueciam que eram parte dela no início. A Wynne de quem ele se lembrava tinha sido gentil e atenciosa, não indiferente e imperativa; não parecia possível que a mesma mulher estivesse diante dele agora. Mas talvez devesse ser grato. Mesmo que isso fosse apenas uma pausa em seu destino, era melhor que nada. Pelo menos valeu a pena, ele estava fora da torre… por enquanto.

7

EVANGELINE ESTAVA COMEÇANDO a achar aquela tensão cansativa.

Por mais desconfortáveis que esses magos estivessem com a ideia de uma templária os acompanhando, parecia-lhe que eles também não gostavam muito um do outro. De vez em quando, Adrian e Rhys sussurravam um para o outro em seu cavalo, conversas breves que os outros claramente não pretendiam ouvir, mas não diziam nada para a arquimaga. Aquela senhora estava praticamente sozinha.

Até o momento em que Wynne e Rhys se cumprimentaram no escritório do Buscador-Mor, Evangeline não havia percebido que eram parentes. Nenhum dos templários do Pináculo Branco percebera. Eles sabiam que o indivíduo havia nascido de uma maga e sido criado em um orfanato do Coro até que tivesse idade suficiente para vir para a torre. Era uma prática bem comum, haja vista que o Círculo não era lugar para um recém-nascido. Como Rhys veio a descobrir sobre sua mãe, no entanto, era um mistério. Se eles se encontraram, o fizeram em segredo, embora evidentemente não o fosse para os Buscadores.

No entanto, aquele relacionamento parecia não agradar nenhum dos dois. Isso a fez pensar em sua própria mãe, que faleceu antes de se juntar à ordem. Elas brigavam, principalmente porque Evangeline não aceitava nenhuma das coisas esperadas de uma jovem orlesiana com boa criação. Ela não gostava de dançar, nem de música, nem de passeios à cidade em

busca de um marido adequado. Em vez disso, ela favorecia os ensinamentos de seu pai, a esgrima e as habilidades marciais que ele aprendeu nos anos que passou como cavaleiro a serviço do Império.

No entanto, quando sua mãe morreu, Evangeline não sentiu nada além de remorso por não terem sido mais próximas. Todos aqueles anos que passou se ressentindo de uma mulher que desejara o melhor para ela, e apenas temia que suas práticas pouco femininas a levassem à infelicidade. Não foi o caso, mas não achava que sua vida como uma templária era o que sua mãe queria.

Sem marido ou filhos, também significava que a propriedade de seu pai havia ido para fora da família com sua morte. Ela ainda se lembrava do dia em que um mensageiro chegara com a notícia. O Comandante Eron perguntara se ela desejava se aposentar da ordem e assumir sua herança. Isso significaria casamento, com dezenas de famílias nobres batendo à sua porta com filhos mais novos que não poderiam penhorar em outro lugar, mas presumiriam que uma solteirona como ela estaria desesperada para aceitar. Mesmo assim, não foi uma decisão fácil. A última coisa que soube, era que seu tio havia apostado sua fortuna e vendido a propriedade para um mercador de Nevarra. Isso a deixou triste.

Assim, a vida que lhe restava era a que havia escolhido, uma vida para proteger o mundo de todo mal que a magia pudesse fazer. Enquanto muitos dos magos se ressentiam dos templários por isso, ela sabia que também havia muitos com medo de suas habilidades. O que eles fariam sem o Círculo dos Magos para trazê-los para a congregação, para ensiná-los o que precisavam saber?

A ordem tinha que ser mantida, como disse o Buscador-Mor.

Fazia quatro dias desde que deixaram a segurança do Pináculo Branco. Evangeline havia conduzido o grupo para fora das estradas principais, preferindo ficar pelos caminhos laterais que passavam pelo campo, longe das cidades. Ainda assim, eram as Terras Agrárias. Até aquelas estradas estavam cheias de tráfego. Passaram por mercadores, peregrinos a caminho da Grande Catedral da capital, fazendeiros trazendo suas carroças para o mercado, fiscais, peões élficos em busca de trabalho na colheita tardia... a lista era quase interminável.

O que ela não viu foram executores Imperiais. Normalmente, soldados com a bandeira roxa eram uma visão comum, mesmo nas estradas secundárias. Qualquer um que viajasse poderia esperar ser parado por uma patrulha pelo menos uma vez, mas não havia sinal de nenhuma.

Havia outras coisas também. No terceiro dia, eles avistaram uma coluna de fumaça preta à distância, e dois mercadores anões que pararam e contaram sobre distúrbios na cidade de Val Foret. Eles disseram que as coisas estavam piores fora das Terras Agrárias também, contando histórias sobre bandidos itinerantes e gangues de aliciadores contratadas pelos senhores do interior para forçar os plebeus ao serviço militar. Mais tarde, eles viram um grupo desorganizado de refugiados, pessoas de aparência esfarrapada carregando tudo o que possuíam nas costas, que diziam estar fugindo de uma batalha a leste. Eles nem sabiam quem estava lutando, apenas que os soldados estavam matando tudo em seu caminho.

Era preocupante ouvir. As notícias em Orlais viajavam devagar, mesmo na melhor das épocas, mas parecia-lhe que, mesmo isolada no Pináculo Branco, deveria ter ouvido tais coisas. A capital era um foco de fofocas e, embora houvesse rumores de desagrado contra a Imperatriz e a conversa habitual de rebelião élfica em Halamshiral, não havia um único sussurro de uma guerra civil em formação.

Por motivos de segurança, Evangeline optou por não procurar alojamento em nenhuma das aldeias por onde passavam. Ela comprou equipamentos para acampar na estalagem da estrada, na verdade, seu cavalo estava carregado com isso; e, apesar dos protestos dos magos, ela insistiu que dormissem do lado de fora. Ou melhor, foram Rhys e Adrian que protestaram. Wynne sorriu enquanto o faziam, e lembrou-lhes que ela praticamente viveu em um acampamento durante o Flagelo. Se ela podia suportar, eles também podiam.

Choveu na primeira noite, um aguaceiro muito frio que manteve o grupo amontoado em suas barracas. Na manhã seguinte, havia uma fina camada de gelo cobrindo tudo, embora não tenha durado muito com o passar do dia. De todo jeito, o frio permeou o ar e, combinado com o céu de nuvens cinzentas nebulosas, informava para eles que o tempo seria bastante ruim. Quando voltassem da Passagem Ocidental, poderia haver neve no chão.

Adrian reclamava constantemente. Não alto o suficiente para Evangeline discutir com ela às claras, mas murmurando baixinho para si mesma e para Rhys. Era como uma mosca furiosa zumbindo em seu ouvido, uma que

não desistia, não importa o quanto a espantasse. A indignação hipócrita da ruiva deixou Evangeline no limite, e a fez desejar que chovesse ainda mais.

— Por que estamos indo por aqui? — Adrian perguntou enquanto cavalgavam, era a terceira vez que perguntava em tantos minutos.

— Eu pretendo evitar Val Foret — respondeu Evangeline.

— Por quê? Por causa do que aquele andarilho disse? Ele estava bêbado.

— De fato estava. Mas isso não o torna estúpido.

— Uma vez conheci um anão, — Wynne anunciou de repente — que estava bêbado com mais frequência do que sóbrio. No entanto, ele ainda podia partir uma cria das trevas em duas sem sequer piscar um olho.

Adrian revirou os olhos.

— Que legal.

— O que quero dizer — a velha respondeu com frieza — é que algumas coisas não precisam de sobriedade. Como saber que sua aldeia natal não é um lugar seguro para se estar.

— Isso é estranho, não é? — Perguntou Rhys. Ele olhou interrogativamente para os outros. — Com todos os problemas que ouvimos, você pensaria que o exército imperial estaria em massa aqui. Nem me lembro da última vez que ouvi falar em tanto caos.

— Provavelmente não é... — Adrian começou.

Wynne a interrompeu.

— É a guerra — disse ela. — Se não estou enganada, acredito que Gaspard está fazendo sua jogada.

— O Grão-Duque? — Surpresa, Evangeline deixou escapar. — É claro.

— A única notícia em Val Royeaux era de uma rebelião em Halamshiral. Se o Grão-Duque estivesse se movendo contra a Imperatriz, todos no palácio estariam comentando sobre isso.

A velha senhora riu com leveza.

— Ora, não seja boba, querida. Gaspard não vai mandar notícias para a capital, onde Celene tem todos os seus aliados. Não, o objetivo era atraí-la para leste com aquela história de rebelião élfica.

Rhys assentiu lentamente.

— Para que pudesse emboscá-la.

— Imagino que Celene não levou tantos soldados consigo para lutar contra elfos, quanto teria para enfrentar Gaspard. — Wynne deu de ombros. — Possivelmente ele até tem amigos entre os chevaliers. De

qualquer forma, quanto mais rápido e decisivamente ele age, mais forte parece. Quanto mais caos é semeado no Império, mais fraca Celene parece e mais desesperada a Corte Imperial se torna.

Aquilo fazia um sentido preocupante. Evangeline teve que se perguntar o quão pior isso seria se o assassino tivesse conseguido matar a Divina naquela noite no palácio. Metade do Império estaria em guerra. O que... a fez se perguntar se os magos poderiam ser inocentes, afinal.

Ela olhou para Rhys e Adrian em seu cavalo. A maga ruiva estava carrancuda e difícil de analisar, mas Rhys parecia genuinamente confuso. Evangeline teve que admitir que se fosse assassinar alguém, seria inteligente fazer parecer que o executor fosse alguém que os outros não questionariam. Por que os templários duvidariam que facções rebeldes dentro do Círculo estivessem tentando atacar o Coro?

No entanto, isso não explica os assassinatos. Talvez os dois eventos não estivessem conectados? O Buscador-Mor Lambert insistia em um quadro maior e via esquemas dentro de esquemas. Ela tinha que ver com olhos mais límpidos. Aquilo era digno de um pouco de reflexão.

— Para começar, como você sabe disso? — Ela perguntou a Wynne.

— Porque Gaspard tentou me recrutar.

— Recrutar você?

— Eu vim de Ferelden, o que significa que passei pelos Vales e pelas terras orientais. Evidentemente, Gaspard ficou sabendo da minha presença, pois enviou homens para me buscar em Jader. — A maga fez uma careta com a lembrança. — Eles foram bastante insistentes. Não sei por que Gaspard achou que aquele tratamento me deixaria inclinada a ajudá-lo. O homem tem arrogância suficiente para acreditar que a noite é dia só porque assim ele disse.

— Mas você recusou?

— Certamente. Ele tentou forçar a questão, mas eu não sou uma pessoa sem recursos — disse com um leve encolher dos ombros, como se não fosse nada importante, embora Evangeline imaginasse que havia muito mais coisas envolvidas. O Grão-Duque Gaspard de Chalons era conhecido por seu temperamento; qual seria sua opinião sobre uma velha senhora que recusou sua oferta? Ela só podia imaginar.

— Então por que não contou a ninguém? — Adrian perguntou, chocada.

Wynne riu amargamente daquilo.

— Para quem eu contaria? Celene já tinha saído da capital. Mesmo que não fosse esse o caso, duvido que eu contaria a alguém.

— Como assim? Por que não?

A velha maga sorriu com frieza para ela.

— Porque sou fereldeniana, por exemplo. Eu não tenho amor pelo Império Orlesiano, então a ideia de que caia em ruína não me causa tristeza. Além disso, há outros benefícios se houver guerra aqui.

— Benefícios? — Adrian zombou.

— Ela quer dizer o Círculo — disse Rhys, franzindo a testa com amargura enquanto pensava. — Se houver guerra civil no Império, virão aos magos para pedir nossa ajuda.

Wynne parecia feliz com a perspicácia dele.

— Exatamente. Eu sei que você acredita que eu não desejo melhorar as condições em que vivemos, mas não é o caso. Uma posição de força só aumentará nosso poder de barganha à medida que avançamos.

— Com muitas vidas inocentes perdidas — Evangeline murmurou.

Wynne a olhou de frente.

— Vidas inocentes já estão sendo perdidas.

Ela não poderia dar muitos argumentos. Era verdade, afinal, o Círculo provavelmente seria chamado caso o Império entrasse no caos. Os magos foram inestimáveis nos Flagelos, lutando contra as crias das trevas, e nas grandes Marchas Exaltadas de eras passadas... e a quantidade de prestígio que o Círculo ganhou após cada uma dessas guerras não foi esquecida por ninguém. Poderia honestamente dizer a esses magos para serem patriotas? Que eles deveriam se importar com pessoas que os temiam e até os insultavam? Não podia, embora não significasse que ela tinha que gostar de uma atitude tão mercenária.

Ficou claro que Rhys também não gostou. Ele não disse nada, mas deu a Wynne um olhar sombrio que disse muito.

Eles seguiram em frente. Os céus continuaram a escurecer, trovões distantes ameaçando trazer uma chuva fria. Adrian tirou um cobertor de sua mochila e se aninhou com infelicidade dentro dele. Rhys tentou ser simpático com ela, mas recebeu pouco mais que grunhidos em retorno. Por mais feliz que Evangeline estivesse ao vê-la finalmente calada, teve que admitir que já não desejava mais que o tempo piorasse. Só ia ficar mais frio conforme se dirigiam para o sul, adentrando as terras áridas.

Wynne parou ao lado dela, era a primeira vez que saía da parte de trás do grupo em toda a viagem.

— Talvez — a mulher sugeriu — pudéssemos considerar uma noite longe da chuva?

— Achei que você gostasse de acampar.

— *Gostar* é uma palavra forte. Posso tolerar, mesmo que não seja tão jovem quanto antes. — Ela olhou para a dupla atrás delas. Rhys estava distraindo Adrian com uma história sobre uma aprendiz élfica que ficou incrivelmente doente depois de ficar na chuva, e quando o Comandante decidiu que ela estava fingindo, ela começou a vomitar em cima da armadura dele. Adrian não parecia se divertir, e Rhys ria às custas dela.

— Eu acho — Wynne continuou — que talvez nos convenha procurar abrigo para o bem dos outros. Não demorará muito para que estejamos na parte do país onde isso não será possível.

Evangeline considerou.

— Eu conheço uma cidade à frente, não é muito longe de onde cresci. Caso não haja problemas por lá, pode ser...

— Seria inteligente — o tom que ela usou foi forte o suficiente para lembrar Evangeline que ela os estava acompanhando nesta jornada, não os comandando. Então Wynne permitiu que seu cavalo ficasse para trás mais uma vez, não dando a Evangeline nenhuma chance de argumentar.

Eles continuaram na estrada por mais algumas horas. Eram terras agrícolas de primeira por toda parte, pomares aqui e vinhedos nas colinas mais a oeste. Os homens e mulheres que trabalhavam a terra o faziam há gerações, a maioria sob as ordens de um senhor, mas também havia proprietários livres. Eles eram os "donos de terra pobres", e o pai dela havia sido um deles. Ele tinha nome o suficiente para adquirir suas terras de uma baronesa desesperada por dinheiro, e quão bem as tratava sempre fora uma fonte de orgulho.

Quando mais jovem, ela costumava vagar pelos pomares de seu pai. Adorava o cheiro forte do solo e subia nas macieiras até que sua mãe saía correndo da propriedade, de saias erguidas, para gritar com ela. A menos de uma hora de viagem a leste estava o Lago Celestine, sua superfície brilhante era o suficiente para maravilhar as pessoas no auge do verão. Claro, agora era fim de outono e o lago estaria agitado e cinza, apenas pescadores enfrentariam suas águas. Parte dela se perguntava se não deveria ir para

a antiga propriedade de sua família. Evangeline provavelmente poderia inventar um pretexto em que os outros acreditariam. Talvez os novos donos pudessem até convidá-la para entrar, desde que não percebessem que estava acompanhada de magos. Ela queimava com uma curiosidade mórbida para ver quais mudanças haviam feito, mesmo que tudo o que visse provavelmente a deixasse triste. Não, talvez fosse melhor ficar longe.

A cidade de Velun apareceu no início da noite, assim que começou a chover. Os céus praticamente se abriram, caindo sobre eles com tanta ferocidade que até Evangeline começou a se sentir desconfortável. A aldeia parecia bastante normal, não muito diferente daqueles dias em que se sentava na carroça de seu pai quando ele ia ao mercado. A única coisa que parecia fora do lugar era o patíbulo logo ao lado da estrada. Três gaiolas de ferro, cada uma com um homem dentro... ou melhor, uma com um homem e as outras duas com cadáveres em decomposição. O homem estava a caminho de se juntar a seus companheiros, estava fraco e desanimado demais para fazer mais do que olhar para cima enquanto passavam.

— Sinistro — Rhys comentou.

— Esse homem é um estuprador. Os outros dois eram ladrões.

— Como você sabe?

Ela apontou.

— As runas no poste acima de suas gaiolas.

— São runas anãs? — Ele apertou os olhos, tentando distinguir os símbolos através da chuva. — Por que só não colocam uma placa?

— Porque nem todo mundo sabe ler.

O mago concordou, embora estivesse claro que não entendeu de verdade. Para alguém que cresceu no Círculo dos Magos, cercado de livros, era compreensível pensar que todos no mundo deveriam ser do mesmo jeito. A verdade mesmo era que os magos recebiam uma educação que poucos, fora os ricos, recebiam.

Velun era pouco mais do que uma coleção aleatória de prédios ao redor da praça central: num dia de feira, seria um lugar movimentado, já que a população da cidade multiplicou várias vezes de tamanho, mas hoje à noite estava praticamente abandonada. No entanto, muitas das janelas brilhavam calorosamente, indicando que todos estavam dentro deles. Apesar do silêncio, Evangeline se sentiu animada com o cenário familiar. Aquilo quase a fazia se sentir em casa.

Um guarda solitário encolhido sob o beiral de uma loja tremia de frio. Ele acenou com a cabeça quando Evangeline e os outros cavalgaram em direção a ele, seus cavalos fazendo um barulhão nos paralelepípedos.

— Boa noite, senhor — ela o cumprimentou.

— Está tarde para viajantes — ele comentou sem muito interesse, soprando em suas mãos.

— De fato. O Raminho ainda existe? Eu não o vi pelo caminho.

O guarda olhou para ela.

— Você é daqui?

— Minha família já foi dona de Brassard-Manot.

Isso pareceu alegrá-lo um pouco. O povo das províncias às vezes era cauteloso com forasteiros. Ficaria ainda pior assim que deixassem as Terras Agrárias.

— O Raminho pegou fogo alguns anos atrás — disse o guarda. — O velho Lusseau construiu uma nova estalagem logo depois do Coro. Basta procurar pela lanterna azul na frente, é impossível não ver.

Não estava longe. Evangeline sorriu em agradecimento ao homem e conduziu os outros pela praça na direção que ele indicou. Ela se viu olhando para alguns dos prédios e tentando se lembrar se haviam mudado, ao longo dos anos, desde a última vez em que ela esteve aqui. Era surpreendente quantos não tinham mudado. Assim eram as cidadezinhas.

— Você realmente cresceu aqui? — Rhys perguntou a ela enquanto cavalgavam.

— Não aqui, em Velun, mas a propriedade da minha família era perto.

Ele abriu um sorriso malicioso.

— Então... um membro da nobreza, afinal?

— Se você está me imaginando em um vestido chique, isso nunca aconteceu. Eu preferia uma espada a um vestido desde que consegui segurar uma na mão.

— Você deve ter causado uma baita impressão no baile regional, né?

Ela riu, apesar da situação.

A tempestade estava ganhando força, o vento uivando a ponto de ficar difícil falar. Então eles cavalgaram em silêncio até que a estalagem apareceu. Como dito, havia uma grande lanterna pendurada ao lado da porta, a pátina deixara seu metal azul brilhante. O som de risos veio de dentro, assim como o aroma de fumaça e carne cozida. Evangeline ouviu

seu estômago respondendo com um grunhido faminto. Depois de quatro dias de pão seco e frutas, seria bom comer algo substancial.

A estalagem era do tipo que se encontrava com facilidade nas cidades do interior de Orlais, pouco mais do que uma taberna glorificada que alugava quartos a viajantes cansados. A fogueira no centro da sala principal a preenchia com um brilho quente e o cheiro forte de seiva de árvore queimada. Mesas pequenas espalhadas, muitas delas cheias de trabalhadores locais ou mercadores viajantes. Eles se reuniam em grupos, brindando suas canecas de madeira e rindo alegremente. O lugar passava uma sensação de aperto aconchegante. Amigável e convidativa.

Foi assim até perceberem quem havia entrado pela porta.

Toda a conversa parou, e uma dúzia de olhos olhou na direção deles, assustados e em silêncio. Evangeline torceu o rosto. Sabia para o que estavam olhando: a armadura dela, por exemplo, e os cajados carregados pelos magos. Os quatro se amontoaram na porta, a água pingando no chão de madeira enquanto o tenso escrutínio continuava.

— O Criador tenha misericórdia! — Uma voz jovial declarou.

Foi alto o suficiente para fazer a mão de Evangeline se aproximar de sua espada, mas então ela hesitou quando um homem enormemente gordo saiu da cozinha. Ele usava um avental com manchas amarelas de gordura velha e enxugava as mãos com pressa em um pano quase tão sujo quanto.

— Eu tive que sair para ver se todos tinham morrido! — O homem deu uma gargalhada e então fez uma pausa quando percebeu que seus clientes continuavam olhando. — Como assim? Nenhum de vocês já viu gente do Coro antes? Voltem para suas cervejas antes que eu diga à Amelda para diluir a próxima rodada ainda mais!

Houve um burburinho de descontentamento. Vários homens trocaram olhares sombrios, mas voltaram a beber... embora sem entusiasmo. Evangeline flagrou uma dupla de trabalhadores ainda olhando para ela. Eram homens de aparência rude, do tipo que têm vidas pequenas e mentes menores ainda. Era exatamente aquele tipo de gente que a levou a evitar áreas povoadas até esta noite.

O gordo se apressou na direção deles, com os braços abertos e um sorriso obsequioso estampado no rosto.

— Entrem, meus bons amigos! Imagino que o Coro tenha dado à sua gente dinheiro em abundância, como de costume?

Evangeline sacudiu a bolsa em seu cinto, deixando as moedas lá dentro fornecerem uma resposta.

— Dê-nos alojamento e alimentação esta noite e você será bem recompensado.

— O que mais se pode querer? — Ele atravessou a pequena sala até uma mesa ao lado da fogueira, sem cerimônia, puxando a cadeira de debaixo do sujeito com cara de doninha que a ocupava. O homem lançou ao estalajadeiro um olhar de tristeza enquanto corria para uma mesa menor em outro lugar. — Venham! Sentem-se!

Normalmente Evangeline não teria escolhido algo no meio do salão, mas o local parecia quente e convidativo. Ela sorriu para o estalajadeiro enquanto se sentava, e ele voltou determinado para a cozinha. Os magos entraram atrás dela, encarando a taverna cheios de dúvida.

— Vamos mesmo dormir aqui? — Perguntou Adrian.

— Se você preferir — Wynne sorriu com doçura — podemos voltar lá para fora e encontrar um lugar mais do seu agrado.

— Er... não.

— Então vai ter que ser aqui, né?

Evangeline percebeu que Rhys escondia um sorriso ao se virar e aquecer as mãos sobre a fogueira. Ela tirou as luvas e as colocou sobre a mesa, e então desabotoou a capa. Ela estava tão encharcada que parecia pesar mil quilos. Teria que torcê-la mais tarde, e se despir de sua armadura. Os magos não estavam em melhor situação. Teriam sorte se não contraíssem alguma doença mortal.

Uma garota saiu da cozinha, vestindo um avental nem um pouco melhor que o do estalajadeiro. Devia ser o pai dela, presumiu Evangeline. Eles tinham o mesmo nariz de batata, mas não a mesma vontade de comer; a garota era pardacenta e magra feito um caniço. Ela deixou um par de canecas em uma das mesas e então relutantemente foi até a deles.

— Posso trazer algo para vocês? — Perguntou.

— Vinho — Rhys disse imediatamente.

Evangeline franziu o cenho para ele.

— Você não bebe isso o suficiente no Círculo? Nossos estoques estão praticamente lotados de barris de vinho e quase nada além disso.

— Lotados porque ninguém quer beber aquele mijo.

Ela riu.

— Nós bebemos o mesmo mijo, quero que saiba.

Ele abriu um sorriso encantador para a garçonete.

— Por que não nos traz uma garrafa de algo que esteja juntando poeira em sua adega? Uma boa safra local, algo que os templários jamais sonhariam em dar para nós, humildes magos?

— Encantador — Wynne disse secamente. Ela ergueu a mão para chamar a atenção da garçonete, que parecia não saber como responder. — Traga o vinho para eles, se puder. Eu vou querer algo um pouco mais forte. Vocês têm cerveja anã?

— Você deve estar de brincadeira! — Adrian gargalhou.

— Por quê?

— Uma velha como você bebendo cerveja anã? Teríamos sorte em encontrá-la viva na cama pela manhã.

Wynne parecia incomodada com aquilo.

— Comecei a gostar de beber isso em Orzammar.

Adrian olhou cética para Rhys.

— Ela está tentando nos impressionar.

— De jeito nenhum — disse Wynne. Ela arqueou uma sobrancelha para a garçonete. — Você tem ou não? Pode ser uísque fereldeniano se quiser, preferivelmente algo do litoral.

A garota assentiu silenciosamente.

— O pai tem um barril separado para mercadores da guilda.

— Excelente.

— Traga um pouco para mim também — disse Adrian. Ela lançou à velha maga um sorriso malicioso. — Estou disposta a apostar que consigo terminar a minha caneca e a maior parte da sua, e você ainda vai parar debaixo da mesa.

— Eu duvido disso.

— A... cerveja é muito cara, madame — a garçonete disse com cautela.

Wynne enfiou a mão em suas vestes e tirou uma pequena bolsa e a jogou sobre a mesa. Por mais encharcada que estivesse, era fácil ver que estava cheia de moedas. Mais do que Evangeline tinha, bem mais.

— Acho que isso deve bastar. E se este cheiro for de ensopado, traga também. — Ela olhou maliciosamente para Adrian. — Algumas pessoas aqui vão precisar de algo em seus estômagos.

— Sim, madame. — A garota foi embora, aliviada por sair dali.

— Bem! — Rhys declarou, sorrindo para Evangeline enquanto esfregava as mãos. — Mais vinho para nós, então!

Ela manteve sua bebedeira no mínimo, bebericando de sua caneca e deixando Rhys com o resto da garrafa para si. Ela só provou do ensopado também, apesar de ser tão delicioso quanto cheiroso. O resto da taverna estava muito quieto para seu gosto. Alguns dos homens já tinham ido embora, e aqueles que permaneceram olhavam para os magos com mais frequência do que falavam. Quando eles falavam, era sussurrando. Aquela alegria que ouviram antes de entrar se foi.

Evangeline desconfiou daquilo. Os magos, é claro, nem perceberam. Eles beberam em silêncio no começo, Rhys embalando sua garrafa de vinho empoeirada como se fosse algum tesouro perdido, enquanto as duas mulheres travavam uma batalha de vontades. Uma de cada vez, bebia o máximo do líquido preto e turvo que conseguia suportar para mostrar à outra como isso pouco a afetava. Wynne claramente ia muito melhor, sua fachada fria era inabalável, e isso só parecia irritar Adrian ainda mais.

Evangeline não entendia como suportavam aquilo. A cerveja dos anões não era bem uma cerveja: era uma mistura feita de fungos, ou algo assim. Normalmente, apenas os anões conseguiam beber sem ficar doentes. Restava saber se esse seria o caso aqui.

— *Era* um dragão — Wynne insistia. Seu comportamento estava começando a piorar, suas frases saindo borradas no final. — Nós o encontramos no telhado de Forte Drakon, onde foi derrubado. A última batalha para acabar com o Flagelo, e um único golpe daquela criatura poderia ter enviado qualquer um de nós para a morte. — Ela bebeu o último gole de cerveja em seu copo para dar ênfase, acenando distraidamente para a garçonete pedindo mais.

— Um dragão! — Adrian exclamou animada. Ela encaixou o queixo nas mãos, olhando para a maga mais velha com olhos turvos e espantados. Seus cachos ruivos haviam secado em uma bagunça crespa de proporções cômicas. Ao contrário de Wynne, ela estava um completo desastre. — Um dragão de verdade? Fala sério!

— Adrian gosta de dragões — Rhys explicou com um sorriso.

— Era um Arquidemônio, — Wynne falou — um dragão maculado pela corrupção, transformado em uma coisa maligna sem igual em

Thedas. — Ela não conseguiu conter seu sorriso orgulhoso. — Exceto pelo Guardião, é claro.

— O Guardião! O Herói de Ferelden?

— Ele mesmo.

Adrian gesticulou sem jeito por alguns momentos antes de perceber que não conseguiria colocar sua emoção em palavras. Então ela olhou para Wynne como se um pensamento incrível acabasse de lhe ocorrer.

— Eles *deixaram* você sair da torre para fazer tudo isso?

— Não exatamente. O Círculo dos Magos em Ferelden havia sido... desativado.

— Eu ouvi falar sobre isso — comentou Evangeline.

— A maioria dos magos foi vencida por demônios — Wynne continuou. — Na verdade, havia apenas alguns de nós quando o Guardião chegou.

— O Guardião salvou você?

— De fato.

— E levou você para longe da torre!

— Minha ajuda era necessária.

— Sorte sua. — Adrian pegou a caneca dela, decepcionando-se mais uma vez ao encontrá-la vazia. Ela procurou pela garçonete e, não achando, tentou levantar-se. Aquilo só serviu para quase derrubar sua cadeira, é claro, e ela tropeçou de volta da maneira mais deselegante possível.

— Cuidado, Adri — Rhys advertiu, agarrando seu ombro com preocupação. Ela olhou para ele com uma mistura de surpresa e afeição ébria.

— Ah! Você não me chama assim desde...

Ele tentou parecer blasé, mas falhou.

— Você está bêbada — ele reclamou.

Adrian estendeu a mão e tocou a bochecha dele, a cara dela ficou tão meiga e triste de repente que Evangeline ficou envergonhada por assistir. Rhys ficou vermelho e removeu sua mão com gentileza, sorrindo desculpas.

— Eu não sabia que vocês dois estavam... — Wynne deixou a frase inacabada, claramente sem saber como concluí-la. Rhys olhou para ela, seus olhos fulgindo de aborrecimento.

— Não estamos.

— As provas dizem o contrário.

— Eu disse que não estamos. — Ele se endireitou na cadeira, focando em se servir de outra taça de vinho; a última da garrafa, notou Evangeline. — E mesmo se estivéssemos, eu realmente não sei como isso é da sua conta.

— Eu disse que era? — Ela riu alegremente. — A ideia de um mago buscando a companhia de outros dentro do Círculo não me é estranha, Rhys. Como você acha que nasceu?

Ele parecia inquieto.

— Eu... não quero pensar nisso.

Wynne balançou com a mão com desdém.

— Você é um homem adulto, para começo de conversa. Presumo que possa lidar com o fato de que alguém que mal conhece se deitou com um templário quarenta anos atrás, mesmo que esse alguém seja sua mãe. — A velha maga bebeu o resto de sua cerveja, nem ligando para Rhys, cujos olhos arregalaram em choque. Ele inclinou a cabeça desajeitadamente, como se não fosse capaz de processar a notícia. Adrian parecia não ter esse problema. Ela deu um soco na mesa, gritando de felicidade tão alto que chamou a atenção de toda a taverna.

— Você se deitou com um *templário*?

Wynne travou, aparentemente percebendo o que havia revelado.

— Bem — ela resmungou — *foi* há muito tempo. — A senhora olhou desamparada para Evangeline e suspirou quando ela só olhou para o outro lado.

Ela não ia se envolver nessa conversa, de forma e de jeito nenhum.

— Que maravilha! — Adrian gargalhou.

Rhys estava mortificado.

— Não acho que seja uma maravilha. — Wynne sorriu com paciência para ele. — Demonize-os o quanto quiser, um templário é um homem como qualquer outro. — O canto de sua boca se contraiu conforme tentava formar um sorriso malicioso. E conseguiu. — Acredite em mim — ela riu.

O homem resmungou, e Adrian riu tão ruidosamente que teve que bater na mesa várias vezes para mostrar o quanto ela adorou toda aquela história.

— Vocês de robe parecem bem felizes consigo.

A nova voz era áspera e cortou a alegria num instante. Adrian parou de rir e olhou. Evangeline virou-se em seu assento e viu um homem enorme e corpulento aparecendo ao lado de sua mesa. A barba crescia no queixo

como um arbusto preto e selvagem, e os braços eram grossos como troncos de árvore. Era um homem talhado em madeira, provavelmente um dos proprietários livres ou um de seus funcionários. Uma raiva exasperada ardia em seus olhos como fogo.

Adrian parecia prestes a retrucar, mas Rhys falou primeiro.

— Somos apenas viajantes fugindo da chuva — disse ele amigavelmente. — Que tal pagarmos uma bebida para você, em agradecimento pela hospitalidade da sua cidade?

— Vamos brindar a quê? — O homem rosnou. — À tentativa de vocês, magos, de matar Sua Santidade?

— Não tivemos nada a ver com isso.

O homem corpulento bateu com o punho na mesa com tanta força que a garrafa de vinho e os copos caíram no chão. A taverna inteira ficou em silêncio.

— Mas foram vocês e suas magias fedorentas que fizeram aquilo! Se Sua Santidade tivesse juízo, diria a todos para amarrarem vocês! E queimar essa maldição deste mundo de uma vez por todas!

Wynne parecia calma, mas Evangeline viu sua mão rastejando em direção ao cajado. Rhys permanecia imóvel, seu sorriso desaparecendo. Adrian, no entanto, levantou cambaleando bêbada da cadeira, seu temperamento claramente alterado.

— Somos uma maldição? — Ela cuspiu. — Nossa única maldição é enfrentar idiotas ignorantes como você, até parece que os mundanos nunca fizeram nada terrível em toda a história!

— História. — O homem repetiu a palavra com desgosto, o lábio superior se retesando. — Não me importo com história. Eu me importo com Jean-Petit. A casa dele foi incendiada há duas semanas, com ele dentro. Sabe quem fez isso? A filha dele, uma coisinha rancorosa que os templários tiveram que levar embora antes que matasse mais alguém. — Ele se aproximou. — Você acha que sua magia me impressiona? Que impressiona alguém?

Várias vozes entraram na conversa com o homem agora, enquanto outros se levantavam de suas cadeiras. O clima de indignação era denso. Aqueles homens estavam fervendo, esperando que alguém expressasse o que estavam pensando esse tempo todo. O estalajadeiro gordo saiu dos fundos, seu olhar de preocupação se transformando em medo.

Quando sua filha estava passando por ele, a segurou. Ambos se retiraram para a cozinha.

Os olhos de Adrian se estreitaram de ódio. Ela estendeu a mão, uma aura de chama azul surgiu crepitando ao redor dela. O zumbido de seu poder reverberou pela sala.

— Sei não, hein — disse ela, em tom baixo e sombrio. — Podemos ser bem impressionantes.

Evangeline deu um pulo. Ela estendeu uma mão e agarrou Adrian pelo pescoço, canalizando seu próprio poder na mulher tão rapidamente que interrompeu sua magia. As chamas desapareceram em um flash. Antes que Adrian pudesse fazer algo além de arregalar os olhos em choque, Evangeline a empurrou com força. Ela tropeçou para trás na cadeira, caindo no chão e batendo a cabeça contra a lateral da fogueira.

Evangeline sentiu, não viu, o movimento do homem corpulento. Ela agarrou seu braço grosso antes que pudesse tocá-la, girando e empurrando-o para trás. Enfurecido e cerrando os punhos, ele agiu como se fosse atacá-la…

…e parou. A espada dela estava desembainhada e apontada para a garganta dele.

— Não seja tolo — ela avisou.

Outros homens agora estavam se aproximando, de punhos cerrados. Wynne levantou-se, usando o cajado para se proteger; felizmente ela teve bom senso suficiente para não invocar mais magia. Rhys se ajoelhou ao lado de Adrian, ajudando-a ao mesmo tempo que a segurava.

— Você vai nos matar? Por causa desses magos? — O homem rosnou. — Você, mais que todos, deveria saber o que eles são.

— Estou aqui para protegê-los de você, e você deles. E nada mais.

— Eles não merecem proteção!

— O que eles não merecem — ela afirmou com firmeza — é ser enforcados por uma multidão enfurecida. Eu sei que está com raiva. O que aconteceu com Sua Santidade foi imperdoável. Mas você não vai condenar os inocentes por isso, não enquanto eu estiver de pé.

— Como são inocentes? — Ele gritou. E se virou para encarar a multidão crescente, estendendo as mãos para eles em súplica. — Não foi apenas Jean-Petit. Ano passado, teve o homem em Val Bresins que se transformou em um demônio no meio do mercado! A bruxa que arruinou a colheita do Arlãns! O filho dos Wickens que falava com fantasmas, vocês *sabem* que

era ele quem estava matando nossos pobres cães! — A multidão reunida resmungou concordando. — Até quando vamos ficar parados e deixar esse mal apodrecer? O Criador não aceitaria tal coisa!

— O Criador aceitaria, sim! — Evangeline rugiu. Ela olhou em desafio para a multidão, e muitos deles se encolheram. — Esses magos servem o Coro, assim como eu! Não esqueçam que em guerras passadas fomos nós que nos colocamos entre o bom povo de Orlais e a aniquilação!

Adrian se livrou de Rhys e se lançou para frente.

— Sim! — Ela gritou beligerante. — Vocês deveriam ser gratos!

Evangeline virou-se para ela.

— Silêncio, sua tola! É *você* quem deve ser grata, grata por ter o luxo de poder se preocupar com o quão livre você é. Você honestamente acha que os magos são as únicas pessoas neste mundo que *sofrem*?

Adrian deu um passo para trás, assustada, e esbarrou na mesa. Pela primeira vez, ela parecia não saber o que dizer. Rhys se colocou entre ela e Evangeline, um olhar zangado em seu rosto.

— Não — afirmou. — Nós não achamos isso.

— Sim, vocês acham — Evangeline retrucou. — Vocês vivem em uma torre de marfim, sem a menor ideia de quão pior poderia ser.

— Eu sei o quão pior poderia ser — disse Wynne. A velha franziu a testa conforme se virava para se dirigir à multidão. — Por favor, bom povo de Velun. Não quisemos prejudicar nenhum de vocês. Deixe-nos em paz e faremos o mesmo, eu lhes imploro.

Houve um burburinho de descontentamento entre os homens, mas nenhum deles parecia disposto a insistir no assunto. Mesmo o gigante corpulento que começou a briga fez pouco mais do que encarar. O que um homem, mesmo um tão grande quanto ele, faria contra uma guerreira armada e três magos? O fato de um dos magos não ser muito mais que uma velhinha tirou sua vontade de brigar.

— Vocês não são bem-vindos aqui — ele disse rispidamente. — Nós gostaríamos que fossem embora.

— Iremos — Evangeline assegurou-lhe. — Quando chegar a hora. E não voltaremos.

O homem olhou em volta, para os outros, com descontentamento. Por fim, ele soltou um grito de frustração e correu em direção à porta. Evangeline o viu partir, mantendo a espada em punho até que os outros

na taverna começaram a segui-lo. Eles reclamavam baixinho, assegurando uns aos outros que as coisas poderiam ter sido bem diferentes. Em poucos minutos o salão estava quase vazio, exceto por alguns mercadores dispersos que olhavam fixamente para suas cervejas e fingiam estar em outro lugar.

Wynne se aproximou de Evangeline.

— Você agiu bem.

— Fiz isso para evitar que vocês, bêbados idiotas, usassem magia para ferir essas pobres pessoas. Eles não teriam a menor chance.

— Ainda assim, agiu bem.

— É assim que você nos protege? — Adrian enfureceu-se. Ela cambaleou em direção a Evangeline, ficando perto o suficiente para que o cheiro de cerveja em seu hálito ficasse bem aparente. — Não era eu que estava arranjando briga! No entanto, você teria deixado que me arrastassem para a rua!

— Isso não aconteceu.

— Graças à proteção generosa dos templários! — A outra disse com ironia. — Nós, magos, em nossa torre de marfim e nossas cabeças nas nuvens, não sabemos nada sobre abuso ou o que significa defender a própria classe!

— Adrian — Rhys a advertiu.

Ele a guiou pelo ombro com gentileza, e ela resistiu por apenas um segundo. E ficou olhando, conforme Rhys acenava para Evangeline.

— Obrigado — ele disse. — Eu sei que não parecemos gratos, mas se aquela multidão tivesse avançado… não teríamos escolha a não ser usar magia. E ninguém queria ver isso.

Ele não deu tempo para ela responder, em vez disso, levou Adrian para fora pela porta da frente. O estalajadeiro pôs a cabeça para fora logo depois, parecendo muito aliviado em encontrar sua taverna livre de derramamento de sangue. Ele sorriu para Wynne e Evangeline, apertando as mãos com nervosismo.

— Nossa, isso foi… estranho! — Ele declarou.

— Infelizmente, não foi. — Evangeline pegou sua bolsa e lhe entregou algumas moedas. — Isso deve cobrir as bebidas e quaisquer outros danos. Não vamos ficar nos quartos, caso esses homens decidam voltar. Se você tiver um palheiro, dormiremos lá e partiremos pela manhã.

— Há um nos estábulos lá atrás. — Ele hesitou, obviamente dividido entre querer que a templária e seus amigos magos se fossem e esperar por mais dinheiro. — Eu... só quero que saiba que Velun nem sempre é assim. Se eu soubesse que os homens seriam tão rudes...

— Vivemos tempos estranhos — Wynne declarou.

Aquilo deve ter sido suficiente para ele, e agora só podia olhar ansiosamente conforme partiam.

A chuva diminuiu para uma garoa fina, cobrindo a pele de Rhys como gelo. Ele estremecia sem controle. Teria sido bom ter um quarto quente para se secar por completo. Do jeito que a coisa estava, ele sentia como se nunca mais fosse sentir calor. Se tivesse sido inteligente, teria ficado no palheiro com todos os outros. Não era o lugar mais quente para se dormir, mas, pelo menos, estava longe da chuva.

O fato era que ele estava perambulando pelas ruas da cidade no meio da noite. As janelas agora estavam todas escuras e, exceto por um cachorro faminto aqui e outro ali que vagava até ele com o rabo abanando esperançosamente, tudo estava parado. O guarda que encontraram no caminho não estava à vista, mas, mesmo assim, Rhys se mantinha nas sombras o máximo que podia. Ele não precisava responder perguntas incômodas, nem do guarda e certamente não de seus companheiros.

Eles estavam dormindo, graças ao Criador. Adrian tinha se jogado dentro de um cobertor, ainda tensa por causa do incidente na taverna e furiosa com Evangeline, mas bêbada demais para ficar acordada. Seria impossível de conviver com ela pela manhã. Wynne havia se retirado sem dizer uma palavra. No entanto, Evangeline ficou acordada por quase uma hora a mais, procurando por qualquer sinal dos moradores da cidade voltando para causar problemas.

Rhys fingiu estar dormindo, observando com o canto do olho até que finalmente ela cochilou. Ele estava certo de que o rangido da velha escada o denunciaria, mas esta não se mexeu. Pelo menos dessa vez, ele podia agradecer aos céus pela boa sorte.

Agora estava começando a se perguntar por que havia se incomodado. O silêncio da cidade era impenetrável e, apesar de toda a sua busca, ele

estava encontrando apenas becos vazios e mais sombras. Talvez devesse desistir e voltar. Se alguém acordasse, sempre dava para usar a desculpa de que precisava usar a privada.

Foi então que teve um vislumbre de movimento. Uma silhueta disparou para o beco entre duas lojas escuras, e Rhys correu em sua direção. Virou a esquina, meio que esperando descobrir que era apenas sua imaginação, mas em vez disso foi saudado pela visão de um homem agachado junto à parede. Ele parecia um rato afogado, seu cabelo loiro grudado no rosto e suas roupas de couro encharcadas. Ele tremia tanto que dava pena, olhando para Rhys com uma mistura de medo e cautela.

— Cole — Rhys suspirou. Ele manteve distância, apertando firme em seu bastão para o caso o jovem decidisse atacar... ou fugir, como havia feito da última vez. Rhys notou pela primeira vez que alguém os estava seguindo no dia anterior, mantendo-se longe o suficiente na estrada para que não o percebessem. Ao perceber que Evangeline, alerta como estava, não localizou nem sombra de alguém, soube exatamente quem deveria ser.

— Sinto muito — Cole lamentou.

— Você nos seguiu desde a torre? O que, em nome de Andraste, você está fazendo aqui?

O jovem esfregou os ombros, batendo os dentes.

— Eu tinha que vir. Eu tinha que avisá-lo, mas eu estava com medo...

— Avisar?

— Eu vi a Oficial falando com um homem. Um homem assustador de armadura preta. Ele disse a ela que caso você descobrisse algo ninguém mais poderia saber. — Cole olhou para ele, com uma expressão cheia de angústia. — Eu não podia deixar nada acontecer com você; você é meu único amigo! Eu só... fiquei com tanto medo de você nunca... — Ele enterrou a cabeça entre os joelhos, o sofrimento o dominava.

Rhys olhou, sem saber o que pensar. Poderia Cole estar mentindo? Talvez inventar alguma história para voltar a ganhar a sua simpatia? Aquilo parecia improvável. Cole podia até omitir a verdade, mas havia pouca astúcia nele. Pelo menos, disso Rhys ainda tinha certeza.

— Você veio de tão longe para me dizer isso? — Disse, balançando a cabeça em descrença.

— Sim — disse Cole. — Eu estava com tanto medo de perder você de vista e não conseguir encontrar o caminho de volta. Eu estaria perdido para sempre. Não sabia que seria *tão longe*!

Apesar de tudo, Rhys sentiu-se mal pelo garoto. Ele se ajoelhou ao lado dele suspirando. Cole se encolheu, e então percebeu que Rhys não iria atacá-lo. Ele agarrou Rhys em desespero e o abraçou com força.

Rhys o abraçou de volta. O que mais poderia fazer? Sim, Cole tinha matado pessoas... mas ele não estava fazendo por mal. Ninguém lhe ensinou como controlar sua magia, ou deu uma resposta que pudesse entender. Ele estava assustado e perdido, e parte de Rhys entendia isso.

Mas e agora? Ele não podia levar Cole, mas a ideia de deixá-lo por conta própria não parecia muito melhor. Seria como abandonar uma criança na mata. Só o Criador sabia como Cole vinha se alimentando até agora. Roubando comida, provavelmente, sem ninguém saber... mas não haveria onde roubar uma vez que estivessem nas terras áridas.

— Cole, você tem que voltar — ele disse.

O jovem se desvencilhou o suficiente para dar a Rhys um olhar de sofrimento.

— Não posso.

— Sim, você pode. Se você encontrar uma das estradas principais, ela deve levá-lo direto de volta a Val Royeaux. É uma cidade difícil de não achar.

— Eu preciso proteger você!

Rhys deu uma tapinha simpático no ombro dele.

— Ter me avisado foi o suficiente. Eu sei me cuidar, Cole.

— Não. Não sabe. Eles levaram vocês às masmorras, e eu nunca deveria ter deixado isso acontecer. Eu devia ter ouvido você! Eu devia ter ido com você. Eu sinto muito!

— Nós podemos resolver isso quando eu voltar à torre.

— Não. — Cole recuou e se levantou. — Eu não vou deixar nada acontecer contigo. Eu não vou deixar machucarem você novamente. — Sem falar mais nada, ele se virou e correu escuridão adentro.

Rhys o observou partir. Persegui-lo seria tão inútil quanto da última vez, embora não pudesse deixar as dúvidas de lado. O que Cole faria? Ele tentaria machucar Evangeline? Talvez ele não soubesse o tanto de problemas que isso causaria para todos eles.

Mesmo assim, foi um alívio ter mais uma vez um vislumbre do jovem que ele conhecera. Era preocupante pensar em Cole como um assassino, e o choque da descoberta ainda perdurava. Quantas coisas mais havia sobre Cole que desconhecia? Se não encontrasse uma maneira de ajudar o jovem ou impedi-lo de matar novamente, o sangue de suas vítimas estaria nas mãos de Rhys. Ele teve de se lembrar que embora Cole não fosse um monstro, isso não significava que ele não era perigoso.

No entanto, agora não havia mais nada que pudesse fazer. Ele se levantou, suspirando, e lentamente voltou para a pousada. Várias vezes ele olhou por cima do ombro para ver se Cole o estava seguindo, mas não havia nada. Rhys só queria que o jovem não fizesse nenhuma bobagem. Com sorte ele daria meia-volta e voltaria para a torre por conta própria. Rhys deu a volta pela lateral da estalagem, tateando na penumbra, até que avistou os estábulos. A lua estava quase completamente obscurecida pelas nuvens, mas havia luz suficiente para ver uma pessoa parada na frente das portas do estábulo. Uma mulher em uma armadura de templário, cruzando os braços e esperando impaciente.

Já era o plano de voltar sem ser visto.

Evangeline arqueou uma sobrancelha quando o viu.

— Já voltou de seu pequeno passeio? — Ela perguntou.

— Fui tirar água do joelho?

— Engraçado. Você não estava nem perto do banheiro... e nem nas proximidades. Deve ter procurado bastante por privacidade.

Ele abriu as mãos e sorriu para ela.

— Você me pegou. É lógico que fui me associar com um demônio. Ele me deu a mais linda receita de torta de mágica do sangue. Você devia experimentar.

A piada não teve graça. O silêncio permaneceu enquanto Evangeline olhava para ele, perplexa.

— Você não é muito bom em se manter vivo, né?

Ele tossiu com desconforto.

— Obviamente não.

— Pelo menos você é charmoso.

— *Oh?* Você acha que eu sou charmoso?

Ela segurou um sorriso irônico.

— Talvez charmoso como um cachorrinho lesado. — Então, a expressão dela enrijeceu. — Eu não sou tola, Rhys. No que estava pensando? Aqueles homens da taverna poderiam ter visto você sozinho e longe do resto de nós.

— Mas não viram.

— Esta é a segunda vez que eu o pego vagando por aí. Se eu achasse você mais burro, suspeitaria que estava tentando fugir. O que estava realmente fazendo?

Ele parou, lembrando-se do que Cole lhe dissera. Será que era verdade?

— Na verdade, eu tenho uma pergunta para você. Se descobríssimos algo com o amigo de Wynne, que o Coro não gostasse, o que você faria? Quais ordens o Buscador-Mor deu?

Os olhos de Evangeline se estreitaram.

— O que quer dizer?

— É verdade, não é? Você está aqui para proteger os interesses do Coro.

Ela se afastou da porta, andando até ele com um olhar que mostrava que falava sério.

— Há mais do que nossos interesses mesquinhos em jogo aqui. Farei o que for preciso para proteger o bem maior.

— Wynne sabe disso?

— Seria uma tola se não soubesse. — Ela suspirou triste e, por um momento, Rhys viu a mulher por trás da máscara de templária. Havia dúvida em seus olhos. Era bom ver que não estava lidando com alguma cria inquestionável do Buscador-Mor. — Eu admito, — disse ela — espero que nossa descoberta seja inconsequente, uma aberração que possamos resolver juntos. Não tenho nada contra você ou os outros, mas cumprirei meu dever.

— Mesmo que isso signifique tentar nos matar.

O fato dele ter dito "tentar" não passou despercebido para ela. Uma única templária contra três magos seniores não seria bem uma batalha... supondo que estivessem todos do mesmo lado.

— Pare de tentar se esquivar da pergunta — ela rosnou. — Onde você esteve?

— Você não acreditaria em mim se contasse.

— Tente.

Ele pensou com cuidado. O que mudaria caso contasse agora para ela sobre o Cole? Os templários já achavam que Rhys era o assassino, e

parecia inútil fornecer a ela mais uma mentira que perceberia na hora. Se Cole realmente pretendia ouvi-lo agora, então uma hora precisaria falar com templários. E mesmo se não falasse... não é como se a sorte de Rhys pudesse piorar.

— Está bem — ele disse, afinal. — Tem alguém nos seguindo desde que saímos da torre. Eu fui procurá-lo.

— Eu fiquei de olho na estrada.

— Não, você não o teria visto. Ele é invisível.

Evangeline lançou para ele um olhar cético, evidentemente tentando decidir se estava a fazendo de boba.

— Invisível — ela repetiu. — Você está brincando?

— Agora seria uma hora incrivelmente ruim para brincar, não seria?

— Desastrosamente ruim.

Ele desistiu e suspirou.

— Sim, ele é invisível. É... uma habilidade especial, creio que poderia se dizer isso. A maioria das pessoas não o vê, e mesmo aquelas que conseguem, esquecem dele. Eu posso vê-lo, e sei que alguns dos magos na torre o viram de relance. Eles o chamam de Fantasma do Pináculo, embora não saiba se algum templário tenha ouvido falar sobre isso.

Seu olhar de validação dizia que sim. Mesmo assim, ela parecia desconfiada.

— Você está dizendo que ele mora na torre.

— Sim, ele foi levado para lá pelos templários, e nunca saiu... até agora.

— Ele *pode* ser um demônio.

— Eu posso sentir espíritos. Eu saberia a diferença.

— Os demônios são mestres da enganação.

— Eu também sei disso. — Rhys deu de ombros. — Eu o visito nos níveis mais baixos da torre há quase um ano, tentando descobrir como ajudá-lo. Eu não podia contar a ninguém porque não acreditariam em mim.

Ela pensou um pouco.

— E era com ele que você estava brigando quando eu o encontrei?

— Sim.

— Por quê?

— Isso é... uma longa história.

Ela não acreditou nele, assim como ele supôs que não acreditaria. Ele podia ver em seus olhos, na forma como ela cruzou os braços novamente e começou a rodeá-lo, como se procurasse uma fraqueza.

— Você tem alguma prova do que está dizendo?— Ela exigiu. — Você consegue apresentá-lo?

— Ainda não. Ele tem medo dos templários, e com razão.

Evangeline o encarou por mais um instante. Então ela assentiu.

— Você pode estar dizendo a verdade, ou pode estar sob a influência de um demônio... em ambos os casos, terei que observá-lo de perto. Independente disso, agora não é a hora para esta conversa. Discutiremos isso melhor quando retornarmos à torre.

Ele expirou devagar.

— Eu pensei que você tentaria me arrastar de volta para lá agora.

— Eu iria, — disse — mas duvido que Wynne viesse comigo. Meu dever é ajudar em sua missão. O que vem depois é outra questão. — Seu olhar ficou inflexível. — E para o seu bem, eu rezo para que esteja dizendo a verdade, e que esse "homem invisível" seja quem você acredita que é. Que o Criador o ajude, se ele não for.

Aquilo parecia ser o fim da conversa. Evangeline se virou para sair, mas parou quando notou a expressão incrédula dele.

— Eu quase esperava que você me atropelasse, independente do que dissesse — ele admitiu. — Você é legal. Para uma templária.

Ela deu uma risadinha, revirando os olhos.

— Que elogio bacana vindo de um homem com a cara cheia de vinho. — Dito isso, ela retornou aos estábulos.

Rhys permaneceu do lado de fora, olhando-a partir. Havia definitivamente uma mulher por baixo de todo aquele metal, e uma de bela aparência. Então, ele se repreendeu pelo pensamento. *Você deve estar bêbado*, pensou. *Ela comeria você vivo.*

Ele suspirou, e seus pensamentos escureceram quando olhou ao redor uma última vez em busca de Cole. Nada ainda.

Volte, era o que queria dizer ao rapaz. *Volte para a torre e espere por mim.*

Não adiantava. Se Cole pretendia continuar seguindo-os, não havia nada que pudesse fazer. Isso aconteceria de qualquer modo.

Que o Criador os ajude.

8

A MANHÃ SEGUINTE FOI a melhor desde que deixaram Val Royeaux. O grupo saiu dos estábulos para ver um céu claro colorido de rosa e ouro conforme o sol espreitava no horizonte. O chão ainda estava molhado, coberto por uma tênue camada de gelo que deixava o ar mordaz. Rhys teria achado aquilo lindo, se a lembrança da horrorosa noite anterior não tivesse ficado em sua cabeça, deixando um gosto ruim em sua boca. Os habitantes da cidade já estavam se mexendo, e pela maneira como olhavam com tanta desconfiança indicava que a notícia claramente havia se espalhado.

Isso o lembrou do tempo que passou no consulado imperial em Teraevyn. Quando jovem, ele fora aprendiz de um mago élfico idoso chamado Arvin. Ele se lembrava do homem como uma luva de couro velha, cheio de caretas de desaprovação e de olhos semicerrados. Arvin tinha sido um feitor, apenas passava a elogiar Rhys de má vontade quando ele derramava suor e sangue para agradá-lo. Havia sido uma época miserável, uma que Rhys tinha certeza de que nunca terminaria. Ele tinha ficado muito feliz quando Arvin o informou de uma transferência para o consulado, e surpreso quando o homem o convidou.

Foi algo inédito. A oportunidade não só de deixar a torre para dar mais que um passeiozinho, mas de viajar para outras terras totalmente diferentes? Para o Imperium Tevinter, uma terra exótica e proibida onde diziam que os magos governavam? Embora tivesse certeza de

que o Encantador Arvin só queria um lacaio para buscar suas refeições e polir suas botas, ainda assim Rhys estava muito feliz. Ele passou longas noites no dormitório, olhando para o teto e quase tremendo de ansiedade pela viagem.

O simples fato do encantador ter se esforçado para levar Rhys parecia impensável na época. O homem nem dizia o porquê, apenas resmungava quando perguntado e exigia que mais sais de mascar fossem comprados numa loja do alienário da capital. Eles faziam seu hálito cheirar a peixe cru, o suficiente para fazer os olhos de Rhys lacrimejarem sempre que o sujeito se inclinava sobre seu ombro para explicar alguma coisa, mas a essa altura Rhys aguentaria coisa pior para evitar sua desaprovação.

Ele ainda se lembrava de sua chegada em Teraevyn. Mesmo a grandeza de Val Royeaux, com todos os seus palácios e edifícios reluzentes, não se comparava a esta cidade de Tevinter. Os sinais das eras estavam por toda parte: estátuas de dragões em ruínas, restos de templos antigos, prédios decrépitos cobertos de musgo. Era como se toda a cidade fora construída sobre os ossos de lugares mais antigos, e esses lugares mais antigos construídos em cima de outros ainda mais antigos, com o passado aparecendo como ervas daninhas e se recusando a permanecer enterrado. O Encantador Arvin não se impressionou, mas Rhys ficou paralisado.

Até o próprio consulado parecia especial. Pilares de mármore e o cheiro acre de incenso que os tevinter queimavam para mascarar o cheiro de esgoto nas ruas. Murais de azulejos tão deteriorados que ele nunca conseguiu descobrir contra o que aqueles guerreiros sem rosto estavam lutando. Havia até um chafariz no Jardim de Verão, criado há muito tempo por magia, e não por bombas hidráulicas anãs. O dragão de mármore não tinha as asas e as duas patas dianteiras, mas sua cabeça parecia tão malévola que Rhys tinha certeza de que representava um Deus Antigo.

Havia escravos, também. Rhys era muito jovem para entender o que isso significava, ou por que Arvin ficava tão bravo sempre que via um. Uma elfa escrava uma vez ofereceu ao sujeito uma bandeja de figos, e ele a arrancou das mãos dela e gritou até que o Cônsul veio correndo. Rhys tinha lido sobre como o Tevinter Imperium conquistou as terras élficas há muito tempo, mas eram apenas palavras em uma

página. Os escravos eram apenas mais uma característica exótica a ser admirada e observada.

Apenas depois de semanas que Rhys percebeu que não era bem-vindo. Os orlesianos estavam constantemente em desacordo com o Imperium Tevinter, e haviam estado em todos os anos desde que o Coro Imperial se separou da Grande Catedral em Val Royeaux. Essa era a história, mas a verdade parecia muito diferente. Os moradores desconfiavam e se tornavam hostis sempre que Rhys revelava seu sotaque. Ele se viu evitado, enganado por comerciantes... nem um único nativo sequer falava com ele.

Era difícil viver em tal ar de hostilidade. A novidade da cidade exótica foi-se embora rapidamente, e ele começou a achá-la monótona e feia. Sentia-se sozinho.

Um dia, houve um incidente: no caminho para o bazar Teraevyn em busca de sais de mascar, Rhys se viu cercado por três meninos mais velhos. Eles eram aprendizes de um magistrado, além de ser da nobreza, e claramente se sentiam superiores o suficiente para implicar com um orlesiano. Eles o empurraram e chutaram, até que finalmente o temperamento de Rhys veio à tona e ele usou sua magia. Ele queimou um dos meninos no rosto, e eles devolveram na mesma moeda. Ele ficara gravemente ferido e teria morrido se a briga não tivesse chamado a atenção dos guardas da cidade.

Se ao menos aquilo tivesse sido o fim da história. O incidente chegou aos ouvidos do magistrado, que fez um protesto oficial ao consulado. Arvin se sentou com ele e disse que não tinha escolha, Rhys teria que ser enviado de volta ao Pináculo Branco. Ele disse a Rhys que um jovem talentoso como ele não deveria levar a sério o que aconteceu; haveria outras oportunidades, outras chances de encontrar uma vida digna de ser vivida, mesmo sob as restrições do Círculo.

Aquele foi o único elogio que o homem havia lhe feito. Ele ficara pasmo; horas depois, quando se viu em uma carruagem com um templário de companhia e voltando para Orlais, lamentou não ter tentado responder à altura.

Ele escreveu a Arvin algumas vezes, e até viu o velho uma vez, quando ele voltou ao Pináculo Branco para uma breve visita. No fim, foi Arvin quem o patrocinou para ganhar o posto de mago sênior. Não

muito tempo depois, ele foi informado de que Arvin havia morrido. Os templários não disseram exatamente como, mas Rhys ouviu rumores sobre envenenamento. Parecia que a posição de Arvin no consulado era de espião e não de "conselheiro". Estranho como tudo parecia tão inocente para ele naquela época.

Por isso, não se opôs quando Evangeline insistiu que evitassem mais cidades e acampassem perto da estrada. E nem Wynne ou Adrian se opuseram. Eles não precisavam repetir o show da noite anterior; a não ser que se disfarçassem e de alguma forma escondessem seus cajados, certamente só ficaria pior quanto mais longe viajassem das Terras Agrárias.

O tempo na estrada passou rápido. Adrian ficou quieta, dolorida por conta da bebedeira da noite anterior, como Rhys suspeitava que estaria. Pelo menos não reclamou quando ele a acordou; ela estava tão ansiosa para ir para longe quanto todos os outros. Wynne continuou contemplativa, comentando apenas que parecia haver pouco tráfego. Era verdade; para todos os efeitos, tinham a estrada só para si. Com o sol brilhando e a chuva finalmente passando, deveria ter sido um dia agradável de viagem.

Só que não foi. Evangeline se recusava a falar com ele. Até Adrian, envolta em miséria como estava, notou e lançou a Rhys um olhar questionador. Ele suspirou e disse que explicaria mais tarde.

E explicou. Depois de montarem acampamento na primeira noite, Rhys disse a Wynne e Adrian que precisava conversar. Evangeline ergueu uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário e decidiu fazer algo em outro lugar. Ele explicou tudo para elas: como conheceu Cole, a estranha maldição do sujeito, e como ele os seguiu desde a torre. A única coisa que não mencionou foi que Cole havia matado os magos. Evidentemente, não precisava. A expressão de Adrian ficava cada vez mais irritada conforme falava. Por fim, ela o interrompeu.

— Se ele é invisível, — disse ela — como você sabe que ele não é o assassino? Você mesmo disse que os templários não viram ninguém.

Rhys hesitou em responder, e isso foi o suficiente.

— É ele! — Ela disparou. — E você sabe que é ele! Por que não disse alguma coisa?

— Eu não descobri até que fosse tarde demais.

— Você ainda poderia ter negado! Eles acham que você é o assassino!

— E o que eu diria? Os templários não seriam capazes de encontrá-lo, e Cole não estava disposto a se aproximar dos templários. Ele tem pavor deles. Eu nem consegui forçá-lo a ir. — Ele jogou as mãos para cima, frustrado. — Olha, eu não o desculpo pelo que fez. Longe disso. Mas contar aos templários sobre ele só os faria pensar que eu estava sob a influência de um demônio.

— Como sabe que não está? — Wynne perguntou.

Ele olhou fixamente para ela.

— Eu saberia.

— Em minhas viagens, encontrei um grande número de coisas que desafiavam a lógica. Há mais espíritos do que sabemos, Rhys, e alguns deles são capazes de coisas que nem podemos imaginar. Considerando sua pesquisa, deve entender isso melhor do que ninguém.

— Sim, mas passei um tempo com Cole. Ele não tentou me aliciar. Não há nada a respeito dele que indique que é algum tipo de espírito.

— Exceto o fato de não poder ser visto. — Ela ergueu as mãos para evitar sua réplica. — Se fosse fácil saber que alguém está sendo influenciado, bem menos magos sucumbiriam.

— Bem, se ele é um demônio, dificilmente poderia ser quem está matando os magos, não é?

— Você tem certeza de que é ele?

— Ele me disse... — Rhys se interrompeu, suspirando. — Eu não o vi matando ninguém. Mas Cole não é um espírito imaterial. Eu encostei nele, a menos que tenha imaginado isso também. — A última frase ele acrescentou com um tom de amargura.

— Você disse que a memória dele estava confusa. Ele pode ser um espírito que esqueceu que é um espírito. Ou pode ser mesmo um jovem, alguém possuído por um espírito.

— Ele se tornaria uma abominação.

— Nem todos os magos possuídos se tornam abominações — disse ela com um pouco de ousadia, o suficiente para surpreender até mesmo Adrian, que olhou para a senhora com curiosidade.

— O que sabe sobre isso? — Ele perguntou.

— Eu sei o suficiente. — Com isso, Wynne jogou os restos de suas provisões no fogo e se levantou. Seu comportamento vívido havia retornado. — Eu sugiro que evite lidar com esse jovem, se poupe

de muitos outros problemas no futuro. — Ela saiu antes que Rhys pudesse responder.

— E o que eu quero saber — Adrian exigiu — é por que você não me contou.

— Porque você teria tentado fazer algo a respeito.

Fúria passou por seus olhos.

— Certamente teria feito! Se você o vir de novo, aponte para ele. Que eu o mato.

— Considerando o que aconteceu com ele, estou surpreso que não tenha mais simpatia.

— Tenho toda a simpatia. — Ela se levantou, seus punhos cerrados ao lado do corpo. — Se eu visse um mago se transformar em uma abominação, eu ainda o mataria, não importa quanta simpatia tivesse.

— No entanto, estamos viajando para salvar uma abominação.

— Não é escolha minha — disse ela. — Algumas coisas não têm volta. Lembre-se de que seu amigo é um assassino. — E, com isso, ela também se foi, furiosa.

Rhys ficou olhando para o fogo. Adrian tinha certa razão, é claro. Todos eles tinham. Se tivesse ligado Cole aos assassinatos antes, ou o denunciasse imediatamente... mas não o fez. Aconteceu, e não havia nada que pudesse mudar agora.

Não muito longe dali, Evangeline ergueu os olhos após limpar a espada e lançou-lhe um olhar incerto. Ele se perguntou o quanto ela tinha ouvido. Provavelmente não importava mais.

Eles passaram os próximos dias viajando rápido pelas estradas do sul, saindo das Terras Agrárias e entrando nas Províncias. As colinas verdejantes e fazendas se foram. Em vez disso, a vegetação se agarrava às rochas com uma espécie de desespero. Era tudo lamacento e marrom, algumas partes da estrada eram tão inundadas que precisavam se mover com cuidado para que suas montarias não tropeçassem e caíssem. Havia muito menos viajantes, e as poucas aldeias pelas quais passavam estavam cheias de gente de aparência mesquinha que parecia feliz em vê-los partir.

O tom do grupo também mudou consideravelmente. Adrian ignorava Rhys, sua fria indiferença para com ele era amplificada por suas conversas amigáveis com Wynne. Ela pressionou a velha senhora para obter detalhes sobre seu passado, detalhes que não receberia tão cedo agora

que Wynne estava sóbria. Isso só deixou Adrian mais determinada, é claro; no segundo dia, ela estava cavalgando atrás de Wynne, as duas discutindo sobre o Círculo. Ou melhor, Adrian estava discutindo, Wynne se contentava em ouvir na maior parte do tempo, e respondia apenas quando a maga ruiva ficava muito ofensiva.

Evangeline, por sua vez, mantinha os olhos na estrada. Toda vez que detectava mais do que um viajante solitário, ela erguia a mão para avisar os outros. Eles então davam passagem a quem quer que encontrassem, ou paravam e esperavam até que passasse. Considerando que todos que viram pareciam igualmente cautelosos, o cuidado de Evangeline não era sem razão.

Certa vez, quando estavam a oeste da cidade de Montsimmard, a templária viu um grupo de homens de pé em um penhasco íngreme com vista para a estrada. Homens de aparência rude vestidos com couro, talvez fossem bandidos. Não havia como contornar, e havia muitos esconderijos entre as rochas, então Evangeline hesitou em fazê-los passar. Ao passo que os homens pareciam satisfeitos em esperar.

A sorte sorriu para eles quando soldados imperiais apareceram. Adrian foi a primeira a ver as bandeiras roxas, e até Rhys se sentiu animado quando mais de cem homens de armadura marcharam em direção a eles. Eles eram liderados por um punhado de chevaliers montados, guerreiros em armaduras prateadas ornamentadas com plumas douradas e verdes esvoaçando no topo de seus elmos. Até suas montarias eram adornadas com bardas extravagantes, algumas das quais pareciam ser mais para exibição do que para proteção de fato. Enfim, o esquadrão parecia impressionante. Quer estivessem presentes para proteger as estradas ou não, os bandidos no topo do penhasco desapareceram rapidamente.

O que foi uma sorte, já que os soldados imperiais não diminuíram a velocidade nem olharam na direção deles. Rhys achou que eles pareciam carrancudos, como se estivessem marchando para a guerra... *Mas que guerra*, ele se perguntou? Nenhuma resposta foi dada. Evangeline guiou o grupo para fora da estrada para que não fossem pisoteados e, assim que os soldados passaram, os conduziu rapidamente através da ribanceira antes que os bandidos tivessem a ideia brilhante de voltar.

Quanto a Rhys, era ele quem estava na berlinda agora. Ninguém queria conversa, e ele agora se perguntava se não era melhor se arrepender de

ter contado aos outros sobre Cole. De vez em quando seus olhos vagavam para a estrada atrás deles, procurando ver se havia alguma evidência do jovem. Não havia nada. Por que Cole se daria o trabalho de se esconder quando apenas Rhys podia vê-lo, ele realmente não sabia.

Até que Evangeline percebeu para onde estava olhando.

— Seu amigo invisível está atrás de nós, eu presumo? — Foi a primeira vez que ela lhe dirigiu a palavra em dois dias, seu tom misturado com incredulidade velada.

— Não sei. Eu não o vejo.

— Você não acha isso estranho?

— Talvez ele não esteja mais nos seguindo.

Ela o encarou por mais um instante, com um olhar especulativo. Então, balançou a cabeça e se virou.

— Você está tentando determinar se eu sou louco? — Ele perguntou.

— Não — ela disse. — Estou tentando decidir se devo fazer alguma coisa. Meu dever me obriga a agir caso eu veja um mago sucumbindo à corrupção.

— E?

Ela não respondeu. Ele não tinha certeza se deveria tomar isso como um bom sinal ou não. Considerando que sua cabeça permanecia no pescoço, optou por uma visão otimista, mas ainda se preocupava com Cole. Não saber se o jovem ainda os seguia era enervante, assim como o pensamento de que ele poderia encontrá-los quando menos esperassem. À noite, por exemplo. O pensamento o fez estremecer.

A terra aos poucos ia ficando mais seca à medida que se moviam para a Passagem Ocidental. Como a área recebeu esse nome, Rhys não fazia ideia. Não havia nada mais a oeste além de estepes repletas de monstros e florestas tão profundas e escuras que os exploradores nunca voltavam delas. Passagem para onde? As terras áridas não eram um lugar para *onde* se ia. Na melhor das hipóteses, era um lugar de onde se vinha. Fugia-se, melhor dizendo.

De acordo com os textos que Rhys havia lido, esta área foi o local de uma das grandes batalhas do Segundo Flagelo. Séculos e séculos atrás, as crias das trevas saíram de um grande abismo e corromperam a terra tão severamente que ela nunca se recuperou. O sangue de muitos homens foi derramado nas areias daqui, tentando forçar essas criaturas a recuar

antes que se espalhassem pelo mundo inteiro. Para aqueles homens e mulheres, deve ter sido como se os céus tivessem se aberto e chovido morte negra sobre todos eles.

Ainda assim, a Passagem tinha uma espécie de beleza estranha. Era um deserto, mas não um deserto quente com areia amarela brilhante. Era um deserto frio, roxo mosqueado como um machucado não cicatrizado. Pilares rochosos projetavam-se da areia como ossos frágeis e retorcidos; havia uma sensação de que os ventos uivantes cobriram todo o resto há muito tempo. Mesmo assim, não parecia ameaçador e horrível... apenas austero, e talvez até um pouco triste. Era como se o mundo estivesse de luto por um ferimento mortal infligido há muito tempo.

— Pronto — disse Wynne. Ela apontou para uma forma distante, uma alta torre de ferro quase invisível através da tempestade de areia. — É isso que chamamos de estrada por estas bandas. Conforme nos aproximamos de uma, devemos ser capazes de ver a próxima.

— E se não virmos? — Evangeline expôs sua dúvida.

— Então nós esperamos o vento acalmar. Não é uma boa ideia vagar areia adentro. Nem tudo é estável, e quase nada é seguro.

— Disso eu não tenho dúvidas.

Adrian protegeu os olhos contra o vento, fechando a cara.

— Por que alguém viveria neste lugar esquecido pelo Criador?

— A fortaleza Diamantina fica à beira do abismo — explicou Wynne. — Outrora ela pertenceu aos Guardiões Cinzentos, pois eles queriam se certificar de que as crias das trevas não subissem de suas profundezas assim como no Segundo Flagelo. Por fim, os Guardiões a abandonaram, mas alguns residentes permaneceram. É possível existir vida, mesmo em terras como esta.

— E seu amigo? — Rhys perguntou.

Ela franziu a testa, recusando-se a olhar diretamente para ele.

— O nome de meu amigo é Pharamond. Ele morava... mora... em Diamantina porque o Véu lá é muito fino. Isso ajudou em seus experimentos.

Agora era a vez de Evangeline ficar curiosa.

— Experimentos?

— Pharamond é um Tranquilo. Ele está envolvido em pesquisas a mando do Coro, creio eu. Sem a permissão deles, duvido que um Tranquilo teria a curiosidade de se envolver em tal coisa.

— A mando do Coro?

— Pelo que entendi, sim.

— Ele estava pesquisando sobre o Ritual da Tranquilidade? — Perguntou Rhys.

Wynne ergueu as mãos.

— Eu nunca estive a par dos detalhes. Só descobri o que aconteceu com Pharamond quando visitei a fortaleza um mês atrás. Eu estava procurando ajuda para um amigo e, em vez disso, encontrei outro em aflição ainda maior.

— Você o viu? Na forma de abominação, quero dizer?

— Eu vi a fortaleza cheia de demônios e senti o que havia acontecido com Pharamond. Eu não o encontrei enquanto estive lá. Se eu tivesse encontrado, haveria poucas opções a não ser matá-lo.

— Então, em vez disso, você põe todos nós em risco.

Wynne o olhou fixamente.

— Eu prefiro pensar, meu querido, que eu poderia fazer o mesmo por você um dia... ou você por qualquer outro mago que encontrar em uma condição semelhante.

Eles prosseguiram para as terras áridas. Segundo Wynne, não era uma viagem longa até chegar em Diamantina, embora pudesse demorar mais se os ventos ficassem piores. Para Rhys, se arrastar pela areia parecia levar uma eternidade. Ele manteve a cabeça baixa, protegendo os olhos, e tentou não deixar o ritmo vagaroso dos cavalos afetá-lo. Se não fosse pela forma borrada da torre lentamente se tornando mais clara diante deles, juraria que estavam andando em círculos.

A certa altura, Evangeline desembainhou sua espada. Apontou com ela para um cume alto não muito distante que cortava bruscamente o caminho deles, sua superfície rochosa, negra como piche e polida pela areia que soprava até quase ao ponto fazê-lo de brilhar. Rhys olhou de perto, mas não conseguiu ver mais do que figuras borradas se movendo em cima. Eles estavam muito longe e, momentos depois, desapareceram completamente de vista.

— Crias das trevas — disse Wynne.

Evangeline visivelmente estremeceu.

— Elas vão atacar?

— Não até escurecer.

Aquilo os fez acelerar e chegaram à primeira torre enquanto ainda havia luz no céu. Ela tinha, pelo menos, trinta metros de altura, uma monstruosidade de ferro enferrujado que claramente havia sido remendada várias vezes e ainda assim parecia prestes a cair. Era possível escalar a lateral com bastante facilidade e alcançar o topo, embora Rhys pudesse apenas imaginar como seriam os ventos lá em cima. A bandeira orlesiana tremulava no topo — ou, pelo menos, ele supôs que fosse isso, pois estava muito esfarrapada e sem cor para ser identificada.

Evangeline os forçou a seguir em frente, alegando que queria alcançar a segunda torre antes do anoitecer. Sem dúvida, ela tinha as crias das trevas em mente, e ninguém reclamou. A maneira como os cavalos de vez em quando se mexiam e relinchavam, como se pressentissem coisas na areia, deixava todos nervosos.

E então o vento parou de uma vez. Foi quase como se alguém o tivesse desligado. Rhys estava junto à sua sela, inclinando-se contra o vento com a cabeça baixa, e quase caiu do cavalo. Ele olhou para cima, surpreso.

— O que aconteceu?

— O ar fica parado à noite — disse Wynne.

Aquilo era um eufemismo. Ainda havia uma brisa fraca, e ocasionalmente uma rajada soprava entre as rochas, chicoteando um redemoinho de poeira que morria tão rápido quanto começava... mas fora isso, tudo estava silencioso. O sol estava se pondo agora, incendiando o céu cinza com tons de âmbar e bronze.

Então ele viu. Ao longe, além dos pilares rochosos, parecia que a terra estava partida em duas. Um abismo irregular, facilmente com um quilômetro e meio de extensão, se estendia para todo lado até onde a vista alcançava. Eles provavelmente estavam perto daquilo fazia horas, mas não podiam vê-lo através de toda a nuvem de areia.

— O que é aquilo? — Adrian falou atrás dele, os olhos dela tão arregalados quanto os dele.

— A Fenda Abissal — disse Wynne. — Fica muito maior à medida que nos dirigimos para o oeste.

— Quão funda é?

— Ninguém sabe. Alguns dizem que se estende até as Estradas Profundas, talvez até mais fundo do que isso. Felizmente, Diamantina está deste lado.

— Venham — retrucou Evangeline, embora também olhasse maravilhada para o abismo. — Não queremos esperar que essas criaturas saiam do esconderijo.

A próxima torre agora era facilmente visível, uma lasca fina a vários quilômetros de distância. Com a luz desaparecendo rapidamente, não a veriam por muito tempo. Eles correram em direção a ela, deixando uma nuvem de poeira em seu rastro. Rhys tinha um pouco de receio que a montaria de alguém tropeçasse, mas quando toda a luz no céu escureceu, eles alcançaram a torre.

Evangeline parou seu cavalo e andou de um lado para o outro tentando controlá-lo enquanto examinava a retaguarda do grupo procurando sinais de perseguição. Rhys também procurou. Nada. Uma cortina de sombra desceu, e junto com ela um frio que rastejava através das roupas. Seria uma noite fria.

— Vamos acampar aqui — disse a templária, embora não parecesse convencida.

Adrian desceu do cavalo, estremecendo e esfregando seu traseiro ao tocar o chão. Havia um fosso para fogueiras ao lado da base da torre, cercado por uma parede de pedras empilhadas com quase sessenta centímetros de altura. Mesmo assim, estava enterrado até o meio na areia. Quando ela começou a catar os pedaços de madeira enegrecidos dentro do poço para ver se algum ainda era útil, Wynne balançou seu cajado.

— Melhor evitar fazer fogo.

— Mas está congelando!

— Então prepare seus feitiços para o combate. Podemos lutar à luz do fogo.

Adrian não parecia nada entusiasmada com a ideia e jogou uma das toras de carvão de volta na fogueira. Ela revirou os olhos para Rhys, e tudo o que ele conseguiu fazer foi sorrir e dar de ombros. A ideia de alguém criar um fosso para fogueiras em um local perigoso era esquisita, mas pensando melhor, talvez a maioria dos viajantes que passavam pelas terras áridas o fizesse em grupos armados. Embora um grupo de magos

habilidosos e um templário pudesse lutar contra as crias das trevas, ele não gostou da ideia de descobrir quantas delas estavam por aí.

A noite ficava mais fria a cada hora. Rhys estremecia com a mordida do gelo em sua pele, a fumaça branca de seu hálito era rapidamente sugada pelo ar seco.

Eu deveria estar de volta ao acampamento.

Mas não estava. Ele estava à beira da Fenda Abissal, como Wynne a havia chamado. O abismo estava muito mais próximo do que parecia, apenas uma caminhada rápida de dez minutos pela areia até que, de repente... estava de pé na rocha nua e olhando para a escuridão.

Ele poderia ter caído, se o céu não estivesse iluminado com estranhas e cintilantes faixas de luz. Ele nunca tinha visto algo parecido antes: cada uma fluía para a outra como líquido, depois se separava e se multiplicava ou desaparecia no nada. Era uma dança lenta e majestosa através do céu cinzento e vazio que o paralisou e oferecia a mais tênue iluminação ao deserto. Apenas o suficiente para untar os pilares rochosos e as bordas do abismo com um brilho prateado. Ele não ouvia um único som. Rhys estendeu as mãos sobre o abismo que se abria abaixo dele e sorveu o silêncio. O que jazia ali embaixo? Ele não podia ver nada lá dentro, mas podia *sentir* sua profundidade. Ele imaginou-se dando um simples passo para fora da beirada e mergulhando naquele mar de sombras. Parecia que cairia para sempre, engolido pelo silêncio pacífico até que ficasse perdido na eternidade.

O pensamento era de alguma forma estranhamente agradável e aterrorizante *porque* era agradável. Ele se lembrou com muita nitidez das palavras de Cole quando o sujeito falou em afogamento. Talvez não fosse tão difícil entender o medo de Cole, afinal.

— Ser Evangeline está completamente fora de si — uma nova voz falou atrás dele.

Ele fez uma careta quando Wynne se aproximou, mas tentou controlar seu aborrecimento pela intromissão dela em seu refúgio. Era fácil fingir que estava sozinho naquela vasta imensidão, todos os seus problemas

eram pesadelos que deveriam ser esquecidos, mas simplesmente não era verdade.

— Vocês não dormem? — Ele ponderou.

— Você escapuliu quando ela deu as costas. Ele mesmo teria vindo atrás de você se isso não significasse deixar Adrian e eu desprotegidas. Eu disse que iria ver. — Wynne tinha um cobertor enrolado nos ombros, mas, ainda assim, tremia de frio e se apoiava com força no cajado. Então seus olhos se arregalaram de susto quando percebeu exatamente onde ele estava. — Rhys... o que você está fazendo?

— Congelando.

— Não, o que você está fazendo *aí*?

Rhys suspirou, virando-se para olhar novamente para o abismo. Havia um leve cheiro que subia de baixo, acre e penetrante como enxofre, mas não totalmente desagradável. Vagamente, ele se perguntou se a borda poderia desmoronar sob seu peso. A rocha negra como azeviche parecia desgastada pelas areias ao vento, talvez enfraquecida pelas eras que passaram, mas parecia sólida sob seus pés.

— Apenas admirando a vista. Eu... não conseguia dormir. — Ele se afastou, embora Wynne não parecesse aliviada. Ela agarrou seu cobertor, olhando para ele com preocupação, e por um longo momento ele ficou ali e aceitou seu escrutínio em silêncio. — Você está brava comigo? — Enfim perguntou.

Ela soltou um suspiro lento e cansado. Olhando ao redor, ela viu uma grande pedra próxima e caminhou para se sentar nela.

— Brava — ela repetiu incerta.

— Quando eu falei sobre Cole...

— Eu não estou brava com isso.

— Então o quê?

Ela pensou um pouco.

— Você precisa ser mais cuidadoso, Rhys. Eu mal o conheço, e ainda assim o vejo caminhando para um terrível fim. O que acha que vai acontecer?

— Não sei ao certo.

— Sim, você sabe — ela retrucou, ficando irada. — Se eu não tivesse intervindo, você seria um Tranquilo agora. Esse Cole... o que quer que ele seja, o fato de você continuar se associando a ele é o que o atraiu para essa confusão. Você sabe o que ele fez.

— Sim, mas não acho que ele esteja em seu juízo perfeito. Ele precisa de ajuda.

— *Você* precisa de ajuda. Você precisa se proteger, agora mais do que nunca.

— Eu não posso ficar parado e não fazer nada.

— Isso é exatamente o que você deve fazer. — Ela fez uma pausa, meneando a cabeça. — Mas aqui estou eu, discutindo com você de novo. Suponho que deveria ter mais simpatia por alguém com propensões a causas perdidas.

Rhys não conseguiu evitar sorrir. Talvez fosse parcialmente culpado pela raiva dela naquela noite. Ele questionara sua vontade de ajudar um amigo, apesar dos riscos, e isso depois de acusá-la de ser insensível. Essas coisas não podiam ser verdade. Na verdade, apesar de todos os seus protestos, ela parecia se importar com o bem-estar dele. Ela pode não ser a senhora gentil que conheceu tantos anos atrás, mas aquela pessoa não se foi completamente.

Ele estava prestes a dizer isso quando ouviu um leve assobio. Então algo bateu em seu peito. Ele olhou para baixo e viu que era uma flecha, uma coisa preta e de aparência maligna inacreditavelmente saía de dentro dele.

Não tinha como aquilo estar certo, tinha?

— Rhys! — Wynne gritou, saltando da rocha.

As crias das trevas surgiram do nada. As criaturas pálidas mostraram suas presas e silvavam, erguendo espadas grosseiras sobre suas cabeças enquanto corriam na direção deles. Rhys olhou para eles atordoado, sem acreditar; sabia que elas estavam no deserto, mas vê-las de perto parecia estranhamente surreal. Ele olhou para a estranha escuridão que sangrava dos olhos e bocas deles, e para o ódio vítreo em seus olhos. O tempo passou na velocidade de um caracol.

Wynne ergueu seu cajado branco; ele pulsava com poder, enviando um clarão brilhante que tirou Rhys de seu estupor e fez as crias das trevas cambalearem de dor. A flecha ainda estava cravada em seu peito, e só agora ele estava começando a senti-la, como um estranho aperto que ficava mais intenso a cada segundo. Isso o fez ofegar ao superar o

choque, e quando tentou se mover, conseguiu apenas cair de joelhos. Todos os seus movimentos pareciam muito lentos, como se estivesse preso em areia movediça.

Wynne girou o bastão ao seu redor, e de repente, uma grande tempestade de eletricidade explodiu ao redor deles. Arcos elétricos correram pelo ar, pulando de pedra em pedra e de cria das trevas para cria das trevas. O trovão ameaçou fazer seus ouvidos explodirem.

Ele viu uma das criaturas ser atingida por um raio e o bicho gritou de agonia quando o poder a cozinhou por dentro. Uma cria das trevas rugiu em fúria e correu para Wynne, e a velha maga girou novamente. Ela estendeu a mão e a criatura de repente congelou, envolta em um bloco de gelo sólido, antes de finalmente se quebrar em mil pedaços.

Uma outra correu por trás dela. Rhys tentou gritar um aviso, mas não houve tempo para ela reagir. Ele invocou sua mana interior, ignorando a dor latejante causada pela flecha que ainda estava alojada em seu peito, e *empurrou*. Uma onda de força surgiu de suas mãos e se chocou contra as crias das trevas. A criatura foi levantada do chão e jogada de volta no abismo, o grito ensurdecedor de terror quando caiu foi abafado pelo trovão.

Algo duro bateu na parte de trás de sua cabeça. Ele se arrastou para frente, tentando fugir do que quer que o estivesse atacando. Os relâmpagos eram brilhantes demais, desorientadores demais para ver direito.

Seu agressor agarrou seu ombro por trás. Garras afiadas cravaram em sua carne, e ele gritou. Reagindo instantaneamente, Wynne estendeu seu cajado; um raio incandescente de energia foi lançado. Rhys mais sentiu do que viu o raio atingir a cria das trevas atrás dele, e ouviu seu grunhido de dor.

Ele se soltou, caindo no chão. A haste da flecha quebrou-se sob seu peso, e uma nova pontada de dor o atravessou. A náusea tomou conta dele e sua visão perdeu o foco.

Quantas havia lá? O som do trovão de repente parecia tão distante, como se estivesse ouvindo através de um tubo. Ele viu de relance as vestes azuis de Wynne, as botas dela perante seus olhos. Ele viu o relâmpago realizando sua dança ofuscante. Ele ouviu uma outra criatura gritar ao ser atingida por uma explosão mágica. Uma poça de sangue negro de

cria das trevas encharcou as areias perto de suas mãos, o cheiro doce e doentio agredindo seus sentidos.

Rhys tentou invocar mais de sua magia. Ele fechou os olhos e estremeceu com a concentração; não ia deixar Wynne lutar sozinha. Mas a mana não vinha, a dor era muito forte.

— Rhys, levante-se! — Ele ouviu Wynne gritando em seu ouvido, mas não conseguia entender onde ela estava. — Há mais delas vindo!

O oblívio estendeu sua mão e o arrastou para dentro de seu abençoado abraço.

9

EVANGELINE SORRIU AO VER Rhys se remexendo no cavalo. O jeito como piscava confuso, sem compreender bem onde estava ou por que se movia, era um pouco divertido. Considerando tudo que os fez passar na noite anterior, ela não pôde deixar de pensar que ele devia sofrer um pouco.

Adrian se sentou atrás dele e o agarrou antes que escorregasse. Uma capa pesada estava enrolada em volta dele para mantê-lo aquecido e a maga ruiva estava o apoiando, mais ou menos, desde que deixaram o acampamento. Evangeline não queria correr o risco de esperar até que ele acordasse para começar. Afinal, se demorassem muito, poderiam acabar passando outra noite sob aquela torre, e atrair outro ataque.

— Onde estou? — Rhys balbuciou.

— Num cavalo.

Ele a encarou, sem perceber que ela estava brincando, e então finalmente deu um sorrisinho besta.

— Entendi, ok, isso explica o cheiro, mas e as crias das trevas? Eu lembro...

Wynne parou ao lado deles. A velha maga parecia pálida e abatida, e por uma boa razão. Evangeline não conseguia nem imaginar o tipo de poder que ela havia evocado. Ela iluminou as terras áridas com sua magia, e quando Evangeline saiu correndo e esperava encontrar todo o lado do abismo tombado nas profundezas.

— Eu o curei, é claro — disse Wynne.
— Mas como sobrevivemos?
— Você quase não sobreviveu. Se Ser Evangeline e Adrian não tivessem chegado a tempo...
Ele suspirou desanimado.
— Eu não deveria ter vagado por aí.
— Eu ia dizer isso — disse Evangeline. Quando ele lhe lançou um olhar arrependido, ela riu. — Eu ficaria mais brava, mas aparentemente você sobreviveu. Poderíamos ter sido atacados no acampamento com facilidade. Talvez a promessa de uma presa fácil as tenha afastado?
Ele olhou de volta para Adrian, sorrindo torto.
— Você ouviu? Sou um herói!
— Você me acordou — ela resmungou.
— Rhys — disse Evangeline, seu tom agora sério.
— Sim?
— Não faça isso de novo. — Quando as sobrancelhas dele se ergueram, ela acrescentou com um pouco mais de severidade — Lembre-se de que ainda é um mago do Círculo. Se afaste mais uma vez e eu vou tratá-lo como um apóstata.
Ele não fez nenhum comentário.
Os ventos recomeçaram pouco antes do sol, ou o que se passava por sol nestas terras devastadas, nascer. A névoa cinzenta no céu era leve o suficiente para se guiar por ela, e isso tinha que servir. Assim como Wynne afirmara, o abismo tornou-se mais amplo à medida que viajavam para o oeste, e o outro lado não podia mais ser visto. Agora parecia menos como uma rachadura enorme e mais como a borda do mundo.
Evangeline achou essas terras frias e pouco convidativas e, não pela primeira vez desde que chegaram, se perguntou o que estava fazendo ali. Seguindo ordens, é claro, mas como faria tal coisa se não conseguia nem acompanhar o paradeiro de um mago? Isso a perturbou. Ela tinha um mau pressentimento sobre o que estava por vir, mas manteve seus pensamentos para si.
A fortaleza Diamantina surgia devagar, seu contorno vago discernível através das nuvens de areia. Não era grande, mas, por sua robustez e capacidade de defesa, claramente merecia aquele nome.

Havia paredes altas de pedra escura e um portão maciço com torres de arqueiros em ambos os lados. E se empoleirava quase que precariamente na beira do abismo, como uma ave de rapina esperando para atacar sua vítima. Qualquer ataque contra o lugar só poderia vir de uma direção — a menos que saísse do próprio abismo, é claro, e considerando sua história, isso não era impossível.
À medida que se aproximavam, a fortaleza assumiu um ar deveras sinistro. Para começar, estava completamente silenciosa. Não havia ninguém nas torres e o portão estava entreaberto. Uma neblina negra subia do pátio, como se viesse de um incêndio recém-extinguido. Evangeline também podia sentir o cheiro de alguma coisa, mesmo com o vento e a areia, o fedor de carniça era inconfundível.
Seu cavalo refugava e recusava seus comandos; ela lutou para manter o controle até perceber o que o bicho estava evitando: cadáveres, enterrados até a metade na areia. Havia dezenas deles, espalhando-se por toda parte portão adentro, agora eram pouco mais que montículos suspeitos que apenas sugeriam o que havia por baixo: um braço, uma mão, o fio de uma espada... só o que faltava era dizer que estavam cavalgando por um cemitério.
Os lábios de Wynne se estreitaram em uma carranca sombria.
— Esses eram os habitantes da fortaleza — ela explicou. — Quando nós chegamos, eles correram para nos atacar. Cadáveres sem mente, possuídos por demônios.
Evangeline estremeceu. Ela se afastou, tentando não notar as mechas de cabelo loiro em uma das cabeças expostas, agora esvoaçando ao vento. Uma jovem em seu auge, dessecada e levada pelas terras áridas. Se estava morta quando tinha atacado, agora ela estava ainda mais.
— Nós? — Perguntou Rhys.
— Eu não vim aqui sozinha.
Adrian apontou para o chão.
— Eles ainda estão aqui? Há muitas pegadas, e não podem ser tão antigas. — Ela estava certa. A areia estava revolvida em muitos lugares perto do portão e, com o vento soprando como estava, não demoraria muito para que tais rastros fossem cobertos. Vários cavalos haviam chegado aqui, um dia atrás ou talvez menos.
Wynne pareceu desconfiada.

— São muitas. Mais alguém está aqui.

— Ali. — Rhys apontou para longe com seu cajado.

Um grupo de vinte homens a cavalo emergiu dos ventos rodopiantes, cavalgando lentamente ao redor da borda mais distante das muralhas da fortaleza. Eles estavam de armadura pesada, e depois de um momento observando com os olhos semicerrados, Evangeline percebeu o que eram: templários.

— Amigos seus? — Perguntou Rhys.

— Eu não tenho ideia do porquê estão aqui. — Ela advertiu os outros a ficarem para trás e instigou sua montaria para frente. Por que haveria templários justo aqui? Será que uma das outras torres tinha ouvido falar da abominação? Será que chegaram tarde demais? Não parecia provável, se os templários já haviam lidado com a ameaça, deveriam ter ido embora há muito tempo.

Conforme Evangeline se aproximava, o templário à frente do grupo acenou para ela. Ela fechou a cara ao perceber que o conhecia: Arnaud, um dos tenentes que o Buscador-Mor trouxe consigo quando assumiu o comando da torre. O homem era muito bonito e arrogante, e claramente achava que roubaria o posto dela na torre em breve. Talvez tenha razão. De qualquer forma, ela não ligava para seu ar de superioridade, e fez questão de falar com ele o mínimo possível.

— Ser Evangeline! — Ele chamou. — Você finalmente chegou!

Ela parou o cavalo e avaliou o grupo de Arnaud. Cada um deles era um templário do Pináculo Branco.

— De fato — disse a ele, com um pouco mais de frieza em seu tom do que pretendia. — Estou curiosa, no entanto, para saber por que está aqui para nos dar boas-vindas.

— Fomos enviados pelo Buscador-Mor, é claro.

— Oh?

Ele olhou para os magos esperando no portão atrás dela.

— Pelo que entendi, você pode precisar de um pouco de... ajuda. Caso as coisas não corram tão bem quanto esperava.

— Não espero nada. Estou aqui para manter a Encantadora Wynne segura durante sua missão, que foi acordada com a Divina. Se ela descobrir algo que se mostre prejudicial, então lidarei com isso.

— E é por isso que estamos aqui. Para ajudá-la a lidar com isso.

Ela se irritou com a ideia. Parecia que o Buscador-Mor *esperava* que Wynne encontrasse algo prejudicial. Ele sabia mais do que dava a entender, ou estaria apenas sendo cauteloso? De toda forma, ela não desejava jogar as coisas para uma direção que não precisavam ir.

— Então vamos torcer para que sua ajuda não seja necessária — disse a ele. Ela puxou seu cavalo e começou a cavalgar de volta para o portão. — Fique aqui até voltarmos.

— E se não voltarem? — Ele gritou atrás dela.

Ela não respondeu. Afinal, se ela não voltasse, o assunto estaria fora de sua alçada... e Arnaud teria que descobrir uma maneira de impressionar o Buscador-Mor por conta própria. Quando ela voltou para os magos, eles a olharam esperando algo.

— Eles vieram do Pináculo Branco — disse a eles. — Para ajudar.

Adrian parecia duvidar.

— Eles vêm conosco?

— Não. Eles vão ficar aqui fora.

Assim ela esperava.

O portão estava aberto apenas o suficiente para seus cavalos passarem. Evangeline notou a quantidade de areia que se acumulou lá dentro: o portão exigiria um esforço incrível para se fechado novamente, caso alguém se preocupasse em reocupar a fortaleza uma vez que a tarefa deles estivesse concluída.

Pelo que viram no pátio, essa ideia parecia improvável. A fortaleza em si parecia intacta, as portas no topo da escada ainda fechadas, mas todo o resto estava em ruínas. Haviam travado uma batalha aqui. Os prédios que ficavam dentro das paredes haviam sido totalmente queimados, seus restos carbonizados não forneciam mais nenhuma pista sobre o que tinham sido. Havia marcas de queimaduras por toda parte, evidência de combate mágico, e os paralelepípedos ao redor da cisterna quebrada no meio do pátio estavam pretos e cobertos de cinzas.

Evangeline notou uma pilha de cadáveres, todos recentemente queimados. Eles eram a fonte da fumaça que tinham visto ao longe. O resto havia esfriado faz tempo.

A única coisa que parecia fora do lugar era a estátua que estava na base da escada. Parecia toscamente construída, com cerca de dois metros e meio de altura, feita de pedras volumosas e cristais — uma escolha

estranha para uma estátua, na verdade, e não parecia nada com as belas esculturas que ela esperaria ver em um castelo orlesiano.

A estátua então se moveu. Sua cabeça girou na direção deles, as órbitas dos olhos brilhando com malícia.

— Cuidado! — Ela gritou, desembainhando sua espada num instante.

— Esperem! — Wynne avisou.

Evangeline olhava, embasbacada, enquanto a velha maga descia do cavalo e caminhava em direção à estátua. Rhys desceu e fez menção de agarrá-la, mas Wynne apenas se desvencilhou e continuou andando.

— A idosa maga demorou a retornar — reclamou a estátua. Sua voz era retumbante e grave, soando como rochas se chocando.

— Eu disse para vir comigo, não disse?

— E permitir que a criatura lá dentro fuja? Esqueça. — Ele apontou para a pilha de cadáveres queimados. — Ocupei-me da limpeza. Como um servo. Que prazer é mais uma vez realizar tarefas maçantes a mando de uma maga.

Wynne riu levemente, e então olhou para trás quando notou os outros boquiabertos.

— Esta é *Shale* — ela disse, apontando para a estátua. — Ela estava comigo quando cheguei. Na verdade, eu esperava que Pharamond pudesse ajudar com… a condição dela.

— Agora há pouca chance disso acontecer — ela reclamou. — Sinto muito, Shale.

— Isso é… um golem? — Perguntou Adrian.

— Você disse *ela*? — Perguntou Rhys. — Não parece fêmea.

A estátua parecia quase indignada.

— Pareço, sim!

Wynne suspirou.

— Ela é uma golem, de fato. Shale estava conosco quando lutamos contra as crias das trevas em Ferelden. Descobrimos que ela tem a alma de uma guerreira anã colocada neste corpo de pedra há muito tempo, e está tentando recuperar sua forma viva desde então. — Ela deu um tapinha na estátua em seu grande braço com simpatia. — Tivemos pouco sucesso.

O braço pareceu imóvel.

— As vantagens de um corpo de carne me parecem, na melhor das hipóteses, duvidosas.

Evangeline desmontou, mantendo um olho na golem. Ela tinha ouvido falar de tais criaturas, construções feitas pelos anões antigos, uma arte que perderam desde então. Já que os golens não envelhecem, ainda havia muitos para serem encontrados, embora entendesse que a maioria havia perdido o juízo. Ela certamente nunca tinha ouvido falar de um golem *falante* antes. Isso a deixou desconfiada, até porque Wynne não mencionou isso antes.

— É mansa? — Ela perguntou.

A golem virou-se para olhá-la diretamente, os olhos brilhando de aborrecimento.

— Talvez a templária insolente gostaria de ser esmagada e descobrir a resposta sozinha?

— Não precisa, Shale — disse Wynne.

Ela se virou para estudar as portas da fortaleza, apertando os olhos e se concentrando. Elas pareciam sólidas para Evangeline. Se estivessem trancadas, teriam dificuldade para entrar.

— Você detecta alguma coisa, Rhys?

Rhys fechou os olhos.

— Definitivamente há um demônio lá dentro. Talvez mais de um. O Véu é ainda mais fino aqui do que no Pináculo Branco.

Ela assentiu.

— Você prefere esperar aqui fora, Ser Evangeline?

— Prefiro ficar ao seu lado.

— Como quiser. — Ela olhou esperando algo da golem.

A golem suspirou e subiu as escadas até as portas, cada um de seus passos pesados *ecoando* ruidosamente no pátio. Em vez de usar as maçanetas, ela afundou seus dedos grossos diretamente na madeira. As portas soltaram um gemido excruciante quando os suportes de ferro se torceram. Finalmente, com um grande puxão, a golem arrancou as portas das dobradiças, grandes pedaços de madeira e metal voando pelo pátio.

Evangeline saiu do caminho, mal evitando ser atingida por uma das peças maiores.

— Você está louca? — Ela gritou.

A golem olhou para trás e deu de ombros.

— É ágil o suficiente.

Pelo menos ninguém se feriu. Os outros pareciam menos chateados do que Evangeline, e mais interessados na moldura agora vazia das portas da fortaleza. Wynne adentrou com coragem, e todos os outros a seguiram rápido. Evangeline não teve escolha a não ser fazer o mesmo.

A fortaleza estava escura e fria — mais fria do que devia estar, mesmo com o edifício sendo feito de pedra. Pior ainda, a pouca luz que entrava pela porta mostrava um pesadelo: uma câmara de entrada salpicada de sangue seco e marcas de violência. Aquilo cobria o chão, espalhava-se pelas paredes... o cheiro era cediço e espesso. Não havia corpos, mas nas sombras distantes ela conseguia ouvir coisas se movendo. Coisas grandes, arrastando-se pelo chão. Sua imaginação conjurou muitas imagens.

Wynne bateu seu cajado branco no chão; um zumbido ecoou quando começou a brilhar. As sombras pareciam fugir da luz, revelando uma grande escadaria e passagens, mas isso não deixou Evangeline menos desconfortável. Ela se sentia uma intrusa. Um mal pressentimento deslizou por sua pele como uma gélida enguia.

— Tem algo escrito na parede — Adrian disse em voz baixa.

As palavras eram pintadas em sangue bem ao lado da porta. A maioria era coisas ininteligíveis, mas uma frase estava clara: "QUEREMOS SAIR". Evangeline franziu o cenho.

— As portas estavam trancadas por dentro, não estavam? Se eles queriam sair, não poderiam ter... saído? — Ela imediatamente lamentou o volume de sua voz que ecoou por todo o corredor, e tentou não imaginar quem "eles" poderiam ser. Mais cadáveres possuídos, ou algo pior?

— Eles não foram barrados, — Shale grunhiu — foram selados.

— Como?

— Sua suposição é tão boa quanto a minha.

Rhys se afastou da mensagem, parecendo claramente enjoado. Evangeline sentiu o mesmo.

— Para onde vamos? — Ela perguntou.

— Escada acima?

Wynne balançou a cabeça.

— Para baixo. Diamantina foi construída ao lado do abismo. Esta parte da fortaleza são apenas os aposentos. O laboratório de Pharamond fica embaixo.

— Para baixo — Rhys repetiu. Ele se sacudiu, como se estivesse se livrando de algo desagradável. — Claro que seria pra baixo, né? Um dia eu gostaria de encontrar um demônio que gosta de ambientes agradáveis e bem iluminados.

— Hoje não.

— A velha maga ainda está ansiosa para encontrar seu amigo? — Shale perguntou.

— Sim — a resposta de Wynne não saiu com confiança.

Eles ficaram lá na escuridão, os ventos assobiando do lado de fora da porta querendo vingança. Não havia mais nada a dizer. Era melhor irem logo.

Rhys tinha dito a Cole para voltar para a torre, e houve um momento em que ele considerou isso. Ele observou das sombras enquanto seus cavalos saíam da aldeia e pensou no que Rhys havia dito. Ele poderia refazer seus passos, encontrar a estrada certa e voltar sozinho para aquela cidade enorme e aterrorizante. Podia ser uma aventura.

Mas, então, ele se sentiu sozinho. Ele nunca imaginou que estar no mundo, cercado por uma multidão de estranhos, o faria se sentir mais invisível do que nunca. De certa forma, voltar para a torre seria um conforto. Um lugar conhecido e seguro. Mas Rhys não estaria lá. Rhys estaria em perigo e talvez nunca mais voltasse. Cole ficaria sozinho para sempre. Esse pensamento o levou adiante.

Então ele os seguiu. Durante dias, se manteve tão atrás deles quanto ousou, preocupado que Rhys percebesse e o mandasse embora. O sujeito continuava olhando para trás de seu cavalo, procurando, e cada vez que o fazia, Cole estremecia. Ele manteve-se fora da estrada e no meio do mato tanto quanto sua coragem permitia, mas então um pensamento começou a lhe ocorrer: E se Rhys *não pudesse* vê-lo?

E se agora fosse invisível para Rhys também?

Esse medo começou a corroê-lo, rastejando até a boca do estômago e parando lá como chumbo frio. Ele acordava todas as manhãs, coberto de orvalho e tremendo, tomado pelo medo imediato de que Rhys e os outros já tivessem partido do acampamento deles. Ele correu para encontrá-los, com o coração acelerado, até que finalmente os via dormindo. Só então dava um suspiro de alívio, mesmo que parte dele quisesse desesperadamente acordar Rhys. Só para falar com ele. Só para ouvir outra voz.

Às vezes, quando seguia o grupo, caminhava no meio da estrada, esperando que Rhys olhasse para trás e fizesse *alguma coisa*. Mas isso não aconteceu. Muitas vezes estavam tão à frente que eram pouco mais que um pontinho à distância, e cada vez que desapareciam ao redor de uma encosta ele começava a se preocupar. E se saíssem da estrada e não percebesse? E se ele se perdesse aqui de vez?

E então o cenário mudou. A terra tornou-se seca e, então, nada mais do que vento e areia roxa. Era uma desolação estranha, como se o mundo inteiro tivesse morrido e simplesmente murchado. O vento era um uivo solitário que gritava de dor e negligência; a tristeza naquilo apertou o coração de Cole. Ele nunca imaginou que tal lugar pudesse existir, ou por que alguém iria querer ir para lá.

O único benefício foi que Rhys e os outros ficaram mais fáceis de seguir. Os cavalos se moviam mais devagar e, embora não pudesse vê-los através de toda a areia rodopiante, eles deixavam um rastro para ele. Não durava muito no vento, mas durava o suficiente.

Havia criaturas naquela terra. Coisas escuras que espreitavam nos cantos. Cole não podia vê-los e nem queria. No entanto, ele temia que pudessem vê-lo. Aquela primeira noite foi um horror, passada escondido em uma fenda rochosa e tremendo de frio. A escuridão era tanta que ameaçava varrê-lo.

E pior, havia a música. Ele não sabia o que era, mas parecia vir de muito, muito longe. Ela o chamava, mas não de uma maneira agradável, havia uma urgência que acelerava seu coração e fazia seu sangue ferver. As criaturas escuras, os espreitadores, eles a ouviam. Ele não sabia como sabia daquilo, mas podia senti-los lá fora, esticando o pescoço, levantando as mãos com garras em direção a esse chamado. Ele colocou a cabeça entre os joelhos e cobriu os ouvidos. Quando os outros sons começaram, os sons de magia e luta, ele estremeceu. Em algum lugar ao longe ele ouviu Rhys gritar de dor, mas Cole permaneceu onde estava. Ele se sentiu como um covarde. A escuridão fora de seu esconderijo era muito assustadora. As criaturas estavam por toda parte. Se pudesse correr de volta para a torre naquela hora, teria corrido.

Em algum momento durante aquela noite, a exaustão o dominou. Não era sono. Era uma tormenta de sonhos estranhos. Memórias se agitaram dentro dele, como velhas feridas se abrindo e expelindo pus. Ele

viu rostos, mas não sabia por que o aterrorizavam. Ele estava escondido, mas não entre duas rochas... estava em outro lugar, em algum lugar escuro e pequeno que jazia no passado distante. Ele não queria nada além de fugir. E correr.

E então acordou. A música estendeu uma gavinha nas águas escuras onde ele se debatia e o arrastou para a luz. Os ventos recomeçaram e, em vez de se preocupar imediatamente com o que tinha acontecido com Rhys, seu único pensamento foi: estou vivo. Ele se sentiu aliviado... e totalmente sozinho.

Cole ergueu-se das rochas, rígido e coberto de areia... e congelou.

Uma dessas criaturas estava a menos de três metros de distância. Parecia um homem, mas não era. Era um homem que havia sido devorado por algo maligno por dentro, comido até a escorrer e cuspir escuridão sobre o mundo. E o bicho reagiu. Ele girou, olhando para Cole com olhos vidrados aterrorizantes, uma janela para sua existência atormentada.

De todas as coisas que gostaria que pudesse vê-lo, essa não era uma delas.

E então, muito devagar, o olhar da criatura mudou. Afinal, não estava exatamente olhando para Cole... ou melhor, ele não o viu. Ele o cheirou.

Ele cheirou, e então soltou um silvo áspero. O bicho deu um passo em direção às rochas onde Cole estava. Ele estendeu as mãos em direção à adaga em seu cinto. Ele não queria sacá-la. Ainda não. Mais um passo e não teria escolha. E então... então as outras criaturas viriam. Elas saberiam.

Mas a música o salvou novamente. Ela cresceu de repente, assim como o vento, e o olhar da criatura se moveu para cima. A luz do sol conseguiu abrir caminho através das nuvens cinzentas, apenas por um momento, e a criatura recuou como se sentisse dor. Ela escalou as rochas e foi embora... e em instantes se foi.

Não foi fácil descobrir para que lado Rhys e os outros foram. Cole encontrou o pequeno acampamento na base da torre de metal, uma ponta projetando-se da areia como um dedo esquelético que o chamava de longe, mas o vento já havia apagado o rastro deles. O pouco que conseguiu encontrar mostrava que tinha havido todo tipo de movimento por ali, talvez na noite anterior. Cole se sentiu totalmente impotente. E então ele fez a única coisa que pôde: seguiu ao longo do abismo. Era

uma ferida no flanco do mundo. Há muito tempo, algo havia partido o chão e soltado algo escuro, algo que permanecia como fumaça depois de um incêndio. A visão do abismo o deixou impressionado, ofuscado por sua imensidão, e ele se sentiu nervoso por estar tão perto dele. Mas ele não tinha outra escolha, Rhys estava indo nessa direção até então; Cole teve que supor que ele continuaria.

E foi aí que ele encontrou o castelo que ficava na beira do abismo. Havia templários do lado de fora a cavalo, esperando e rindo de piadas enquanto bebiam dos cantis. Ele reconheceu alguns deles. O Narigudo estava lá. Por que, ele não tinha ideia. Afinal, eles não tinham vindo com o Rhys.

Ele os ignorou e caminhou cautelosamente pelos escombros do pátio. Não gostava deste lugar. Havia uma... presença ali. A música se desvaneceu durante o dia, mas agora foi substituída por um sussurro. Ela falava palavras em seu ouvido, muito fracas para serem discernidas, mas o suficiente para deixar seus nervos à flor da pele. A morte preenchia este lugar, era mais do que apenas a pilha de cadáveres queimados que ele não queria ver. O terror estava impresso nas pedras, tão claro como se tivesse sido escrito lá ontem.

Por que Rhys viria aqui?

Havia cavalos no pátio, o que significava que Rhys tinha entrado na fortaleza, mas há quanto tempo? Cole entrou, estremecendo ao passar pela porta. Os sussurros eram piores lá dentro. Eles lhe diziam para ter medo, e ele teve.

Pior, aqui também não havia trilha para seguir. Nenhuma voz, nenhum som de passos, nada. Cole esperou, esfregando os braços rapidamente para aquecê-los.

— Rhys! — Ele chamou.

Os ecos responderam: Rhys!... Rhys!

— Você está aqui? É o Cole!

Cole!... Cole!

Nada.

Ele continuou esperando que alguém entrasse na câmara inicial, qualquer um que pudesse prosseguir para dentro. O que ele não queria fazer era explorar por conta própria. Mas ele não tinha escolha, tinha? Para cima? Para baixo? Uma das passagens laterais?

Ele escolheu subir. Para baixo parecia muito... ele só desceria aquelas escadas escuras se realmente precisasse.

As escadas estavam amontoadas de objetos, como se algum animal estivesse espalhando coisas por aí: peças de roupa ensanguentadas, móveis quebrados, uma boneca de criança. Pessoas viviam aqui. Este castelo era a casa de alguém, ou tinha sido.

Por mais de uma hora ele vagou pelos corredores dos andares superiores. Havia quartos, ou, pelo menos, poderiam ter sido um dia. As camas foram demolidas, os móveis despedaçados. O sangue estava por toda parte, mas não havia um único corpo. Tudo estava imóvel. As poucas janelas que existiam eram todas gradeadas, e a tênue luz que admitiam fazia pouco mais do que mostrar espessas nuvens de poeira pairando no ar. Tudo cheirava estranhamente a mofo e carne.

O coração de Cole começou a bater forte. E se Rhys não estivesse aqui, afinal? Ele gritou várias vezes, mas ainda não houve resposta. E se Rhys não pudesse ouvi-lo? Cole poderia estar desaparecendo, neste exato momento, como sempre temeu.

Ele parou em um corredor escuro e encostou-se a uma parede, o suor escorrendo lentamente pelo rosto. Ele sentiu como se estivesse queimando, apesar do frio. O que iria fazer? Ele estava perambulando por esses quartos abandonados, mas quem quer que estivesse aqui estava morto ou desaparecido há muito tempo.

E então ele parou.

Havia alguém por perto. Ele sabia, da mesma forma que sabia quando os templários traziam alguém para a torre — alguém que o veria.

Lentamente, ele se afastou da parede e se agachou, puxando a adaga do cinto. Sentia seus sentidos aguçados, e ele os estendeu na escuridão para descobrir onde essa pessoa estava escondida. *Quase. Quase... Ali.*

Cole se moveu pela escuridão. Ele podia ouvir o coração batendo, como uma isca insistente puxando-o para perto. Ele podia sentir o desespero. No silêncio, era como um toque de clarim. Como pôde não ter ouvido antes?

Subindo as escadas novamente para o nível superior da fortaleza. Por um corredor escuro quase desprovido de lixo e sangue. O que quer que tenha acontecido, mal tocou este lugar. Havia sangue seco na parede,

algumas manchas no chão... mas alguns dos quartos estavam praticamente intactos. Um quarto pelo qual passou parecia um berçário, um berço de madeira esculpida esperando paciente que seu bebê voltasse.

E então lá estava. Algum tipo de sala de estar, talvez. Ele nunca tinha visto uma sala como esta no Pináculo Branco, então não tinha nada com o que comparar. Alguém rico pode ter vivido aqui um dia. Havia uma cadeira de aparência elegante com uma almofada de couro vermelho, uma lareira fria, uma estante enorme que cobria toda a parede... tudo aquilo intocado. Até os livros ainda estavam onde deveriam estar.

Mas alguém tinha morrido aqui. Um tapete amarrotado coberto de padrões de vermelho e dourado estava no centro da sala, e no meio dele havia uma grande e feia poça de sangue. Negra e seca. *Lutaram muito*, ele pensou, havia longos respingos de sangue ao longo da parede próxima, e um grande respingo na estante de livros. A mancha saindo do tapete mostrava que eles foram arrastados para fora.

Outra porta levava além, mas isso não importava. A pessoa que sentiu estava aqui. Ele se escondeu pela sala, tentando ouvir. O zumbido fraco das moscas, e nada mais. Mas ele estava aqui. Ele sabia disso.

De repente, Cole pulou o tapete e o jogou para trás. Ele foi recompensado com a visão de um alçapão de madeira escondido embaixo. Também estava manchado de sangue... mas havia uma pessoa ali. Ele se ajoelhou e o abriu, suas dobradiças rangendo alto.

Um cubículo escuro foi revelado, e uma silhueta gritou de medo e se encolheu. Era uma jovem, e ela tentou se esgueirar por baixo da abertura do alçapão — sem sucesso. Ele a encarou: a pele esticada sobre os ossos e o cabelo preto desgrenhado de medo. Rústica, vestida apenas com um avental sujo. Coberta de sujeira da cabeça aos pés. Ao seu redor havia evidências de que ela estava lá há algum tempo: pedaços de comida seca, um cobertor manchado e o fedor insuportável de urina.

Ele tinha visto pessoas que nunca dormiam, mantidas no calabouço da torre até que suas mentes chegassem ao ponto de ruptura. Ela era assim. Ela tremia tanto de exaustão quanto de medo.

E ela podia vê-lo. A sensação de alívio que ele sentiu era palpável. Levou um tempo até ela espiar por entre seus dedos. Seus olhos rapidamente viraram-se para a adaga e depois de volta para o rosto dele.

— Você vai... me matar? — Ela perguntou, sua voz era baixa como um sussurro.

— Você quer que eu mate?

Ela não respondeu.

— Eu posso acabar com tudo isso, se você quiser. Eu posso ser rápido.

Ela olhou em seus olhos; pouco a pouco, sua tremedeira diminuiu. Não havia nada além de silêncio entre eles, e ele percebeu que ela entendia. Ela sabia o que ele oferecia: uma saída para a dor e o medo. Mas ela não conseguia dizer as palavras.

Cole passou o polegar ao longo da borda de sua lâmina. Ela não conseguia se mexer. Ele era o guardião no limiar entre a vida e a morte, e nada mais. Ele já sentia aquela familiar agitação dentro dele, aquele velho medo exigindo que lutasse para ficar neste mundo. *Nunca desista*, dizia. *Não desapareça noite adentro.*

Mas o que Rhys diria?

Ele diria que Cole estava louco, que não deveria dar ouvidos a esse alvoroço. Que matar pessoas não o ajudou, nem o tornou mais real. Mas isso era verdade? Olhando para essa garota, sabendo o que ela passou, seria melhor deixá-la como estava? Cada uma daquelas pessoas que ele encontrou na torre concordou com a libertação, de certo modo. Ele brigou com a ideia, revirando-a em sua cabeça várias vezes.

— Eu não vou te matar — ele disse, enfim.

A jovem começou a chorar. A princípio pensou que devia ter sido a escolha errada, mas depois percebeu que as lágrimas dela eram de alívio e nada mais. Ela cobriu o rosto e chorava tanto que tremia. Cole ficou triste por ela e decidiu que era melhor deixá-la sozinha. Ele deu as costas.

— Não! — Ela gritou. Então, mais hesitante. — Por favor... Não vá.

Ele parou. Ela continuou a encará-lo, mas mesmo assim não saía do buraco.

— Você viu o Rhys? — Ele perguntou.

Ela parecia confusa.

— Não sei quem é.

— Há quanto tempo você está aí?

— Eu... saio de vez em quando, para comer. Mas eu tenho que me esconder à noite.

— Por quê?

Seus olhos escureceram.

— Porque eles vêm atrás de você à noite. — Então havia outros. Em algum lugar. Cole sabia onde, claro: lá embaixo. O lugar para onde não queria ir, mas que agora seria obrigado. Ele se levantou para ir embora.

— Por favor! — Ela gritou, então cobriu a boca horrorizada com o volume de sua voz. Lentamente, ela se sentou no cubículo, enfiando a cabeça pela borda e olhando para a sala com os olhos arregalados. Sua respiração era rápida e barulhenta.

Ele esperou, e eventualmente ela se esgueirou no chão, alerta ao menor som. Quando ele começou a se mover em direção à porta, ela correu atrás dele e se agarrou em seu ombro. As unhas dela cravaram-se em seu braço.

— Aonde você está indo? — Ela implorou.

— Eu tenho que encontrar o Rhys.

— Eles vão matar você!

Cole não conseguia pensar em uma resposta à altura. Se quem ela falou ia matá-lo… então eles iriam matar Rhys também. Isso o preocupou. E se Rhys já estivesse morto? Seu único amigo teria partido, e ele veio até aqui e nem mesmo foi capaz de protegê-lo. A oficial pode tê-lo matado também. Talvez seja para isso que todos aqueles templários estavam aqui.

O rosto dela estava a centímetros do dele. Parecia que ela entraria dentro de sua pele se pudesse, mas ele tentou não ligar. Fazia… tanto tempo desde que alguém o tocara. Ele nem conseguia se lembrar da última vez. Era gostoso. Como se ele fosse real. Compensava até o cheiro.

— Você tem um nome? — Ela perguntou baixinho.

— Cole.

— Eu sou Dabrissa.

Ele tentou se lembrar do que as pessoas faziam quando se conheciam. Apertavam as mãos? Mas ela já estava tocando nele. Então ele se encolheu desajeitadamente.

— Você quer ir embora, Dabrissa?

— Não posso. A fortaleza está selada.

— Mas a porta está aberta.

A garota se afastou dele, olhando-o com desconfiança. Então ela passou correndo por ele para o corredor. Cole permaneceu ali por um momento, sem saber se deveria segui-la, porém aonde mais ele iria? Ele

a encontrou no topo da escada, olhando para o andar principal, onde a entrada escancarada era fácil de ver.

— Viu? — Ele disse.

Dabrissa balançou a cabeça em descrença.

— Havia… tanto barulho. Eu pensei, *algo está acontecendo! Eu devo me esconder!* Mas eu poderia ter ido embora. Eu poderia ter… — Mais lágrimas brotaram em seus olhos; ela enterrou o rosto em suas mãos.

Cole estendeu a mão e desajeitadamente deu uma tapinha no ombro dela. Parecia um gesto inútil e impotente. Ele não tinha ideia de como confortar alguém, nem sabia por que sentia a necessidade de fazê-lo.

— Há homens lá fora, a cavalo. — Ele pensou sobre isso por um momento. — Eles podem ajudá-la. Sei lá.

Ele tinha suas dúvidas. Quando os templários já ajudaram alguém? Ela não era uma maga, mas ele não tinha certeza se isso importava.

Ainda assim, a notícia pareceu animá-la.

— Você vem comigo?

— Não. Tenho que encontrar Rhys.

Ela assentiu, reconhecendo a missão dele, mesmo que não a entendesse. Ela começou a se mover em direção à porta, mas antes de dar mais do que alguns passos ela parou e se virou para ele.

— Você me salvou. — Ela sorriu. Era um sorriso tímido, mas cheio de gratidão. — Eu vou lembrar de você para sempre.

— Não. Você não vai.

Ele não olhou para ela e, por fim, a ouviu descer as escadas. Dois passos hesitantes no início, e então ela fugiu pela porta o mais rápido que suas pernas podiam levá-la. E ela não voltou. Ele tocou seu ombro onde ela se agarrara, sentindo os primeiros sussurros de seu vazio retornarem. Se ia encontrar Rhys, era melhor partir. As profundezas escuras da fortaleza o chamavam.

10

— PELO MENOS SAÍMOS daqueles cavalos estúpidos.

As passagens apertadas engoliram a voz de Adrian. Os ecos desapareceram, substituídos por uma sensação sufocante de claustrofobia à medida que desciam. Rhys olhou fixamente para Adrian e viu que ela estava nervosa e pálida. Ela pulava de susto por causa das sombras lançadas pelo cajado brilhante de Wynne.

— Está tudo bem — ele sussurrou para ela. — Acalme-se.

— Não, não está tudo bem. O que estamos fazendo aqui?

— Você se ofereceu, lembra?

— Ele ofereceu a ela seu melhor sorriso. — Não adiantou. — Não me lembre disso.

Shale se virou para encará-los, a luz nas profundezas de seus olhos brilhando em vermelho.

— Talvez os dois magos desejem cessar vossas tagarelices, para que não chamem atenção indesejada? Eu não me importo, mas criaturas macias e carnudas deveriam ter mais cuidado com suas entranhas.

Rhys ficou tentado a dizer que os passos pesados da golem já anunciavam a presença deles. Mesmo tentando se mover silenciosamente, era uma ladainha constante de *doom doom doom*. No entanto, a golem parecia não estar disposta a ter tal conversa... se é que podemos dizer que uma estátua ambulante está "disposta" a algo. Rhys lembrou-se das

solenes estátuas dos templários na área comum dos magos, e se perguntou como elas seriam se de repente se levantassem e começassem a andar.

Por alguma razão, não achava que seriam tão petulantes. Evangeline assumiu a dianteira, cautelosamente mantendo sua espada pronta.

E por um bom motivo: os sons que eles ouviram antes agora estavam mais altos. Havia coisas se movendo, mas pelo modo como as passagens estavam dispostas, ele jamais poderia dizer a que distância estavam. Às vezes parecia que estariam na próxima curva, ou logo atrás. Aquilo era exasperante.

Depois de descer as longas escadas, eles primeiro passaram pelo que poderia ter sido uma antecâmara. Estava vazia, exceto pelo sangue que cobria o chão e as paredes. Pedaços de pano ensanguentado, partes de joias. Ali tinha cheiro de cripta. Nada de corpos, no entanto.

— Isso eu tenho que admitir — ele murmurou. — Essa gente realmente sabe como redecorar.

— É muito aconchegante — concordou Evangeline com secura. — Talvez o Pináculo Branco deva considerar um tema semelhante?

— Onde conseguiríamos todo o sangue?

— Em uma torre cheia de magos? Isso não seria problema.

— Verdade.

Adrian olhou fixamente para ele incrédula. Ele não sabia dizer se era porque estava brincando ou porque estava brincando com Evangeline. Conhecendo-a, provavelmente eram os dois. Rhys parou de falar, mas isso só o deixou mais nervoso. O silêncio, pontuado por aqueles sons longínquos, era quase insuportável. Ele gritaria até que algo desse as caras, só para acabar logo com isso, se achasse que adiantaria alguma coisa. Por algum motivo, achou melhor não fazê-lo.

De repente, havia mais escadas e corredores ramificados que saiam do patamar inferior. Wynne conduziu o grupo cheia de confiança na direção certa: à direita e depois, esquerda. Descendo um lance de escadas, depois virando uma esquina. Era estonteante... se Rhys tivesse que encontrar o caminho de volta, não tinha certeza se conseguiria. O lugar era muito maior do que imaginara.

— Quantas pessoas viviam aqui, afinal?

— Várias centenas, se bem me lembro — respondeu Wynne. — Mas há espaço para mil.

— Como eu disse, esta já foi a casa dos Guardiões Cinzentos. No auge do Segundo Flagelo, eles provavelmente tinham mais de mil homens... e grifos.

Isso aguçou o interesse de Evangeline.

— Grifos?

— É claro. Os velhos açudes se abriram para dentro do abismo. Eles estão selados agora, mas eu entendo que ainda estão lá embaixo. De qualquer forma, este lugar ficou praticamente vazio há séculos.

— Mas se havia centenas de pessoas aqui...

A ideia ficou sem resposta. Havia, na melhor das hipóteses, duas dúzias de corpos no pátio. Aquilo deixava em aberto o paradeiro de várias pessoas. Todo aquele sangue deixava pistas sobre o que aconteceu com eles, mas como morreram? E onde estavam seus corpos?

Eles passaram por várias outras salas, outrora usadas para armazenamento. As caixas pareciam ter sido despedaçadas por animais, deixando uma mistura de grãos e alimentos espalhados. Estava por toda parte, alguns misturados com sangue, muitos deles apodrecendo. Moscas enchiam a sala como uma nuvem.

E havia um barulho vindo da sala do outro lado. Estava escuro como breu ali, apenas a soleira iluminada pelo cajado de Wynne... mas eles conseguiam ver indícios de movimento. Ele ouviu um zumbido baixo e o som de muitas coisas se movendo. Centenas de coisas. Evangeline ficou tensa, olhando para a escuridão.

— Preparem-se — ela sussurrou.

Rhys queria que aquilo não fosse tão ruim quanto soou, mas parecia ser improvável. Ele ordenou que seu cajado ganhasse vida, canalizando magia lentamente até que estalasse com energia branca. Adrian fez o mesmo. Ele viu o suor escorrendo pela testa dela.

Wynne silenciosamente lançou um feitiço, movendo suas mãos em padrões misteriosos até que correntes de energia diáfanas surgiram e se estabeleceram em cada uma delas. A pele dele formigava, e podia sentir a proteção que sua magia oferecia.

— Shale. — Ela apontou para a golem. — Você vai primeiro. Ser Evangeline estará logo atrás de você.

— Criaturas de carne são tão facilmente pulverizadas — concordou.

Apertando seus enormes punhos de pedra, Shale entrou na sala. Os outros o seguiram logo atrás, Wynne fazendo seu cajado brilhar tão intensamente que Rhys a princípio recuou. Ele cobriu os olhos e teve que piscar para recuperar a visão.

Assim que o fez, desejou que a perdesse novamente.

A sala poderia ter sido algum tipo de quartel, mas agora tinha sido transformada em um covil macabro. Na luz ofuscante, ele podia ver uma enorme multidão... ou o que tinham sido pessoas um dia. Agora eram criaturas retorcidas, curvadas, se banqueteando com restos humanos. Eles rastejavam sobre pilhas de ossos e até uns sobre os outros como bestas primitivas, brigando por restos. Chafurdando no sangue coagulado. A pele deles estava coberta de sangue e sujeira, restava pouco mais do que farrapos de seja lá que roupa eles usaram um dia.

E os olhos deles. Ao se virarem para encarar os intrusos, seus olhos brilharam como faróis malévolos. Era como se um tipo de força obscura saísse de dentro deles. Ao mostrarem dentes afiados e ensanguentados em sibilos furiosos, assumiram uma aparência verdadeiramente demoniaca.

Rhys nunca esteve tão aterrorizado em sua vida.

— Cuidado! — Evangeline gritou. Ela lançou-se para frente conforme as criaturas mais próximas corriam em sua direção. O primeiro ela partiu quase ao meio com sua espada, mas os outros pularam sobre ela e quase a derrubaram. Ela se livrou deles com um grande empurrão. Um deles imediatamente levantou-se num pulo, chiando alto, e ela cortou fora sua cabeça.

Shale já estava à frente dela. A golem avançou, cada passo fazendo um estrondo de causar terremotos. Ela pegou vários dos homens e mulheres possuidos em seus braços e os jogou do outro lado da sala. Eles gritaram ao voarem pelos ares, caindo sobre os outros e derrubando todos eles.

Outros deles já estavam escalando Shale. À medida que arrancava um fora, outro o substituía. Shale passou a ignorá-los, socando ao redor enquanto as criaturas tentavam chegar aos magos. Cada um que atingia era lançado pelos ares com o impacto.

Porém, mais estavam a caminho. Uma onda deles correu para a sala, uivando e gritando com sede de sangue. Wynne lançou um olhar severo para Rhys e Adrian.

— Vocês estão prontos?

Ambos assentiram.

Rhys foi o primeiro. Ele lutou contra o medo e se concentrou, focando-se no poder que brotava dentro dele. O poder ficou cada vez maior até que ele tremeu e se sentiu pronto para explodir. Então, estendeu a mão, direcionando a energia para fora.

O arrepio conforme a magia percorria seu corpo era inacreditável. Uma bola de energia negra explodiu das pontas de seus dedos e foi arremessada através da sala. Ela passou voando por Shale e Evangeline e, quando atingiu a parede oposta, se expandiu. A bola tornou-se um vácuo que sugava as criaturas mais próximas para dentro dele. Elas desapareceram em suas profundezas, gritando. E então ela cresceu, seu poder se tornando imenso. Uma coroa de energia azul a cercava, sugando ar, detritos e tudo mais para dentro de seu núcleo. Criaturas longe o suficiente para não serem atraídas para dentro ficaram lentas. Como se estivessem lutando contra um vento forte, elas se abaixavam e lutavam para dar um simples passo.

Adrian era a próxima. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Rhys sentiu o calor irradiando dela. Quando abriu os olhos, eles brilharam, vermelhos com as chamas. Ela ergueu a palma da mão e uma bola de fogo rodopiante coalesceu sobre ela. Então ela a jogou e, à medida que voava, ficava maior e mais quente. Ela atingiu um grupo de criaturas e explodiu fazendo um inferno de labaredas. Elas emitiram guinchos ensurdecedores conforme as chamas as engoliam.

Wynne disparou raios da ponta de seu cajado. À medida que cada raio atingia uma criatura, matando-a instantaneamente, a energia se projetava para outra próxima. Ainda mais criaturas conseguiram passar por Evangeline e Shale, e enquanto corriam para Wynne, ela soltou uma onda de frio. O grupo inteiro congelou na hora.

Outras mais deram a volta em seus companheiros congelados, ignorando-os completamente. Wynne atingiu várias, mas uma delas saltou alto para cima. Ela desceu com as presas à mostra, derrubando-a no chão.

— Wynne! — Rhys gritou.

O pânico tomou conta dele. Ele lançou um raio mágico de seu cajado, atingindo a criatura no momento em que estava prestes a afundar suas presas no pescoço dela. Ela foi arremessada e, quando se levantou,

Wynne a explodiu com um feitiço de gelo. A criatura congelou, e então se despedaçou em mil estilhaços de gelo.

Wynne deu a Rhys um olhar agradecido, mas então algo o atingiu de lado. Ele caiu com a força e se virou para ver o rosto da criatura a centímetros do seu. Era uma mulher — sua pele manchada e doente, cabelos loiros pendurados em tufos pegajosos em seu couro cabeludo. Ela sibilou, mostrando as presas cobertas de saliva e sangue preto.

Ele tentou desesperadamente empurrá-la, mas ela era mais forte do que jamais imaginou. Assim que ela estava prestes a dominá-lo, algo a atingiu na lateral da cabeça. Um cajado. Adrian pairava sobre eles, o rosto contorcido pelo horror, e atingiu a criatura de novo. Ela saltou de cima dele e girou para sibilar para Adrian, que disparou um jato de fogo na criatura. Ela foi arremessada de volta para as sombras, gritando.

— São muitos! — Adrian gritou, embora mal pudesse ouvir. Cada relâmpago que Wynne disparava enchia a câmara com trovões. Isso, combinado com os gritos das criaturas enquanto cercavam Evangeline e a golem, era ensurdecedor.

— Eu sei!

Adrian olhou para a legião de criaturas. Rhys fez o mesmo. Mais delas já haviam passado por Shale, que estava praticamente infestada delas. Ainda que a golem fosse feita de pedra, eles ainda eram fortes o suficiente para despedaçá-la lentamente. Evangeline também estava ferida, com sangue escorrendo de um corte na testa, descendo pelo rosto e sobre a armadura. Wynne estava duramente pressionada; todos estavam suando e não seriam capazes de continuar assim por muito tempo.

— Eu vou convocar a tempestade! — Adrian se concentrou, apertando as palmas das mãos dela e formando um núcleo de chama vermelha, que lentamente começou a crescer em intensidade.

— Não! Você vai matar Evangeline!

— É isso ou vamos todos morrer!

Ele saltou, jogando a cautela ao vento. Várias criaturas o atacaram. Ele convocou todo o poder que pôde e o liberou como uma onda de força pura, e elas foram enviadas pelos ares. Ele correu em direção a Evangeline, que balançava sua espada traçando arcos a esmo. As criaturas a cercaram, e sua expressão sombria disse a Rhys que sabia que estava prestes a cair.

— Evangeline! — Chamou, o mais alto que pôde.

Ela não o ouviu. Ele correu em direção a ela, atingindo várias das criaturas ao redor. Ela girou quando ele se aproximou, apenas impedindo-se de cortá-lo ao meio no último segundo, quando percebeu quem era.

Ela olhou para ele em choque, seu rosto coberto de sangue.

— O que está fazendo?!

— Abaixe-se! — Rhys atacou suas pernas, levando os dois ao chão. Ela lutou, tanto de raiva quanto de medo das criaturas agora correndo em direção a eles.

E então a tempestade de fogo começou.

As chamas varreram o teto, dançando como ventos rodopiantes de um furacão. Línguas de fogo desceram com um grande rugido, lambendo grupos de criaturas e transformando-as quase instantaneamente em cinzas. Rhys podia ver Adrian, com as mãos estendidas e cercadas por uma coroa de fogo, embora permanecesse ilesa. Ela pairava acima do chão, seus cachos ruivos voando, uma deusa terrível e vingativa.

Rhys apertou seu rosto contra Evangeline, e ela cobriu a cabeça. O calor era escaldante. O rugido chegou a ter uma força que quase física. A força batia em Rhys e o pressionava para baixo, ameaçando despedaçá-lo. Ele tentou gritar, mas nada saiu. Ele mal conseguia respirar. E então, quase tão rápido quanto começou, terminou. A tempestade de fogo desapareceu, seguida por um silêncio assustador. Nenhum guincho, nenhum trovão ou rugido de chamas, apenas um leve som crepitante acompanhado pelo cheiro de carvão e carne queimada.

Ele levantou a cabeça. Evangeline fez o mesmo e o encarou com uma expressão de espanto. Não havia palavras — ele se sentia tonto, estranhamente vazio. Rhys pôs força em seu cajado e, à medida que o brilho azul se expandia, viu que a batalha havia terminado. Cadáveres carbonizados cobriam a sala de uma ponta à outra, fumaça preta ainda subindo de seus corpos. Shale estava não muito longe, irritada tirando cinzas quentes de sua pele de pedra.

— Os magos são ocasionalmente úteis — admitiu a contragosto.

Tanto Wynne quanto Adrian jaziam no chão não muito longe. Nenhuma das duas se movia. Rapidamente Rhys pulou e correu, tossindo tanto com o fedor quanto com a fumaça. Wynne parecia chamuscada

e desgrenhada, mas ilesa, e acenou para ele, fechando a cara. Adrian estava mortalmente pálida, mal respirando.

Ele tocou suas bochechas: frias.

— Adri? — Ele sussurrou, o medo o dominando.

Lentamente, ela abriu os olhos, só um pouco.

— Eu estou morta? — Ela gemeu.

Ele riu num alívio exausto.

— Não, ainda não.

— Que pena...

Evangeline se aproximou, embainhando sua espada. Revestida de sangue e fuligem, cada centímetro dela representava uma guerreira valente.

— Parece que não há mais. Estamos seguros, pelo menos por enquanto.

Wynne acendeu seu cajado novamente, balançando a cabeça em aprovação quando viu que Shale estava ilesa, e olhou em volta.

— A passagem do outro lado leva ao laboratório de Pharamond. Ele está lá dentro.

Evangeline parecia incrédula.

— Não tem como você achar que ele ainda está vivo!

Wynne deu a ela um olhar sério.

— Sim, eu acho.

Parecia estranho considerar simplesmente prosseguir com sua missão, como se a batalha não fosse nada mais do que um obstáculo. Essas criaturas eram inocentes possuídos por demônios; se os experimentos de Pharamond causaram isso, Rhys questionou se deveriam tentar salvá-lo. Mas ele permaneceu quieto. O que mais eles poderiam fazer além de seguir em frente? E Wynne estava certa. Agora que a luta havia terminado, podia sentir aquela presença sombria novamente. O que quer que tenha acontecido aqui, o motivo estava na sala ao lado.

Ele não se sentia muito ansioso para descobrir o que era.

A primeira coisa que chamou a atenção de Rhys quando entraram foi o tamanho do laboratório. Tinha vários níveis e parecia ser algo entre uma biblioteca e uma oficina; e isso eram apenas as partes que ele podia ver à luz do cajado de Wynne. A maior parte estava envolta na escuridão. Mais estranhamente, estava totalmente intocado pelo caos presente em todos os outros lugares da fortaleza. Os livros permaneciam em suas

estantes, as mesas da oficina estavam cheias de papéis e instrumentos estranhos. Não parecia muito diferente das oficinas que se podiam encontrar no Pináculo Branco.

A exceção era o elfo sentado em uma cadeira luxuosa no meio da sala.

Ou o que um dia fora uma pessoa. Agora ele parecia deformado, sua carne horrivelmente torcida em seu corpo. Seus braços eram muito longos e finos, seus dedos terminando em garras, seus lábios puxados para trás de seus dentes em uma careta perturbadora. A única razão pela qual Rhys podia dizer ser um elfo eram suas orelhas pontudas, embora agora parecessem chifres. Seus olhos, no entanto, se mostravam completamente brancos... e ele os observava de sua cadeira com um ar de fascinação calma sem se exaltar.

A presença que Rhys sentia estava dentro dele. Um demônio queimava em cada fibra de seu ser, pulsando com uma maldade que infectava o quarto.

Wynne não estava longe do sujeito, Shale ao seu lado. A princípio ele se perguntou por que ela não estava fazendo nada, mas quando entraram ela ergueu a mão em advertência e então apontou para o chão. Foi quando Rhys as viu: runas, inscritas em um círculo ao redor da cadeira.

Havia magia poderosa nelas; o formigamento familiar em sua pele indicava isso.

— *Saudações a todos.* — O demônio sugestivamente recostou-se em sua cadeira, batendo com as garras no braço. Rhys descobriu que sua voz era estranhamente culta, embora o timbre sobrenatural o fizesse estremecer. — *Esperei tanto por convidados. Perdoem meus irmãos inferiores. Eles se tornam tão... excitáveis... depois de atravessarem o Véu.*

— Você é Pharamond? — Wynne perguntou com cuidado.

— *Preciso responder?*

— Creio que já foi Pharamond um dia. Agora você é outra coisa.

— *Pobre Wynne.* — Seus lábios se afastaram ainda mais de seus dentes, parecendo um sorriso. — *Você viveu eventos que fariam um humano inferior implorar por misericórdia... e o que ganhou por seus esforços? Deve ser angustiante para alguém tão favorecida pelo destino descobrir que ele não tem mais nada a lhe oferecer.*

Ela fez uma careta, mas não respondeu. Evangeline deu um passo à frente, mantendo um olhar cauteloso no demônio e sua espada pronta.

— Eu não entendo — ela sussurrou para Wynne. — Como isso sabe seu nome? Por que está só sentado ali?

— Essas runas formam um círculo de aprisionamento. O demônio não pode atravessá-las, e sugiro que fiquemos deste lado. Quanto a saber meu nome, está lendo meus pensamentos… ou usando as memórias de Pharamond.

O sorriso do demônio se alargou.

— *Maga esperta.*

Evangeline se ajoelhou, estudando as runas mais de perto.

— Estas são runas de encanto. Do tipo que os Tranquilos usam.

Wynne assentiu, mas agora Rhys falou:

— Então Pharamond criou o círculo de aprisionamento? Isso significa que ele…

— Ele fez isso de propósito. — Evangeline completou sua frase. — Criou o círculo de aprisionamento e colocou-se dentro dele. Este demônio não é um acidente.

A ideia demorou um pouco para ser absorvida. Tudo o que eles tinham visto na fortaleza era obra de demônios, espíritos das trevas que sangraram do Turvo para este mundo… e aqui estava a evidência de que Pharamond os trouxe aqui. Talvez não tenha sido sua intenção, mas ele soube o suficiente dos riscos para criar o círculo de aprisionamento. Talvez até tenha sido ele quem selou as portas da fortaleza. Se foram precauções, claramente não foram suficientes.

As únicas perguntas que restavam eram como… e por quê?

Evangeline se levantou e encarou Wynne.

— Eu creio que já viu o suficiente. Seja lá o que seu amigo estava pesquisando, ele o fez por meio do uso de demônios. Nada de bom pode vir disso.

— Ainda não determinei isso.

— O que resta a determinar? Isso é loucura!

Wynne apertou a mandíbula em teimosia.

— Vim aqui para salvar Pharamond, um objetivo que conta com o total apoio do Coro.

— O Coro mudaria de ideia se soubesse o que ele andou fazendo.

— E vai. — Wynne olhou fixamente para Evangeline. — Ainda não temos todas as respostas e não vou tirar conclusões precipitadas. Você é livre para me ajudar, ou não, como quiser.

O demônio riu com prazer, chamando a atenção deles. Ele se levantou da cadeira devagar, sua pele se esticando com um rangido de couro. Shale deu um passo agressivo em direção ao círculo, apenas para ser interrompida por Wynne. O demônio sorriu de novo, abrindo os braços.

— Por favor, criatura. Entre no círculo e me destrua, se acha que consegue.

— Deixe-me esmagá-lo — Shale grunhiu.

Wynne balançou a cabeça.

— Não. Não é para isso que estamos aqui.

— *Eu sei por que está aqui, Wynne.* — O demônio estendeu um longo braço para Evangeline, que ergueu as sobrancelhas, mas não se mexeu. — *Mas você sabe por que a templária está aqui? Por que ela insiste para que desista de seus esforços?*

— O que quer dizer?

— *Ah! Então Rhys não lhe contou?*

Wynne olhou para Rhys e ele se sentiu culpado. Ele tinha contado a Wynne e Adrian sobre Cole, sim, mas não o que descobrira sobre o verdadeiro propósito de Evangeline. Agora queria que tivesse contado.

— Ela está aqui para descobrir o que Pharamond estava pesquisando — disse hesitante. — E se esse conhecimento prejudicaria o Coro.

Adrian se afastou de Rhys. Ela vacilou de fraqueza, mas ainda tinha presença de espírito suficiente para olhar para ele com desconfiança.

— O que isso significa? — Ela reclamou. — E se ela não gostar do que encontrarmos?

— Então não sai daqui — disse Evangeline, sombria. — Não importa o que seja.

— O que significa que vai nos matar. — Os olhos de Adrian se arregalaram ao perceber. — É por isso que os outros templários estão aqui, não é? Admita.

Wynne se afastou de Evangeline, seus olhos brilhando perigosamente.

— Isso é verdade? — Shale deu meio passo à frente dela, permanecendo na defensiva como se a templária estivesse prestes a atacar.

Evangeline permaneceu imóvel, com uma mão no punho da espada, mas não fez nenhum movimento. Ela olhou com cautela para os outros, e então assentiu.

— Eu não pedi para eles virem. Mas sim, é por isso que estão aqui.

— Eu sabia! — Adrian cuspiu essas palavras. — Apesar de toda sua conversa de nos proteger, você está fazendo o que os templários *sempre* fazem: protegendo a si mesmos!

— Temia-se que a Divina não estivesse totalmente ciente das implicações de sua missão, — disse Evangeline com firmeza — e vejo que isso estava correto. Estou aqui para assistir e decidir. Não tiro prazer disso, mas cumprirei meu dever.

— E quanto ao seu dever de fazer o que a Divina pede? — Wynne perguntou.

— Estou operando sob as ordens do Buscador-Mor, aquele que é a mão da Divina. Não cabe a mim questionar seu julgamento.

— Então você está apenas seguindo ordens? — Adrian chiou. Ela estendeu as mãos e uma coroa de chamas começou a se formar, enrolando-se ao redor delas. Rhys tentou contê-la, preocupado que estivesse se sobrecarregando, mas ela pulou para longe. — E você! Você escondeu isso! Por que faria isso, Rhys?

— Ah, não sei — ele suspirou. — Talvez seja porque você é tão previsível?

Essa era a resposta errada. Ela se endireitou, os olhos brilhando de raiva.

— Eu *deveria* ser grata por uma templária ter sido enviada para nos matar? Existe outra reação que eu deveria ter? — Ela se virou para Evangeline, o fogo em torno de suas mãos brilhando mais forte. — Você realmente acha que vamos te deixar sair impune disso?

A templária não parecia intimidada.

— Você realmente acha que há conhecimento que vale a pena encontrar aqui? Salve o homem ou não o salve, sua pesquisa foi perigosa o suficiente para condenar cada alma inocente nesse castelo à morte. É magia proibida, e jurei proteger o mundo dela, até meu último suspiro.

— Magia proibida! — Adrian riu com desdém. — Vocês templários chamam assim qualquer coisa que não entendem!

— O que mais há para entender?

— Não quer saber como um Tranquilo pôde ser possuído? — Adrian balançou a cabeça, como se a enojada Evangeline pudesse ter esquecido.

— Não é essa a razão pela qual estamos aqui? Quem se importa como ele conseguiu fazer isso; já está feito!

— *Oh, eu posso ajudar com isso* — o demônio interveio.

Wynne olhou para ele com desconfiança.

— É mesmo?

— *Só existem duas possibilidades.* — Ele sorriu, batendo no queixo como se tentasse pensar no assunto. — *Ou eu sou tão poderoso que nem mesmo a mente de um Tranquilo me é negada... ou o homem que você vê perante si conseguiu reverter sua condição. Ele não é mais um Tranquilo.*

— Isso não pode ser feito — objetou Evangeline.

— *No entanto, aqui estou. Pergunte a si mesma qual possibilidade é mais provável.* — Ele riu da cara sombria dela. — *Ah sim. Se o Ritual da Tranquilidade puder ser desfeito, os templários teriam de vigiar os Tranquilos assim como os magos. De repente, ninguém está seguro.*

Ela parecia perturbada, mas antes que pudesse responder, Adrian correu na direção de Wynne.

— Pare-a — ela ordenou. — Não vai importar o que descobrirmos, e você sabe disso. Eles não querem que seu amigo seja salvo, e se o que o demônio diz é verdade, eles preferem morrer a deixar que alguém saiba que seu precioso ritual não tem valor.

Evangeline se virou para enfrentá-los, furiosa.

— E você acha que esse conhecimento seria benéfico? Para alguém?

— Sim, eu acho — Adrian contestou. — Todos aqueles magos que os templários mutilaram, transformaram em servos e coisas piores! Por que eu não aproveitaria a chance de desfazer o dano que vocês causaram?

O rosto de Evangeline endureceu.

— Você fala daqueles que não têm força para comandar seus dons. Não há outra escolha, a não ser vê-los se tornarem presas de demônios que eles não têm como enfrentar.

— E como você os julga? Vocês lançam um demônio contra eles em um teste até a morte, em que a única alternativa deles é se submeter ao seu ritual? É bárbaro!

— O que prefere que façamos? Que os executemos?

— Seria mais honesto! Em vez disso, vocês fingem que não são um bando de assassinos, como se estivessem nos fazendo um favor!

— Você *é* uma menina idiota. — Evangeline balançou a cabeça.

Adrian gritou de indignação, voando em Evangeline com as mãos estendidas para arrancar os olhos da templária. Evangeline ergueu a espada, mas antes que pudessem colidir, Rhys se interpôs. Adrian tentou contorná-lo, mas ele a agarrou. Ela lutou, rosnando furiosamente e, quando percebeu que não adiantava, ela o esbofeteou.

— Parem! — ele gritou. — Não percebem que isso é exatamente o que o demônio quer?

Isso a fez parar. Ele olhou para Evangeline.

— Mesmo quando os demônios não estão mentindo, — disse ele — eles manipulam a verdade para obter os resultados que desejam. Não deem ouvidos a isso.

Wynne, que até então havia observado o confronto com um olhar ameaçador, assentiu lentamente. Até Adrian assentiu com relutância, embora sua carranca indicasse que não gostou daquilo. Desde sempre ela podia ser convencida a se acalmar em uma fúria verdadeira, mas essa foi por pouco.

— Obrigada — disse Evangeline.

— *Sim, muito heroico* — o demônio o aplaudiu, sorrindo. — *Talvez você devesse dizer aos seus companheiros por que não os informou sobre a missão da templária, Rhys. Então, talvez não o achem tão heroico assim.*

— Não contei a elas porque sabia que isso aconteceria!

— *Oh? Não foi porque você buscou as graças da templária? Proteção contra o destino que aguarda seu retorno à torre?*

— Não!

— *Entendo.* — Ele assentiu. — *Então talvez seja apenas a templária que deseje proteger. Ela é bonitinha, né?* — Ele riu com prazer.

Adrian se livrou de seus braços, mas evitou seu olhar e ficou em silêncio.

— Adrian — ele disse baixinho. — Lembre-se do que eu disse. O demônio está apenas tentando nos incitar com mentiras.

— *Eu não preciso mentir; não quando a verdade é muito mais saborosa.*

Ele mordeu a isca, enfurecido, e convocou mana para usar. Ele não queria nada além de tirar aquele sorriso distorcido de seu rosto, transformá-lo em cinzas.

Wynne bateu com o cajado no chão, com força, interrompendo-o. Todos os olhos se voltaram para ela.

— Obedeça a seu próprio conselho — ela ordenou — e ignore o demônio. — Então ela se virou para Evangeline. — Nós vamos continuar com o ritual, e eu entrarei no Turvo e enfrentarei o demônio lá. Você pretende me impedir?

Evangeline ponderou.

— Não — ela disse então.

— *Excelente* — o demônio concordou presunçosamente. Sentou-se na cadeira, arrumando-se como um rei cumprimentando seus súditos. — *Por obséquio, venha para o Turvo e encontre-me em meus próprios termos. Afinal, não tenho para onde ir.*

Seguiu-se um silêncio tenso. Foi a golem quem finalmente o interrompeu.

— Isso significa que a discussão finalmente acabou? — Suspirou. — É realmente muito chato de ouvir.

— Sim, acabou — Wynne retrucou.

— Até você trazer de volta Pharamond — acrescentou Adrian.

Ela lançou um olhar vultoso para Evangeline, que manteve sua expressão deliberadamente neutra. Seus olhos encontraram os de Rhys apenas por um segundo, e ele virou a cara. Ele se sentia envergonhado. O que ela deveria pensar dele agora? Ela era atraente, verdade. Mais que isso, se ele conhecia as pessoas, acreditava que ela era honesta e até mesmo digna — traços raros em um templário.

Ela ainda era uma templária, no entanto, e ele ainda era um mago. Qualquer coisa além disso era impossível, e mesmo que não fosse, a ideia inteira agora parecia manchada. Ele tentou ignorar o rubor que surgiu em seu rosto.

Wynne acenou com seu cajado para ele.

— Assuma uma posição do outro lado do círculo de aprisionamento. Você também, Adrian.

— E o Véu? — Perguntou Rhys. — É fino aqui, bem mais do que no Pináculo Branco. Eu não queria convocar nenhum espírito antes porque estava com medo do que mais poderia atravessar. Se cometermos um erro...

— Faremos o que for preciso. — Ela olhou para Shale. — Caberá a você nos proteger, velha amiga. Você se lembra de quando fizemos isso em Redcliffe?

A golem revirou os olhos.

— Eu não fiquei senil, ao contrário da maga idosa.

— Ótimo. Então eu creio que você não vai adormecer.

— Se eu dormisse, poderia ficar tentada.

Adrian fechou a cara enquanto estava ao lado do círculo, alternando entre olhar para o demônio e olhar para Evangeline. Rhys assumiu sua posição do outro lado e estava simplesmente feliz por estarem começando. O silêncio era excruciante. Ele meio que preferia o trovão e o rugido do combate em que estiveram envolvidos alguns minutos atrás.

— Tem certeza de que está forte o suficiente para isso, Adrian? — ele perguntou.

Ela não olhou para ele.

— Eu vou ficar bem.

O demônio girou a cabeça, analisando Rhys com seus olhos, que eram humanos demais. Ele tentou não olhar em seus olhos. Durante o curso de seus experimentos, ele interagiu com vários espíritos, alguns deles demônios — nenhum deles tão poderoso quanto este. Ficar na mesma sala com ele, tê-lo sentado ali tão calmamente, era mais do que um pouco surreal.

— *Claro, ela vai ficar bem* — ele riu. — *Não há absolutamente nada a temer.*

— Cale-se.

— *Estou apenas lhe oferecendo mais uma oportunidade de conversar com um demônio, Rhys. Estou surpreso que sua companheira templária permita isso.*

Ele podia ver Evangeline franzindo a testa. Ela olhou para baixo, dedilhando o punho de sua espada. Talvez estivesse pensando em matá-los enquanto faziam o ritual? Nesse caso, havia apenas a golem para detê-la. Mesmo assim, ele duvidava que ela tentaria.

Um novo pensamento lhe ocorreu. Ele olhou desconfiado para o demônio.

— O que quer dizer com "mais uma oportunidade"? Você sabe alguma coisa sobre Cole?

Wynne vasculhou sua mochila, tirando uma grande garrafa cheia de um líquido azul brilhante. Lyrium puro e não refinado. Mesmo de lá, Rhys podia ouvir sua fraca canção, uma melodia que tocava em sua cabeça e dançava em sua pele.

— Não fale com isso, Rhys — ela avisou. — Qualquer coisa que diga será mentira.

Adrian bufou ironicamente.

— Ainda não mentiu para nós.

— Mas e se ele souber o que o Cole é? — Rhys se sentiu impotente, preso entre sua cautela e a tênue chance de que o demônio pudesse dizer algo útil. Ele realmente não acreditava que Cole era um demônio. Ele conseguia sentir este, bem aqui na frente dele; por que Cole seria diferente? Mas e se ele fosse?

— Isso usa as suas incertezas — disse Evangeline de repente. — Acalme sua mente. Se as respostas vierem, não estarão nas mãos desta criatura. — Ela olhou para Rhys com uma preocupação inesperada, e ele se viu relaxando um pouco. Ela estava certa. Ele acenou de volta para ela, agradecido.

Wynne se levantou.

— Podemos começar.

Ela abriu a garrafa, tomando cuidado para não deixar nada do líquido azul derramar sobre ela. Lyrium bruto era perigoso para os magos. Mesmo para uma pessoa comum, poderia causar loucura. Os contrabandistas de Lyrium das terras dos anões às vezes adoeciam e morriam, gritando para tormentos invisíveis. O choque de absorver tanta mana, no entanto, poderia matar instantaneamente um mago.

Ele observou com ansiedade conforme ela despejava o lyrium em uma pequena tigela de latão. Assim que tocou o metal, começou a borbulhar, causando uma pequena explosão de energia que enviou um arrepio por sua pele. O demônio observou com fascinação clínica, quase vibrando de prazer enquanto uma nuvem de vapor azul se elevava da tigela.

Wynne fechou os olhos, concentrando-se. Ela começou a mover as mãos ao redor do vapor, persuadindo-o e provocando-o sem nunca tocá-lo. Ele se ramificou como uma videira em crescimento, enviando gavinhas em direção a Adrian. Ela estendeu as mãos para recebê-lo, e o vapor lentamente rodou em torno dela.

Rhys estendeu as mãos também, concentrando sua mente na música. Estava ficando mais alta agora, um refrão poderoso que emocionava sua

alma. O vapor reagiu como se estivesse vivo, ondulando em direção a ele, enrolando-se ao redor de seu corpo. Toda vez que se aproximava de sua pele, ele sentia uma estranha descarga, como eletricidade. Aquilo deixou seus cabelos em pé.

Tudo foi abafado pela música, aquele som insistente que parecia puxá-lo para fora de seu corpo. O vapor azul vagou lentamente de volta para Adrian, e quando se conectou com os tentáculos de vapor na frente dela, o circuito estava completo. Um anel de poder agora cercava o demônio e começou a crescer em intensidade, a crescer em urgência até se tornar tudo o que Rhys podia suportar.

Era demais. Demais. Ele fechou os olhos, a música tão esmagadora que parecia que ele estava prestes a vibrar até sair da existência. Ele balançou a cabeça com violência mas só piorou.

Eu... não posso... isto é...

E então o Véu se abriu.

11

A MENTE DE COLE se rebelou.

Aquela música, a princípio tão estranha e diferente do que sentiu quando viu a criatura maculada nas terras áridas, tornou-se um pesadelo. Ela o invadiu, preencheu e depois despedaçou... e não parou por aí. Ele lembrou de ter caído no chão, tapando os ouvidos e tentando gritar. Mas não havia nenhum outro som, apenas um puxão que o ergueu e o arrastou para a escuridão.

E agora... agora havia silêncio. Mas ele estava em outro lugar.

Ele estava do lado de fora, no meio de uma cidade desconhecida e de uma guerra. Prédios queimados, pessoas correndo e gritando. Havia caos por toda parte. Uma escuridão sinistra enchia o céu, como se alguma coisa podre e maligna tivesse se espalhado e infectado o mundo. Pior, estava tudo *errado*. Parecia que estava olhando através de um vidro colorido, era tudo real, mas totalmente irreal ao mesmo tempo. O mundo estava muito vívido, muito em foco, mas tudo parecia borrado nos cantos de sua visão.

Cole queria agarrar alguém, obrigá-los a vê-lo e exigir saber onde ele estava. O que era aquela montanha que dominava o horizonte? Ele nunca tinha visto uma montanha antes. Do que estavam fugindo? Por que tudo estava queimando? Mas ele estava muito apavorado, e tudo estava acontecendo muito rápido.

Ele correu para o canto da estrada, saindo do caminho de um grupo de elfos em fuga — famílias arrastando seus filhos chorando e carregando suas posses mundanas — e se refugiou sob a soleira de alguma loja incendiada.

Havia cadáveres carbonizados lá dentro. Ele não queria olhar para eles. A cidade inteira fedia a morte e fumaça. Seu coração não parava de bater em seu peito, e ele queria gritar. O que está acontecendo?

Então, ele os viu. O mesmo tipo de monstro que ele tinha nas terras áridas, coisas com a carne pálida e corações contaminados. Eles correram à vista, carregando espadas brutas e gritando sua sede de sangue. Mas havia algo de errado com eles também. Ele não ouvia a música, aquela melodia insistente com seus tentáculos estendendo-se para ele. Eles eram cascas e nada mais.

Mas viram Cole. Levou um instante para registrar aquilo conforme os monstros apontavam para ele. Eles rugiram e golpearam o chão com suas espadas, e então atacaram.

O primeiro ele cortou a garganta com sua adaga. Ele nem tinha percebido que tinha sacado; reagiu instintivamente, e lá estava. O icor preto jorrou do pescoço do bicho e ele gorgolejou ao tropeçar por ele para dentro da loja. O segundo atacou com sua espada e errou, a lâmina cortando a moldura queimada da porta, ficando presa. Cole cortou seu braço, forçando-o a soltar sua arma, e então girou com força suficiente para enfiar a adaga em seu esterno.

O bicho desmoronou com um grito bestial, mas outros vinham logo atrás. Muitos. Cole se virou e correu. Ele se escafedeu pela loja, saltando sobre os cadáveres e escapando por uma seção desmoronada da parede dos fundos.

Ele não tinha ideia de para onde estava indo. Ouviu o lamento das criaturas atrás dele conforme o perseguiam, e aquilo só o fez correr mais rápido. O rapaz transpôs becos sinuosos, através de uma fumaça preta sufocante, e correu rente a pessoas assustadas que se encolheram com sua passagem.

Por fim, Cole desembocou em algum tipo de praça, encharcada de sangue e tripas. Uma batalha havia ocorrido lá — corpos de soldados mortos estavam espalhados, a maioria deles humanos e todos vestindo cores que ele não reconheceu. Suas gargantas foram cortadas, seus

membros arrancados. Um homem tão jovem quanto ele estava caído ali perto, sua língua inchada e roxa, olhos horrorizados olhando para o nada. O cheiro fez Cole querer vomitar.

Um grito de terror no beco atrás dele o forçou a se mover. Do outro lado da praça havia a abertura para uma rua maior, que não estava completamente sufocada pelas chamas. Aquilo podia ser uma saída. Cole atravessou a praça, pisando entre os corpos o mais rápido que pôde.

Mal chegou na metade do caminho quando ouviu um grito bárbaro de descoberta. Ele se virou e agora via as criaturas saindo do beco, dezenas delas avançando para a praça sem se importarem com nada.

Não havia como chegar a tempo. Cole agarrou sua adaga com força, suor azedo escorrendo pelo rosto. Ele olhou para os soldados mortos, perguntando-se se deveria pegar um de seus escudos... ou talvez uma espada? Ele nunca havia usado nenhum dos dois, e essas coisas não pareciam ter ajudado os soldados.

Morra como um homem. O comando se infiltrou em sua cabeça. De onde aquilo veio? Ele tinha ouvido aquilo em algum lugar, e agora o fez cerrar os dentes. Ele ficou tenso e esperou. As criaturas correram em direção a ele quase devagar, como se estivessem correndo dentro de águas turvas, mas não era verdade. Foi ele quem desacelerou.

E então houve uma explosão.

Cole olhou com descrença e atordoado quando uma grande explosão de fogo fez as criaturas voarem. Eles viajaram pelo ar, agitando os braços, e atingiram o chão com força. Todos estavam queimando, gritando em terror.

— Cole!

Ele se virou para a fonte da voz... e viu Rhys correndo para a praça. As outras magas estavam com ele, a velha e a ruiva, e a Oficial também. Uma grande estátua feita de pedra e cristais se arrastava atrás deles, algo que Cole normalmente teria ficado surpreso ao ver. Hoje era apenas mais uma peça de estranheza para empilhar sobre as outras.

— Rhys? — Ele perguntou baixinho.

Rhys olhou para ele, boquiaberto de choque. A Oficial também olhou, embora sua expressão fosse muito mais cautelosa. Ela prontamente segurou sua espada, como que se esperasse um ataque de Cole. Atacá-los era a última coisa em sua mente.

As outras duas magas caminharam em direção às criaturas que ainda estavam de pé. Elas estenderam seus cajados e soltaram raios de poder. As explosões dispersaram os monstros pálidos, e foi quando o colosso de pedra passou pelas magas. Ele bateu no chão com os dois punhos, forte o suficiente para enviar uma onda de choque que derrubou o resto dos monstros no chão.

Mais alguns raios de fogo e relâmpagos e os monstros finalmente fugiram. Eles pegaram suas armas e abandonaram seus companheiros mortos, desaparecendo de volta no beco. Cole os observou partir, sem nem ter saído do meio da praça. No silêncio que se seguiu, pontuado apenas pelos sons distantes de fogo e gritos, ele percebeu que todos estavam olhando. Para ele. Todos podiam vê-lo.

Rhys deu um passo à frente, mas a Oficial estendeu a mão e o deteve.

— Cole, o que está fazendo aqui? — Rhys perguntou, perplexo.

— Eu sei que não queria que seguisse você...

— Não, como você chegou *aqui*?

Cole ficou nervoso. Ele não estava acostumado a ter tantas pessoas olhando para ele, e elas não estavam fazendo nada. Ele queria desesperadamente abraçar Rhys, implorar o perdão do homem. Ele tinha imaginado esse reencontro de tantas maneiras diferentes, mas nunca assim.

— Havia música — disse calmamente. — Era tão alta, que me preencheu e me trouxe aqui. Mas eu não sei onde aqui é.

— Aqui é o Turvo — disse a velha senhora. Ele nunca tinha olhado direito para ela antes. Ela até podia parecer uma vovó gentil se não fosse por aqueles olhos afiados. Eles olhavam através dele e o avaliavam, e havia algo mais... algo por trás deles que fez Cole estremecer. Ele não gostou. Quase desejou ser invisível novamente. — O reino dos espíritos — ela continuou. — E isso é um sonho, de certa forma. Acredito que possa ser o meu.

A maga ruiva franziu a testa.

— Seu sonho?

— Denerim. Esta é a capital de Ferelden, e estamos no meio do Flagelo. Esta é a batalha em que o Arquidemônio foi morto e as crias das trevas finalmente derrotadas.

— Mas isso é uma coisa boa.

O rosto da velha senhora murchou e, por um momento, ela pareceu cansada.

— Olhe ao seu redor, Adrian. Foi um pesadelo. A vitória veio a um custo terrível e me assombra desde então.

Eles olharam ao redor, para os prédios em chamas e a terrível escuridão tremulando no céu. Os gritos fizeram Cole estremecer. Ele não queria ficar nesta praça, parado no meio de tantos cadáveres. Se isso era um sonho, por que não podiam simplesmente acordar?

A estátua ambulante cambaleou, seu rosto de pedra torcido em uma carranca.

— A velha maga me trouxe para o Turvo novamente. Eu não gostei da primeira vez.

A Velha assentiu, suspirando.

— Não foi de propósito, Shale. Parece que todos foram atraídos através do Véu, em vez de apenas eu. — A estátua voltou seus olhos brilhantes para Cole. — E este aqui, também? Devo esmagá-lo agora? Ele parece desagradável.

Rhys de repente saiu de seu estupor.

— Não! — Ele gritou. — Deixe-o em paz!

— Não sabemos o que ele é — disse a Oficial. — Pense bem, Rhys. Ninguém pode vê-lo, mas de repente ele está dentro do Turvo? Bem onde você está? Não seja tolo.

— Ele *não* é um demônio.

— Não sei — disse a Velha, incerta. Ela deu um passo em direção a Cole, e ele se afastou. Ele ainda segurava sua adaga, e agora começou a se perguntar se precisaria usá-la. — Eu não sinto que é um espírito, mas o que isso significa aqui no Turvo? Também não senti aquelas criaturas perseguindo-o como espíritos, mas certamente não eram crias das trevas.

Um momento de tenso silêncio se passou, e Cole olhou para Rhys.

— Você ainda está com raiva de mim? Eu só queria proteger você.

— Você não é capaz de me proteger, Cole. É por isso que eu disse para você voltar.

— Eu não poderia.

A Ruiva olhou para Cole com raiva, embora, até onde sabia, ela sempre parecia estar com raiva. Sua voz o penetrou como facas.

— Por que não poderia? — Ela exigiu. — Você tem alguma ideia do que fez com Rhys?

Ele recuou mais um passo, mas ela o seguiu.

— Eu não queria fazer nada com Rhys — disse ele calmamente.

— E com os magos que assassinou? Você não quis fazer aquilo?

Cole sentiu como se um buraco estivesse se abrindo embaixo dele. Como poderia explicar isso para ela, quando mal conseguia explicar para Rhys? Ela não conhecia aquelas pessoas que ele havia matado, os atormentados nas jaulas, e ela não o conhecia.

— *Eis* o assassino. — Foi a Oficial quem disse isso. Ela não parecia surpresa, mas sim desapontada. Ela olhou fixamente para Rhys. — Você não falou disso.

— Eu... pensei que tivesse escutado.

— Você deveria ter me contado.

— Para você fazer o que com ele? — Disse veementemente. — Você mal acreditou em mim naquela hora. Teria pensado que eu estava mentindo para você, a fim de parecer inocente.

Ela olhou para ele, e então assentiu devagar.

— Você tem razão. — Então ela se virou para Cole e desembainhou sua espada. — Demônio ou assassino, há apenas uma solução.

Cole saltou para trás, agachando-se. Ele não queria correr para dentro da cidade mais uma vez, onde aquelas criaturas pálidas certamente estavam à espreita, mas também não queria deixar Rhys depois de passar tanto tempo procurando por ele. A Oficial era bonita e parecia boa, para uma templária, mas ele sabia por que estava aqui. Ele não a deixaria fazer isso, da mesma forma que não a deixaria matá-lo.

— Pare! — Rhys correu e agarrou a Oficial pelo ombro.

A Ruiva sacudiu a cabeça para ele.

— Não, Rhys. De que outra forma você acha que isso vai acabar? Por que você defenderia um assassino?

Rhys parecia incapaz de responder. Pelo seu olhar de incerteza, a maneira como olhou para Cole com aquela pergunta persistente em seus olhos, ficou claro qual seria sua resposta. Cole queria desesperadamente se defender, provar a Rhys que ainda era seu amigo, mas não sabia como. Nada jamais foi tão doloroso quanto assistir, naquele momento, Rhys lentamente soltar o ombro da Oficial.

— Eu creio que o assunto está encerrado — ela disse, virando-se com uma expressão sombria para Cole. Ele se preparou, apertando o cabo de sua adaga.

E então o mundo tremeu.

Um rugido ensurdecedor veio do céu, tão alto que atingiu Cole como uma força física. Aquilo abafou tudo. Ele cobriu os ouvidos e se dobrou, sua cabeça ameaçando explodir de dor. O som parecia durar para sempre, e só quando finalmente parou se atreveu a olhar para cima.

Cole já tinha visto fotos de dragões antes — havia um mural desbotado no arquivo do Pináculo Branco e mostrava um dragão cercado por um grupo de chevaliers com grandes lanças e redes. Parecia lutar contra seus atacantes, mas fora gravemente ferido e perdeu a batalha. Cole sempre achou que o bicho parecia digno, uma fera injustamente perseguida por homens que se recusavam a ver sua beleza selvagem.

Aquele dragão não era nada parecido com este. O dragão que preenchia o céu escuro era um gigante e não tinha um corpo coberto de escamas lisas. Era tudo músculo e tendão, comidos por vermes que se contorciam logo abaixo da superfície. Como se alguém tivesse pegado carne podre e construído um dragão com ela.

— O Arquidemônio! — A Velha gritou de horror.

Não houve tempo para reagir. O dragão desceu sobre a praça com a força de um terremoto. Cole tentou sair do caminho, mas as asas maciças da fera bateram uma vez e enviaram um vento de furacão, varrendo a praça. Ele foi erguido, junto com muitos dos soldados mortos, e arremessado pelo ar. Ele bateu contra uma parede de pedra, com força.

O mundo girou em torno dele. Cole se viu no chão, ofegante e estremecendo com a dor que percorria seu corpo. Ele se sentia desorientado. Havia pessoas gritando, mas não sabia dizer onde estavam. Alguém gritou:

— Saiam da praça! Rápido! — Mas ele não tinha ideia de quem era.

O dragão rugiu novamente, desta vez mais alto. Aquilo não era nada mais do que uma gigantesca massa negra para Cole, a fumaça sendo sugada para dentro da praça por aquelas asas batendo, quase grossa demais para se ver através dela. Ele ficou de pé em pânico, feliz por não ter perdido sua adaga, e olhou em volta procurando por Rhys.

Ali. Três figuras que mal podia discernir vestindo túnicas correram para o outro lado da praça. O dragão se ergueu, seu pescoço serpentino

se curvando. Ele então se lançou para a frente, arrotando uma rajada de chamas negras de sua boca. Cole assistiu horrorizado conforme os magos eram engolfados, e por um instante pensou que certamente estavam mortos. Então, quando a fumaça se dissipou, ele viu Rhys ajoelhado — o sujeito havia erguido um escudo mágico brilhante, e isso os havia protegido. Ainda assim, o escudo estava cedendo sob a tensão. Rhys foi ao chão.

A Velha e a Ruiva dispararam na frente dele. Elas estenderam seus cajados, um disparando um relâmpago e o outro uma explosão de puro poder. O trovão sacudiu a praça conforme ambos atingiram o dragão em seu peito. Mesmo que parecesse ileso, a fera abriu suas asas em fúria.

Então a estátua ambulante apareceu, do nada. Cole assistiu enquanto ela atacava o dragão, descendo ambos os seus punhos no flanco do bicho.

— Eu te matei uma vez — a estátua gritou — e vou matar de novo!

O golpe foi forte o suficiente para fazer a fera cambalear, e parecia que talvez fosse tombar. Mas então o bicho girou, estapeando a estátua como se fosse uma mosca irritante.

A estátua foi lançada como uma bola de canhão em direção a um dos prédios de pedra perto de Cole. Ela quebrou a parede com um estrondo retumbante, derrubando o prédio inteiro em cima de si. Uma nuvem de poeira subiu, sufocando Cole e forçando-o a buscar segurança.

Os momentos seguintes foram um borrão. O dragão girou, e Cole mal viu a cauda vindo em sua direção quando saltou para o lado. Com o canto do olho, ele viu a Oficial atacando uma das pernas da fera com sua espada. A lâmina cortou profundamente a carne apodrecida, sangue preto jorrando. Ele reagiu violentamente, girando mais uma vez. A Oficial esquivou-se assim como Cole fizera.

Então o ar explodiu em relâmpagos. Ele sentiu sua pele se mexendo em resposta à magia, ouviu o chiar dos raios atingindo as coisas ao seu redor aleatoriamente. Vários passaram perto, e Cole dançou saindo do caminho... apenas para dar de cara com o dragão agigantando-se sobre ele. Dois olhos negros malignos olharam para baixo, cheios de malevolência e profundos como sempre. Seus lábios se curvaram em torno de presas tão grandes quanto seu braço, e com uma bufada de desprezo as mandíbulas escancaradas se lançaram em direção a ele.

Parecia acontecer tão lentamente. Ele viu sua língua bifurcada, a saliva pingando, as saliências de carne preta que revestiam o interior de sua boca. Tentáculos de corrupção se espalhavam sobre cada dente. O hálito do dragão fedia a podridão.

Alguém ao longe gritou seu nome. Quase instintivamente, rolou para o lado, sobre escombros e cadáveres, e ouviu as mandíbulas se fechando com um terrível rangido bem atrás dele. A mordida o teria partido em dois, ele tinha certeza disso. O dragão girou seu corpo, mas Cole já estava se movendo. Ele correu o mais rápido que pôde, o mundo ao seu redor iluminado por relâmpagos, mas parecia que estava correndo dentro d'água.

O vento mudou, e ele se abaixou. Uma das mãos da criatura passou bem sobre sua cabeça, as garras curvadas, negras e brilhantes. Ele viu a Oficial quase à sua frente, voltando a ficar de pé. Havia sangue em seu rosto e, por um único momento, seus olhos se encontraram. Pela expressão horrorizada dela, ele entendeu o que estava prestes a acontecer.

Cole se virou e viu o dragão inspirando.

Uma bola de fogo o atingiu por trás, explodindo e causando um inferno de chamas. Novamente ele saiu ileso, mas a força da explosão foi suficiente para distraí-lo. Cole aproveitou a oportunidade e mergulhou debaixo da própria fera.

O que está fazendo? Uma vozinha em sua cabeça perguntava sem parar. *Por que não foge?* Ele tentou mandá-la ficar quieta, mas ela não ia embora.

A barriga do dragão deslizou sobre sua cabeça. Ele tinha certeza de que a criatura o esmagaria, ou que um daqueles pés se movendo o faria em pedaços. Ele teve que continuar rastejando, as pedras arranhando seu estômago. Sem pensar, ele apunhalou para cima com sua adaga, o metal rasgando a carne coriácea, cortando conforme ele se movia. Sangue jorrou sobre ele, quente e rançoso.

Houve uma reação. O dragão ficou tenso e saltou com tanta força que Cole quase foi puxado para cima junto com ele. Ele olhou para cima e viu a criatura passando através da nuvem de relâmpagos, asas negras abertas sobre a praça inteira. Ele bufou um desafio aos céus.

Cada impulso de suas asas para baixo enviava ventos gritantes em todas as direções. Rochas voaram, corpos foram arremessados, alguns prédios desabaram. Caos total. Cole respirou fundo e agarrou-se em

um pedaço grande de alvenaria desmoronada para salvar sua vida. Ele viu a velha de cabelos grisalhos passando por ele, o cajado branco fora arrancado de suas mãos, mas não havia nada que pudesse fazer.

E então o dragão aterrissou novamente do outro lado da praça, com uma força tão devastadora que o chão cedeu embaixo dele. Cole gritou de terror quando sentiu-se levantando. Antes que pudesse começar a correr em direção à fera, ele cambaleou para trás. Uma enorme rachadura se estendia entre ele e o terreno seguro, rapidamente ficando maior e mais distante.

Cole saltou. Ele voou pelo ar, agitando os braços, abaixo dele um buraco que dava para a escuridão. Era igual ao abismo que dividia o deserto frio, preenchido com nada além de um vazio gélido. E agora estava caindo dentro dele. Em desespero, ele se agarrou na borda mais distante. Seus dedos encontraram apoio, mas a rocha em ruínas começou a ceder. Com uma explosão de força, ele se ergueu e pisou em terra firme.

O dragão rugiu novamente. A fumaça estava por toda parte e seus olhos ardiam. Ele ouviu a Oficial gritando e uma explosão de feitiços. Então alguém agarrou seu braço.

Ele olhou para cima. Rhys estava de pé perto dele, seu manto ensanguentado e gravemente queimado.

— Cole! Saia daqui! Fuja!

— Eu não vou abandonar você!

E então, Cole viu o dragão saltar pela praça na direção deles. A criatura desceu veloz com as garras estendidas. — Cuidado! — Ele gritou. Agarrou Rhys e o puxou para longe, a criatura pousando exatamente onde ele esteve momentos antes. O impacto derrubou os dois.

Rhys levantou-se, virando-se furiosamente para encarar o dragão. Energia mágica de repente rodopiou ao redor dele, tão brilhante que Cole quase ficou cego. O poder cresceu até que Rhys gritou com o esforço e o liberou em uma torrente.

O dragão cambaleou, a magia crepitando ao longo de sua pele e queimando onde quer que tocasse. O bicho gritou de raiva, mas antes que pudesse agir, uma pedra gigante voou pelos ares e se chocou contra sua cabeça. Cole avistou a estátua ambulante emergindo de uma pilha de escombros. Ela estava carrancuda e começou a pegar mais pedras e arremessá-las.

E então um jato de chamas brancas atingiu a criatura por trás. A maga ruiva estava em cima de uma grande rocha, ferida, mas determinada com severidade. O fogo fluía de seu cajado e ficava cada vez mais forte.

O dragão se contorceu de um lado para o outro sob o ataque combinado, incapaz de se orientar, conforme era golpeado por rochas e explodido por feitiços. Ele soltou um último grito desafiador que ressoou pelos céus e saltou para o alto.

A corrente de ar embaixo dele fez Cole e Rhys tropeçarem e deslizarem em direção à borda da praça. Rhys agarrou-se a um afloramento de escombros, mas Cole não conseguiu encontrar apoio em lugar algum. Ele bateu contra o chão, a dor o atravessava conforme rolava para dentro de um dos becos.

Lá ele deslizou até parar. Cole ficou imóvel, respirando com dificuldade enquanto olhava as paredes ao seu redor. Uma delas começou a desmoronar. Ele olhou confuso, observando grandes rachaduras subirem pela lateral, não percebendo o perigo até que um pedaço gigante de argamassa começou a descer em direção à sua cabeça. Com um grito de susto, ele rolou para fora do caminho e os escombros se espatifaram no chão.

Todo o prédio estava desmoronando.

Cole saltou. Ele se virou para correr de volta para a praça, mas um pedaço gigante da parede caiu bem na frente dele. Então algo atingiu sua cabeça; ele nem viu o que era. Atordoado, ele recuou. Uma reação em cadeia começou quando o prédio em frente a ele também começou a cair. Choveu mais argamassa, preenchendo o beco enquanto ele recuava rápido.

Ele chegou a um cruzamento e olhou para as ruínas à sua frente.

Seu coração disparou ao ver aquilo. O pior parecia ter passado.

Então ele ouviu um rosnado baixo. Olhando ao redor, avistou uma das criaturas pálidas na extremidade do beco. O bicho ergueu sua espada, olhando para Cole com uma fome nervosa em seus olhos mortos. Mais deles apareceram atrás.

Ele não estava com sua adaga. Teria a deixado cair?

— Rhys! — Ele chamou. Os terríveis trovões do combate anterior foram substituídos por um silêncio inquieto, mas não houve nenhum grito de resposta. Até onde ele sabia, Rhys poderia estar morto.

Ele fugiu.

Rhys levantou-se devagar do chão. Sua cabeça estava girando, e ele se sentia completamente esgotado. *Eu poderia dormir por uma semana... exceto que tecnicamente já estou dormindo, eu acho.* Fazia muito tempo desde que tinha usado magia no Turvo. Ele esqueceu do poder absoluto que ela oferecia, e como isso o deixava ressecado e dolorido.

A praça agora era uma ruína. Uma grande rachadura a dividiu em dois, o outro lado cedeu quase completamente. A maioria dos prédios havia desaparecido, e agora uma mortalha de poeira pairava sobre tudo. Tudo estava estranhamente quieto. Até os gritos distantes e os sons da guerra pareciam ter desaparecido. Tudo parecia estranho, como se estivesse em estase com as nuvens negras ainda pairando no alto. Um momento único e horrível que pertencia a um lugar onde nunca estivera.

— Você se feriu?

Ele olhou para cima e viu Evangeline estendendo a mão. Sangue espirrou em seu rosto, e ela estava coberta de pó de argamassa, mas de alguma forma ainda conseguia se portar como uma orgulhosa guerreira. E, também, como uma guerreira muito infeliz. Seu olhar de aborrecimento foi mordaz. Ele tinha esperanças de que não fosse dirigido a ele.

— Não vou morrer. — Ele pegou a mão dela e se levantou. Então lhe ocorreu um pensamento: Onde estavam todos os outros? Olhando em volta em pânico, ele ficou aliviado ao ver uma Wynne de aparência esfarrapada sendo auxiliada a se levantar por Shale, e Adrian se livrando da poeira do outro lado da praça... mas Cole não estava em lugar algum. O beco para onde ele tinha deslizado agora estava cheio de escombros.

Ele correu naquela direção, em pânico.

— Cole! — Ele chamou.

Em desespero, ele começou a tirar as pedras, percebendo que não ia adiantar ao atirá-las. Se Cole estava ali embaixo, estava morto. Se não estivesse, não tinha como ele ser capaz de abrir caminho.

Adrian se aproximou por trás dele. Ela parecia machucada e ensanguentada, assim como Wynne. O cabelo grisalho da velha estava torto,

seu manto azul rasgado e coberto de sujeira. Ela estava mancando, apoiando-se na golem.

— Ele não está morto — ela disse com firmeza.

— Como sabe disso?

— Porque eu o vi correr quando os prédios desabaram.

— Então eu tenho que encontrá-lo.

— Não temos tempo. Temos uma missão a cumprir.

Evangeline deu um passo à frente, seu rosto era pura raiva.

— Sua missão — ela falou entre os dentes — é o que nos colocou nesta situação. Isso é obra sua, Encantadora, e não permitirei que nos arraste descuidadamente para mais perigo.

Os olhos de Wynne se arregalaram.

— Você não vai me *permitir*?

— Exatamente. — Evangeline fez uma pausa quando Shale deu um passo em direção a ela, olhando de cima de uma forma ameaçadora. Ela não se intimidou. — Estou cancelando sua missão. A partir de agora.

Rhys trocou olhares nervosos com Adrian, mas encontrou pouca simpatia nela. Ela estava, sem dúvida, tão emocionada quanto ele por se encontrar no Turvo, mas depois da cena no laboratório ela não tinha simpatia por Rhys e nem por Evangeline. Ela desviou o olhar, carrancuda.

Wynne se endireitou. Apesar de sua aparência desgrenhada, aquela mulher imperiosa que Rhys vira no grande salão fez um retorno súbito, agora eriçada de raiva.

— Você não tem o direito de fazer isso, Oficial.

— Tenho todo o direito. Quantas vidas deseja pôr em risco por causa de um homem que aparentemente buscou a própria desgraça? — Ela desembainhou a espada, um ato que fez os olhos de Shale brilharem perigosamente. Evangeline a ignorou. — Não estou preparada para participar disso, nem estou preparada para permitir que você ou qualquer outra pessoa aqui faça o mesmo.

Wynne tocou o cotovelo da golem e ela recuou, embora ela não tenha ficado menos cautelosa.

— Você realmente acredita que segura essa espada em suas mãos? — Ela perguntou. — A lâmina pode cortar, mas só porque acredita que vai. Os Templários são senhores em muitos lugares, mas não aqui no Turvo. — Seu sorriso era sombrio. — Nós atraímos os demônios porque

moldamos a realidade à nossa vontade. Essa é a nossa maldição, mas aqui... aqui é o nosso poder.

Evangeline franziu a testa e, lentamente, baixou a espada. Ela não se afastou.

— Não posso forçá-la, é verdade. É sua intenção, então, nos colocar em mais perigo?

— Não sabemos nada das circunstâncias que o levaram a fazer o que fez. Prefiro esperar até que ele esteja livre do demônio antes de julgá-lo. Então, sim, pretendo terminar o que comecei. Eu nunca disse que esta tarefa era isenta de riscos e não pedi sua companhia. No entanto, você está aqui agora e seria melhor se ficássemos juntos. — Wynne olhou para Rhys e Adrian com uma sobrancelha interrogativa.

— Eu não vou — disse Rhys com firmeza.

Adrian virou a cabeça para ele, sua expressão era de choque.

— Como assim você não vai? Para onde mais você iria? — Então ela fez uma pausa, percebendo algo. — Você ainda quer procurá-lo? Aquele assassino?

— Ele salvou minha vida. Aquele dragão teria me matado.

— Isso não muda o que ele fez — disse Adrian.

Evangeline balançou a cabeça.

— Isso não importa. Você não vai andar por aí sozinho, Rhys; de novo não. Eu não gosto desta missão tanto quanto você, mas meu dever ainda está claro.

— E quanto ao seu dever para com Cole? — Ela olhou para ele, confusa, e ele teve que controlar a raiva em sua voz. — Eu sei muito bem o que ele fez. Também sei que ele está perdido e assustado na torre desde que os templários o trouxeram para lá. Eles tinham o dever de protegê-lo, de proteger a todos do que sua magia podia fazer, e ele escapou de seus dedos. — Ele enfiou o dedo no peitoral de Evangeline com raiva. — E agora você pode vê-lo. Você não acreditou em mim antes, mas aqui está ele. Em vez de tentar ajudá-lo como deveria, prefere julgá-lo. E a mim.

Evangeline franziu a testa, mas não respondeu. Adrian, no entanto, se aproximou dele. Ela mal batia no queixo dele, mas o olhou com uma ferocidade assustadora.

— Você está sendo um idiota, Rhys — ela disparou. — Eu sei que tem boas intenções, mas você precisa começar a pensar em si mesmo. Você vai ficar conosco, e vamos encontrar Pharamond e depois sair do Turvo.

Ele hesitou. Que esperança poderia ter de encontrar Cole sozinho? Mesmo que o dragão não reaparecesse, quem sabe quais outras criaturas poderiam se manifestar?

— Sua ajuda seria bem-vinda, Adri. — Mas ele nem precisava ter perguntado. Qualquer esperança que ainda tinha, morrera quando ela balançou a cabeça friamente.

— Não — ela disse. — Eu não vou ajudar você.

— Eu vou com ele.

Rhys se assustou e teve que olhar duas vezes até perceber que era Evangeline quem disse isso. A templária fez uma carranca severa, mas parecia determinada. Ele nem teve a chance de expressar seu choque, pois Adrian o fez primeiro.

— Você deve estar brincando — ela zombou.

— Mas ele está certo — disse Evangeline de má vontade. — Se esse tal Cole era de fato um mago trazido para o Pináculo Branco... então somos responsáveis por ele e por suas ações, pelo menos parcialmente. — Ela olhou para Rhys, sua expressão se suavizando até virar constrangimento. — Seja lá o que ele for, um homem que se arrisca por outro não pode estar além da redenção. Assim como Pharamond, podemos nos preocupar com sua culpa quando estivermos em segurança.

Rhys sentiu-se aliviado. Ele sorriu agradecido para ela, mas não sabia o que dizer.

Wynne franziu a testa. Por um longo instante, ela olhou para ele — estaria ela desapontada? Zangada? Ele não saberia dizer.

— Isso é o que você realmente deseja fazer? — Ela perguntou.

— Você poderia vir comigo. Podemos encontrar Cole primeiro e depois procurar Pharamond juntos.

O sorriso dela era parco.

— Você tem o seu amigo para procurar, e eu tenho o meu. — Com isso, ela olhou para Shale, que olhava entediada para longe. — Espero que, pelo menos, *você* venha comigo?

— Oh? Já acabou de tagarelar? Achei que estávamos esperando o dragão voltar.

Wynne sorriu.

— Não é agora que você me diz que não tem medo do Arquidemônio, porque ele poderia a engolir inteira e você ainda passaria por suas entranhas ilesa?

A golem quase empalideceu.

— Essa não seria minha primeira escolha.

— Que bom. Então podemos nos ir!

Enquanto Wynne e a golem marchavam, Adrian começou a segui-las, e então parou. Ela olhou para Rhys, em dúvida.

— Tome cuidado com ela — ela avisou. Ele demorou um pouco para perceber que ela estava se referindo à Evangeline. — Encontre este mago, ou o que quer que ele seja; e lembre-se de que ela ainda é uma templária. Ela não está aqui para nos proteger. — E saiu sem esperar por uma resposta.

Rhys e Evangeline ficaram sozinhos. Ele olhou de lado para ela e limpou a garganta desconfortável.

— Obrigado.

Ela não sorriu.

— Não me agradeça ainda.

12

EVANGELINE OLHOU PARA o mundo ao redor deles, sua pele arrepiada de desconforto. Um pouco antes, ela e Rhys estavam caminhando pelas ruínas da cidade; e então tudo mudou abruptamente. Agora eles estavam no que parecia ser um campo de uma fazenda desolado. Há pouco tempo a terra havia sido queimada até onde a vista alcançava e agora fumegava. A fumaça acre pairava no ar, fazendo arder os olhos.

Ao longe, havia um casebre. Não era o lar orgulhoso de um proprietário, mas o tipo de barraco mesquinho que se espera ver nas províncias. Pessoas desesperadas viviam lá, mal sobrevivendo do solo cansado, e a casa refletia isso: tábuas cinzentas, pintura descascada e uma sensação de solidão que impregnava o ar.

— Tem certeza de que é aqui? — Ela perguntou a Rhys.

Ele fez que sim, sua expressão, sombria. Uma pequena esfera de luz flutuava ao lado de sua cabeça; um espírito que ele tinha conjurado e disse que os levaria a Cole. Ela desconfiava de qualquer espírito, até dos muito pequenos, e temia que aquele pudesse fazê-los se perder. De acordo com Rhys, tais espíritos mal tinham vontade própria e conheciam o Turvo muito melhor do que qualquer ser mortal jamais conheceria. Ela esperava que ele tivesse razão.

Agora que estavam fora da cidade, ou do pesadelo — o que quer que fosse — o céu maculado havia sido substituído por um vazio que se abria bem acima deles. Em vez de estrelas e nuvens, havia ilhas flutuantes

e estranhas e brilhantes faixas de luz. Elas variavam entre o verde e o dourado, às vezes se aguçando e outras se espalhando como um miasma doentio a preencher o vácuo.

Ao longe, pouco visível através da neblina, havia uma ilha que dava a impressão de ser muito maior, e sobre ela se estendia uma cidade envolta em escuridão. A Cidade Negra, outrora a sede do Criador e agora um monumento à loucura da humanidade. Ela tinha lido sobre isso e ouvido que era a única característica constante no Turvo, visível de qualquer ponto... mas ela nunca pensou em vê-la pessoalmente.

Ela estremeceu. Como tudo parecia estranho e fora de foco. Os magos alegavam que os homens vinham ao Turvo todas as noites, para sonhar, e simplesmente não se lembravam de sua jornada. Para ela, parecia que os vivos não pertenciam àquele lugar.

Eles caminharam devagar pelo campo, nuvens de cinzas subindo a cada passo. Não havia nenhum indício de que havia alguém no casebre. A porta da frente estava aberta, batendo ritmicamente ao vento. Um varal de roupas estava pendurado, os lençóis manchados de preto pela fumaça e metade deles caído no chão. O lugar inteiro fedia a negligência.

— Que lugar é esse? — Ela disse.

— Não sei. Talvez seja a casa de Cole.

— O que sabe sobre ele?

— Nada. Ele disse que não se lembrava de onde veio. — Ele olhou ao redor. — Eu acho que uma parte dele lembra. Esta é uma memória para a qual ele fugiu.

Evangeline não precisou perguntar se era uma boa lembrança ou não. Não parecia haver nada de bom sobre este lugar. Pararam do lado de fora da porta, procurando qualquer indício de movimento lá dentro. Não havia nada além de escuridão. Um gatinho sarnento rastejou debaixo dos degraus, uma de suas orelhas muito chamuscada, e lamentavelmente miou para eles.

Ela se ajoelhou e estendeu a mão para a criatura. Ele a cheirou com hesitação e então, percebendo que não havia comida, redobrou seus gritos desesperados. Mesmo que parte dela soubesse que era apenas parte da paisagem do sonho, não podia deixar de sentir pena. No entanto, não tinha nada para oferecer.

— É fácil — disse Rhys. Ele se ajoelhou ao lado dela, e em suas mãos havia uma pequena fatia de carne crua. O gatinho saltou sobre ele em êxtase, arrancando a carne de sua mão com gosto e roendo-a. — Lembre-se, você só tem sua espada porque acha que tem.

— Então você consegue mudar qualquer coisa aqui?

— Qualquer coisa, não.

Ela balançou a cabeça, confusa.

— O Turvo é sempre assim?

— Os espíritos veem o mundo em nossas mentes e tentam imitá-lo. Eles não entendem que o que estão vendo não é como realmente é. Está misturado à memória e à emoção, mas eles pensam que é real e acham fascinante. Eles são atraídos por isso. Mas nem todos os sonhos são criados por espíritos.

Evangeline assentiu como se entendesse, embora não entendesse de verdade. Tudo aquilo era o domínio dos magos, e ela teria que confiar nele. E confiava, de certa forma. Por mais tolo que Rhys fosse, ela realmente acreditava que ele tinha boas intenções.

Ele limpou a garganta, sem jeito.

— Olha, sobre o que o demônio disse...

— Este não é o lugar para discutir isso.

— Eu só não quero você pense...

— Vamos encontrar seu amigo.

Ela se levantou, observando o gatinho arrastar seu prêmio de volta para baixo da escada. Rhys apenas assentiu triste. O que mais havia a ser dito? As palavras do demônio obviamente foram ditas para criar uma barreira entre ele e Adrian... e elas criaram, até onde podia dizer. A garota estava muito disposta a crer no pior das pessoas.

Quanto a se havia ou não alguma verdade por trás do que ele disse... bem, isso não importava, não é? Rhys era um mago e ela uma templária. Apesar dos encantos do rapaz, ela duvidava que a olhasse de tal maneira, e nem deveria.

Eles subiram os degraus barulhentos e passaram pela porta aberta. Estava muito mais escuro lá dentro do que o possível. Nenhuma luz do lado de fora parecia penetrar mais do que alguns centímetros além da porta. Havia também um arrepio chocante no ar, a respiração deles surgindo como finas nuvens de neblina.

Evangeline desembainhou a espada, trocando um olhar cauteloso com Rhys. Ele estendeu seu bastão, e o cristal em seu topo começou a brilhar. Uma sala quase sem mobília foi revelada. Algumas cadeiras, uma delas quebrada. Vários cobertores imundos. Garrafas de vinho espalhadas, algumas delas esmagadas contra a parede. Tudo estava coberto por uma fina camada de gelo.

— O que aconteceu aqui? — Ela sussurrou, não ousando falar muito alto.

Rhys claramente não entendia melhor do que ela. Seja lá o que fosse, a memória se aferrava ao quarto. Parecia um terror. Ela já tinha visto isso antes em magos trazidos para a torre, pessoas tão aterrorizadas com seu dom mágico que se prostravam, implorando para serem executadas. As pontas cruentas de seus medos a tocaram assim como a tocam agora.

Uma pequena cozinha estava de um lado, cheia de armários pequenos e pratos quebrados. Uma grande poça de sangue congelado jazia no chão, manchada de forma a sugerir que um corpo estivera ali até pouco tempo atrás.

O pequeno espírito flutuando em torno de Rhys se agitou, que fez ruídos tranquilizadores para ele.

— O que há de errado? — Ela perguntou a ele.

— Não tenho certeza. Ele está... sentindo algo incomum.

— Não há muita coisa aqui que eu chamaria de comum.

Mas ele parecia distraído. Talvez estivesse se comunicando com o espiritosinho; ela não saberia dizer. A coisa girava, escurecendo e depois pulsando em sequências angustiantes. Ela agarrou sua espada nervosamente. A menos que fosse sua imaginação, o barraco tinha ficado muito mais frio.

Então ela ouviu algo, um som vindo de um dos armários. Um choro. Ela se virou, tentando detectar de onde vinha... e então, um grito ecoou por toda a casa.

— COLE!

Rhys deu um pulo, o espírito estremeceu de terror e sumiu de vista. Evangeline ergueu a espada, ciente de que o frio havia se intensificado ainda mais. Rhys estava tremendo, e gelo estava se formando na armadura dela.

— De onde está vindo isso? — Ela perguntou.

— Da adega, eu acho.

— Cole, seu bastardinho! Você acha que pode se esconder de mim para sempre?

Passos pesados subiram as escadas. Evangeline saiu da cozinha, observando uma pequena porta na parte de trás do barraco chacoalhar na moldura.

— O que faremos? — Ela pleiteou nervosamente.

— Lutaremos. É um demônio, mantendo Cole preso aqui.

A porta se escancarou. Além dela estava um homem com cara de barril, grisalho e calvo, vestindo uma camiseta manchada de vermelho de sangue fresco. Podia-se ver com clareza a marca de uma mão sobre ela. O rosto do homem era lúgubre e pálido, a carne soltando do crânio como a de um cadáver começando a apodrecer.

— *Saia e morra como um homem!* — Ele gritou, saliva voando de seus lábios. — *Você sabe qual é o castigo!*

Ela avançou cuidadosamente até o homem. Alguns demônios tinham magia, e se ela pudesse interrompê-la, poderia evitar que a criatura ganhasse vantagem.

— Vá embora — ela avisou. — Viemos por Cole, e nada mais.

O homem a olhou de cima a baixo.

— *Você é inútil* — ele zombou. — *Um erro que eu devia ter afogado há muito tempo. Você tem maldade aí dentro, garoto, transmitida por sua mãe. Você vai pagar o preço assim como ela.*

Evangeline se lançou sobre ele com sua espada, canalizando tanto de seu poder através dela quanto ousou... e então congelou no meio do golpe. A espada parou a poucos centímetros do rosto do demônio. Ela não conseguia mover um único músculo.

Ele se inclinou para perto, o fedor de carniça em seu hálito.

— *O que eu disse?*

— Deixe-a em paz! — Rhys rugiu. Ele passou correndo por ela, golpeando o demônio com seu cajado. Quando o orbe o tocou, uma luz poderosa brilhou e o demônio gritou de agonia. Ele caiu para trás, girando descontroladamente, e mal se agarrou às laterais da porta antes de cair pelas escadas do porão.

— *Que o Criador leve você e sua magia imunda!*

Sua boca escancarada, estendendo-se até o peito, arrotou uma nevasca gelada. A explosão atingiu dolorosamente o rosto de Evangeline, e ela teria gritado se pudesse. Rhys recuou, mas, ao mesmo tempo, convocou uma barreira mágica que poupou os dois do pior.

Com rapidez ele a agarrou pela cintura, arrastando-a como uma estátua de volta para a cozinha. Lá, ele a jogou no chão. Respirando com dificuldade, tocou uma mão em sua testa. Ela sentiu o feitiço percorrendo dentro de seu ser, expulsando a paralisia de uma vez.

Ela respirou ofegante.

— Cuidado! — Ela gritou.

O demônio guinchou ao saltar sobre Rhys pela retaguarda. Ele foi derrubado no chão, a criatura afundou os dentes em seu ombro quando aterrissaram. Jorrou sangue e Rhys gritou de agonia. Ele lutou, tentando tirar o demônio de suas costas, mas era muito forte.

Evangeline saltou para ficar de pé. Ela ergueu a espada bem alto com ambas as mãos e a desceu sobre o demônio. A lâmina atingiu o alvo, enterrando-se fundo em suas costas, e o poder dela perturbou a magia da criatura.

Ele soltou o ombro de Rhys, erguendo-se enquanto sangue azulado escorria de suas feridas. Olhos malignos olharam para Evangeline.

— *Você não aprendeu nada, sua tola imoral!*

— Criador, arrebate o seu mal! — Ela rosnou. Com um grande giro de sua espada, ela arrancou a cabeça do demônio.

A cabeça se desintegrou antes de atingir o chão. Quando o corpo cambaleou para trás, as mãos agarrando cegamente o ar, uma energia negra rugiu do toco ensanguentado. E então seu corpo começou a desmoronar, dissolvendo-se em um pântano salobro até que, por fim, não havia mais nada.

Ela respirou pesadamente, seu coração acelerado em resposta. Rhys olhou para ela do chão, segurando com cuidado seu ombro ferido.

— Eu... acho que isso deve resolver o problema — ele disse.

— Espero que sim.

— Belo golpe, diga-se de passagem.

O quarto já estava mudando. O frio cortante havia passado e a poça de sangue no chão havia sumido, mas a escuridão permanecia. Eles foram largados em uma casa de fazenda escura e vazia, como um lugar

abandonado há muito tempo... quaisquer sinais de que algo terrível acontecera ali desapareceram, mas ela ainda podia sentir o mal impregnado em cada tábua do piso.

Evangeline olhou ao redor, mantendo sua espada pronta para o uso.

— Por que não sumiu? Achei que tinha dito que o demônio havia criado tudo.

— O demônio manteve Cole preso aqui, mas o pesadelo é dele. — Rhys começou a lançar um feitiço, sua suave luz azul afundando em seu ombro e remendando a carne de volta. — Agora só precisamos encontrá-lo, antes que outro demônio apareça. Eles são muito territoriais.

Ela não gostou nada daquilo. Parte dela esperava que este demônio fosse aquele do laboratório, mas aparentemente não. Aquele demônio estaria, sem dúvida, onde quer que o próprio Pharamond estivesse. A ideia de que ele pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo a desconcertava... mas ela também não estava? Seu corpo estava no mundo real, e o resto dela estava aqui no Turvo.

Enquanto Rhys se curava, ela procurou por Cole. Inicialmente considerou o porão. Fora dali que o demônio havia subido, e ali soava como o tipo de lugar que um demônio — e, de fato, um pai — poderia usar para tentar prender alguém.

Quando Evangeline abriu a porta, no entanto, descobriu que ela descia para a escuridão. Um medo primitivo pulsava lá embaixo, algo que lembrava terrores infantis e longas horas submersas em desesperança. Ela fechou a porta rapidamente, com o coração acelerado, e se repreendeu por tal tolice. Ela era uma guerreira. Seu pai levantara a mão contra ela apenas quando merecia, nada mais. Esses medos não eram dela.

E ainda assim pareciam tão reais.

E então outro pensamento lhe ocorreu: por que o demônio veio à procura de Cole se ele já estava no porão? A suspeita a irritou... até que se lembrou do gemido que ouvira na cozinha.

— Há algo errado? — Rhys perguntou enquanto ela caminhava de volta para dentro. Ela não respondeu e, em vez disso, ouviu com atenção. Nada.

Lentamente, ela começou a abrir os armários da cozinha, um por um. Cada um estava vazio, contendo apenas poeira e evidências de longa negligência.

— O que está procurando? — Rhys perguntou novamente, irritado.
E então ela abriu o último armário. Lá dentro estava agachado um menino imundo, talvez com doze anos de idade e com cabelos loiros desgrenhados caindo na frente de seus olhos. Seu rosto estava cheio de puro terror, olhos arregalados há muito tempo drenados de lágrimas que agora manchavam suas bochechas... e o pior de tudo, uma garotinha estava espremida lá com ele. Ela tinha metade da idade dele, segura em um aperto forte, com uma mão fechada sobre a boca como se quisesse mantê-la quieta.

Só que ela estava morta.

O menino começou a tremer, lutando contra os soluços que ameaçavam dominá-lo.

— Por favor, não conte — ele implorou a Evangeline em um sussurro trêmulo. — Mamãe disse para nos escondermos. Temos que nos esconder.

— Cole? — Rhys se aproximou por trás dela, horrorizado.

Evangeline não sabia o que fazer. O garotinho tremeu ainda mais, novas lágrimas brotando em seus olhos, mas ele não fez um som sequer. Ela não tinha certeza se ele sabia quem eram... ou quem ele era.

Ela estendeu a mão e tirou a de Cole da boca da garotinha.

— Bunny estava chorando — ele explicou com uma voz fina. — Mamãe nos disse para ficarmos quietos. Eu só queria que ficasse quieta.

Gentilmente Evangeline tirou a garota de seus braços, e ele só a deixou ir com relutância. Ela não pesava quase nada, apenas pele e ossos, e usava parcos fiapos de um vestido amarelo. Do tipo que uma criança teria orgulho de usar, algo que ela talvez tenha achado bonito. A garota morta se dissolveu até desaparecer no momento em que saiu do armário.

Ela olhou, impotente, para Rhys. Ele gentilmente a moveu para o lado e se agachou ao lado do armário.

— Cole? Você sabe quem eu sou?

O garotinho olhou para ele, o terror visivelmente lutando contra a ansiedade. Sua respiração tornou-se rápida e nervosa. Rhys estendeu a mão para tocá-lo, mas então parou... uma adaga apareceu nas mãos do menino. A adaga de Cole. O menino a ergueu em uma ameaça óbvia, uma raiva desesperada lentamente tomando conta de seu rosto.

— Eu não vou deixar você machucar mais a mamãe — ele fervia. — Eu vou impedir.

Evangeline quase puxou Rhys para trás. Ela não fazia ideia se eles poderiam morrer no Turvo, mas não estava ansiosa para descobrir. Mas Rhys simplesmente ergueu as mãos para o menino em rendição.

— Shhh — ele sussurrou. — Eu não estou aqui para machucar você, ou ninguém.

A adaga trêmula ergueu-se devagar, a ponta tocando o pescoço de Rhys. O garotinho a manteve ali, alternando entre soluços agudos e gemidos assustados. Seus olhos eram incrivelmente intensos.

E então a tremedeira do menino parou.

— Rhys? — Perguntou com reconhecimento repentino, sua voz tão lamentável e esperançosa que era de partir o coração.

Rhys assentiu.

A adaga caiu no chão e, ao mesmo tempo, o garotinho saltou do armário. Só que ele não era mais um garotinho. Ele era o jovem que Evangeline tinha visto antes na praça da cidade, mais velho e vestido com couro manchado de sangue.

Ele enterrou a cabeça no peito de Rhys, soluços agonizantes arrancados de algum lugar no fundo de sua alma, e Rhys simplesmente o segurou. Ele disse coisas que acalmam, e isso fez o jovem chorar ainda mais. E então o barraco sumiu. Evangeline olhou ao redor e percebeu que haviam retornado ao campo queimado. Estava completamente vazio, como se a casa da fazenda nunca tivesse existido. Mas outrora havia existido. No fundo de seu coração, ela sabia que para Cole a casa tinha passado de um pesadelo para uma memória... uma memória terrível que o Turvo desenterrara de algum lugar escuro e terrível onde deveria ter permanecido enterrado.

Ela ficou ali, olhando sem jeito enquanto Rhys abraçava o jovem, e o coração dela se partiu.

Enquanto Adrian caminhava pela cidade com Wynne e a golem ao seu lado, ela notou que tudo estava estranhamente vazio. A cidade não ardia mais e as ruas pareciam abandonadas. Não havia pessoas fugindo, nem crias das trevas em fúria... apenas janelas escuras e um vento solitário que esvoaçava o manto branco de Wynne.

Na verdade, parecia que os próprios prédios também haviam mudado. A arquitetura era diferente, mais parecida com os telhados pontiagudos e a pedra caiada que ela esperaria ver em Orlais. Só quando viu a torre branca se erguendo à distância que percebeu ser Val Royeaux.

— Estamos na capital? — Ela perguntou, incrédula.

Wynne assentiu.

— A versão de alguém dela. Talvez de Pharamond. — Adrian tinha saído da torre com frequência suficiente para conhecer muito bem as ruas principais de Val Royeaux... Era como uma impressão da cidade, ou uma pintura criada por alguém que nunca estivera lá, mas que ouviu a descrição de outrem e se esqueceu de acrescentar um único indício de que alguém morava ali.

Era estranhamente perturbador.

Um fogo-fátuo convocado liderou o caminho, embora verdade seja dita, já era óbvio que eles estavam indo em direção ao Pináculo Branco. O truque, no fim das contas, era navegar pela cidade. As ruas de Val Royeaux eram sinuosas e às vezes até confusas na vida real; aqui, nesta versão do Turvo, elas eram literalmente um labirinto. Várias vezes elas encontraram becos sem saída e foram forçadas a voltar, Wynne franzindo a testa irritada com o atraso.

— E se você tivesse vindo aqui por conta própria? — Adrian abruptamente perguntou a ela. — O que teria feito se não estivéssemos aqui para ajudá-la?

— Morreria — disse Shale.

Wynne lançou à golem um olhar irritado.

— O demônio está escondido. Ele criou tudo isso por nossa causa, forçando-nos a caçá-lo. Se não tivéssemos sido todos atraídos através do Véu, poderia ter sido ousado o suficiente para me confrontar diretamente.

— E então o que teria feito? — Adrian insistiu.

— Morreria — Shale soltou o riso.

— Eu *não* teria morrido — Wynne os corrigiu com malícia. — Eu o teria derrotado, como o farei quando finalmente o alcançarmos.

— Assim como derrotou o Arquidemônio?

— Tecnicamente falando, eu criei o Arquidemônio.

— Tecnicamente falando, eu vi uma maga idosa ser arremessada através da praça.

— Você sabe muito bem, Shale, que os demônios não criam tudo no Fade. Eles montam o palco, por assim dizer, e nós o preenchemos com nossos próprios sonhos e pesadelos.

— Talvez devesse tentar ter pesadelos menos potentes.

— Sempre há a possibilidade de acabarmos no seu pesadelo, Shale, e encontrarmos um pombo gigante em vez do Arquidemônio. Isso teria lhe agradado mais?

— Eu teria gostado mais de lutar contra isso.

— Vou me lembrar disso na nossa próxima visita. O Criador sabe que estamos aqui para agradá-la.

Adrian olhava enquanto as duas prosseguiam. Elas eram claramente velhas amigas, acostumadas com as fraquezas uma da outra e sem medo de apontá-las. Também ficou claro que Adrian era alguém de fora. A maneira como andavam um pouco mais rápido do que ela, sutilmente excluindo-a de sua companhia e da conversa, foi o suficiente para ela notar, mesmo que não comentasse. Isso a fez sentir ainda mais falta de Rhys.

Pensar em Rhys fez seu coração apertar um pouco. Agora ela percebeu que devia ter ido com ele. Naquela hora, queria puni-lo, não pelo que o demônio alegava, mas porque era óbvio que ele não confiava nela. Ao que parecia ser pouco tempo atrás, os dois eram confidentes. Mas e agora? Agora, ele guardava segredos. Quantas oportunidades teve para contar a ela sobre Cole, e ainda assim permaneceu em silêncio? Ele descobriu a verdade sobre a missão de Ser Evangeline e não disse nada. Isso indicava que ele achava que ela ou não conseguia guardar segredo ou que não possuía parcimônia para não piorar as coisas.

Sim, ela tinha seus defeitos, mas Rhys também os tinha. O temperamento dele era quase tão ruim quanto o dela, e muitas vezes ele confiava nos outros com facilidade. Ela constantemente cuidava dos interesses dele porque ele se recusava a fazê-lo. Às vezes ela se perguntava se ele queria morrer. Com certeza ele não poderia fazê-lo com mais eficiência se quisesse.

Adrian tinha poucos amigos dentre os Libertários, embora os liderasse — na verdade, se fosse honesta a respeito disso, não tinha nenhum. Os outros magos a viam como uma vantagem, o tipo de pessoa que falava o que pensa ainda que eles fossem muito tímidos. No entanto, Rhys sempre a apoiara. Ele ficou ao lado dela e acreditou nas mesmas

coisas que ela, acreditou que o Círculo era um lugar de opressão e que os magos precisavam ser livres. Com ele, alcançar a mudança parecia possível. Sem ele, ela apenas se sentia sozinha.

E agora ela o abandonara, possivelmente quando ele mais precisava dela. Tudo que Adrian realmente queria saber era por que ele considerava esse Cole mais importante do que qualquer outra coisa... e por que protegia uma templária. O pensamento de que ela poderia perdê-lo para sempre, de fato, a enchia de pavor.

Adrian acelerou para caminhar ao lado de Wynne. A velha senhora mal se deu ao trabalho de esconder sua carranca. *Um belo agradecimento,* pensou Adrian, *por continuar a ajudá-la mesmo depois de todos terem sido arrastados contra a vontade para o Turvo.* Por que Rhys considerava essa mulher, ela não conseguia imaginar. Ela era uma das magas mais proeminentes do Círculo, é verdade, mas não era nada parecida com ele... e não conseguia pensar em alguém menos maternal.

— Por que está fazendo isso? — Adrian perguntou irritada.

Wynne parecia surpresa com a pergunta.

— Resgatando Pharamond?

— Você poderia ter ido com Rhys. Em vez disso, você está escolhendo resgatar... quem? Um amigo? Em vez de ajudar seu próprio filho? E se algo acontecer com ele?

— Se você estava preocupada com a segurança de Rhys, então deveria tê-lo acompanhado.

— Mas eu estou aqui com você e acho que me deve uma explicação. Você faz esse tipo de coisa para todos os seus amigos? Eles são mais importantes para você do que sua família?

Wynne apertou a mandíbula, sufocando a indignação.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Mas eu conheço Rhys — Adrian insistiu — e eu sei que ele merece sua ajuda.

— Eu já o ajudei.

— E agora ele saiu correndo atrás daquele mago invisível, ou o que quer que ele seja... porque ele quer ajudar o homem, não porque isso poderia provar sua inocência. Mas acho que isso só vai piorar as coisas para ele, especialmente com aquela templária lá.

Wynne sorriu com alegria.

— A maneira como diz "aquela templária"... você realmente não se importa com ela, não é? Pessoalmente, quero dizer.

— Existe alguma razão para eu me importar? Você ouviu o que Ser Evangeline disse. Ela cumprirá seu dever, não importa o que aconteça. Eu não acho que Rhys entenda o que isso significa.

— E você entende? — A velha senhora deu de ombros de uma forma condescendente que irritou Adrian. — Assumi um compromisso com o Coro. Isso é importante para mim. Por acaso, Pharamond também é meu amigo e me recuso a vê-lo abandonado à própria sorte.

— Mesmo depois do que ele fez?

Wynne parou. Ela se virou e lançou um olhar frio para Adrian.

— Para uma Libertária que afirma ter os interesses de todos os magos no coração, você parece notavelmente disposta a deixar de lado aqueles que não atendem aos seus padrões. Parece que os templários não são os únicos rápidos em julgar.

Adrian foi pega de surpresa, sem saber como responder a isso sem entrar em outra discussão. Wynne pareceu entender aquilo como aceitação, e conscientemente assentiu.

— Como eu pensei — ela disse. — Se é a mim que você deseja julgar, certamente pode fazê-lo. Sugiro que considere o fato de que eu, pelo menos, tenho uma missão além de um amigo para ajudar. Você não tem nenhuma dessas coisas. Se há alguém para quem deveria fazer essas perguntas, é a si mesma.

Com isso, ela acelerou o passo e partiu. Adrian ficou parada no meio da rua, perplexa, com a golem olhando para ela de cima a baixo. Os pontos de luz brilhantes onde seus olhos deveriam estar tornavam difícil dizer o que pensava, mas Adrian imaginou que se divertia com o espetáculo.

— Deveria ser mais cuidadosa — a golem anunciou.

— Oh? Posso saber por quê?

— A maga idosa vai esmagá-la como um inseto se a irritar.

Adrian bufou.

— Ela pode ter mais experiência, mas não é à toa que eu sou uma Encantadora sênior. Ninguém vai me esmagar.

— Há coisas que não sabe sobre a maga idosa — insistiu.

— Tal como?

No entanto, a golem recusou-se a elaborar, e em vez disso saiu pisando forte para alcançar Wynne. Adrian ficou ali, frustrada. A velha senhora era uma maga poderosa, mas certamente não havia derrotado o Arquidemônio sozinha, havia? Como podia ela estar tão confiante a ponto de pretender ir direto ao demônio que governava esta parte do Turvo e derrotá-lo? O que Adrian não tinha entendido?

Elas continuaram pelas ruas vazias da cidade por um tempo, o fogo-fátuo as guiando infalivelmente. Portas abertas pontilhavam os prédios por onde passavam, e Adrian perguntou por que não usaram uma delas para chegar à torre. Afinal, uma porta no Turvo era simplesmente uma transição — podia ser usada para chegar a quase qualquer lugar que se desejasse. Wynne, no entanto, estava desconfiada, e alegou que poderia ser uma armadilha preparada pelo demônio. Assim, elas permaneceram a pé.

E nem tudo era desconhecido. Adrian notou o Palácio Imperial ao longe em sua colina, parecendo tão resplandecente quanto se lembrava. Elas passaram pelas ruas do Belle Marché, mas ao passo que normalmente estariam cheias de comerciantes e artistas de todos os tipos, aqui estavam simplesmente vazias. O mercado nunca estava vazio, como ela se lembrava. Mesmo à noite estava cheio de gente, as tavernas transbordando de folia.

O Pináculo Branco agigantava-se cada vez mais à medida que se aproximavam dele, a torre pálida se projetando para o céu como uma lança, quase como se fosse alcançar as ilhas flutuantes distantes ou mesmo além. Não era tão grande na vida real, Adrian percebeu. Esta era a produção de uma pessoa para quem o Pináculo Branco — talvez todo o Círculo dos Magos — dominava sua imaginação. Ela até simpatizava.

Por fim, como se a cidade tivesse desistido de confundi-los com suas voltas e reviravoltas, apareceu a entrada da torre. O portão de ferro fundido coberto de hera estava aberto, assim como as portas maciças que davam para o grande salão. Considerando que normalmente haveria templários protegendo o complexo, ou pelo menos à vista conforme entravam e saíam da torre, a área parecia abandonada por completo.

— Parece que somos bem-vindos — comentou Wynne.

A golem olhou para o portão e fez uma careta.

— O portão vai se fechar atrás de nós, não vai? A maga idosa deseja que eu a arranque das dobradiças?

— Para quê? O que buscamos está lá dentro. — Ela acenou com a mão para o fogo flutuante e ele sacudiu-se agradecido antes de piscar até sumir. Elas foram largadas sozinhas, o único som era o fraco assobio do vento entre os prédios atrás deles.

— Eu não estou gostando disso — reclamou Adrian.

Wynne suspirou.

— Há muito pouco do que gostar nisso.

Elas entraram. O grande salão parecia exatamente como era: o piso de mármore quadriculado, os grandes arcos, as janelas agourentas de vidro colorido. Ao contrário de todas as outras partes da cidade, parecia exatamente como era. Ela quase esperava que as portas internas se abrissem e uma horda de magos entrasse em fila para a assembleia. Ninguém veio. A golem continuou vigiando cada canto da câmara, cerrando os punhos com tanta força que Adrian podia ouvir as pedras se apertando. Isso a deixou mais nervosa do que já estava.

Eles viram a primeira pessoa viva quando se moveram para o andar principal da torre. Os templários deveriam estar treinando no pátio interno ou, pelo menos, presentes nos salões. Afinal, esses primeiros andares eram seus quartéis principais; eles deveriam estar em todos os lugares. Mas foi um único mago que os cumprimentou. Então Adrian viu as vestes cinzas e se corrigiu: não era um mago, mas um Tranquilo.

O homem se aproximou e fez uma reverência. O sorriso plácido dele era igual ao da maioria dos Tranquilos, não porque estavam satisfeitos com algo, mas porque sabiam que deixava os outros à vontade. Adrian achou aquilo desanimador. Na verdade, ela achou tudo sobre eles desalentador. A ideia de que tal coisa pudesse ser feita a ela com facilidade era, ao mesmo tempo, grave e ultrajante.

— Eu saúdo todas vocês — disse o Tranquilo. — Há algo que procuram aqui?

Wynne o estudou cuidadosamente. Ela ergueu a mão para impedir Shale de atacar, sem olhar na direção da golem. Shale fez beicinho, mas permaneceu imóvel.

— Estou procurando Pharamond — disse Wynne. — Onde eu o encontraria?

O homem assentiu, como se já soubesse, e apontou para cima. O significado era claro: o topo da torre. Por alguma razão, Adrian não ficou surpresa.

— E você, quem seria? — Wynne perguntou a ele.

— Não sou ninguém importante, apenas alguém que agora está contente.

A maneira como disse aquilo, tão uniforme e com convicção, fez Adrian estremecer.

— Como sabemos que este não é o demônio? — Ela sussurrou para Wynne.

— Não é ele. Eu sentiria. — No entanto, Wynne não parecia ter certeza. O homem apenas sorria pacientemente.

— Eu entendo se não confiam em mim. Vivi toda a minha vida como um perigo para os outros e, embora essa época tenha passado, não me surpreenderia saber que existem pessoas que ainda suspeitem de mim.

— O que você quer dizer com "essa época passou"? — Adrian perguntou. Ele gesticulou para a torre ao redor deles.

— Você não vê? Este lugar é um memorial de uma era que é melhor esquecer. O Círculo dos Magos não é mais necessário. Os templários se foram há muito tempo, e aqueles de nós que permanecem o fazem apenas porque querem.

— Não entendo.

— Venha, vou mostrar para vocês. — Ele acenou para eles e subiu as escadas. Shale fez menção de agarrá-lo, mas Wynne balançou a cabeça negativamente. Ela bateu seu bastão no chão, iluminando a ponta com uma aura de poder. Trocando um olhar com os outros para que fossem cautelosos, ela o seguiu.

Eles viram mais pessoas conforme subiam, homens e mulheres vagando calmamente pelos corredores. Nenhum deles falava, e o único som que Adrian pôde ouvir foi o leve farfalhar de suas vestes cinzas.

Alguns pararam e acenaram agradavelmente enquanto passavam, mas não havia nenhum sentimento de preocupação ou perigo.

Foi só quando chegaram ao nível ocupado pelos magos que ela começou a entender sua crescente apreensão. A área comum estava lotada, de um jeito que Adrian já vira antes. As pessoas se aglomeravam, falando das

coisas em sussurros calmos. No entanto, eles não eram magos. Eram todos Tranquilos. Todos eles.

— Viu? — O homem perguntou-lhes. Ele meio que parecia satisfeito enquanto acenava para a multidão. Alguns deles olharam em sua direção, embora nenhum sorrisse.

— Como eu disse: os templários não são mais necessários. A ordem foi restaurada ao mundo.

Um arrepio de horror percorreu Adrian. Este era o pesadelo de Pharamond, então — e de muitas maneiras espelhava o dela.

Wynne entrou na área comum, seus olhos procurando pela multidão. Seus lábios se apertaram em desaprovação sombria, mas ela não parecia nem de perto tão afetada pela cena quanto Adrian estava. Todos estavam tão *calmos*. A aura de paz que impregnava a torre era como uma mortalha, e Adrian não queria nada mais do que fugir dela gritando.

— Onde está Pharamond? — Wynne inquiriu.

A conversa cessou. Todos os olhos na sala se voltaram para eles, e Adrian sentiu seus pelos se arrepiarem. No silêncio que se seguiu, ela se deu conta de que não eram Tranquilos de verdade. Eles faziam parte do sonho, talvez até fossem demônios e poderiam se tornar hostis num instante. Considerando quantos eram, isso seria realmente muito ruim.

Shale deu um passo para o lado de Wynne, punhos cerrados.

— Devo esmagá-los?

— Ainda não.

— O que quer que vá fazer — Adrian murmurou — sugiro que faça logo.

A multidão se dispersou numa tacada só, dando lugar a um novo Tranquilo. Ele era um elfo, com longos cabelos brancos e um ar de dignidade. Demorou um pouco para Adrian perceber que este era o mesmo elfo que tinham visto no laboratório, mas não estava retorcido pela possessão demoníaca. A única coisa igual eram seus olhos azuis, irradiando gentileza enquanto observavam o grupo.

— *Ah, Wynne, você veio* — ele sorriu.

Sua expressão sombria não suavizou. Uma aura de poder branco irradiava de seu cajado. Adrian podia sentir a mana sendo convocada dentro da velha senhora, embora não fizesse nenhum movimento para

atacar. Talvez seja prudente começar a preparar seus próprios feitiços, vai que, né? A tensão na câmara era palpável.

— Você não é Pharamond — disse Wynne.

— *Não sou? Somos um, agora e para sempre.*

— Eu vou expulsar você.

Ele riu de leve e gesticulou para os Tranquilos ao seu redor.

— *Olhe ao seu redor, Wynne. Por que luta tanto? Este é o futuro que a espera. Eu sei disso, Pharamond sabe disso, e você também.*

— Esse *não* é o nosso futuro — ela insistiu.

— *E o que você fez para evitar isso? Todos esses anos extras dados a você, e o que conseguiu além de ver seus esforços escorrendo entre seus dedos como um monte de areia?*

Adrian assistiu com espanto conforme suas palavras a atingiam. A expressão de Wynne se transformou em dúvida. — Eu... estou fazendo o que posso — ela murmurou.

Ele riu na cara dela.

— *O que, exatamente? Diga-me, grande heroína do temido Flagelo. Eu vejo uma mulher cuja alma murchou, não se importando com nada além de um propósito que agora lhe escapa.* — O belo elfo se aproximou e segurou o queixo dela com a mão. Ela não resistiu. — *Você seria mais feliz como uma Tranquila, querida Wynne. Sua vida tem sido um erro e um desperdício de tudo que lhe foi dado.*

Suor escorria em sua testa. A luz que emanava de seu cajado começou a diminuir, e seus joelhos fraquejaram. Havia uma disputa invisível de vontades acontecendo entre Wynne e o demônio... e ela estava perdendo.

Shale percebeu no mesmo instante que Adrian. Com um grito furioso, a golem atacou. Ela socou o elfo para o lado com um punho de pedra, fazendo-o voar para longe de Wynne com apenas um som. A velha senhora desabou no chão, deixando cair seu cajado.

Ao mesmo tempo, os Tranquilos entraram em ação. Eles avançaram em direção a Shale e Adrian, seus rostos ainda plácidos e completamente silenciosos conforme as agarravam com mãos fortes. Adrian tentou recuar, horrorizada, e sentiu seu cabelo sendo puxado. Ela estava cercada por corpos, e alguém estava tentando arrancar o cajado de suas mãos.

— Chega! — Ela gritou.

A mana saiu dela em uma coroa de chamas, queimando todos ao seu redor. Eles gritaram em agonia e recuaram. Ela cerrou os dentes, lembrando a si mesma de que não eram pessoas de verdade — eram invenções de um sonho. O demônio era o verdadeiro alvo aqui.

Ela se concentrou, cavando mais fundo ainda na fonte de seu poder. As chamas se intensificaram e ela as empurrou na direção onde viu o demônio se levantando. Uma bola de fogo branco voou em direção a ele, com tudo o que ela havia derramado nela, e quando o atingiu, explodiu causando um inferno.

Ele foi engolido, assim como os Tranquilos mais próximos. Eles gritaram conforme queimavam, tentando em vão fugir. A sala inteira estava cheia de fumaça e cheiro de carne queimada. Adrian caiu de joelhos, esgotada. Ela mal viu Shale através da névoa de fogo, batendo com os punhos, enviando corpos voando para todo lado.

E então o demônio... saiu andando das chamas. Ele estava ileso, e sorria de alegria.

— *Você ousa me desafiar no centro de meu domínio? Vocês foram tolas só por virem.* — Ele ergueu a mão como se estivesse acenando, e a torre inteira começou a tremer. O coração de Adrian estremeceu.

E então Wynne se levantou.

Algo havia mudado dentro dela. Foi-se aquela velha senhora; em vez disso, uma força irradiava de dentro. Ela ficou alta e desafiadora.

— *Você está enganado, criatura do Orgulho.* — Sua voz soou com um poder sobrenatural que afastava a escuridão. Adrian sentiu aquilo passar por sua alma como um vento purificador. — *Você lê minha mente, mas há um lugar que você não poderia e não pode alcançar... e é isso que você teme.*

O comportamento frio do demônio desapareceu. Ele se agachou, mostrando os dentes em um silvo furioso. Adrian viu suas feições mudarem, transformando sutilmente o belo elfo que ele apresentava em algo feio e maligno, como se o que estava sob a pele estivesse agora borbulhando à superfície.

— *Você não pertence a este lugar, espírito!* — Ele gritou. — *Ele é meu e você não pode tirá-lo de mim!*

Wynne caminhou em direção a ele... não, caminhou não. Deslizou. Suas vestes se transformaram em prata diáfana, flutuando no ar enquanto sua aura de poder se tornava ainda mais brilhante.

— *Você já o perdeu* — disse ela.

Sua mão agarrou o demônio pelo pescoço e o levantou do chão. Ele lutou, agarrando inutilmente seus braços, e então começou a gritar. Rachaduras se formaram ao longo de sua pele, luz branca saindo delas. Ele queimou, até que a luz o eclipsou…

Adrian ouviu a música.

Ela estava por toda parte. Adrian a acolhia e a temia ao mesmo tempo, e num único instante a música a arrebatou. Ela foi levada para o céu, longe da torre, do fogo e dos gritos agonizantes dos Tranquilos… sua glória requintada se aguçou até ela querer gritar para que parasse.

E então ela acordou.

13

O MUNDO VOLTOU a ficar em foco, só que lentamente, e Rhys levou vários minutos antes de perceber que estava no chão do laboratório. Os outros, espalhados ao redor dele. Alguns de pé, mas todos com cara de confusos. Era como se uma névoa se dissipasse da mente dele, mas, ao mesmo tempo, parecia que aqui era o sonho e o mundo que tinha acabado de deixar para trás era a realidade.

A magia trinou pelo ar como eletricidade. O Turvo estava rasgado — como se uma janela invisível tivesse sido deixada aberta e um vento forte estivesse soprando. Ele estremeceu com aquilo, querendo desesperadamente arranhar todos os lugares que a magia tocava.

Ele olhou ao redor. Tudo no laboratório permanecia inalterado: o ar igualmente parado, a escuridão igualmente opressiva. A única coisa diferente era o demônio. Foi-se a abominação distorcida, substituída por um elfo mais velho com longos cabelos brancos. Seu rosto estava pálido, suas vestes esfarrapadas encharcadas de suor, e ele agarrou os braços da cadeira com tanta força que seus dedos estavam brancos como osso.

— É… isso é real? — Perguntou através de respirações irregulares.

Todos os olhos se voltaram para ele, como se o som de uma voz tivesse quebrado a calma sobrenatural. Wynne ficou de joelhos e se arrastou para mais perto, porém permaneceu fora do circulo de aprisionamento.

— Pharamond? — Ela sussurrou, sua voz carregada de preocupação. — Você…?

O elfo olhou para ela, incrédulo. Lágrimas brotaram de seus olhos azuis cristalinos, ele começou a tremer... e então de repente explodiu em uma gargalhada dissonante. Ele se levantou de um salto, olhando para todos os cantos da sala com um sorriso bobo, mesmo enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Eu sou eu! — Ele gritou. — Eu sou eu de verdade!

Pharamond soltou um grito alegre e correu até a assustada Wynne, levantando-a do chão. Ele segurou as mãos dela com força, abrindo a boca várias vezes como se fosse incapaz de formular as palavras que precisava. E então ele a esmagou em um abraço apertado.

— Obrigado, Wynne — ele soluçou. — Obrigado, oh, não posso nem começar a lhe...

Rhys estremeceu conforme se levantava, seus ossos doendo. Não havia como saber quanto tempo ficaram ali. O tempo no Turvo não era como no mundo real. Poderia ter se passado um dia, algumas horas ou até mesmo alguns minutos. Pareceu uma eternidade. Eles provavelmente tiveram a sorte de terem matado o resto dos demônios antes que o ritual fosse realizado. Se não, provavelmente estariam todos mortos. Presos no Turvo para sempre, sem saber por que não podiam deixar a terra dos sonhos até que, por fim, esquecessem que precisavam.

Ele viu a golem parada por perto, sua testa de pedra franzida em consternação. Adrian estava do lado, esfregando seus ombros. Ela parecia estranhamente quieta, observando Wynne com um olhar desconfiado. O que se passava na cabeça dela, não podia nem imaginar — algo aconteceu com Wynne depois que se separaram? Enquanto isso, Evangeline estava se levantando. Ele percebeu sua intenção antes mesmo dela desembainhar a espada.

— Fique longe dele — ordenou Evangeline a Wynne. A lâmina não estava apontada para ela, mas para Pharamond.

O elfo olhou para ela, sua expressão mudando instantaneamente da alegria para o terror absoluto.

— O que você está fazendo? — Balbuciou. Ele recuou, quase tropeçando por causa da pressa, mas Evangeline manteve o ritmo. Sua espada não vacilou.

— Creio ser óbvio o que estou fazendo.

Wynne se interpôs entre os dois. Ela ignorou o fato de que a ponta da espada estava a pouco mais de centímetros de seu peito.

— Não vou permitir que o mate, templária — ela disse com firmeza. Shale estava ao lado dela, olhando de cima para baixo de maneira intimidante em uma cena que lembrava o que acabara de acontecer no Turvo.

— É mesmo? — Evangeline ignorou a golem, com os olhos fixos em Pharamond. — Você pode afirmar com certeza que ele não está mais possuído? Sua aparência mudou, mas você sabe que isso não significa nada. Pode ser um truque.

— Não é um truque. — Wynne gesticulou para o círculo de aprisionamento, as runas de sangue, agora borradas. Seu significado era óbvio: Pharamond havia cruzado o limiar por vontade própria.

Evangeline olhou para as runas, absorvendo a verdade, e com relutância baixou a espada. No entanto, ela não a embainhou.

— Muito bem — disse. Ela hesitou antes de se dirigir a Pharamond novamente. — Você, no entanto, tem muito a explicar.

— Explicar? — Ele parecia genuinamente perplexo.

— Suas ações levaram à morte de todos os inocentes nesta fortaleza.

As palavras pareceram atingi-lo como um trovão. O elfo recuou, olhando para Evangeline com os olhos arregalados... e quando Wynne tentou se aproximar dele com preocupação, ele se afastou dela também.

— Você não quer dizer... — ele começou, sua voz sumindo quando a compreensão surgiu.

De repente, ele disparou em direção à porta do laboratório.

— Pare! — Evangeline gritou. Ela fez uma pausa longa o suficiente para olhar acusadoramente para Wynne antes de correr atrás dele. Os outros a seguiram com rapidez.

No entanto, Pharamond não tinha ido longe. Eles o encontraram na câmara externa, caído de joelhos em choque. A sala inteira ainda estava cheia de cadáveres queimados, a névoa fumegante carregando o fedor de carne queimada e podre. Estava quase escuro demais para ver; o estômago revirado de Rhys agradecia por isso.

— Eu nunca... — Pharamond estava subjugado, balançando a cabeça em negação. Ele respirou fundo. — Pensei que os tinha protegido do...

— Você selou as portas — destacou Evangeline.

— Uma precaução! — Ele interveio. — Sugestão do Lorde Prefeito!

— Eles sabiam disso?

Ele assentiu lentamente.

— Eles... me apoiaram. Eles acreditaram em mim. Na época eu pensei que fazia sentido, mas eu nunca... — Olhando em volta para os cadáveres, o elfo começou a tremer. Um gemido triste escapou de seus lábios quando ele começou a soluçar. — Eu os matei, não foi? Eu sou o responsável.

Rhys assistiu desconfortavelmente enquanto o elfo se desfazia em lágrimas. Esta não era uma dor comum, era mais como uma dor miserável extraída à força de dentro do homem. Seu corpo inteiro convulsionou com soluços, e ele cobriu o rosto conforme balançava para frente e para trás no chão.

Wynne hesitou por um momento antes de correr para se ajoelhar ao lado dele, um olhar de dor em seu rosto enquanto segurava seus ombros de forma tranquilizadora.

— Pharamond, — ela murmurou — eu sei que isso o aflige muito, mas não podemos ficar. Você deve se recompor.

Ele afastou os olhos das mãos, turvos e vermelhos de lágrimas.

— Não posso! — Ele chorou. — Eu... posso sentir tudo agora, e não consigo parar! Oh, Criador, me ajude!

Pharamond desabou no chão, contorcendo-se de dor. Ele gritou como faria uma criança, arranhando as cinzas no chão. Wynne tentou ajudá-lo, mas não era possível movê-lo. Ela olhou para os outros com pesar, em especial para Rhys.

Certamente isto era pior do que ser um Tranquilo: não sentir nada por tanto tempo, e depois sentir tudo de uma vez? O homem estava à mercê de suas emoções, com tanta dor que era como assistir a um animal preso. Parte de Rhys gritava que deveria tentar ajudar, mas ele ainda estava preso no mesmo lugar.

Por fim, Evangeline se moveu. Wynne ergueu a mão em objeção, mas a templária a ignorou. Ela puxou Pharamond pelo ombro... e então deu-lhe um tapa na cara. Foi um golpe duro, ainda mais com suas manoplas de metal, e o elfo caiu com apenas um gemido.

— Eu poderia ter feito isso — a golem fungou.

Wynne se ergueu, o rosto contorcido pela fúria, mas parou antes de dizer uma palavra sequer. Pharamond já estava se levantando do chão. Parecia que o golpe havia se mostrado eficaz: seu choro havia cessado.

Agora ele esfregava o rosto, um vergão vermelho já se formando, e olhou com cautela para Evangeline.

— Diga-me o que fez — ela o interpelou.

Pharamond fez uma pausa, olhando para Wynne como se pedisse permissão. A velha assentiu, um gesto que Evangeline não deixou de perceber.

— Eu tenho estudado a natureza do Ritual da Tranquilidade há muitos anos; como ele separa as pessoas do Turvo para que não sonhem mais, por que impede a possessão demoníaca e se uma alternativa era mesmo possível. Tem sido... o trabalho da minha vida.

— Os Tranquilos não fazem nada que não seja solicitado.

— Isso não é verdade! Temos livre arbítrio. Nós apenas... não desejamos nada, não lutamos por nada. — Ele parou, olhando pra longe. — Mas isso não importa. Me *pediram* para fazer isso. Fui comissionado a realizar minha pesquisa pelo Coro.

— O Coro? — Evangeline franziu o cenho. — Ele sabia disso? — Ela olhou acusadoramente para Wynne, mas a velha senhora apenas balançou a cabeça. Obviamente, ela também não sabia.

— É claro que sabia — disse Pharamond, quase ofendido. — De que outra forma eu poderia estar aqui? Por qual outro motivo eu teria vindo?

— Mas sabiam o que você estava fazendo? — Evangeline gesticulou para a carnificina ao redor deles. — Eles sabiam que você pretendia invocar um demônio?

— Eu não o convoquei! — Ele fez uma pausa, considerando suas palavras. — Eu percebi desde o início que a Tranquilidade não era passível de reparo deste lado do Turvo. Precisava ser feito do outro lado. Um espírito tinha que preencher essa lacuna, e só poderia fazer isso se soubesse exatamente onde procurar. O Ritual torna o Tranquilo invisível para os espíritos.

— Eles não são apenas invisíveis, são imunes...

— Imune, não! — O elfo ficou exaltado, como um estudioso falando sobre seu assunto favorito. — Indesejável! Um demônio procura possuir um homem porque deseja experimentar a vida. Para eles, um Tranquilo não é melhor do que um objeto inanimado. Pior, já que um Tranquilo resistirá. Se vai atravessar a ponte para possuir um Tranquilo, ele precisa ser *atraído*...

Wynne franziu as sobrancelhas, confusa.

— Então você tratou de ser possuído de propósito? Pharamond, o que esperava conseguir?

Ele suspirou.

— Eu não queria ser possuído. Eu só precisava que a ponte fosse atravessada, para ver se isso poderia ser feito. Eu cheguei a um lugar onde o Véu era fino, onde se podia encontrar e se comunicar com um espírito.

Pharamond se ajoelhou ao lado de um dos corpos carbonizados, sua expressão cheia de tristeza. Ele estendeu a mão como se fosse tocá-lo, mas não conseguiu. Ele puxou a mão para trás rapidamente, fechando os olhos para lutar contra lágrimas renovadas.

— Essas pessoas foram tão acolhedoras. Como uma família. Eles acreditavam que eu estava com cicatrizes e queriam que eu fosse curado. Eles estavam dispostos a aceitar o risco, e logicamente eu acreditei... — Ele engasgou.

Evangeline balançou a cabeça com raiva.

— Você matou todos por nada. Qualquer conhecimento que tenha adquirido é inútil.

Ele balançou a cabeça.

— Na verdade, não é.

Agora Adrian deu um passo à frente, sua expressão, curiosa.

— O que quer dizer com: não é?

— Eu acreditava que um demônio precisava tentar me possuir, que o ato de tentar restauraria minha conexão com o Turvo. — Ele abriu os olhos e olhou fixamente para Adrian. — Mas não era nada disso. Eu só precisava que o demônio se estendesse pela lacuna e tocasse minha mente, nada mais. No instante em que aconteceu, eu estava curado. A possessão veio... mais tarde.

— Mas qualquer espírito poderia fazer isso — Rhys explicou. Quando Evangeline olhou para ele incrédula, ele repetiu. — Qualquer espírito poderia fazer isso, desde que fosse forte o suficiente. Não precisa ser um demônio.

Pharamond assentiu.

— Somente um curandeiro espiritual para persuadir outro.

— Eu *sou* um curandeiro espiritual.

O cômodo ficou em silêncio conforme aquilo era absorvido. Adrian assentiu em aprovação, mas Evangeline se recusou a ceder.

— Você deve estar louco — ela zombou. — Nenhum de vocês pode honestamente achar que isso deveria ser tentado de novo. Olhem ao redor!

— E, em vez disso, eles deveriam ter morrido à toa? — Adrian inquiriu. — Este homem não é mais um Tranquilo. Se o trabalho dele pode ser aproveitado sem repetir o que aconteceu aqui, vale a pena continuar!

— Reverter a Tranquilidade não é do interesse de ninguém. — Antes que Adrian pudesse responder, Evangeline gesticulou para Pharamond. — Olhem para ele! A condição dele é muito melhor? E se ele nunca melhorar?

— E se ele melhorar?

— E se a razão pela qual ele foi transformado em Tranquilo, para começo de conversa, ainda for válida? Nós não usamos o Ritual sem motivo. Este homem agora pode ser um perigo, para si mesmo e para os outros; para as pessoas desta fortaleza, por exemplo.

Pharamond assentiu tristemente.

— É verdade.

— Não dê ouvidos a ela! — Adrian ordenou.

Ao ver Evangeline erguendo sua espada, ela saltou entre a templária e Pharamond.

— Eu não vou deixar você fazer isso! A Tranquilidade não é uma resposta! Pharamond já sabe mais sobre isso do que qualquer um gostaria de descobrir. Ele deveria ter permissão para encontrar outra solução!

A expressão de Evangeline era sombria.

— Há sangue neste conhecimento, como haveria em qualquer coisa que venha dele. Você daria falsas esperanças para aqueles que merecem algo melhor. — Ela tentou passar por Adrian, sua lâmina preparada, mas Adrian a interceptou.

— Não! — Ela gritou. E olhou, impotente, para Rhys. — É sobre isso que os Libertários sempre falavam! Os templários não têm o direito de fazer isso! Você não percebe? Esta é a nossa chance de desfazer o que o Círculo fez conosco por séculos!

É claro que, para ela, o caso seria sobre isso. Rhys não tinha tanta certeza. Mesmo se pudesse repetir o ritual de Pharamond em segurança, será que valeria a pena? Evangeline não estava errada.

— Adrian, eu...

Ela o deixou de lado e se virou para encarar Wynne.

— Ele é seu amigo, aquele quem você estava determinada a salvar! Você não pode deixá-lo ser condenado por isso!

Wynne não disse nada a princípio, apenas olhou inescrutavelmente para Adrian. Rhys não podia acreditar que Wynne estava tão calma a respeito disso.

— Eu admito, — ela finalmente disse — não me dá prazer ver Pharamond atormentado, e eu não gosto da ideia de que ele possa ser punido imediatamente. Mas ele *convidou* o demônio a entrar. Isso não foi um acidente.

— E que diferença faz? — Adrian inquiriu. — Você, mais que todos, deveria saber!

Wynne se levantou, segurando seu cajado com força enquanto olhava para Adrian.

— Sim, acredito que, *de todas as pessoas*, sei exatamente a diferença.

— Hipócrita!

Rhys estava confuso. Havia uma tensão entre as duas que ia além da hostilidade habitual de Adrian. Ele teria intervindo se Evangeline não tivesse interrompido.

— Esse assunto acabou — disse com secura. Ela encarou Pharamond, segurando sua espada. — Você usou magia proibida e cobrou um preço terrível de inocentes. Este crime não pode ser esquecido. Em nome da Ordem dos Templários, eu, por meio deste…

Adrian gritou de indignação, disparando uma explosão mágica de seu cajado. Ela atingiu Evangeline direto no peitoral, fazendo-a voar para trás. A templária caiu no chão em meio a vários corpos, soltando um grunhido de surpresa. A espada não deixou sua mão.

— Adrian! — Rhys gritou. — O que está fazendo?

— O que deveríamos ter feito assim que chegamos!

Ele se virou para Wynne alarmado, mas ela permaneceu onde estava, franzindo a testa enquanto observava a cena se desenrolar. Ela não deu nenhuma indicação de que interviria. Shale se aproximou para protegê-la.

Evangeline se levantou, limpando a marca de queimadura deixada em sua armadura. Sua expressão era assustadora de se ver; ela estava claramente cansada de ser boazinha.

— Isso foi um erro — ela rosnou. Quando ela assumiu uma postura de combate, um poder branco percorreu sua lâmina: o poder de um templário

pronto para lutar contra um mago. Adrian convocou mana, uma bola de chamas vermelhas já se aglutinando em sua mão.

— Esperem!

Rhys percebeu que o grito era dele. Mais uma vez, sua boca agiu por vontade própria. *Boca estúpida*, ele se repreendeu. *Por que você sempre acha que precisa falar?*

Evangeline hesitou, e até Adrian olhou na direção dele. A tensão na sala era densa, parecia que bastava uma faísca para não ter como voltar atrás. Rhys lambeu os lábios, subitamente consciente de quão secos estavam. Seu coração batia acelerado.

— Há outra opção — disse ele pausadamente. Quando ninguém respondeu, ele se moveu para ficar entre as duas. Ambas o olharam com atenção. Adrian, em particular, parecia cheia de fúria silenciosa. Seus olhos diziam *você deveria estar me ajudando*, mas ele sabia que não poderia fazer tal coisa, não importa o quanto ela quisesse.

— Que outra opção? — Evangeline perguntou, em tom cético.

— O Coro pediu a Pharamond para realizar sua pesquisa. Talvez não soubessem o que ele pretendia fazer, mas não é possível que ainda assim considerem suas descobertas importantes? — Ele pausou, mas Evangeline não respondeu. Seus olhos permaneceram fixos em Adrian, o duelo das duas, inabalável. — Por que não levá-lo até o Coro e deixá-los decidir? Por que você precisa dar a sentença aqui?

— Eu tenho minhas ordens — afirmou ela.

Wynne deu um passo para o lado dele, seu interesse subitamente aceso.

— Suas ordens vêm do Buscador-Mor, mas de onde vêm as dele? Minha missão foi aprovada pela própria Divina. Se alguém mostraria interesse nisso, seria ela.

Adrian se irritou com a conversa, o fogo mágico subindo pelos braços dela. Ela queria lutar, Rhys podia ver isso. Evangeline, no entanto, pareceu considerar a ideia. Sua espada ainda estalava com energia, mas em vez de olhar para Adrian, ela estava olhando pensativa para Pharamond.

— Você realmente quer ser aquela que decide isso? — Perguntou Rhys.

Lentamente, ela baixou sua lâmina e seu poder desapareceu.

— Não — ela disse. — Tenho um dever com a Ordem dos Templários… mas também tenho com o Coro. No final, a decisão deles pode ser a mesma, mas eu não posso lhes negar a chance de deliberar sobre o assunto.

Adrian parecia quase desapontada. Ela liberou a chama mágica e recuou. Um único olhar para Rhys disse exatamente o que ela pensava de sua interferência.

— Então está resolvido — disse Wynne. — Voltaremos a Val Royeaux, e enviarei uma mensagem para que a Divina aguarde nossa chegada. Deixe que ela resolva esse revés.

— E Pharamond? — Adrian inquiriu. — E se o Coro não gostar do que ouvir?

— Veremos.

— Essa foi a sua resposta antes.

— E continua sendo verdade.

Evangeline assentiu e embainhou sua lâmina, embora a sala não parecesse menos tensa devido à sua concordância. Ela e Adrian trocaram olhares terríveis dizendo que eventualmente haveria um acerto de contas entre as duas. Rhys não entendia por que Adrian continuava insistindo: se Evangeline quisesse agir de forma irascível, ela o faria. Em vez disso, ela optou por entregar sua decisão a uma autoridade superior. Certamente aquilo tinha que valer alguma coisa?

Wynne ajudou Pharamond a se levantar. O elfo parecia confuso, incerto se o assunto estava realmente encerrado. Ele iria embora? Ele estava sendo poupado? Rhys conseguia compreender sua hesitação. Como a si mesmo, o destino de Pharamond provavelmente fora apenas adiado. Entretanto, o derramamento de sangue foi evitado.

Pharamond olhou tristemente para os cadáveres ao seu redor, seus olhos vazios. Uma vez que saíssem, este local estaria tão morto quanto a terra que o cercava. Viriam outros para substituir aqueles que moravam aqui, sabendo o que aconteceu com eles? Parecia improvável; a fortaleza se tornaria um túmulo.

Um monumento adequado, talvez, à busca de conhecimento proibido.

Cole se escondeu nas sombras da câmara de entrada da fortaleza superior. Era noite lá fora. Ele podia ver a lua no céu claro através das poucas janelas. Isso significava que o lugar estava abençoadamente escuro, o que era bom. Ele não queria olhar. Não queria ser lembrado do que tinha acontecido

aqui. Muito pior era a quietude que agora havia se instalado sobre tudo, uma quietude tão total que era esmagadora.

Não muito tempo atrás, não tinha sido tão quieto. Ele acordou com o som de gritos raivosos. Lentamente ele percorreu os corredores escuros como breu até encontrar a fonte: Rhys e os outros discutindo em uma câmara cheia de morte e fumaça, a luz de seus bastões sugerindo a batalha que havia ocorrido lá — corpos retorcidos e queimados, espalhados entre as cinzas de uma maneira não muito diferente dos soldados que havia visto na praça da cidade.

No entanto, eles não estavam discutindo a respeito dos corpos. Tinha algo a ver com um estranho elfo de vestes esfarrapadas, alguém que Cole nunca tinha visto antes. A Oficial queria matá-lo. A Ruiva não deixava. Ninguém parecia se importar com o que o elfo queria. Mesmo à distância, Cole podia ver o desespero em seus olhos. Ele queria a morte. Se tivessem perguntado para ele, ele a teria abraçado com prazer e deixado que o levasse para dentro do escuro e pacífico esquecimento.

Mas ele não foi morto. Cole pairou na borda da sala, mantendo uma mão em sua adaga para o caso de Rhys precisar dele, e viu a tensão aumentar... e então tudo chegou ao fim. Ninguém parecia feliz com o resultado, embora Cole não tivesse certeza de qual era. O menos feliz de todos era o elfo.

Cole sentiu pena dele, ajoelhado ali tão sem esperança e sozinho.

Agora ele não sabia o que devia fazer. As memórias do mundo dos sonhos o atormentavam. Muitos dos detalhes já estavam escapando, como os sonhos às vezes faziam, mas a essência permanecia. Memórias borbulhavam como uma coisa podre enterrada, e seu fedor permaneceu em suas narinas.

Havia uma vaga lembrança de estar sentado em cima do peito de seu pai. Sangue gorgolejava da boca do homem. Cole ergueu a adaga na frente dos olhos dele e o deixou olhar. Ele queria que o homem soubesse que era Cole quem estava acabando com sua vida, impedindo-o de machucar mais alguém. Lembrou-se de seu pai tentando falar e imaginou que o homem deve ter implorado pela vida, mas não saía nada além de mais sangue.

A satisfação de cravar a adaga no coração de seu pai ficou impressa em sua alma. A adaga de sua mãe. A única peça do povo selvagem que ela mantinha, e quando seu pai tentou vendê-la, ela a enterrou no campo. Cole

tinha assistido e agora se lembrava de desenterrar a adaga, arranhando a terra com os dedos nus enquanto as lágrimas ardiam em seus olhos.

Se lembrou de sua irmã também. Bem até demais. A lembrança dela o fez estremecer, e ele queria tirar aquilo de sua mente. Voltar a esquecer. Mas as lembranças se recusavam a ir embora, e toda vez que ele fechava os olhos via imagens espontâneas ali, esperando.

— Você está bem?

A voz o assustou, principalmente porque Cole achou que estava prestando atenção. Em vez disso, ele estava tão envolto em seus próprios pensamentos que não notou Rhys entrar na sala. A luz azul-prateada de seu cajado afastou um pouco as sombras, pelo menos por enquanto, e ele se sentiu grato.

— Você não precisava de mim — Cole admitiu com tristeza. — Eu vim até aqui porque pensei que elas iriam machucar você, mas não machucaram. Eu deveria ter voltado quando você mandou.

Rhys não disse nada. Ele tinha o mesmo olhar de sempre quando vinha ver Cole na torre, um olhar de pena e preocupação. Era difícil para Cole olhar para ele quando fazia isso. Em vez disso, olhou para o chão e tentou não se encolher quando Rhys se sentou na escada ao lado dele.

Por vários minutos eles não disseram nada, o único som foi o zumbido fraco emitido pelo cajado de Rhys. Finalmente Rhys quebrou o silêncio.

— Aquela casa no Turvo — ele começou hesitante — era sua casa? Foi de lá que você veio?

— Não sei. Sim.

— E aquele homem era seu pai?

— Sim.

Outra pausa, e então Rhys assentiu lentamente.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você, Cole. Eu nasci no Círculo, então não sei como é para os magos que não nasceram... mas você ouve coisas. A maioria não quer falar sobre isso.

Cole não sabia como responder. Ele nunca tinha falado com outro mago. A verdade era que ele nunca tinha visto nenhum outro falar sobre sua antiga vida. Ele tinha achado que era porque não queriam pensar sobre o que não poderiam ter. Mas talvez eles também quisessem esquecer?

Rhys olhou para ele. Depois de um tempo, Cole ergueu a cabeça e o olhou nos olhos. Ele se sentiu estranhamente desconfortável, como se

Rhys tivesse visto algo íntimo, algo que Cole não poderia mudar. Aquilo era estranho só porque Cole nem sabia que existia algo antes de entrarem no reino dos sonhos... mas lá estava agora, essa coisa esquisita entre eles.

— Você não é responsável pelo que aconteceu com ela, Cole.

E finalmente aconteceu. Cole desviou o olhar, sentindo o rubor subindo em suas bochechas. Ele queria chorar, ou gritar, ou... algo assim. Um caroço escuro em seu interior se apertou, algo que estava lá o tempo todo, mas que tinha se acostumado. Silenciosamente roendo-o.

— Eu nem me lembro dela — ele murmurou.

— Isso não é verdade.

Ele se ajeitou desconfortavelmente nas escadas.

— Eu não queria fazer.

— Eu sei.

— Eu só estava tentando mantê-la quieta, para que o papai não nos ouvisse. Eu pensei que ela estava sendo boazinha também, tão quieta... — Ele engasgou, incapaz de continuar.

— Eu sei. — Rhys colocou a mão no ombro de Cole. Um gesto tão simples, mas reconfortante.

Ele também se sentiu incrivelmente feliz por Rhys não estar mais zangado com ele. Desde a briga na cripta, ele estava preocupado que Rhys nunca mais quisesse vê-lo novamente. E também o teria merecido, depois da maneira como afastou Rhys. O alívio foi tão grande que ele sentiu as lágrimas virem. Elas abriram caminho tal como uma fonte e, antes que se desse conta, estava chorando.

Rhys pôs um braço em volta dele e o abraçou com força, e ele enterrou o rosto no ombro do rapaz. Não conseguia se lembrar da última vez que havia chorado. Parecia que nunca chorara antes, como se estivesse tão seco por dentro que essas lágrimas fossem uma coisa estranha e indesejada. Mas aquilo era bom e, ao mesmo tempo, infeliz.

E então Cole congelou quando percebeu que outra pessoa estava na sala.

Rhys também percebeu e parou para olhar a entrada da câmara. A Oficial ficou ali, olhando para eles. Havia uma marca feia de queimadura em seu peitoral, exatamente onde a insígnia do sol ficava. Parecia que alguém a havia riscado.

— Desculpe por ter duvidado de você, Rhys — disse ela.

Ele limpou a garganta.

— Eu não sabia que você tinha me seguido.

— Os outros estão ajudando Pharamond a recolher suas coisas. Percebi que você se afastou... de novo. Não foi difícil imaginar quem você tinha ido procurar.

— Você pode... me ver? — Perguntou Cole.

— Eu posso. — Ela deu um passo à frente, mas parou quando ele se levantou em alerta. — Será que sua maldição está quebrada?

— Não sei.

— É possível que vê-lo no Turvo mudou algo — disse Rhys. — Mas não temos ideia se isso vai durar. Você poderia facilmente esquecê-lo novamente.

Era verdade. A ideia perturbava Cole, mas, ao mesmo tempo, estava sendo visto por alguém com quem ele não tinha se esforçado para interagir. E ela se *lembrou* dele. No mundo dos sonhos isso não parecia tão real, mas aqui? Aqui era tudo.

No entanto, a maneira como ela olhava para ele era estranha. Era como se ela não pudesse acreditar que ele estava lá, ou esperava que ele se transformasse em outra coisa. Um inseto, talvez. Ou um demônio.

— Você vai me matar? — Ele perguntou afinal.

Rhys olhou alarmado para a Oficial. Então ela balançou a cabeça, uma expressão perturbada em seu rosto.

— Não. Acho que já fiz ameaças suficientes por hoje.

Ela caminhou em direção a ele novamente, mais devagar desta vez, e se ajoelhou não muito longe, ao pé da escada. Ela examinou Cole com seus lindos olhos.

— Eu estava lá — disse ela. — Eu vi o que aconteceu com você. Eu *senti*. Não posso dizer que você não será julgado por seus crimes, mas não será por mim.

Ele não sabia o que dizer.

— Volte para o Círculo conosco — ela continuou. — Se Rhys quiser ser inocentado das suspeitas do Buscador-Mor, ele vai precisar de provas. Caso sua maldição não estiver quebrada, vamos fazê-lo ver você exatamente como eu vi. O que acontece depois disso... Eu falarei em seu nome. Isso é tudo que posso oferecer.

Rhys sorriu para ela com gratidão, mas ela não olhou para ele.

Os olhos da Oficial permaneceram fixos em Cole. Havia honestidade ali. Cole acreditava nela.

— Por que você me defenderia?

— Porque o principal dever dos templários é proteger os magos. Rhys me disse que falhamos com você, e ele está certo. Se houver alguma chance do Círculo poder ajudá-lo, acredito que devemos tentar.

— Eles provavelmente vão transformá-lo em um Tranquilo — disse Rhys. — Você sabe que vão.

Sua expressão se encheu de compaixão.

— Seria tão ruim assim?

Uma vida sem sonhos nem memória. Sem o terror de ser engolido pela escuridão e desaparecer para sempre.

— Não — Cole murmurou. — Isso não seria tão ruim.

A Oficial estendeu a mão para ele... e ele a pegou.

14

RHYS TENTOU NÃO PENSAR no que o esperava no Pináculo Branco enquanto o grupo voltava para Val Royeaux. Não foi fácil. A tensão fervilhava logo abaixo da superfície no grupo, pronta para se transformar em hostilidade caso alguém falasse algo errado, por isso todos se mantinham calados. Isso deu a ele muito tempo para pensar.

Ele tentou ficar de olho em Cole. Era fácil perceber que o jovem estava tendo dificuldade em passar tanto tempo na companhia de pessoas que podiam vê-lo, todas as manhãs, ao acordar, ele se surpreendia novamente ao descobrir que não só ainda era visível como era lembrado.

Por todos, ou melhor, menos por Pharamond. Por mais doloroso que fosse ver Cole perceber que sua maldição ainda o afetava, também foi interessante vê-la em ação. Desde que Rhys conheceu o jovem, ele nunca teve a oportunidade de ver o que acontecia quando estava na companhia de alguém por um longo período. Pharamond nunca via Cole, a menos que o colocassem em evidência, e cada vez que isso acontecia, o elfo se surpreendia novamente ao encontrar um "estranho" entre eles de repente. Ele mal se lembrava das apresentações feitas anteriormente, e em poucos minutos Cole sumia de sua vista mais uma vez.

Que tipo de magia poderia fazer tal coisa? Antes de entrar no Turvo, Rhys contou aos outros sobre Cole e eles nunca mais esqueceram seu nome. Por que Pharamond esquecia? Era só porque Cole estava presente? Se encontrá-lo no Turvo foi o que permitiu que os outros o vissem e se

lembrassem dele, seria essa a solução para acabar com a maldição para sempre? Era um quebra-cabeça, e muito provavelmente um, que Rhys nunca teria a chance de desvendar.

Adrian não estava facilitando as coisas. Ela parecia estar com raiva de todos. Evangeline, disse ela, trairia todos e fez questão de expressar suas suspeitas. Ela fervia de raiva na presença de Wynne, fazendo comentários ácidos sobre como ela deveria tê-la apoiado — comentários, sem dúvida, destinados a Rhys também — e discutiu com ela sobre a importância da pesquisa de Pharamond. Ela acreditava que um confronto os aguardava no momento em que colocassem os pés no Pináculo Branco, e a recusa de Wynne só a deixou mais furiosa. Ela evitou Cole como a peste, acusando-o com olhares se chegasse muito perto.

Para Rhys, ela não disse absolutamente nada. O silêncio gélido era enervante, ainda mais porque ela estava sentada atrás dele agora que Pharamond cavalgava com Wynne. Ele podia sentir os olhos dela perfurando sua nuca, e ela agarrou seu peito com tanta rigidez que ficou estranho. Parte dele se perguntava se algum dia teria sua amiga de volta. A outra parte sentiu um pouco de raiva porque, mais uma vez, todos tinham que ver as coisas do jeito dela.

Evangeline se concentrou em mantê-los em movimento. Ela falara pouco desde que deixaram a fortaleza. Ele presumiu que tinha algo a ver com os templários lá fora. Ela os chamou de lado e, a certa altura, parecia estar discutindo acaloradamente com o líder deles. Os avisos sussurrados por Adrian de que deveriam se preparar para uma briga não pareciam tão absurdos.

E então acabou. O líder templário acenou para que seus homens entregassem um cavalo a Evangeline, junto com rações e suprimentos. Eles obedeceram, embora mal-humorados, e assim que terminaram, o líder voltou-se para Evangeline. Rhys não conseguiu entender o que o homem disse, mas a expressão de desgosto em seu rosto dizia muito. Os templários partiram sem dizer mais nada.

Eles tinham achado que atacariam? Evangeline os tinha dissuadido? Ela não explicou ao retornar e ordenou concisamente que o grupo partisse — o mais rápido possível. Eles apressaram-se em fazer exatamente isso.

Ao passarem pelas terras áridas, Shale ficou rabugenta. *Mais* rabugenta ainda, isso sim. A golem reclamava constantemente da velocidade lenta

dos cavalos na areia e do vento que soprava. Na primeira noite, quando finalmente pararam para descansar, ela lamentou por mais de uma hora... uma longa ladainha sobre humanos "molengas", sendo o cansaço deles a menor das ofensas.

O grupo aguentou as queixas da golem, embora Rhys flagrasse Evangeline revirando os olhos de vez em quando. Não obstante, Pharamond parecia feliz por encontrar uma golem de verdade e perturbou Shale com todo tipo de pergunta. As respostas de Shale eram, na maioria das vezes, sarcásticas. Quando perguntada sobre qual tipo de rocha ela era feita, Shale respondeu "excrementos de pepitas petrificados". Quando perguntada sobre como ela foi criada, Shale deu uma longa explicação sobre golens mãe e golens pai, que Pharamond acreditou durante cinco minutos. Quando perguntada sobre como ela conseguia ver através daqueles pontos de luz em suas órbitas oculares, Shale comentou que na verdade gostava de arrancar os globos oculares de criaturas de carne e usá-los no lugar deles — especialmente de elfos.

Aquilo, pelo menos, fez Pharamond parar.

Shale começou a manhã seguinte comentando sobre os barulhos que todos faziam enquanto dormiam. Depois, mais observações sobre a lentidão com que avançavam durante a pior tempestade desde que chegaram às terras áridas. A maioria das gracinhas da golem eram direcionadas a Wynne, com palavras como "decrépita" e "enferrujada" aparecendo na sua fala.

Por fim, Wynne virou seu cavalo. Com um sorriso radiante, ela perguntou se Shale não teria a gentileza de ir na frente. Foi um desafio que a golem ficou muito feliz em realizar, e de fato funcionou muito bem. O caminho que assentava pela areia era muito mais fácil de seguir. A golem só desapareceu em um sumidouro uma vez, foi preciso uma hora de esforço para que os cavalos a puxassem de volta.

Pouco depois de terem deixado o ermo e a grama verde aparecer nas colinas, Wynne sugeriu que Shale entregasse uma mensagem ao Círculo dos Magos em Montsimmard. Era o mais próximo, e os magos de lá poderiam usar a pedra de envio para contatar o Pináculo Branco. Envios não eram feitos toda hora, ela disse, mas considerando o interesse do Coro, poderia ser uma boa ideia avisá-los de sua chegada prevista e

da necessidade urgente de uma audiência com a Divina. Montsimmard, no entanto, era bem fora do caminho deles.

Evangeline parecia quase aliviada ao concordar. Shale suspirou ao ser rebaixada ao nível de mensageiro — "na próxima, Wynne esperava que fosse buscar uma cadeira? Talvez preferisse colocar uma sela nas suas costas e montá-la em vez de seu cavalo?" Um olhar fulminante da velha senhora foi suficiente para silenciar a golem. Ela recebeu a carta dela e partiu.

Rhys teve um momento de diversão imaginando a golem aparecendo nos portões do Círculo de Montsimmard. Ele supôs que isso poderia, de fato, tornar a carta de Wynne ainda mais convincente. Afinal, quantos mensageiros golem poderiam existir, especialmente aqueles com uma atitude tão cativante?

Depois que Shale se foi, as coisas ficaram quietas novamente. Evangeline os guiou pelas mesmas estradas secundárias que eles pegaram para chegar lá, apressando-os tanto quanto ousou apressar. Eles não encontraram uma única alma até o final do terceiro dia de viagem, quando um mercador anão em uma pequena carroça os encontrou indo na direção oposta.

O homem quase não parou e viu com suspeitas até a insígnia do Coro na armadura de Evangeline. Quando questionado, ele disse que planejava fazer o longo caminho para Montsimmard por causa de toda a agitação desde o início das batalhas. As sobrancelhas deles erguidas o fizeram rir. Eles não tinham ouvido?

Havia guerra no leste. Quem estava lutando contra quem era o assunto de rumores desenfreados, mas a enxurrada de cidadãos fugindo para as Terras Agrárias virou o interior de cabeça para baixo. Eles teriam sorte de chegar à capital, disse ele.

Eles ficaram ali, atordoados, enquanto o anão empurrava seus cavalos para a frente. Uma guerra civil? Mas não houvera uma convocação dos chevaliers, nenhum chamado às armas sob a bandeira imperial? O que tinha ocorrido enquanto estavam nas terras áridas?

Era uma má notícia da pior espécie. Uma guerra civil? Os chevaliers foram reunidos, ou um chamado às armas feito sob a bandeira imperial? O que tinha ocorrido enquanto estavam nas terras áridas? Rhys observou Evangeline olhando pensativamente para longe, como se pudesse de

alguma forma discernir o que os esperava na capital. O vento uivava pelas colinas enquanto o grupo esperava que ela os liderasse, mas ela nada fez.

— Ser Evangeline? — Wynne perguntou, hesitante. A templária continuou quieta. — Ser Evangeline, ainda temos uma hora de luz.

— Se viajarmos noite adentro, podemos chegar em Velun — Rhys sugeriu. — Talvez pudéssemos buscar notícias lá?

Aquilo pareceu chamar a atenção dela.

— Não — disse com firmeza. — Ficaremos longe de qualquer assentamento. Se há desordem, estamos em risco agora mais do que nunca. — Ela se virou em sua sela e examinou os outros, franzindo a testa quando seus olhos bateram em Pharamond.

Rhys quase podia ler os pensamentos que passavam pela cabeça dela. Traga o elfo para uma área povoada e a chance de ele fugir fica ainda maior. Ele faria isso? Rhys não podia dizer com certeza, mas, a não ser que Evangeline passe cada momento vigiando Pharamond, isso sem contar o Cole, não havia como garantir que ele não tivesse a chance.

— Vamos acampar agora — disse ela.

Estava chovendo. Rhys não achou que sentiria falta da chuva, mas depois daquela caminhada pelas terras áridas era quase glorioso ficar ao ar livre e deixá-la lavar a areia. Ele virou o rosto para o céu noturno, fechando os olhos e apreciando as gotas geladas de chuva caindo em sua pele. O som do trovão ao longe parecia mais acolhedor do que ameaçador.

Todos finalmente sucumbiram à exaustão nervosa no acampamento, deixando apenas Evangeline de guarda. Ele não conseguia se juntar aos outros e dormir, e assim ficou em silêncio junto aos restos fumegantes da fogueira. Ele se oferecera para deixar Evangeline dormir um pouco, mas ela mal respondeu, exceto por balançar a cabeça. Talvez pensasse que ele tentaria fugir também. Ele certamente tinha muitos motivos para isso.

Cole estava enrolado ao lado dele, o mais perto que podia chegar do fogo sem se queimar. Ele nem se mexia conforme a chuva caía sobre ele, embora Rhys visse uma vibração por trás de suas pálpebras. Pesadelos. Considerando tudo o que o jovem passou, ele não podia culpá-lo por querer esquecer. Ele podia não entender por que Cole sentiu o impulso de matar, e não podia se permitir esquecer o que o rapaz era, mas tinha simpatia.

Ele tirou uma mecha molhada de cabelo loiro dos olhos de Cole e rezou silenciosamente para que o Criador lhe desse alguns dias de descanso pacífico antes de chegarem à torre. O Criador pelo menos lhe devia isso.

— Talvez não nos ouçam — disse Evangeline de repente.

Rhys olhou para cima, assustado. A templária estava ao lado da fogueira, observando-o com uma expressão pensativa. Sua armadura prateada brilhava com a chuva, seu manto escarlate escuro e encharcado. Mesmo com o cabelo preto molhado e grudado no rosto, ela era linda. Ele não queria admitir para si mesmo, mas era de fato.

— Os templários? — Ele instigou.

Ela assentiu.

— Eu não conheço bem o Buscador-Mor Lambert. Acredito que seja um homem justo, embora duro, mas se há guerra...

— Você acha que ele pode não estar inclinado a ouvir.

— Acho que ele pode ver nosso dever de manter a ordem como mais importante do que descobrir a verdade. Convencê-lo de que Cole não é um demônio será... bastante difícil. — Ela parou, considerando. — E os templários com quem falei... eles retornarão ao Buscador-Mor com suas próprias histórias. Não tenho controle sobre isso e, de fato, qualquer defesa que eu ofereça pode ser considerada tendenciosa. Eu gostaria de poder dizer o contrário.

Ele pensou sobre isso, e então soltou um suspiro lento.

— Que outra opção temos?

— Você poderia fugir. — Ele se assustou e olhou para Evangeline enquanto ela se ajoelhava perto do fogo. Ela pegou um graveto e agitou as brasas, exalando faíscas e fumaça espessa na chuva. — Eu tenho que levar Pharamond para a torre. Você, por outro lado, não foi o alvo desta missão. Você poderia pegar Cole e fugir. Para Ferelden, se você se atrever a cruzar os Vales com esses rumores de guerra, ou ao norte até Tevinter.

Ele engoliu em seco. Isso era um teste?

— Eu simplesmente seria caçado — disse ele.

Ela enfiou a mão na capa e tirou um pequeno frasco de vidro. Ele brilhava com um vermelho profundo e sinistro, algo lá dentro fazendo os cabelos da nuca dele se arrepiarem. Magia, mas também algo mais.

— Este é o seu filactério — ela explicou. — Eu o usaria para rastrear você caso escapasse. Se você me dominasse e o quebrasse, no entanto...

— Por que eu faria isso?

A pergunta a fez parar. Ela olhou para as brasas, uma carranca severa gravada em seu rosto.

— Não gosto de ser forçada a escolher entre o meu dever e o que é certo. O Buscador Eron costumava dizer que o dever de um templário deve sempre ser questionado e, que no momento em que paramos de fazê-lo, é quando deixamos de ser templários.

— Ele... parece ser um bom homem.

— Ele é. Para onde quer que o tenham enviado, espero que seja tratado de forma justa.

Ela olhou de volta para Rhys, seus olhos, intensos.

— Você salvou minha vida, Rhys. Você podia ter me deixado para morrer quando Adrian lançou aquele feitiço na fortaleza, mas não o fez.

— Ah, eu duvido que teria *morrido*.

— Eu não.

Ele sorriu, envergonhado.

— Eu não pensei muito. Eu simplesmente sabia que tinha que avisá-la... mas o certo era que talvez nós dois deveríamos ter queimado.

Evangeline o observou atentamente. Talvez ela estivesse tentando determinar se ele estava apenas sendo modesto; não sabia dizer. Depois de um tempo, ela assentiu, como se estivesse tomando uma decisão.

— Eu estava errada sobre você. Você é um bom homem e, se há alguém capaz de resistir a um demônio, é você. Deixá-lo ir não colocaria ninguém em perigo.

— E quanto a Cole?

— Ensine-o. Mantenha-o em segurança. Ele merece uma segunda chance.

— Mesmo depois do que fez?

— Não vou julgar o Cole. Não depois do que vi. Vou deixar isso com o Criador.

Os dois ficaram quietos por bastante tempo, apenas o silvo lento das brasas e o estrondo ocasional de um trovão no alto para lhes fazer companhia.

— Você poderia vir conosco — disse calmamente.

— Eu tenho que levar Pharamond para a torre.

— Pharamond que se dane! Deixe que Wynne o leve de volta. Essa era a missão dela desde o início, não a sua. Se você voltar com ele ainda vivo e eu desaparecer...

Evangeline sorriu fraca para ele. Ela recolocou o frasco em sua capa, e então tirou um pequeno pacote de seda roxa. Sem falar nada, ela o colocou no chão e o desembrulhou. Havia cinco frascos minúsculos lá dentro. Quatro pareciam vazios, mas um deles tinha uma pequena quantidade de liquido azul cintilante dentro. Ele não precisava ouvir a música em sua mente para saber o que era.

— Lyrium — ele expirou.

Ela assentiu.

— Não somos magos, Rhys. Nosso treinamento não seria suficiente para lidar com magia a menos que usássemos lyrium, sei que você sabe disso.

— Mas o que...

— Só resta um frasco. — Cuidadosamente, ela embrulhou os frascos de volta na seda e guardou o pacote. — Depois que isso acabar, terei talvez uma semana antes de começar a sentir os efeitos. Dentro de um mês, talvez dois, vou enlouquecer.

— Você é viciada.

— E não há nada a se fazer a respeito. O Coro controla o suprimento de lyrium e, portanto, controlam os templários. Não há como sair da ordem uma vez que se está dentro. — Ela deu de ombros. — Meu destino está definido. O seu não precisa estar.

Ele pensou a respeito. Depois de um tempo, se levantou. Simplesmente não tinha como ele se sentar lá, com ela olhando para ele, e pensar sobre aquilo de forma racional. Ele virou-se para sair do acampamento, esperando que ela o deixasse a sós. Afinal, ela tinha acabado de sugerir que fugisse, então dizer que ele não deveria deixar o acampamento não parecia provável.

Ela não disse. Rhys se afastou, longe o suficiente para que a luz fraca do que restava da fogueira desaparecesse. A lua estava obscurecida pelas nuvens de chuva, por isso, a escuridão parecia quase total. Ele subiu a colina mais próxima, maravilhado com a lama da grama molhada e o cheiro fresco e aprazível do ar.

Quando ele chegou no topo, olhou para o horizonte. Ele não conseguia ver muito — mais colinas estavam ao longe, com apenas uma névoa persistente brilhando levemente prateada sob o luar. O tamborilar da chuva era quase hipnótico. Apaziguador. Ele respirou fundo e deixou o ar frio acalmá-lo.

Fugir. Isso faria dele um apóstata, é claro. Mesmo sem filactério, os templários ainda o procurariam. Ele estaria fugindo, tendo que cuidar de Cole... assumindo que o rapaz estaria disposto a se juntar a ele. E para onde iriam? Qualquer lugar poderia ser mais seguro que a torre, mas ainda parecia desesperador.

E ele também havia prometido ajudar Cole. Agora que viu que era possível as pessoas se lembrarem do rapaz, ele poderia realmente ser capaz de fazer alguma coisa. Ele poderia continuar sua pesquisa sobre espíritos, algo que não conseguiu fazer no ano passado. Talvez pudesse encontrar algum local remoto, algum lugar aonde os moradores não fossem tão curiosos, montar uma oficina... e acabar exatamente como Pharamond.

Não era um pensamento feliz. Por mais que não gostasse da supervisão constante dos templários, a vigilância deles significava que não prejudicaria ninguém. Sem eles, bastaria um erro, um encontro com o demônio errado, e condenaria muito mais pessoas além dele próprio.

— Não vá — alguém disse atrás dele.

Ele se virou. Adrian estava ali, molhada e suja, com os braços cruzados enquanto a chuva caía. Ainda assim, por mais miserável que fosse sua aparência, sua expressão era determinada. Sua mandíbula estava cerrada, e ele sabia o que isso significava.

— Você estava bisbilhotando — ele suspirou.

— Vocês estavam falando bem ao meu lado.

Rhys se virou, olhando para o vale e tentando recuperar a serenidade que sentira instantes antes. Evidentemente, ela desaparecera como vento.

— Eu não quero discutir, Adrian. E afinal, por que não quer que eu vá? Você deixou bem claro o quanto me odeia.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Eu não odeio você — ela suspirou irritada. — Eu odeio que você não esteja fazendo nada para parar os templários antes que matem você.

Eu odeio que você está deixando uma templária bonitinha transformá-lo em um tolo.

— Então isso é a respeito de Evangeline.

Adrian fechou a cara. Ela caminhou até o topo da colina e ficou ao lado de Rhys, olhando para o vale escuro abaixo, da mesma forma que ele.

— Tá bem, eu estou com ciúmes — ela admitiu. — É isso que quer ouvir?

— Evangeline é uma pessoa boa. Você ouviu a oferta dela.

— Eu a ouvi dizendo para você passar o resto de sua vida fugindo, para dar à ordem dos Templários mais uma razão para acreditar que os magos são exatamente quem eles pensam que somos. — Ela sacudiu a cabeça, desanimada. — Você precisa enfrentá-los, Rhys. Por você e por todos nós.

— E o que você quer que eu faça, exatamente?

Adrian agarrou seu braço, virando-o para encará-la. O olhar dela era intenso.

— Volte para a torre. Eles que se recusem a ver a verdade. Deixe-os tentar fazer de você um exemplo. Mostre a eles quem são.

— Pelo sopro do Criador, Adrian! Você quer que eu me torne um mártir?

— Os magos conhecem você, Rhys. Eles se unirão para defendê-lo.

Ele se afastou, tentando não parecer tão zangado quanto se sentia. É fácil enviar outros para lutar as batalhas dela, não é? Deixe-os morrer pela causa, enquanto ela fica à margem agitando o povo? Mas talvez aquilo não fosse justo. Ele sabia o quanto Adrian se importava — talvez até demais. Desde que ele a conhecera, ela sempre manteve seus olhos no objetivo. Era o que sempre admirara nela.

— E quanto a Cole? — Ele perguntou.

— Você já não fez o suficiente por ele?

— Não, acho que ninguém fez.

Adrian franziu a testa. Ele podia ver que ela estava lutando para encontrar as palavras, aquelas que não o incomodariam. Era um esforço que ela normalmente não fazia.

— Se você realmente quisesse ajudar Cole, — ela disse cuidadosamente — não o levaria para a torre. Você sabe que os templários não vão tentar ajudá-lo. — Ela o interrompeu antes que pudesse responder. — E, sim,

eu sei que Ser Evangeline disse que ajudaria. Mas ela não consegue, e sabe disso. É por isso que sugeriu que fugissem.

— Talvez eu devesse, então.

Ela lançou-lhe um olhar familiar.

— Cole conseguiu viver bem debaixo do nariz dos templários por anos. Imagino que ser caçado não é um problema para ele. Por outro lado, para você seria. Não é uma opção melhor.

— Você acha que não sei disso?

— Você está agindo diferente. — Ela colocou a mão em seu ombro, olhando para ele com seriedade. — Se a notícia da descoberta de Pharamond se espalhar, vai lembrar a todos de como os templários estão desesperados para manter o controle sobre nós. Quando eles tentarem puni-lo, será como em Kirkwall. Esta é a nossa chance, Rhys. Isso é o que os Libertários estavam esperando.

— E eu sou o cordeiro de sacrifício; que maravilha. — Ele suspirou, passando a mão no cabelo molhado. A chuva estava começando a diminuir, embora, de alguma forma, parecesse que voltaria a cair mais forte do que nunca. Ele esperava trovoadas, relâmpagos, o céu se abrindo acima de sua cabeça. Em vez disso, tudo o que aconteceu foi que ele ficou encharcado.

— Nem todo mundo vive em um mundo preto e branco como você, Adrian — disse ele. — Não precisa terminar em rebelião. Existem outras opções.

— Tal como?

— Minha mãe, por exemplo. Me recuso a pensar que ela...

O rosto de Adrian endureceu, e ela se afastou.

— Eu sei que Wynne é sua mãe — ela disse — e eu sei o quanto isso significa para você. Mas não pode depositar suas esperanças nela. Não pode confiar nela.

— Você não confia em ninguém.

— Não é isso. — Ela considerou cuidadosamente, olhando para Rhys de uma forma que indicava que ele não ia gostar do que ela tinha a dizer. — Eu não pude dizer nada antes, não na frente de Ser Evangeline.

— Agora você está me deixando nervoso.

Adrian se preparou.

— Quando alcançamos o demônio, Wynne o derrotou: sozinha, sem nenhuma ajuda minha. Eu não acho que ela realmente me queria lá.

— E isso é ruim?

— É *como* ela fez. Rhys, há um espírito dentro dela, um espírito poderoso. Eu o vi quando emergiu. Não era um feitiço, e ela não o convocou. Acho que estava lá o tempo todo.

Ele a encarou, atordoado.

— Você está dizendo que...?

— Acho que Wynne é uma abominação.

Na manhã seguinte, assim que o sol começou a rastejar no horizonte, o acampamento se agitou. Rhys passou o resto da noite nervoso e sem dormir, e finalmente convenceu Evangeline a dormir um pouco. Como ela conseguia ficar de guarda todas as noites e não sucumbir à exaustão, ele não tinha ideia. Um efeito do lyrium ou senso de vigilância?

Tinha sido estranho sentar ali no acampamento quieto, observando os rostos adormecidos dos outros. Wynne, principalmente. Mesmo dormindo, ela parecia cansada e pálida. Uma velha senhora que escolheu viajar por metade do Império e dormir na chuva. Ela certamente não parecia possuída — abominações eram coisas retorcidas e horríveis como o que Pharamond havia se tornado. Mesmo quando um demônio não contorce o corpo de seu hospedeiro, ainda haveria alguma evidência de sua presença. Ele devia ser capaz de sentir.

Estaria Adrian errada?

Todos se levantaram lentamente, enxugando as roupas e se esfregando com vigor para se livrar do frio. O céu da manhã estava claro, repleto de vermelho e laranja, Rhys até acharia bonito se não estivesse tão preocupado.

Enquanto Evangeline buscava as montarias onde estavam pastando, Rhys a chamou.

— Deixe um aqui — disse. — Eu gostaria de falar com Wynne. A sós.

Wynne parou de escovar o cabelo e ergueu os olhos, surpresa. Os outros estavam igualmente curiosos, mas ninguém disse nada. Evangeline apenas assentiu.

— Nós iremos devagar. Aproximem-se o mais rápido que puder.

Ele só podia imaginar o que ela achava que estava planejando. Ela não tinha perguntado nada desde que ele e Adrian retornaram para o acampamento.

Todos montaram silenciosamente e partiram, deixando Rhys e Wynne para trás. Cole foi o único a olhar para trás. Ele parecia preocupado. Talvez pensasse que Rhys estava planejando deixá-lo? Com relutância, o jovem voltou para a estrada à frente... e em instantes eles se foram.

Wynne continuou escovando o cabelo como se nada estivesse errado. Ela pegou vários grampos do roupão e prendeu o cabelo em um coque, o tempo todo sem olhar na direção de Rhys. Ele estava em dúvida sobre por onde deveria começar. Ele passou a noite esperando por este momento, mas todas as coisas que tinha ensaiado evaporaram de sua mente. Como se acusa alguém de ser uma abominação?

— Ela contou para você — disse Wynne.

Ele olhou para ela boquiaberto. Não tinha sido uma pergunta, meramente uma observação. Wynne estava sentada com as mãos cruzadas no colo e olhou para ele com uma expressão cautelosa.

— Eu... acho que sim, é — ele murmurou.

— Feche a boca, querido. É impróprio. — Sua boca se fechou com um clique audível. — Suponho que isso era inevitável — ela suspirou.

Ele quase não quis perguntar.

— É verdade?

— É verdade que fui possuída por um espírito? Sim, é verdade. — No entanto, antes que pudesse fazer outra pergunta, ela ergueu um dedo e sorriu pacientemente. — Não, não é o que você acha que me mudou. O espírito estava comigo quando nos conhecemos.

— Mas isso foi...

— Há muitos anos, sim. — Ela franziu a testa pensativa, olhando para as cinzas da fogueira. — Eu morri, sabe. Aconteceu no início do Flagelo. A Torre dos Magos em Ferelden foi tomada por abominações, e eu fui morta em batalha. Conforme eu permanecia no precipício entre a vida e a morte, um espírito veio até mim. Não um demônio, nem nada horrível ou egoísta, e ele me ofereceu uma segunda chance.

Ele esperou, pois parecia haver mais coisas na história, mas Wynne não disse nada. Ela continuou a olhar, e ele se perguntou o que ela estava pensando. Parecia uma confissão.

— Uma segunda chance para fazer o quê? — Ele perguntou.

Wynne deu de ombros.

— Quisera eu saber. Anos atrás eu achava que meu tempo era curto, que me deram apenas um indulto temporário. Eu estava viva por algum motivo maior e uma vez que fosse o fim, eu morreria, como deveria. — Ela balançou a cabeça tristemente. — Eu lutei para evitar que o Círculo entrasse em colapso, para evitar uma guerra que teria custado incontáveis vidas... e nada. Ainda vivo.

O que quer que Rhys tinha imaginado que sairia dessa conversa, não era isso. Ele andou alguns passos para longe, esfregando a testa como se aquilo fosse fazer seu cérebro funcionar, e então voltou. Wynne ainda estava sentada lá, olhando para ele com expectativa. Ele se sentou na grama, um pouco de repente.

— Tem certeza de que não é um demônio? — Ele perguntou. — Quero dizer... Eu nunca ouvi falar de um espírito benevolente possuindo alguém. Eles podem ser curiosos sobre o nosso mundo, mas não se esforçam para entrar nele como os demônios fazem.

— Demônios e espíritos não são tão diferentes um do outro. São dois lados da mesma moeda. Quanto ao motivo pelo qual esse espírito escolheu vir até mim... — Sua voz sumiu e ela ficou contemplativa. — Não sei. Aconteceu tão rápido. Acho que sempre esteve comigo, e simplesmente escolheu aquele momento para agir.

— Mas você não sabe por quê?

— Nós não conversamos. Eu... o senti vir, como um brilho quente se espalhando por todo o meu corpo. Ele forneceu a centelha de vida que estava desaparecendo de mim, acho que é ali que ele fica. Uma parte de mim, da minha alma.

— É por isso que não consigo senti-lo?

— Eu creio que sim. O espírito e eu não somos separados.

— Mas Adrian disse que o viu aparecer.

Wynne se permitiu um sorriso recôndito.

— Pode ter parecido desse jeito. No Turvo eu tenho força do mesmo jeito que o espírito tem. Se não mostrei antes, é porque não queria mostrar meus trunfos ao demônio.

Rhys mordeu o lábio e considerou, enquanto Wynne se ocupava em fazer as malas. Havia tantas perguntas que ele deveria estar fazendo,

mas o que via era simplesmente grande demais para pensar em qualquer outra coisa. Ele se lembrou da raiva dela quando o assunto de salvar Pharamond surgiu, quando ele contou a ela e Adrian sobre Cole. Agora fazia sentido.

Eu gostaria que conhecesse minha mãe, a abominação.

Ah, que encantador! Ela não parece nada distorcida como a maioria deles parece. Não, ela parece muito bem para uma mulher morta, não é?

Ele expirou devagar.

— E agora?

Wynne fez uma pausa, fechando sua mochila.

— Essa é uma excelente pergunta. De certa forma, é muito conveniente. Eu esperava falar com você longe de Ser Evangeline, mas nunca houve uma desculpa conveniente.

— O que quer dizer?

Ela olhou para ele com toda atenção.

— Eu quero que você aprenda o ritual de Pharamond.

— Você quer que eu faça o quê?

— A Divina está tentando mudar o Círculo, Rhys. O que Pharamond aprendeu será o primeiro passo para isso. O conhecimento não pode morrer com ele, e se o que Ser Evangeline tentou fazer na fortaleza for um indicativo, isso pode acontecer mesmo.

Ele se levantou de um salto, sua raiva ressurgindo quando várias percepções se combinaram ao mesmo tempo. O fato de que ela estava possuída ou morta... verdade seja dita, ele não conseguia entender muito bem, mas isso era algo que entendia.

— Você sabia o tempo todo o que ele estava fazendo!

— Eu conhecia o objetivo dele.

— E... você ia deixar Evangeline matá-lo? Depois de tudo aquilo?

Ela acenou com a mão com desdém.

— Eu não deixaria chegar a isso. Shale teria intervindo. Por acaso, a explosão de Adrian tornou isso desnecessário. Eu ainda acho que foi tolice Pharamond ir tão longe... só um Tranquilo poderia racionalizar uma tentativa de possessão... mas o propósito da Divina é muito claro, assim como o meu.

— Então, esse papo de ajudar um amigo em extrema necessidade foi apenas um ardil.

— Por causa dos templários, sim. Venho visitando Pharamond há vários anos, na esperança de que sua pesquisa desse frutos. E deu.

— Você poderia ter me contado.

Ela riu com tristeza.

— Igual você me contou na hora sobre o Cole? Ou da verdadeira missão de Evangeline? Devo esconder meu propósito, bem como o envolvimento da Divina. — Quando ele avançou furiosamente em direção ao cavalo, ela ficou de pé e correu atrás dele. Pegando seu braço, o puxou. — Ouça-me, Rhys: Libertários como Adrian acreditam que o Círculo deve ser destruído. Creio que possa ser melhorado. Os templários devem ser expostos à verdade.

— E por que a Divina simplesmente não ordena que os templários façam o que ela pede?

— Porque não é tão fácil assim. A Divina deve enfrentar séculos de tradição, e há aqueles no Coro que resistem. Ou você *realmente* acredita que um único mago conseguiu escapar do Pináculo Branco e se infiltrar no baile do Palácio Imperial, sozinho?

Aquilo o fez pensar.

— Você não quer dizer...

— Claro que sim. Os templários são feras indisciplinadas. Eles devem ser conduzidos à água; não podem ser forçados a beber. Até que o façam, devemos nos proteger. — Wynne hesitou. Ela segurou o rosto de Rhys em um momento de ternura inesperada. — E você deve ser protegido. Aprender o ritual faria de você a única pessoa além de Pharamond que o sabe e pode usá-lo. Isso terá um valor que a Divina não poderá ignorar... e nem o Buscador-Mor.

Rhys fechou a cara, pegando e removendo a mão dela.

— Você sabia que um curandeiro espiritual poderia aprender o ritual. É por isso que você me trouxe.

— Eu sabia que isso poderia salvá-lo.

Ele se voltou para o cavalo. Tomando as rédeas, ele subiu na sela. Wynne permaneceu onde estava, observando-o sem falar nada. Ele pensou que a tinha entendido, mas claramente nem chegou perto.

— Você é impossível. — Ele balançou a cabeça. — Você não é melhor que a Adrian. Nenhuma das duas consegue enxergar além de suas causas, a quem elas afetam.

Ela suspirou pacientemente.

— Rhys, estou tentando...

— Tentando justificar por que um espírito escolheu trazê-la de volta à vida. Porque não poderia ser um ato aleatório, algo sem motivo. Você precisa ser uma heroína. Eu entendi.

Suas palavras foram mais afiadas do que pretendia, mas a silenciaram mesmo assim. Talvez ela tivesse boas intenções. Adrian tinha boas intenções também. Por alguma razão, pegar Cole e fugir não parecia uma ideia tão ruim.

— Suba no cavalo — ele sussurrou amargamente. — Vou guardar seu segredo. E vou aprender o ritual.

Ela assentiu lentamente.

— Posso perguntar por quê?

— Porque fugir não vai ajudar ninguém. É hora de eu me posicionar.

15

ELES ESTAVAM A UM dia de distância da capital. Foi o que a Oficial lhes disse, e Cole recebeu a notícia com uma mistura de ansiedade e apreensão. Ele estranhamente se sentia nu sob o céu aberto, em lugares aos quais não pertencia. Seria bom estar de volta à torre, andar por corredores escuros onde ele não precisava olhar para saber para onde o levariam. Só a ideia de estar perante os templários o assustava. Eles o julgariam inadequado.

Só não me coloquem numa cela, ele orou em silêncio. *Qualquer coisa, menos uma cela solitária na masmorra.* Era ainda pior estar com pessoas que podiam vê-lo. Ele desejara por tanto tempo, e agora sentia seus olhos sobre si mesmo quando não estavam olhando em sua direção. Sua pele se arrepiava, ele não conseguia evitar. Toda vez que falava e eles respondiam, se assustava. Então ele tentava falar o mínimo possível.

Eles teriam chegado à cidade antes, só que a Oficial — *Evangeline*, ele se corrigiu mentalmente — os tirou da estrada principal anteontem. Ela disse que seria melhor ficar fora de vista, viajar pelas áreas rurais e se aproximar da cidade pelo oeste e não pelo sul. Todos pareciam preocupados quando ela disse isso, mas ninguém se opôs. Nem mesmo a Ruiva, que discutia por causa de quase tudo.

Ele achava que tinha algo a ver com o exército que encontraram. Bem... não era exatamente um exército. Havia, talvez, uma dúzia de homens na estrada, mas depois Evangeline disse que provavelmente havia mais por perto. Centenas mais. Um homem mais velho vestindo uma capa roxa

extravagante desceu para falar com eles. Seu capacete tinha uma pluma de penas brancas brotando dele — Cole nunca tinha visto algo tão bobo. O homem pareceria rico se não fosse por todas as manchas de lama e ferrugem.

Ele tinha falado com Evangeline e a Velha Senhora. Conversa chata e amena que Cole não ouvira. Em vez disso, ele desmontou e vagou até onde os outros soldados estavam agrupados, logo abaixo. Rhys fez um ruído abafado quando ele fez isso. Ele provavelmente tentaria parar Cole, se isso não fosse chamar a atenção para ambos.

Mas ele não o fez. De certa forma, era estranhamente reconfortante andar entre aqueles homens e sequer tê-los olhando em sua direção. Os cavalos deles, no entanto, o notaram. Ele via seus grandes olhos negros virando, e eles relinchavam quando se aproximava demais. Pelo que se lembrava, ele nunca esteve perto de um cavalo antes. Eles seriam mais impressionantes se não cheirassem a esterco empoeirado.

Independente disso, eram os soldados que o interessavam mais. Eles eram homens grandes e de aparência brutal que usavam suas armaduras como se não lhes pertencesse. Cole não gostava do jeito que olhavam para a estrada, ou como eles nervosamente dedilhavam suas armas. No entanto, não era medo que os agitava. Era a antecipação. Ele meio que podia sentir o cheiro da sede de sangue.

Um deles disse:

— Quanto tempo até os outros chegarem aqui?

— Em breve — respondeu outro. — Vamos torcer para que ele os enrole por tempo suficiente. — Isso foi tudo que precisou ouvir.

Cole correu de volta para Rhys e rapidamente contou a ele, e então Rhys se adiantou e sussurrou no ouvido de Evangeline. Quando ela se despediu do Manto Roxo, tudo mudou. O sorriso dele ficou tenso. Cole não conseguia ouvir as palavras, mas entendeu bem o que estava acontecendo quando Manto Roxo fez sinal para os soldados e eles cavalgaram na direção deles, o mais rápido possível e de armas em punho.

E então pararam, por causa da cintilante cortina de magia que bloqueava o caminho. Isso foi obra de Rhys; Cole podia ver seu cajado erguido, brilhando tão intensamente quanto o sol. Ele também ouviu o que Rhys disse a seguir muito claramente:

— Nós somos exatamente o que aparentamos ser, Barão. Sugiro que pegue seus homens e vá embora, a menos que *queiram* virar sapos; eu não vou julgar.

O rosto do Manto Roxo ficou branco como um lençol, e ele se apressou em recuar com seus homens, todos xingando enquanto iam embora. Evangeline os tirou da estrada imediatamente, dizendo que os homens voltariam com mais outros. Cole sentiu-se um pouco desapontado. Rhys realmente conseguiria transformá-los em sapos? Ele queria ter visto.

Eles fugiram rapidamente por um vale cheio de grama, pulando a cerca de um fazendeiro e depois passando por uma pequena floresta. Enfim, eles pararam, os cavalos suando e precisando ser alimentados. Evangeline parecia convencida de que havia evitado uma perseguição. Quando Cole perguntou por que o Manto Roxo queria atacá-los, foi a Velha Senhora quem respondeu:

— Pelo resgate — ela disse. — Ele pensou que estivéssemos viajando disfarçados, fingindo ser templários e magos para que ninguém se intrometesse conosco.

— Ele queria dinheiro? — Perguntou Cole, perplexo.

— Se ele conseguisse, viria de seja lá qual família a que pertencêssemos. E caso não conseguisse, imagino que alguns de nós acabaríamos no mercado de escravos.

— O Império está desmoronando. — Rhys balançou a cabeça, espantado. Evangeline concordou.

— Primeiro, bandidos e então multidões errantes de camponeses famintos, se as coisas piorarem. Talvez vejamos recrutamento a laço também, se a nobreza estiver formando exércitos. Val Royeaux pode estar um caos quando chegarmos.

Os outros pareciam digerir aquela notícia como se tivesse um gosto desagradável. O elfo se afligia e se preocupava, a ponto da Velha Senhora precisar falar com ele com palavras gentis até que se acalmasse.

Cole não sabia o que achar daquilo tudo. Recrutamento a laço? Laçar quem? Ele teria perguntado, mas provavelmente excedeu seu limite de perguntas idiotas. Então, em vez disso, ficou quieto enquanto Evangeline voltava ao cavalo e se segurou firme enquanto tentavam recuperar o tempo perdido.

Isso foi há dois dias. Agora eles estavam acampados dentro de um velho celeiro de feno, meio caindo aos pedaços, com o campo coberto de lavanda. Havia roxo em todo lugar que olhava, flores balançando suavemente na brisa

da noite junto com um perfume que era agradável e, de alguma forma, doce demais. Cole não viu gado algum e Evangeline disse suspeitar que a casa de fazenda em ruínas ao longe pudesse estar abandonada, mas não queria arriscar uma vistoria.

Cole não se importou. A casa da fazenda parecia solitária. Ele observou da beira do campo, imaginando quem poderia ter vivido ali. As janelas escuras sobre a porta olhavam para ele como um par de olhos malévolos. *Há segredos nesta casa*, diziam, *segredos dentro do chão e das paredes que permanecerão até se tornarem pó e desaparecer.*

Ele tremeu e se virou. Era melhor acampar entre as flores. Além disso, o céu estava limpo. O dia havia sido quente e a noite não estava menos. Se havia algo bom de estar ao ar livre era isso.

Ele poderia não ter mais escolha em breve.

A Velha — Wynne, como ela sempre o lembrava — estava no estábulo, consertando um rasgo em seu roupão. Ela ouvia pacientemente enquanto a Ruiva a repreendia sobre o mesmo assunto sobre o qual ela sempre falava: liberdade. Cole realmente não entendia de que tipo de liberdade ela estava falando, mas suspeitava que ela também não soubesse. O que quer que ela achavasse que era, estava determinada a tê-lo.

Essa discussão durou o que pareceram horas, até que finalmente a Ruiva saiu e passou o tempo dela escovando os cavalos. Ela gostava dos cavalos. Ela falava com eles com uma voz suave e deu-lhes nomes. Quando a pequena maga estava com os cavalos, ela ficava bonita, toda a raiva e as linhas tensas em seu rosto se dissolviam. Cole sugeriria que ela o fizesse mais, se não achasse que ela gritaria com ele.

Evangeline tinha saído horas atrás. Havia uma pequena vila próxima, ela disse, onde pretendia comprar comida. O que deixou Rhys e o elfo, Pharamond, sentados jogando conversa fora entre as flores. Sobre o que falavam, ele não tinha a menor ideia. As pessoas paravam de falar quando o viam. Nunca passou por sua cabeça que as pessoas poderiam não querer ser bisbilhotadas.

Mesmo entre um grupo de pessoas que podiam vê-lo, Cole ainda se sentia um estranho. Talvez fosse para ser assim. Talvez aquilo fosse parte de sua maldição.

Rhys dizia que poderia haver uma maneira de acabar com isso, as pessoas se lembrando de Cole depois de vê-lo naquela terra dos sonhos poderia ser

a chave. Cole não havia mencionado a Rhys que já havia começado a notar mudanças. Ele tinha visto o olhar perplexo no rosto de Evangeline quando ela olhou para ele de manhã, como se ela não conseguisse identificar quem ele era. A Ruiva ficava reclamando que Cole estava se esgueirando atrás dela, quando ele estava ao seu lado o tempo todo.

Todos estavam começando a esquecer, e eles percebiam isso. Cole estava ciente. Era como se o chão estivesse lentamente se transformando em areia movediça sob seus pés, enquanto todos os outros continuavam andando, alheios ao seu afundamento. Ele estava desaparecendo, aquela sensação familiar rastejando como um calafrio em seus ossos.

— Há algo errado, Cole?

Era Evangeline. Ela vinha caminhando ao longe em sua direção, um saco pendurado sobre um dos ombros. Seu manto escarlate flutuava ao vento atrás dela. A lua estava surgindo no horizonte, e a pôs sob uma luz prateada que fez o coração dele apertar. A maneira como a templária olhou para ele, como se soubesse de coisas sobre ele que ele mesmo não sabia, o deixou nervoso. Mas, de alguma forma, não era de um jeito ruim.

— Eu... pensei que você estava indo à aldeia — ele gaguejou.

— Eu estava — disse ela. Quando ela chegou aos restos apodrecidos da cerca do pasto ele ficou ao seu lado, e ela deixou o saco cair no chão com um grunhido de alívio. — Felizmente encontrei um agricultor voltando do mercado com um carrinho cheio. Nada de comércio, disse ele. O que quer que esteja acontecendo, não chegou nesta parte das Terras Agrárias ainda.

— Isso é bom.

— Para nós é. — Ela olhou para onde Rhys e Pharamond estavam sentados, e então analisou Cole com curiosidade. — Por que você não vai até lá e fala com eles? Eu podia ver você olhando com tristeza para eles do outro lado do campo. Tenho certeza de que não se importariam.

O elfo estava rindo de algo que Rhys disse, tão barulhento que rolava no chão. Era assim que o elfo ria de qualquer coisa, aparentemente. A menor das piadinhas e ele rugiria com diversão, e continuava até que todos os outros se encarassem com desconforto. O homem estava imerso em um mar de sentimentos, tomado por qualquer corrente que o levasse.

— Não consigo. — Cole balançou a cabeça, sentindo um rubor envergonhado subir por suas bochechas. Ele imaginou que devia parecer um

tipo de criança tímida e desajeitada para Evangeline. Uma criança que não sabia de nada.

Ela se inclinou contra a cerca e o examinou enquanto ele deliberadamente evitava o olhar dela.

— Deixe-me fazer uma pergunta — ela disse então. — Como você descobriu a minha missão?

— Eu ouvi o homem de armadura preta dar a ordem para você.

— O Buscador-Mor? Houve um momento em meus aposentos quando ele sentiu… algo. Era você?

— Sim.

— Você já estava lá antes?

— Sim — ele respondeu hesitante.

— Quando eu estava me despindo.

Não era uma pergunta. Ele lembrou de ter visto Evangeline removendo sua armadura, e desviou os olhos, sentindo o rubor queimar ainda mais. Todas aquelas vezes que tinha olhado as pessoas na torre, nenhuma vez considerou que eles talvez se opusessem… até agora.

— Você faz isso com frequência? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça vigorosamente.

— Você estava levando o Rhys embora. Eu tinha que saber por quê! Tudo que eu queria era… — Olhando nos olhos de Evangeline, ele não conseguiu continuar. A maneira como ela o analisava tão atentamente, com a testa franzida, ficou claro que estava chateada. Considerando o quão gentil ela tinha sido com ele, Cole em desespero, não queria nada mais do que se retratar. — Sinto muito — disse ele sem jeito.

Eles ficaram parados na cerca por um tempo, um silêncio constrangedor entre eles. Evangeline olhou para o saco, cutucando-o com o pé. Parecia que ela estava tentando decidir alguma coisa.

— O que era aquele livro? — Ele perguntou depois de um tempo.

Ela olhou para cima, assustada com a pergunta.

— Que livro?

— No seu quarto. Você pegou um livro… e parecia gostar muito dele.

A expressão de Evangeline mudou. Ela ficou mais suave, quase triste, do jeito que ele se lembrava dela olhando quando segurava o livro.

— Era… era do meu pai — disse, sua voz de repente grossa. Ela desviou o olhar. — O Cântico da Luz. Costumávamos ler os versículos juntos. Você… sabe alguma coisa sobre o Cântico?

— Não.

Ela assentiu, como se a resposta dele fosse esperada. Então cedeu a ele um sorriso envergonhado.

— Você teria gostado do meu pai. Ele era um bom homem. — Com isso, ela suspirou com tristeza e balançou a cabeça como se dissipasse pensamentos sombrios. Então ela se inclinou e beijou Cole na testa.

— Vá — ela disse suavemente. — Vá falar com Rhys. Ele não culpa você por nada.

Com isso, ela pegou o saco e caminhou em direção ao celeiro de feno. Ele a observou ir, esfregando a testa, confuso. Formigava onde ela o tinha beijado, e ele sentia isso até os dedos dos pés.

Aquilo também o deixou triste. Evangeline ia esquecê-lo. Daqui a uma semana, ou um mês, ele seria o único que se lembraria disso.

Cole caminhou até onde Rhys e Pharamond estavam sentados. O cajado de Rhys estava no chão, brilhando para fornecer luz. Um livro estava aberto entre eles, um dos vários que o elfo trouxe consigo, e ambos o estudavam.

Ele permaneceu a vários metros da dupla, observando melancólico e secretamente esperando que eles não o notassem.

Ele não deu essa sorte.

— Olá! — O elfo exclamou surpreso, localizando Cole. — De onde você veio?

Rhys sorriu.

— Este é Cole — ele explicou, pela décima vez desde que deixaram a fortaleza. — Eu falei dele antes, lembra?

Pharamond franziu a testa, claramente confuso.

— O sujeito que as pessoas esquecem? Não sabia que o conheceria tão cedo. Na verdade, pensei que ninguém soubessem que estávamos aqui. — Então ele se acendeu e explodiu em uma risada divertida. — A menos que seja eu, né? Ele esteve aqui o tempo todo e fui eu que esqueci! Ah, que maravilha!

O homem continuou a rir até enxugar as lágrimas dos olhos. Cole fechou a cara, e Rhys lançou-lhe um olhar irônico que dizia "Seja paciente". Então Cole tentou.

— O que há de tão maravilhoso nisso? — Perguntou.

A risada de Pharamond ia e vinha, e então desapareceu completamente. Com a mesma rapidez, o elfo ficou contemplativo. Ele olhou tristemente para o livro à sua frente, correndo um dedo ao longo de suas páginas.

— Não seria tão ruim — disse ele — ter seus atos esquecidos. Melhor ainda esquecê-los você mesmo.

— Ninguém se lembra de nada que eu faço.

Ele coçou o queixo e olhou para Rhys.

— E que tal se anotássemos? Se houvesse um relato escrito do jovem, isso poderia refrescar a memória?

Rhys deu de ombros.

— Não sei. Não encontrei nenhum registro relacionado a Cole e eu procurei. Até onde sei, as palavras nas páginas podem desaparecer.

— Notável! — O elfo olhou para Cole com aqueles estranhos olhos azuis, como se fosse algum tipo de quebra-cabeça a ser resolvido. O escrutínio o fez se contorcer. — Diga-me, jovem, você é capaz de fazer magia?

— Eu acho que não.

— Hmm. Perturbação de arcanista, talvez?

Rhys trocou um olhar confuso com Cole.

— Que... tipo de perturbação?

— Um termo cunhado pelo Magister Allineas no auge da Era das Torres. Ele postulou que o talento mágico é como um rio fluindo. Devidamente canalizado, ele encontra seu caminho para o oceano: magos como você, possuindo a habilidade de lançar feitiços. — Ele gesticulou para Cole. — Deixado por conta própria, no entanto, pode fluir em uma direção diferente e inesperada. Mas esse talento vai se expressar de alguma forma.

Rhys franziu a testa.

— Você está dizendo que ele é um mago alienado.

— Um termo pejorativo, criado pelo Coro. Antes do Círculo, o talento mágico se expressava de muitas maneiras, muitas vezes guiado pela tradição antiga. Alguns desses magos alienados, como você os chama, possuíam poderes que nenhum feitiço do Círculo poderia replicar. A imprevisibilidade deles foi considerada uma ameaça.

— Você faz parecer uma coisa boa.

O elfo estendeu as mãos em rendição.

— Eu repito o que li nos textos antigos. No entanto, eu afirmo que o termo "perturbação" não foi por acaso. Esses talentos selvagens eram mais

do que imprevisíveis; eles eram caóticos. Allineas menciona essas pessoas em comunhão com espíritos, sendo atraídas para caminhos mais sombrios... muitos deles enlouqueceram. Poucos viveram vidas longas.

Cole abaixou a cabeça. Era isso, então. Foi como pensava, não havia cura para o que ele era, apesar do que Rhys esperava. Ele se virou e foi embora, e ouviu Rhys cochichar algo irritado. O elfo saltou e correu atrás de Cole, pegando-o pelo braço.

— Caramba! — Ele exclamou. — Falei sem pensar! Por favor, não me escute!

— Mas é verdade.

— São palavras numa folha! — Seus olhos se agitaram, e ele falou com emoção crua. — Se há algo que provei com o que eu fiz — disse ele — é que teorias e suposições podem estar erradas. Nunca se esqueça disso, jovem.

Cole se perguntou se ele não teria mais em comum com esse elfo de cabelos brancos do que pensava. Pharamond havia afundado nesse esquecimento e, mesmo depois de sair dele, ainda não era real. Uma versão fina como papel de si mesmo, prestes a ser levada pelo mais leve dos ventos. Cole podia sentir a sombra avançando sobre o coração do sujeito tão seguramente quanto sobre o seu próprio.

— Como é ser um Tranquilo? — Ele perguntou de repente.

Pharamond se afastou, como se tivesse sido atingido. Ele fechou os olhos com força, lutando contra uma onda de lágrimas. Rhys se levantou, um olhar preocupado em seu rosto.

— Cole, não acho que isso seja algo...

— Não — o elfo disse com voz grossa. Ele estremeceu com o esforço de se controlar. — Você disse que um jovem estava voltando para a torre para absolvê-lo daqueles assassinatos. É ele, não é? Ele pode muito bem enfrentar a Tranquilidade... assim como você. — Rhys assentiu tristemente. — Assim como eu — Pharamond terminou. Ele estremeceu como se o pensamento fosse horrível demais para contemplar.

Cole pensou que não poderia continuar, mas então Pharamond assentiu, preparando-se.

— Acho irônico o Ritual da Tranquilidade cortar a pessoa da terra dos sonhos, porque um sonho é exatamente com o que se parece. Tudo em um sonho está como deveria estar, nada está fora do lugar... mas parte de você

sabe que algo não está certo. Esta não é a sua casa, esta não é a sua vida... você não é você.

— No entanto, não se pode agir além do que o sonho permite. O sonho segue seu caminho, e você o segue acreditando que nada é real. Você contornará a esquina e acordará, são e salvo. No entanto, você nunca acorda. Em vez disso, é lentamente sufocado em um silêncio cristalino que não tem significado.

Os três ficaram parados ali, um vento soprando lentamente pelo campo de flores roxas, e ninguém disse nada. Pela primeira vez desde que deixaram a fortaleza, Cole começou a se sentir verdadeiramente assustado.

— É um prospecto sombrio.

Evangeline teve que concordar com Rhys. Eles estavam se aproximando de Val Royeaux pelas colinas ocidentais e agora podiam ver com seus próprios olhos o que estiveram ouvindo por aí. Durante a maior parte do dia, eles encontraram hordas de pessoas na estrada indo na direção oposta, todas dizendo a mesma coisa: a capital estava um caos.

Notícias de guerra nas províncias orientais atingiram a cidade como um relâmpago, levando a um êxodo em pânico por parte da nobreza. Então houve um boato de que a Imperatriz estava morta, a primeira de dezenas de histórias malucas que incendiaram a cidade com especulações — e quando o Chanceler Imperial emitiu o decreto pedindo o recrutamento do campesinato, começaram os tumultos.

Parecia impossível que tanta coisa tivesse acontecido em duas semanas, e cada história que ouviram na estrada tinha sido mais louca e menos crível do que a anterior... mas aqui, pelo menos, estava a prova de que nem todas eram mentira.

Reuniram um exército do lado de fora dos portões da cidade, um verdadeiro mar de tendas. Dez mil homens acampavam lá, no mínimo, ela calculou. A fumaça de todas aquelas fogueiras engrossou porque metade da cidade estava em chamas, ou tinha estado recentemente. O céu estava um cobertor de fuligem, o fedor enchendo as narinas e piorado ainda mais pelo cheiro de gente dos campos.

O palácio na colina não podia ser visto através da névoa enfumaçada. Até a longínqua Grande Catedral se perdeu em meio à expansão de prédios que compunham a maior cidade do Império. A única coisa ainda claramente visível era o Pináculo Branco. Ele erguia-se acima dos outros prédios como um farol brilhante de normalidade.

— Os portões da cidade estão fechados — Adrian expôs.

E ela estava certa. Os Portões do Sol eram uma maravilha da construção, feitos de aço e cobertos com uma fachada dourada que retratava a ascensão do Imperador Drakon. Em plena luz do sol, dizia-se, brilhavam tão intensamente que cegariam um exército inimigo. Uma superstição tola, sem dúvida, mas os orlesianos guardavam os portões com certa reverência. *Mais cedo ou mais tarde, todos em Orlais passam pelos Portões do Sol*, como dizia o velho ditado. Porém hoje, isso não era verdade. A última vez que Val Royeaux foi selada, tinha sido atacada por dragões — um evento terrível do qual a cidade levou anos para se recuperar. Esperava-se que não tenha sido tão ruim quanto aquilo.

— O exército está aqui para sitiar? — Perguntou Rhys.

Wynne balançou a cabeça e apontou para a massa de tendas.

— Vê a bandeira vermelha com a cabeça de veado? Ela pertence ao Marquês de Chevin, um dos aliados mais próximos de Celene. Também vejo Ghyslain, Morrac, a Condessa d'Argent... o Marquês reuniu as hostes do norte.

— Então por que fechar os portões?

— Imagino que não querem que as pessoas fujam para as fazendas para evitar o recrutamento. Ou isso, ou é uma praga, creio que essa foi uma das histórias, não?

Evangeline acenou com a mão com desdém.

— Em duas semanas? A maioria daquelas pessoas nunca entrou na cidade. Teremos que ver por nós mesmos... se nos deixarem entrar.

Ela foi na frente, descendo o caminho íngreme que levava diretamente ao coração do acampamento do exército. Eles poderiam evitar isso viajando até o Portão Noturno menor, mas isso exigiria atravessar o rio. Teoricamente não deveria haver problema. Eles eram esperados.

Embora isso também a preocupasse.

Eles se moveram lentamente pelo acampamento do exército. Havia muitos rostos preocupados, homens e mulheres vestidos com as armaduras

mais simplórias, quando usavam alguma, comendo mingau, famintos, enquanto se sentavam perto de fogueiras. Eles contrastavam fortemente com os chevaliers: chevaliers em trajes de batalha completos, cada um adornado com um brasão de família colorido. Eles cavalgavam pelas fileiras, gritavam ordens e corriam de barraca em barraca como abelhas zumbindo. Ninguém parecia estar parado e, pela perspectiva de Evangeline, pareciam mais nervosos do que os soldados.

O ar estava denso com expectativa. Isso a fez se perguntar se havia um exército marchando para Val Royeaux. Esses homens estavam se preparando para marchar? Também a deixou curiosa se a Ordem dos Templários estava pensando em tomar partido. Eles o fizeram no passado, a mando do Coro. No caso, ela talvez marchasse com esses homens.

Também parecia haver um grande número de pessoas que não faziam parte do exército. Ela viu crianças correndo de um lado para o outro e mulheres que eram seguidoras do acampamento ou querendo muito ser. Havia cozinheiros, elfos fazendo tarefas, mercadores tentando vender "amuletos" protetores para os homens, até mesmo ladrões de aparência astuta deslizando entre as sombras.

Um grupo de guardas da cidade estava em frente aos portões da cidade — um grupo grande, na verdade. Pelo menos vinte deles ficavam de olho em várias centenas de suplicantes, viajantes que evidentemente pretendiam esperar até que os portões finalmente se abrissem. Era uma favela improvisada cheia de pessoas desanimadas que ficavam sentadas sem nada melhor para fazer do que olhar para os guardas como se pudessem abrir os portões apenas com a força de vontade.

Evangeline e os outros eram claramente incomuns o suficiente para chamar a atenção. Enquanto subiam, vários campistas se levantaram de um salto, talvez pressentindo uma oportunidade. Assim, também, um dos guardas deu um passo à frente, apontando sua lança em advertência.

— Parados! Os portões de Val Royeaux foram selados por ordem do Lorde Chanceler!

— E não é para ninguém entrar? — Ela perguntou. — Temos um compromisso no Pináculo Branco.

— Espere! — Uma voz chamou atrás do homem. Um guarda de aparência mais experiente deu um passo à frente, um sujeito grisalho vestindo uma túnica imperial sobre sua armadura. Claramente um comandante, ou, pelo

menos, alguém de alto escalão. — Creio que tenha um nome, templária? — Exigiu, olhando-a com cautela.

— Acertou. Meu nome é Ser Evangeline de Brassard.

Ele fechou a cara e cuspiu no chão.

— Imaginei que você apareceria no meu quarto de hora. Eu estava quase pronto para ir à taverna.

— Isso significa que vão abrir o portão?

— Sim, mas você não vai entrar até que o Buscador-Mor chegue. Devo informá-lo de que está aqui — pessoalmente — e você não deve sair deste local. O sujeito foi muito específico. — O comandante acenou irritado para o guarda de olhar confuso com a lança e marchou de volta para a guarita, desaparecendo na fortificação.

— Então, o que você acha que isso significa? — Rhys perguntou assim que ele se foi.

— Isso significa que o Buscador-Mor está nervoso.

— Oh céus! — Exclamou Pharamond. Ele puxou ansiosamente a gola de seu manto, estremecendo quando um grupo de viajantes os empurrou para se aproximar dos portões. Eles estavam ansiosos e claramente conscientes de que algo estava acontecendo. — Eu tinha me esquecido o quanto costumava detestar multidões!

Adrian parecia igualmente chateada.

— Talvez não devêssemos ficar aqui.

— Tem outro lugar onde você precise estar? — Perguntou Evangeline.

— Pergunte-me de novo quando seus templários nos jogarem na prisão.

Depois de um tempo, a multidão foi repelida, mas não sem que dois barulhentos mercadores de Tevinter fossem severamente espancados. Um bandido de aparência rude, que Evangeline presumiu ser um mercenário dos mercadores, sacou sua espada e foi rapidamente atravessado pela lança de guarda. Aquilo pareceu dissuadir a multidão, e recuou dos portões tão rapidamente que quase se atropelaram na pressa.

Evangeline e os outros estavam seguros em seus cavalos, embora as montarias ficassem nervosas com toda aquela tensão. E ficaram ainda mais quando trovões se agitaram nas nuvens acima. Chover poderia ser uma coisa boa, talvez a água lavasse um pouco da fuligem e do fedor do ar. No entanto, apesar das nuvens ameaçarem um aguaceiro, nada aconteceu. Em vez disso, elas pairavam no limiar da expectativa.

Mais de uma hora se passou. Já era tarde da noite quando chegaram, e esperar foi difícil.

Evangeline se sentia tensa. Vai saber o que Sir Arnaud poderia ter dito ao Buscador-Mor? Ele não ficou satisfeito ao ver o grupo emergir de Diamantina vivo; e ficou mais que um pouco furioso quando Evangeline ordenou que entregasse suprimentos e depois partiu. Ela achava que o relatório dele não seria nada gentil. Não que o Buscador-Mor precisasse de mais munição contra ela do que já tinha. Tentar explicar para ele o que ela achava que deveria fazer, sem dúvida, seria como discutir com uma parede. Haveria uma consequência para a decisão que tomou, que estava vindo cumprimentá-la agora.

Quando o barulho das engrenagens soou, Evangeline levou um susto. O efeito sobre os infelizes viajantes foi eletrizante. Muitos imediatamente se levantaram com o barulho repentino, elevando o tom e gritos para seus companheiros, e começaram a correr em direção aos portões. Evangeline viu muitos pegando suas mochilas, claramente presumindo que sua chance de entrar na cidade finalmente havia chegado.

O comandante saiu da fortificação na hora, sua carranca se aprofundando enquanto observava tudo.

— Mantenha-os afastados, pelo amor de Andraste! — Ele bradou para os guardas. — Derrube qualquer um que tente passar por vocês!

Quando as grandes portas finalmente se abriram com um sinistro estrondo, elas a fizeram rapidamente. Por um momento, houve uma luz ofuscante. Evangeline protegeu os olhos e piscou, e então viu sair um regimento completo de templários. Trinta chevaliers, todos carregando tochas. À frente deles estava o Buscador-Mor Lambert, impressionante em sua armadura preta e montando o mesmo corcel maciço com o qual ela o vira chegar à torre várias semanas antes.

A onda de viajantes parou de repente. Eles se encolheram de medo, nenhum deles enfrentando os guardas ameaçadores, e em pouco tempo o grupo de Evangeline era o único perto do portão. Tudo parou e ficou quieto.

O rosto do Buscador-Mor estava rígido de fúria. Dava para ver isso no aperto de sua mandíbula, no brilho de seus olhos cinzentos, quase dava para ouvir o jeito como ele esmagava as rédeas de couro, apertando igual um torno. Aquilo não era um bom presságio.

— Buscador-Mor Lambert. — Ela o cumprimentou com um aceno tão caloroso quanto pôde. — É bom vê-lo de novo.

— Suponho que deveria estar agradecido por enfim ter conseguido — disse ele claramente. — Nenhum evento desagradável na estrada? Você não foi assaltada por bandidos? Eles se tornaram muito comuns recentemente.

— Nada que não pudéssemos evitar, meu senhor.

— Entendo.

Ele incitou seu cavalo para frente, cavalgando até Wynne e Pharamond. Wynne o recebeu com um sorriso agradável, mas o elfo estremeceu com um medo óbvio.

— E este foi o sujeito que resgatou?

— Sim — respondeu Wynne. — A pesquisa de Pharamond tem...

— Já conheço bem a pesquisa dele — o sujeito interrompeu. Ele deu uma olhada gélida para Wynne. — Enviaram uma mensagem através das pedras de envio. O Pináculo Branco está simplesmente fervilhando de especulações.

Ele se virou para os templários que esperavam, acenando para eles se aproximarem.

— Acompanhe-os até a Grande Catedral. Não demore, e não permita que nenhum deles saia de vista.

Wynne parecia intrigada.

— Não devemos retornar ao Pináculo Branco?

— A Santíssima ordenou uma audiência imediata. — Cada palavra que falava estava cheia de desprezo. — Obviamente ela tem em sua posse uma pedra de envio também, embora eu tenha certeza que sabia disso. Estou aqui para facilitar a reunião.

Em instantes, o grupo de Evangeline foi cercado. Os templários não sacaram suas armas, e quaisquer expressões que tivessem estavam escondidas atrás de seus elmos. Ainda assim, não dava para discutir com eles. O grupo cavalgou lentamente com eles em direção aos portões.

— Você não, Ser Evangeline — o Buscador-Mor chamou. — Você vem comigo.

Ela parou sua montaria, tentando não deixar transparecer seu desânimo. Os outros continuaram na frente. Rhys olhou para trás, fitando os olhos dela e expressando silenciosamente sua simpatia. Atrás dele, Cole estava fazendo o possível para se esconder. Se o Buscador-Mor teria notado ou não o jovem, mesmo que pudesse vê-lo, não parecia importar — Cole teria

claramente ficado muito mais feliz se pudesse rastejar para dentro do manto de Rhys e desaparecer.

Em instantes eles se foram.

— Cavalguem comigo — foi tudo o que o Buscador-Mor disse enquanto virava sua montaria e os seguia.

Evangeline acompanhou o ritmo e, assim que passaram pelos portões, as engrenagens começaram a girar novamente. Um minuto depois, as grandes portas se fecharam, o som estrondoso encheu-se de uma peremptoriedade que gelou os ossos dela.

Eles cavalgaram silenciosamente pela Avenida do Sol. Durante o dia este seria um lugar movimentado, a rua larga ladeada de comerciantes de todo tipo, além de "recepcionistas" que persuadiam os viajantes a segui-las até uma loja especial, um bordel, uma pousada... todo mundo era bombardeado com gritos no momento em que entrava em Val Royeaux. À noite era mais silencioso, e as recepcionistas muito mais empenhadas em seu propósito.

Esta noite a rua estava deserta. Os lampiões-incandescentes, instalados com grande custo ao longo da avenida e mantidos pelos Tranquilos, lançavam uma mortalha cor de safira sobre a região que era quase sinistra. Havia tanta fumaça no ar, e ela sabia que devia estar pior nos bairros pobres. Havia guardas da cidade suficientes patrulhando as ruas para fazê-la acreditar que um estrito toque de recolher havia sido estabelecido.

— Talvez eu não tenha sido claro em minhas instruções — o Buscador-Mor disse, afinal.

— Creio que não.

— Então você pode me dizer por que essas pessoas estão aqui? Enviei um grupo de templários experientes para ajudá-la caso o inevitável ocorresse. Você os dispensou. No entanto, aqui estou confrontado com o espectro do caos que você deveria evitar.

— Meu senhor, eu-

— Você não apenas permite que eles deixem as terras áridas com o Tranquilo a reboque. Você os deixa ir ao Círculo dos Magos para enviar uma mensagem! — Ele a encarou com desprezo. — Um envio é visto pelos magos antes de qualquer outra pessoa, deixando-me sem a capacidade de impedir que a história se espalhe, e mesmo se eu desejasse manter essa notícia longe da Divina, não importaria! Ela recebeu seu próprio envio!

Ele fez uma pausa em seu discurso, claramente esperando que ela falasse agora.

— Buscador-Mor — ela disse com firmeza — houve circunstâncias que...

— *Circunstâncias.*

— Sim, meu senhor. A Santíssima tem um interesse pessoal nos resultados da missão da Encantadora Wynne. Decidi que era melhor dar a ela a oportunidade de escolher o que deveria ser feito em relação ao assunto.

— Você decidiu. — Ele repetiu a palavra com desgosto e balançou a cabeça. Eles cavalgaram em silêncio, e ele olhou para a rua à frente. Talvez pensando no que faria com ela? Ela duvidava, muito mais provável que ele tivesse decidido o que fazer com ela antes mesmo de se aproximar da capital. — Eu lhe dei uma ordem, Oficial. Isso não significa nada?

— Eu fiz votos de servir o Coro — ela insistiu. Por dentro, ela se desesperava com a cova que estava cavando para si mesma, mas uma parte dela estava começando a ficar com raiva. — Temos uma responsabilidade com a Divina, bem como com os magos que protegemos; não apenas mantemos a ordem. Com todo o respeito, meu senhor.

— Não vejo respeito aqui. Eu vejo uma mulher que não me deu oportunidade de lidar com esse assunto de uma forma que não traga mais agitação. Era isso que você pretendia?

— Fiz o que julguei ser o melhor, e se você me permitir a chance de me explicar completamente, creio que concorde.

— Mas não temos tempo para explicações, temos? Cavalgaremos para a Grande Catedral, nossa rota, definida. — O Buscador-Mor apertou a mandíbula, recusando-se a olhar para ela. — Quando voltarmos ao Pináculo Branco, você se apresentará a Sir Arnaud. Ele a substituirá como Oficial.

— Sim, meu senhor. — Evangeline abafou sua indignação.

Era verdade que havia deixado poucas opções para ele, tendo permitido que o assunto passasse por cima de sua cabeça, mas ela estava cada vez mais certa de que era o melhor. Ela não estava disposta a deixar o medo de perder sua posição impedi-la de fazer o que era certo.

As ruas os conduziram brevemente pelo distrito do mercado. Aqui ela podia ver evidências da turbulência que a capital havia sofrido. Prédios inteiros queimados até o chão, alguns recentes o suficiente para ainda estarem em chamas, e lixo suficiente espalhado pelos paralelepípedos para

fazê-la pensar que uma batalha havia ocorrido. Mesmo à luz fraca da noite, os respingos escuros de sangue eram inconfundíveis.

O Buscador-Mor Lambert estava claramente farto daquela conversa, mas ela não podia deixar por isso mesmo.

— Há um outro assunto — disse ela com relutância. — Tenho novas informações sobre os assassinatos.

— É mesmo? — Seu tom era ácido. — Estranho como não houve mais assassinatos desde que o Encantador Rhys nos deixou.

— Seja como for, ele não é o responsável.

— Então quem é?

— Isso... vai exigir um pouco de explicação.

Ele se virou na sela para lançar um olhar incrédulo para ela. Ela tentou não desviar o olhar. Ela sabia que seria difícil de explicar Cole, mesmo nas melhores circunstâncias, mas isso não significava que ela não deveria tentar.

— Você será interrogada no Pináculo Branco — afirmou. — Você pode dar as suas explicações lá, Ser Evangeline. Até lá, temos que enfrentar uma audiência.

O Buscador-Mor parecia aborrecido com a situação, mas deu esperanças a Evangeline. A Divina que ela conheceu na tentativa de assassinato no palácio passava-lhe a impressão de ser uma pessoa justa. Tudo o que Evangeline podia fazer era orar silenciosamente ao Criador para que *Sua Santa Serva* recebesse a sabedoria para entender a situação.

Era uma esperança pequena, mas à qual ela se agarrou com todas as suas forças.

16

RHYS ESTIVERA NA Grande Catedral apenas uma vez antes. Pouco depois de sua elevação a encantador sênior, ele fora trazido com Adrian e vários outros, que foram elevados junto com ele para conhecer a Divina Beatrix III. Uma honraria, na verdade, e Rhys se lembrava de ter ficado ali no calor sufocante por várias horas antes da Santíssima fazer sua aparição.

Havia sido menos de um ano antes de sua morte e, na época, ele não ficaria surpreso se ela tivesse falecido a qualquer momento. Lembrou-se de uma velha senhora enrugada, auxiliada em sua entrada na câmara por nada menos que quatro auxiliares, quase desmaiando sob o peso de suas vestes escarlates. O grosso medalhão dourado pendurado em seu pescoço parecia puxar sua cabeça para baixo em direção ao chão, e seu grande capelo pendia torto.

Quando chegou no Trono Reluzente, a Divina piscou os olhos e olhou ao redor, confusa.

— Onde estamos? — ela perguntou, Rhys viu que não mais do que três dentes permaneciam em sua boca. — Já é hora de quebrar meu jejum? Eu disse a eles que não estava com fome. Chega de mingau, já disse!

Um dos atendentes se aproximou.

— Os magos, Santíssima.

Os olhos redondos da mulher se arregalaram em choque.

— Magos?! — Ela vasculhou a sala, quase caindo em sua agitação. — Pela graça de Andraste, estamos sob ataque?!

Os auxiliares tiveram que se juntar a uns templários para finalmente acalmar a Divina e convencê-la de que não, os magos malvados não estavam presentes para atacar ninguém. Eles a acomodaram, uma pilha de trapos sentada em um trono que a diminuía tanto em tamanho quanto em majestade, e então ela imediatamente começou a dormir. Rhys e os outros foram "apresentados" um após o outro, todos fingindo não notar o ronco estrondoso da velha senhora.

Ele nunca se considerou o mais fervoroso dos andrastianos. Talvez por ter sido criado pelo Coro, ou simplesmente por ser um mago e, portanto, menos impressionável com eventos que alguns poderiam chamar de milagrosos. Ainda assim, ele se lembrava de ter ficado desapontado. Toda aquela preparação e a imensa submissão que sentiu ao entrar naquele salão, apenas para descobrir que a pessoa mais glorificada de toda Thedas era simplesmente... humana.

Agora aqui estava ele, sete anos depois, e a Grande Catedral parecia exatamente a mesma. A estrutura ficava em um complexo murado na extremidade de Val Royeaux, uma vez que ficava fora da capital até que a cidade literalmente cresceu em torno dela. Era uma imponente fortaleza de pedra cinzenta e arcos que pareciam alcançar o céu. Apesar da beleza exposta, estátuas douradas e vitrais coloridos que se estendiam de uma ponta à outra da estrutura, o lugar possuía uma melancolia que contava seu passado sangrento.

O Coro, afinal, era uma religião nascida de uma guerra que abalou toda Thedas. Lugares como a Grande Catedral e o Pináculo Branco já foram fortalezas que sofreram inúmeras batalhas, e foram construídas sobre os ossos de incontáveis mortos.

Isso o fez pensar se mais deles seriam adicionados a essa contagem hoje.

Mais uma vez ele estava na sala de audiências, olhando para o trono vazio. A essa hora da noite os vitrais estavam escuros, e apenas o Braseiro Eterno lançava alguma luz, as chamas em sua bacia de mármore fazendo cada sombra dançar. A estátua de 12 metros de altura de Andraste, retratada como uma mulher em um manto e com a espada da justiça erguida, parecia particularmente sinistra agora. Era como se ela olhasse para baixo, sabendo o que estava por vir e sentindo pena dele por isso.

O Buscador-Mor Lambert estava perto do trono com os templários alinhados em ambos os lados da câmara, todos em posição de sentido. Evangeline estava com eles, seu rosto, uma máscara indecifrável. Cole estava... em algum lugar próximo, nas sombras. Observando. Apenas os magos se destacavam no salão. Rhys achava aquela espera uma coisa horrível.

Então um gongo soou. Uma fila de sacerdotes entrou na câmara, todos com as mãos erguidas em oração e entoando cânticos. Suas vozes encheram a sala com ecos, causando um arrepio na espinha.

Imediatamente após eles estava a Divina. Ela não era uma velha enrugada, mas uma mulher muito mais jovem que andava com postura e orgulho. Ela não precisava de ajuda, exceto pelo único ajudante que carregava a cauda de suas volumosas vestes vermelhas. Todos na sala caíram de joelhos quando ela passou. Por um tempão, não houve nada além do som abafado dos passos da Divina enquanto ela subia ao Trono Reluzente.

— Todos saúdam a Santíssima Justinia, Quinta do Seu Nome, Abençoada Serva do Criador! — Um templário gritou, sua voz ecoando pela câmara.

— Dai-nos sabedoria — respondeu um coro de vozes.

Houve uma pausa, e então a Divina falou:

— Todos de pé — e todos se levantaram. A mulher estava sentada no trono e, ao contrário de sua ocupante anterior, parecia preenchê-lo. Ela sentou-se ereta, totalmente no comando, e absorveu a plateia com um olhar caloroso e acolhedor.

Os ajudantes ficaram na parte de trás da câmara. Apenas um deles realmente estava no estrado ao lado do trono: uma mulher bonita com cabelos ruivos curtos, vestindo roupas de sacerdote, mas de pé com tanta facilidade e graça que Rhys não pôde deixar de ter a impressão de que ela era um guarda-costas. Rumores diziam que a Divina estava empregando bardos em seu serviço pessoal. Ele presumiu que as histórias eram exagero, como muitas delas eram, mas será que eram mesmo?

— Tão tarde para uma audiência — a Divina comentou. Sua voz se transmitia facilmente na acústica da sala; era quase como se ela falasse diretamente no ouvido de Rhys. — Mas é bom que todos estejam aqui. Eu tenho esperado por isso faz algum tempo.

— Vossa Perfeição, se me permite. — O Buscador-Mor caminhou em direção ao estrado. Ele fez uma reverência superficial e não esperou por permissão para continuar. — Não há necessidade disso. Com o Império neste estado, tenho certeza de que você tem preocupações mais importantes do que um assunto interno do Círculo dos Magos.

— Aprecio o seu conselho, Lambert — disse ela. Rhys pensou ter detectado um toque de sarcasmo em seu tom, e certamente a falta de um título honorífico não passou despercebida pelo homem. Ele a encarou indignado, mas não disse nada. — O Império enfrenta a guerra e, enquanto oramos pelas almas dos muitos inocentes presos em seu rastro, o Coro não pode abandonar sua responsabilidade por causa de política.

— Estou lidando com o assunto, Vossa Perfeição...

— Está? — Suas sobrancelhas se ergueram. — E mesmo assim um mago fez um atentado contra minha vida poucas semanas atrás. Os templários têm tido cada vez mais dificuldade em administrar o Círculo desde aquele infeliz caso em Kirkwall. Talvez alguma ajuda seja bem-vinda, você não acha?

Seu aceno ao concordar foi relutante, na melhor das hipóteses.

— Se assim crê, Vossa Perfeição.

— Eu creio. — A Divina lançou seu olhar ao redor da sala, claramente procurando por alguém, até que ela a viu no meio da fila de templários. — Falando no atentado contra minha vida, nunca tive a oportunidade de agradecer à responsável pelo meu resgate. Ser Evangeline, tenha a gentileza de dar um passo à frente.

Rhys viu os olhos de Evangeline se arregalarem em choque. Ela hesitou, até que a Divina finalmente a chamou. Relutante, ela deixou a fila dos templários e, quando chegou na parte de baixo do estrado, instantaneamente caiu de joelhos.

— O relatório que recebi sobre os eventos na fortaleza Diamantina foi bastante completo — disse a Divina. — Eu entendo que você é a responsável por garantir a conclusão da missão e o retorno seguro a Val Royeaux.

Evangeline não olhou para cima.

— Eu... fiz o meu melhor, Santíssima.

— De fato você fez. Aqui me vejo agradecendo-lhe não por um serviço prestado ao Coro, mas por dois. — A Divina olhou para o Buscador-Mor.

— Você tem uma templária muito promissora em suas fileiras, Lambert. Creio que a verei recompensada adequadamente?

O Buscador-Mor não disse nada. Por um bom tempo houve um silêncio tenso enquanto ele e a Divina se encaravam, até que finalmente ele cedeu.

— Como quiser, Vossa Perfeição.

— Ótimo. Afinal, alguém precisará cuidar do Pináculo Branco quando você retornar às suas funções de sempre.

— Santíssima! — Evangeline balbuciou. — Eu... não posso pedir...

— Você não pediu. Em vez disso, sou eu que estou pedindo que continue servindo ao Criador. — Ela acenou para Evangeline se aproximar. — Fique ao meu lado enquanto eu lido com o assunto em questão.

Evangeline trocou olhares com o Buscador-Mor. Parado atrás de ambos, Rhys não conseguia ver os detalhes... mas pela postura tensa do homem, era fácil ver que não estava satisfeito. Alguém estava sendo anulado. Rhys seria um mentiroso caso dissesse que aquilo não o deixou um pouquinho feliz.

Ele observou Evangeline subir os degraus em direção ao trono, onde foi recebida pela mulher ruiva. Ela parecia orgulhosa, embora um pouco envergonhada. *Bom para ela*, Rhys pensou consigo mesmo. *Pelo menos alguém vai se beneficiar de tudo isso.*

— Então — a Divina começou. — Vamos continuar. Encantadora Wynne?

Wynne deu um passo à frente, levando Pharamond pela mão. O elfo estava tremendo de medo com tanta força que parecia prestes a vomitar. Assim que chegou ao estrado, prostrou-se diante da Divina.

— Por favor, Vossa Perfeição! — Ele implorou com uma voz trêmula. — Eu fiz apenas o que me pediu, eu juro!

Wynne ajoelhou-se e tentou consolá-lo, mas o elfo não quis saber. Ele estremeceu e soluçou, o ranho escorrendo do nariz em uma exibição patética, quase dolorosa de assistir. Finalmente a Divina ergueu a mão.

— Levante-se — ela ordenou. — Por ora, desejo apenas falar.

Vagarosamente, Pharamond permitiu que Wynne o ajudasse a se levantar. Ele tentou se recompor, embora não muito bem.

— Eu... fiz apenas como você pediu, Santíssima — ele repetiu.

O Buscador-Mor avançou, cambaleando em direção à Divina com uma expressão de indignação.

— O que ele quer dizer com isso, exatamente?

— Acho que você está passando dos limites, Lambert.

— E eu creio que os templários têm o direito de saber o que acontece em nosso próprio domínio! — Ele perdeu a cabeça. — Temos bastante dificuldade em lidar com os magos, certamente não precisamos de interferência!

Ela franziu a testa, e Rhys se perguntou se as coisas estavam prestes a chegar a um momento crítico. Aquelas eram duas das pessoas mais poderosas de Thedas batendo de frente, bem ali, diante de todo mundo. A inquietação na câmara era evidente, e ele não pôde deixar de notar que os templários não apenas estavam armados, mas também em um número maior do que todos os outros. Mas… eles serviam ao Coro. Os templários jamais se oporiam abertamente ao Coro, não é? Era algo impensável.

— Permita-me explicar, então — a Divina disse em um tom nítido. — Cinco anos atrás eu pedi a alguém para realizar uma investigação sobre a natureza do Ritual da Tranquilidade. É um processo que usamos, embora não o compreendamos totalmente. Eu queria saber se o Ritual poderia negar a um mago seu poder sem também castrar sua mente. Também queria saber se o processo poderia ser revertido.

Ela apontou para Pharamond.

— Como pode ver, isso parece ser verdade.

— Mas por quê? — O Buscador-Mor inquiriu. — O Ritual da Tranquilidade serviu ao Círculo por séculos. É nossa última defesa contra magos que não conseguem dominar seus próprios poderes. Devemos manter a ordem, Santíssima! Devemos proteger os inocentes dos magos, e os magos deles mesmos!

Ela assentiu.

— Uma história conveniente, para que possamos dormir melhor à noite. O Criador diz que a magia é para servir a humanidade… Mas temos uma responsabilidade para com aqueles que nos servem, Buscador-Mor. Não podemos saudá-los quando sua magia é útil e depois trancá-los em uma jaula quando é inconveniente. Eles são filhos do Criador e não devem ser apenas tolerados, mas valorizados.

Rhys ficou atordoado. Ele nunca pensou em ouvir tais palavras de alguém do Coro antes, muito menos da Divina. Pelos murmúrios que

percorreram a sala, ele suspeitava que muitos outros se sentissem da mesma forma. Olhando para a direita, ele teve um vislumbre de Adrian parada não muito longe dele observando o trono.

Ela estava chorando.

O Buscador-Mor franziu a testa, olhando para a Divina, consternado.

— E que preço você quer que paguemos por tal idealismo, Santíssima?

— Idealismo é a nossa profissão, Lambert. Uma religião sem ideais é tirania. Quanto ao preço, — ela voltou-se para Pharamond — é isso que pretendo descobrir.

Wynne fez uma reverência.

— Vossa Perfeição, com sua licença, talvez eu possa responder suas perguntas. Desde a… restauração de Pharamond… ele tem tido dificuldade em controlar suas emoções. Imagino que isso possa ser demais para ele.

O elfo sorriu agradecido para ela, mas o Buscador-Mor não ficou tão impressionado.

— E este é um homem em quem devemos agora confiar para resistir à possessão? — Ele rosnou.

A Divina o silenciou.

— Seu relatório foi muito detalhado, Encantadora Wynne. Por isso eu agradeço. No entanto, há questões pendentes. Se tiver a gentileza de respondê-las, agradeço muito.

— Claro, Vossa Perfeição.

A Divina sentou-se no trono. Ela juntou as mãos e apoiou o queixo nelas, estreitando os olhos conforme ponderava.

— Primeiro eu gostaria de saber o que aconteceu com o povo de Diamantina.

Wynne parecia relutante em falar, e Rhys podia imaginar por quê. Ele se lembrou da sala cheia de cadáveres carbonizados, o sangue manchando as paredes, e estremeceu.

— Eles estão mortos — ela sussurrou.

— Fale alto! — O Buscador-Mor se irritou.

— Eles estão mortos — disse Wynne, mais alto.

A Divina fechou os olhos, movendo os lábios em oração. Tudo ficou em silêncio por um longo minuto até que ela abriu os olhos novamente. Rhys podia ver que eles estavam úmidos — ela estava claramente comovida, e isso o fez se sentir culpado. Por mais horrorizado que estivesse com

a carnificina, outras preocupações pareciam muito mais prementes do que a de vidas perdidas.

— Como? — Ela perguntou, sua voz rouca de emoção.

Wynne hesitou.

— O Véu já era fino em Diamantina. O experimento de Pharamond permitiu que demônios entrassem em nosso mundo. Eles possuíram o povo da fortaleza...

— E despedaçaram uns aos outros — o Buscador-Mor terminou para ela.

Ela assentiu.

— E então possuíram os cadáveres. — Ela assentiu novamente.

O Buscador-Mor não olhou para a Divina. Ele não precisava.

— E este experimento, — a Divina continuou — há potencial nele? É um acidente que o Ritual da Tranquilidade foi revertido neste homem, ou pode ser replicado?

Wynne fez menção de responder, mas agora Pharamond falou.

— Eu não tinha intenção de ser possuído, eu juro — disse ele. Ele limpou a garganta desconfortavelmente. — Na verdade, creio que o processo possa ser replicado com muito mais segurança... caso, é claro, deseje que seja... — Sua voz sumiu em silêncio.

— Mas você aprendeu mais sobre a natureza do Ritual?

— Sim, acredito que sim.

— E você acha que é possível descobrir uma maneira de permitir que o Ritual restrinja um mago sem torná-lo um Tranquilo?

Rhys notou o suor nervoso escorrendo pela testa de Pharamond. Ele olhou impotente para Wynne, mas ela apenas acenou para ele responder. Ele encarou a Divina novamente, gaguejando várias vezes antes de conseguir dar uma resposta:

— Não — disse em voz baixa. — Não creio ser possível.

Sua resposta ficou no ar.

— Então não há mais nada a discutir — declarou o Buscador-Mor. — Se o único resultado da pesquisa deste homem é descobrir que o Ritual pode ser revertido, então eu considero um fracasso... e perigoso, Santíssima. Neste momento, há pessoas no Pináculo Branco que acreditam que estamos prestes a transformar todos os Tranquilos de volta em magos!

A Divina ponderou suas palavras e não respondeu. No entanto, ela não precisou, pois Adrian, de supetão, deu um passo à frente. Rhys lamentou-se por dentro, vendo a indignação inscrita claramente no rosto dela ao lado das lágrimas.

— E vocês deveriam! — Ela gritou. — Eles nunca deveriam ter sido mutilados para começo de conversa!

O homem olhou para ela em fúria, mas foi a Divina quem respondeu.

— E o que quer que façamos, minha querida? Que os executemos?

— Sim! — Adrian olhou em volta para os olhares chocados que recebeu, eles só pareciam alimentar sua indignação. — Sim! Vocês acham que é *mais gentil* transformá-los em autômatos, em servos? Se você realmente nos teme tanto, então nos mate! Não finjam que matar tudo o que nos torna humanos não é a mesma coisa!

O Buscador-Mor acenou com raiva para vários templários do lado, mas a Divina balançou a cabeça. Ele a olhou incrédulo, mas ela o ignorou.

— Compreendo sua frustração, — disse ela a Adrian — mas estamos em uma posição difícil.

— E que está prestes a se tornar ainda mais difícil, Santíssima — disse o Buscador-Mor. Ele se ajoelhou diante do trono, uma demonstração de súplica sincera que Rhys achou surpreendente. Nas laterais do trono, Ser Evangeline e a mulher ruiva também o fizeram. Ambas olharam surpresas para o homem. — Não podemos continuar com essa pesquisa — disse ele. — Pelas próprias palavras do elfo, ela não leva a lugar nenhum. Devemos nos esforçar para manter a ordem antes que a notícia se espalhe.

Mais surpreendente ainda, a Divina pareceu considerar suas palavras. Ela franziu a testa pensativa, olhando para longe enquanto pesava as opções. Rhys meio que esperou Adrian objetar, mas então ele a viu balançando a cabeça em desânimo. Ela estava desistindo.

— Não! — Ele gritou. As palavras praticamente foram arrancadas dele antes que percebesse o que estava dizendo. Elas soaram muito alto na enorme câmara de audiência, reverberando até que todos os olhos estivessem virados para ele.

Lá vai você de novo, ele se repreendeu. *Quando vai finalmente aprender?* Juntando os nervos, Rhys aproximou-se do estrado, ajoelhando-se da mesma maneira que o Buscador-Mor fizera antes.

— Perdoe-me, Santíssima, mas eu tenho que falar.

O canto da boca da Divina se contraiu em um sorriso.

— Por que não? Parece que nenhum de nós está em cerimônia hoje. E quem é você?

— Encantador Rhys, Santíssima.

Ela sorriu.

— Ah! O filho, né? Posso ver a semelhança.

Ele ficou surpreso com aquilo, por Wynne claramente ter contado à Divina sobre o parentesco entre eles e ela ter se lembrado. Além disso, ele não se parecia com Wynne... parecia? No intervalo de sua hesitação, no entanto, o Buscador-Mor interrompeu.

— Não dê ouvidos a este homem. Ele está sob suspeita de assassinato, e qualquer coisa que disser será, sem dúvida, um esforço para salvar a própria pele.

A Divina riu, abaixando as mãos e recostando-se no trono.

— Todos temos nossos vieses, Lambert. Visto que você permitiu que este homem acompanhasse a missão, estou disposto a ouvir o que tem a dizer. — Ela acenou para Rhys. — Por favor, continue.

— Creio que deixar de lado a pesquisa desse homem seria um erro — disse ele. — Muito do que sabemos sobre o Ritual da Tranquilidade, na verdade da própria magia, é baseado na tradição e rumores. O que ele aprendeu pode não ser uma solução alternativa para o Ritual, mas isso não significa que uma *não possa* ser encontrada.

— E como você sabe disso? — O Buscador-Mor inquiriu.

— Tenho falado com Pharamond desde que deixamos Diamantina. Levando em conta minha própria pesquisa sobre espíritos, achei o que ele tem a dizer bastante esclarecedor.

O Buscador-Mor o encarou, atordoado. Ele lançou um olhar fulminante para Evangeline, que manteve sua própria expressão impassível e não desviou o olhar, e então se virou para encarar a Divina.

— Vê? Já se espalha. Em breve, ele tentará nos convencer de que os demônios são necessários para promover esse programa!

— Demônios, não — Rhys insistiu. — Espíritos! — Diante do olhar incrédulo tanto do Buscador-Mor quanto da Divina, ele falou com mais ênfase. — Nem tudo a respeito dos espíritos é mau. Usamos espíritos para curar, e o Coro aceita isso porque é útil. Não é diferente.

— Claro que é diferente! — O Buscador-Mor explodiu. — Há uma fortaleza inteira de inocentes horrivelmente massacrados para nos mostrar como é diferente!

— E você tornaria suas mortes sem sentido?

— Eu não! — Ele disse. — Suas mortes ficariam sem sentido pelo ato egoísta de um homem que as usou para reverter algo que nunca deveria ter sido revertido! É uma blasfêmia!

Rhys riu amargamente.

— Blasfêmia? Esta porta se abriu. Você pode tentar fechá-la ou pode ver o que está do outro lado! Pode ser apenas uma maneira de evitar a rebelião que até você sabe estar vindo!

O Buscador-Mor desembainhou sua espada. O som metálico que fez ao deixar sua bainha ressoou por toda a sala, e a reação foi instantânea. Pelo menos metade dos templários sacaram suas lâminas, Rhys não teve a impressão de que pretendiam detê-lo; e sim o contrário. Rhys recuou, alarmado, e imediatamente canalizou mana. Adrian correu para o lado dele, convocando uma coroa de fogo para as mãos dela.

— Chega! — A Divina gritou. — Não haverá derramamento de sangue!

Evangeline correu em direção ao Buscador-Mor, arma já na mão, mas a sacerdote ruiva chegou primeiro. Ela agarrou a mão da espada, e quando ele se virou para forçá-la a sair, ela o encarou com olhos de aço.

— Não seja tolo — ela avisou, sua voz baixa e mortal.

Ele fechou a cara, embora tenha baixado sua lâmina. Puxando a mão dela, ele se virou para encarar Rhys.

— Eu não vejo nenhuma rebelião chegando — ele espumava. — Eu vejo magos que agarram cada centímetro que podem e exigem mais dez, esquecendo as razões pelas quais o Círculo existe. E o que ouço são ameaças, vindas de um Libertário que seria o primeiro a ser corrompido, caso o poder fosse colocado em suas mãos.

Rhys permitiu que seu poder desaparecesse, mas era difícil. O Buscador-Mor estava tão cheio de desprezo e hipocrisia que era doentio, e Rhys não queria nada mais do que arrancar aquele sorriso de escárnio de seu rosto... mesmo que isso certamente significasse sua própria morte.

— Não estou fazendo ameaças — disse ele. — Estou lhe dizendo que existem alternativas, mas você é cego demais para vê-las. Se você

continuar tentando estrangular os magos, você nos perderá. Isso eu prometo a você.

O Buscador-Mor o ignorou, em vez disso, voltou-se para a Divina.

— Você vê contra o que lutamos? Resistência o tempo todo. Acabe com isso, aqui e agora, antes que se espalhe além dessas paredes.

— É tarde demais — gritou uma voz. Era Wynne. Ela deu um tapinha tranquilizador na mão do ansioso Pharamond e depois o deixou para se aproximar do estrado. — Sinto muito, Santíssima, mas o Círculo dos Magos já sabe sobre Pharamond.

— O que você quer dizer? — O Buscador-Mor inquiriu.

Ela sorriu docemente para ele.

— O envio que foi para o Pináculo Branco e a Grande Catedral também foi enviado para todos os outros Círculos em Thedas. Os primeiros encantadores já estão a caminho de Val Royeaux conforme falamos.

Adrian ofegou e Rhys ficou igualmente atordoado. Então, esse fora o plano de Wynne o tempo todo? A golem tinha sido tão incrivelmente cáustica para que Evangeline ficasse feliz em vê-la partir? Ele não pôde deixar de se sentir um pouco desgostoso com a realização.

O Buscador-Mor volveu-se para a Divina.

— Execute-os — ele rosnou. — Execute todos eles. Isso vai contra tudo o que o Coro representa, um desafio direto à nossa autoridade!

A Divina franziu a testa e olhou para Wynne com um olhar especulativo, batendo os dedos no braço do Trono Reluzente. Wynne curvou-se e falou em um tom cauteloso.

— Esta é uma chance para você trabalhar com o Círculo, para ver as descobertas de Pharamond como uma oportunidade, e não como uma ameaça.

— Você nos coloca em uma posição difícil — disse a Divina.

Rhys percebeu que ela estava descontente, talvez até encurralada. Ela trocou um olhar terrível com o Buscador-Mor, um que deixou Rhys nervoso. Poderia ela recusar, depois de tudo isso? Wynne havia alienado uma mulher que aparentemente era sua aliada?

— Não é mais difícil do que a posição que nós, magos, nos encontramos, Vossa Perfeição — Wynne respondeu.

Os dedos da Divina tamborilaram no trono por mais alguns instantes antes de assentir secamente.

— Que assim seja. — Antes que o Buscador-Mor pudesse objetar, ela ergueu a mão. — Acelere os preparativos, Lambert. Eles realizarão um conclave aqui no Pináculo Branco, e não em Cumberland. Programe para daqui a um mês. Deixe os magos debaterem uma política com a qual todos possamos conviver.

O Buscador-Mor rangeu os dentes, mas era fácil ver que ele estava tão preso quanto ela.

— Muito bem — disse ele com secura. — Acho que é trabalho feito à toa, mas parece que não temos escolha. Os templários permitirão, mas tenho três condições.

— Diga.

— Um, que restrinjamos o tamanho do conclave. Não quero ver a torre lotada com todos os magos seniores daqui até Ferelden. Muito poder em um só lugar pode dar a esses magos ideias idiotas.

A Divina assentiu.

— Eu creio que os presentes nesta câmara serão requisitados no conclave. Além disso, concordo. Apenas os Primeiros Encantadores.

— Dois, desejo que esses magos sejam presos. Eu não os quero causando problemas, não no Pináculo Branco ou em qualquer outro lugar.

— Confine-os em seus aposentos. — Ela olhou para Wynne. — Creio que podemos abrir uma exceção para você, Encantadora, em reconhecimento ao seu serviço passado. Você permanecerá no Pináculo Branco até o conclave. Se o Buscador-Mor Lambert achar que está abusando desse privilégio, você se juntará aos outros.

Wynne assentiu.

— Eu entendo, Santíssima.

— Por último — o Buscador-Mor gesticulou para Pharamond — desejo que este homem passe pelo Ritual de Tranquilidade mais uma vez.

Houve silêncio conforme suas palavras se assentavam, e então Pharamond soltou um gemido de desespero de cortar o coração. O elfo caiu de joelhos, olhando para o Buscador-Mor com horror pleno. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Por favor — ele engasgou. — Por favor, não faça isso, eu imploro...

Wynne correu até o homem, segurando-o para não cair. Ela implorou à Divina:

— Pelo amor do Criador, tenha misericórdia!

O Buscador-Mor fechou acara.

— As razões pelas quais ele foi submetido ao Ritual são tão verdadeiras hoje quanto antes. Além disso, olhe para ele. O homem mal consegue se controlar. Como ele se sairá contra um demônio? Qualquer conhecimento que possua permanecerá.

Pharamond foi ao chão. O som desesperado que ele fez foi como um animal preso em uma armadilha, e aquilo tocou o coração de Rhys.

— Você não pode fazer isso! — Ele gritou. — Depois de tudo pelo que passou, é desumano!

— Talvez você gostaria de se juntar a ele — o Buscador-Mor disse friamente.

A Divina balançou a cabeça.

— Chega, Lambert. O elfo se tornará um Tranquilo novamente. Ponto. — Com isso, ela se levantou do trono. Todos os templários na câmara imediatamente ficaram atentos. Antes de deixar o estrado, no entanto, ela fez uma pausa e olhou Wynne com um olhar de advertência.

— Rogo que esteja correta, Encantadora, e esse conclave permita que o Círculo e o Coro construam um novo acordo. Caso contrário, que o Criador tenha misericórdia de todos vocês. — A auxiliar ruiva pegou a Divina pela mão e a levou embora.

Tudo ficou em silêncio quando as duas deixaram o estrado, exceto pelo som dos soluços patéticos de Pharamond. Ecoou por toda a câmara sagrada e Rhys se viu ali, atordoado. O que acabou de acontecer? Haveria um conclave… e ele compareceria? Aparentemente havia ganhado outro indulto, embora com a forma como o Buscador-Mor olhou para ele, imaginou que não duraria muito além dele.

Ele teve muito mais sorte do que o pobre Pharamond. Rhys caminhou em direção ao homem, Adrian ao lado dele, mas nenhum dos dois pôde oferecer mais conforto do que Wynne. A velha o abraçava como uma criança sob o Braseiro Eterno enquanto ele uivava de dor.

O que quer que tivesse feito na fortaleza, quaisquer fossem os erros cometidos, ele estava pagando por isso agora. Se havia algo pior do que ser privado de todas as suas emoções e ser forçado a viver como uma sombra oca do que fora um dia… era saber exatamente como era a sensação e estar prestes a acontecer de novo.

17

TRÊS SEMANAS.

No momento, de Oficial Evangeline tinha apenas o título. Apesar dos pronunciamentos da Divina, não fez o Buscador-Mor apreciar mais sua presença. Na verdade, piorou as coisas. Ela havia sido relegada a tarefas que nenhum Oficial antes dela teve o prazer de fazer: serviço de guarda nas masmorras, por exemplo. Sozinha.

Arnaud aparecia de vez em quando para se gabar. O homem ostentava seu sorriso insuportável como uma bandeira de vitória, provocando-a com o conhecimento de que, assim que o primeiro conclave dos feiticeiros terminasse, sua posição dentro do Pináculo Branco também terminaria. A proteção da Divina só funcionava até certo ponto. Ele provavelmente estava certo. Mas não era isso que impediria Evangeline de arrancar o sorriso da cara dele. Talvez até valha a pena, apesar das consequências.

Nem todos os outros templários se sentiam como Arnaud, é claro. Alguns deles vieram às masmorras tarde da noite, oferecendo suas simpatias e conselhos. Peça desculpas, eles disseram. Jogue-se à mercê do Buscador-Mor, para que não perca para sempre qualquer posição que tenha conquistado na ordem. A proposta não levava em conta o fato que o Buscador-Mor Lambert não *tinha* misericórdia. E que ela não se importava mais.

Bem... isso foi uma mentira. Ela se importava. Se importava tanto que a raiva impotente ardeu dentro dela como um carvão em brasa. Esta não era a Ordem dos Templários à qual havia se juntado. Aquela ordem

era cheia de defensores, pessoas dando o melhor de si em uma situação terrível. Pessoas que acreditavam que os magos precisavam de ajuda tanto quanto os inocentes do lado de fora da torre, e tinham um dever, dado pelo Criador, de serem compassivos com o poder que exerciam.

O Comendador Eron acreditara nisso. Seu pai tinha acreditado nisso. Ela não viu nada disso no Buscador-Mor, no entanto, apenas uma certeza fria que congelou qualquer esperança de compreensão. O que piorava era que muitos dos outros templários temiam o Buscador-Mor e o viam reprimindo-os tanto quanto os magos, mas nenhum deles estava disposto a erguer a voz em oposição. Ver sua Oficial servir como o exemplo perfeito das consequências, fez essa disposição desaparecer ainda mais rapidamente.

Então lá estava ela, presa por dias a fio na escuridão. Ela tinha tentado várias vezes pedir uma audiência com o Buscador-Mor, todas sem sucesso. Ele não queria falar com ela, ou mesmo reconhecer que existia. Evangeline sabia que ele a observava como um falcão, apenas esperando a menor oportunidade de acusá-la de insubordinação.

O que significava que ela não poderia procurar Rhys ou qualquer um dos outros. Até com Wynne ela tinha falado apenas de passagem, e a velha senhora fora compreensiva quando Evangeline sugeriu que não se encontrassem pelo bem de ambas. Rhys estava confinado em seus aposentos e a incomodava por não poder ir falar com ele sobre... um certo alguém.

Evangeline ficava ali, testa franzida, confusa, e então de repente enfiou a mão na túnica. De lá, ela tirou um pequeno pedaço de pergaminho. Rapidamente ela caminhou até a luz safira do lampião-incandescente e leu:

Seu nome é Cole.

Ele não é tão velho, talvez vinte anos. Não mais que isso. Ele tem cabelo loiro que cai na frente de seus olhos e usa roupas de couro sujas — talvez a única roupa que possui. Ele estava lá quando você encontrou Rhys na cripta dos templários, mas não conseguiu vê-lo. Ninguém pode e aqueles que o fazem se esquecem. Assim como você está fazendo agora.

Lembre-se do sonho.

Ela abaixou o pergaminho, fechando os olhos e tentando se agarrar à memória. O sonho no Turvo. Aquela casa de fazenda horrível e encontrar um menino escondido em um armário de cozinha. Ela se lembrava de

tudo, mas Cole em si fugia de sua memória. Ela não conseguia ver seu rosto ou ouvir sua voz. Mas ela queria. Era seu dever lembrar.

O que tinha acontecido com ele? Ele tinha vindo a ela, nos dias após a audiência com a Divina. Sua lembrança era como a do sonho — uma impressão de um evento em vez de algo sólido. Ele perguntou a ela sobre Rhys e perguntou se ele seria entregue aos templários.

Sinto muito, Cole, ela dissera. *Eu realmente não sei.*

Ela se sentiu impotente e foi terrível vê-lo murchando. Ele tinha ficado tão apavorado na viagem de volta ao Pináculo Branco, se lembrava disso. Todas as suas esperanças e medos embrulhados em antecipação a um momento que nunca chegou. Eles foram para a Grande Catedral e tudo depois disso era um borrão de atividades. O Buscador-Mor a isolara completamente, e Cole sem dúvida recuou para as profundezas da torre.

Na verdade, talvez ele esteja olhando para ela neste instante.

— Lendo um pouco, Ser Evangeline? — Uma voz perguntou.

Ela assustou-se. O Buscador-Mor Lambert estava de pé na entrada da masmorra, olhando para ela com uma sobrancelha arqueada. Ele estava de armadura completa, a luz azul da lâmpada brilhando na superfície polida preta. Quando ela não respondeu, ele caminhou até a pequena mesa e moveu preguiçosamente as cartas de baralho que ela havia colocado para si mesma.

— Vejo que está se mantendo ocupada. No entanto, serviço de guarda pode ser tedioso, mas é uma tarefa importante.

— Há algo que deseja, Buscador-Mor?

Ele olhou para ela e franziu a testa.

— Eu aprecio um subordinado que me desafia, até certo ponto. Considerando onde está, sugiro que modifique seu tom.

Evangeline respirou fundo. Ele estava certo, claro. Não havia sentido antagonizá-lo ainda mais.

— Eu tenho pedido uma audiência com o senhor a semana toda — disse. — Estou simplesmente surpresa em ver o senhor no Poço. Eu teria ido ao seu escritório.

— De fato. — Ele andou pela sala, mãos cruzadas atrás das costas, e por um bom tempo não falou. Evangeline não tinha certeza do que era isso. — Eu queria encontrá-la em particular, longe de olhares indiscretos. Tem a ver com o seu relatório.

— Você o leu.

— De fato, sim. Muito meticuloso. No entanto, eu tenho uma pergunta. Você afirma que o Encantador Rhys não é, de fato, o responsável pelos assassinatos; há outro, um jovem mago chamado Cole.

— Está correto.

— Além disso, você afirma que ele é invisível e esquecido por qualquer um que o conheça. Isso, no entanto, não inclui você?

— Eu... estou começando a esquecer, milorde.

O Buscador-Mor parou de andar, olhando para ela com curiosidade.

— Entendo. — Foi tudo o que disse. — E, ainda assim, você afirma que pode fornecer evidências da existência desse tal Cole? Que ele se manifestará ao seu comando?

— Ele disse que iria se revelar, para ajudar Rhys.

— Então faça isso. Eu gostaria de conhecer esse homem.

Ela se contorceu desconfortavelmente.

— Receio não saber onde ele está.

Ele acenou com a cabeça, como se esta fosse a resposta que estava esperando.

— Então ele está... em algum lugar na torre? Vamos supor que esse homem de fato exista...

— Ele existe, milorde.

— *Suponhamos* que sim. Passou pela sua cabeça que as habilidades dele são marca registrada de magia do sangue? Poderes estranhos, nunca vistos antes, alimentados pelo derramamento de sangue de suas vítimas?

— Não creio que isso seja verdade.

— Não *crê*. — Sua carranca se aprofundou, e ele balançou a cabeça como se estivesse desapontado. — Então você não concordaria se eu sugerisse que talvez esse Cole esteja influenciando sua mente? Talvez esteja influenciando o Encantador Rhys também? Você pode ter *certeza absoluta* de que esse não é o caso?

Ela suspirou. Por um lado, era verdade — ela não podia ter certeza. Ela conheceu Cole no Turvo e tudo sobre sua presença parecia conveniente. Até onde sabia, ele poderia ser o demônio que ela suspeitou que fosse a princípio. Ou ele poderia ser um maleficar, um usuário de magia proibida, que estava distorcendo seus pensamentos e memórias para considerá-lo inofensivo. Talvez estivesse manipulando todos eles.

Por outro lado, ela não o considerava inofensivo. Ela se recordava dele como sendo perigoso, pelo que conseguia se lembrar. Ele também estava perturbado, pouco mais do que uma criança largada para sobreviver em um mundo que não entendia totalmente. Ela tinha que acreditar em seu instinto, e esse dizia-lhe que ele era o que parecia ser. Que precisava de ajuda.

— Não, eu não posso ter certeza absoluta — ela admitiu. — Mas eu ainda acredito nisso. Por alguma razão, os talentos de Cole se tornaram... distorcidos... depois que foi trazido para a torre. Por medo ou por outra razão. Ele precisa se tornar um Tranquilo antes que perca a cabeça completamente e machuque outra pessoa.

O Buscador-Mor assentiu, satisfeito.

— É bom ver que ainda acredita no Ritual da Tranquilidade. Eu quase suspeitei que tinha se juntado àqueles Libertários.

— O Ritual tem seu propósito. No entanto, eu concordo com o Encantador Rhys, precisamos de uma alternativa. Ele não está errado, e não é um assassino. Temos a responsabilidade de superar nossas diferenças e ver a verdade.

— Palavras ousadas. — O homem voltou a andar de um lado para o outro, esfregando o queixo e claramente ponderando. Ele era frio, determinou ela. Para ele, tudo era um problema que devia ser resolvido com esmero e depois largado e esquecido em alguma prateleira. Qualquer coisa que não era assim, era uma ameaça. — Deixe-me fazer-lhe uma proposta — disse ele. — Concordarei em ver esse tal Cole, assim que o encontrar. Ele não será ferido. Desde que haja verdade no que diz, o Encantador Rhys estará livre para ir.

— E em troca?

— Você ficará perante o conclave dos primeiros encantadores e denunciará a pesquisa do tal Pharamond.

Então era isso, o motivo real de sua vinda ao calabouço para falar com ela. Ele não queria ser visto como indulgente e certamente não queria ser visto fazendo um acordo sobre o testemunho dela.

— Não pode me pedir para fazer isso — disse ela.

— Certamente posso. Foram as suas ações que me colocaram nesta posição e, portanto, creio que é sua responsabilidade corrigir isso. — Ele levantou um dedo antes que ela pudesse falar. — Eu li seu relatório. É

óbvio que simpatiza com os magos, e isso é louvável. Vou até dizer que podemos analisar esse assunto no futuro, sob condições monitoradas de perto. Talvez você seja a responsável por isso. Mas não podemos fazer isso agora, não enquanto os magos estão procurando motivos para se rebelar.

— E você prefere dar um a eles?

O Buscador-Mor bufou ironicamente.

— Não estamos brincando. Houve um dia em que a magia governou esta terra e todas as outras, e foi preciso que o Criador nos enviasse Sua noiva escolhida para derrubá-los. Nós somos o baluarte impedindo que isso aconteça novamente. Ninguém mais.

— E isso não pode ser feito com compaixão?

— Deixe-me dizer onde a compaixão nos leva. — Ele vagou até a porta que levava às celas da masmorra, olhando para a extensão do corredor como se visse fantasmas em suas sombras. — Eu venho do Imperium Tevinter. Por dez anos servi à Capela Imperial, você sabia disso?

— Não.

— Não me surpreende. Saí porque o Círculo dos Magos tinha sido corrompido além da esperança de redenção. Os magistrados lentamente retomaram o poder dentro do Círculo... aos poucos. Afinal, que mal poderia haver em permitir que os magos se governassem? Quem melhor para saber o que os magos precisam e como ensiná-los a resistir às tentações dos demônios?

— Essas são perguntas excelentes — disse ela.

— Concordo. Na época, eu acreditava que a resposta era sim, que os magos serviam melhor quando treinados por conta própria. — Ele notou o olhar incrédulo de Evangeline e quase sorriu. — Não comecei meu ofício convencido de que não eram confiáveis. Quantos de nós começam assim?

— Considerando o que o Coro nos ensina...

Ele deu de ombros.

— Entrei na ordem porque acreditava que poderia melhorar as coisas. Encontrei aliados entre os magistrados e estava convencido de que poderiam servir de exemplo para os demais. Um que eu até considerava um amigo. Juntos, íamos mudar o mundo.

— E ele traiu você.

O Buscador-Mor balançou a cabeça.

— Ele se tornou o Divino Negro. A posição perfeita para tornar nossos sonhos realidade, mas uma vez lá, tornou-se mais importante manter seu poder do que usá-lo. Aqueles que procuravam substituí-lo se voltavam para as artes proibidas, e ele fazia o mesmo para competir. Eu não tinha ideia.

Evangeline hesitou em falar.

— A culpa não é sua.

— É sim. Minhas investigações descobriam cada vez menos. Os templários se tornaram engessados, incapazes de investigar até mesmo o assunto mais simples, e eu me recusei a aceitar que era porque aqueles magos, homens e mulheres que eu ajudei a se erguerem, não desejavam que sua própria corrupção fosse revelada.

— Mas você acabou descobrindo.

Sua risada foi um latido curto e amargo.

— Sim. Eu confrontei meu amigo, e ele me disse que eu era ingênuo. Disse que eu não entendia nada sobre poder. Mas aprendi muito naquele dia.

Evangeline se mexeu desconfortavelmente. Ela não gostou desse vislumbre do passado do Buscador-Mor, e teve que se perguntar se era apenas porque preferia pensar nele como irracional. A triste verdade, ela supôs, era que todo templário tinha suas razões, e todas eram boas. Ao mesmo tempo, todas soavam como desculpas.

— Não necessariamente é assim, o que acontece aqui — disse ela.

Ele se afastou da porta para olhá-la com atenção.

— Nós lhes damos liberdade agora, e eles vão exigir mais e mais até que seja *exatamente* isso que vai acontecer.

Ela balançou a cabeça.

— Nem sempre estamos certos, milorde. Se os forçarmos demais, eles se transformarão exatamente no que você os faz parecer. Precisa haver outro jeito.

O Buscador-Mor suspirou pesadamente, caminhando de volta para a entrada da masmorra.

— Não há outro jeito — disse ele — mas vejo que é inútil falar mais sobre isso. Diga o que quiser no conclave, então... Mas uma vez dito, não servirá mais nesta torre, não importa o que a Divina diga.

— E quanto a Cole?

— Se ele existir, vamos caçá-lo. — Ele fez menção de sair, mas hesitou. — Parece que minha primeira impressão de você estava incorreta. O Buscador Eron evidentemente escolheu subordinados com um julgamento tão pobre quanto o dele. Que pena. — Com isso, ele saiu.

Estou feliz em desapontá-lo, ela pensou.

Três semanas.

Rhys nunca tinha considerado seus aposentos na torre pequenos antes. Certamente, se alguém tivesse que passar três semanas confinado em algum lugar, era melhor do que uma cela de masmorra. Muito melhor, na verdade. Isso não impediu que o tempo se arrastasse incrivelmente devagar. Tudo o que tinha para fazer em seus aposentos era ficar frustrado ou ler — e havia um limite do quanto podia ler das dissertações do irmão Genitivi sobre as Novas Marchas Exaltadas antes de enlouquecer.

Não que quisesse ler. O que ele queria fazer era marchar para fora de seus aposentos e contar a toda a torre exatamente o que havia acontecido em Diamantina, o que Pharamond havia feito e o que os templários iriam varrer para debaixo do tapete se pudessem se safar. Ele queria gritar dos telhados, não importa em quantos problemas se colocasse. Ele já estava com problemas até o pescoço, estivera desde que tudo começou.

Ou talvez fosse apenas a frustração falando.

Na maior parte do tempo ele se preocupava. Ele tinha certeza de que Evangeline estava com problemas por tentar ajudar, e ela sabia dessa possibilidade desde quando fez sua oferta. O fato que ela o fez assim mesmo a tornava digna de respeito. Se ao menos houvesse mais templários como ela, o Círculo não estaria na bagunça que estava.

No entanto, tal pensamento era uma ilusão. Não havia muitos templários como ela. A maioria estava tão absorta em sua autoridade que não conseguia enxergar além dela. Eles eram carcereiros e os magos, prisioneiros para serem insultados ou compadecidos. A Divina pode simpatizar com os magos, mas isso não impediu que séculos de doutrina do Coro ensinassem as pessoas a culpar a magia por eventos que aconteceram há mil anos.

Rhys também estava preocupado com Cole. Ele não tinha vindo visitá-lo a semana inteira. Não que Cole já tivesse se aventurado em seus aposentos antes, mas se houvesse alguém que poderia passar pelos guardas seria ele. Aconteceu alguma coisa com ele? Estaria ele assustado com a audiência com a Divina, ou se sentiu traído? Rhys procurou desesperadamente por Cole quando estavam sendo conduzidos para fora da Grande Catedral, mas não viu nada.

E agora havia apenas silêncio. Havia apenas uma pessoa que visitava Rhys regularmente, e isso por si só era uma espécie de bênção.

Como se fosse programado, uma batida silenciosa soou em sua porta.

— Estou aqui, Wynne.

A porta se abriu e a velha senhora espiou lá dentro. Ela usava uma túnica nova, preta, exatamente como os Primeiros Encantadores usavam. O fato dela tecnicamente não ter merecido usar tal manto era irrelevante, considerando a posição ímpar que Wynne ocupava no Círculo. Ela mencionou a Rhys que mandara queimar as vestes velhas; depois de viajar na chuva e dormir na lama por semanas, ela não queria vê-las nunca mais.

Wynne olhou para ele e sorriu.

— Eu não achei que você estaria em outro lugar. Simplesmente não queria acordar você. — Ela entrou carregando uma bandeja de comida: biscoitos e queijo, além de uma tigela de sopa fumegante. O aroma imediatamente despertou seu apetite. O Buscador-Mor não estava exatamente tentando deixá-lo com fome, mas parecia que os templários só traziam refeições quando se lembravam — o que não era muito frequente. Se não fosse pelas visitas frequentes de Wynne, ele provavelmente estaria roendo os dedos agora.

— Obrigado. — Ele pegou a bandeja e imediatamente começou a enfiar os biscoitos na boca. Talvez um pouco afoito, mas Wynne não pareceu notar. Ela se sentou na beirada da cama dele e o observou, cruzando as mãos no colo.

— Você ficará feliz em saber que o exército finalmente marchou — disse ela. — Parece que o Marquês vai apoiar a Imperatriz, afinal.

— Eu não sabia que isso estava em questão — disse ele entre bocados.

Ela deu de ombros.

— Aparentemente fala-se em depor a Imperatriz, especialmente com todos os rumores vindos do leste. Alguns dizem que ela está morta, outros dizem que foi capturada. Outros ainda dizem que ela está escondida com seu exército em Jader, e que Gaspard bloqueou a estrada ocidental. Acho que é o mais provável.

— O Círculo será chamado para lutar? — Ele riu levemente. — Digo, posso *imaginar* como isso iria acabar...

— A Divina deseja esperar até depois do conclave, o que é uma manobra prudente de sua parte. Leliana parece achar que, mesmo assim, será improvável, a menos que Gaspard marche para Val Royeaux.

— Leliana?

— Você a viu na Grande Catedral, ao lado da Divina. Uma velha amiga.

Ah, outra "velha amiga" de Wynne. Rhys estava começando a se perguntar quantos desses ela tinha.

— Suponho que os primeiros encantadores começaram a chegar? — ele perguntou.

— Acertou. Muitos já estão aqui. Briaus chegou de Hossberg ontem à noite, e Irving de Ferelden esta manhã. Imagino que a Grande Encantadora também esteja em Val Royeaux mas, se for o caso, ela ainda não apareceu na torre. — Essa última, ela disse fechando a cara.

— Acho que você preferiria que ela ficasse em Cumberland?

— Fiona já foi uma Guardiã Cinzenta. Considerando que normalmente não se abandona os Guardiões, isso a torna uma espécie de... uma anomalia. — Ela ponderou, franzindo a testa. — Claro que eu também sou, então acho que faz pouca diferença. Ainda assim, foi sua eleição para o cargo que fez com que o conclave fosse dissolvido em primeiro lugar.

— Você fala como se a culpa fosse dela.

— E de quem mais? Minha? — Ela deu de ombros. — Fiona fez campanha diligentemente pela independência do Círculo. O Grande Encantador Briaus nunca havia permitido tal voto, acreditando corretamente que apenas antagonizaria a Capela. Com a sua eleição, tudo mudou. — Rhys parou de comer e analisou Wynne cuidadosamente. Ela estava dividida, até ele podia ver isso. Com o conclave a menos de uma semana, ela tinha que considerar o que diria. Ele também pensava sobre isso.

— Então, — ele começou com cuidado — todas essas visitas e ainda não conversamos sobre o que vamos fazer no conclave.

— Vamos fazer alguma coisa?

— Achei que poderíamos. — Diante de sua expressão divertida, ele ficou sério. — Quero dizer, considerando a maneira como você alienou a Divina, imaginei que tinha abandonado todo o plano dela de "consertar o Círculo". — Quando ela riu alto, ele ficou mais sério. — Ou não.

— Oh, meu querido menino! — Sua risada diminuiu e ela olhou para ele se desculpando. — Perdoe-me. Claro que você não sabe; quem você acha que me pediu para enviar essas mensagens? A Divina não tinha mais ideia que eu do que encontraríamos em Diamantina, mas suas instruções foram claras: se eu descobrisse que a pesquisa de Pharamond dera frutos, deveria entrar em contato com os primeiros encantadores imediatamente.

— Então é um jogo?

— Ela chegou ao poder dentro de um Coro acostumado a uma Divina muito senil para governar. Há aqueles que se ressentem ferozmente e procuram a menor oportunidade para contornar seus desejos. Se ela busca uma política de reformas, deve fazê-la com muito cuidado.

— Reforma? Você acha que os templários permitirão isso?

O sorriso dela era um mistério.

— Acredito que é nosso dever tentar.

Ela já não havia tentado? Todo mundo já tentou, por séculos. Se a rebelião em Kirkwall provou alguma coisa, foi que o caminho do meio permitiu que todos fingissem que uma solução amigável era possível. Ainda assim, não havia sentido em discutir com Wynne sobre isso. Seu caminho estava claramente definido.

Ele cortou uma grande fatia de queijo e ofereceu um pouco para ela. Ela balançou a cabeça educadamente.

— Da última vez em que esteve aqui, — ele disse enquanto comia — você disse que ia falar com Pharamond.

Aquilo a entristeceu. Ela preguiçosamente puxou a bainha de seu roupão por um tempo antes de responder.

— Ele... não está indo bem. O Buscador-Mor Lambert agendou o Ritual da Tranquilidade para a noite anterior ao conclave, e a espera o está matando.

— Como assim? Por que estão esperando?

— Por que você acha? Todos na torre já sabem o que aconteceu com ele. Lambert deseja deixar para o último minuto para que ninguém tenha chance de agir.

— Ah.

Então, ficaram em silêncio. Rhys terminou sua refeição e Wynne o observou. Além do vento uivando do lado de fora de sua pequena janela, não havia um único som. Menos de uma semana atrás, ele estava discutindo com sua mãe, acusando-a de usá-lo para alcançar seus objetivos... e agora havia essa estranha familiaridade com ela visitando e trazendo comida para ele. Ele não sabia o que fazer com isso.

Rhys colocou de lado sua bandeja, terminando o último biscoito, e olhou para ela. Ela olhou para ele, o momento, intensamente estranho.

— Você não precisa continuar vindo aqui — ele disse, enfim. — Eu já disse que manteria seu segredo.

Ela assentiu, olhando para longe. *Ela parecia sofrer*, ele pensou. *E estar cansada. Muito cansada.*

— Eu disse isso quando vim vê-lo pela primeira vez — ela começou. — Eu queria ver o que meu filho havia se tornado sem nenhuma orientação minha. Isso é verdade, mas... Achei que estava morrendo. A guerra em Ferelden havia acabado e eu acreditava que o espírito não poderia me manter viva por muito tempo. Eu tinha que ver você, pelo menos uma vez.

— Então por que não voltou?

Ela olhou para ele, seus olhos, úmidos. Estendendo a mão, ela tocou sua bochecha; foi um gesto gentil e afetuoso.

— Porque você estava bem. Adorável. O que eu poderia fazer a não ser causar danos a você?

— Danos? Mas...

— Que serventia teria uma velha para você, Rhys? Você viveu sua vida inteira sem mim, e aqui estou eu: uma abominação em uma cruzada querendo salvar o Círculo. Você se juntou aos Libertários, e eu me contentei em deixar você encontrar seu próprio caminho.

— Então é isso? — Ele balançou a cabeça, afastando a mão dela de seu rosto. — Você achou que estava morrendo, e quando não morreu, a única razão pela qual voltou foi porque pensou que poderia me usar?

Wynne balançou a cabeça, horrorizada.

— Não, você não entende. Rhys, eu...

Houve uma batida na porta.

Quem poderia ser? Um dos guardas? Ficaram sentados ali, sem saber o que fazer.

— Vá embora! — Ele clamou.

De trás da porta, ele ouviu um sussurro irritado:

— Rhys, sou eu! — Era Adrian. Ela rapidamente atravessou a porta e a fechou atrás dela, derrapando até parar quando percebeu que Wynne também estava presente.

— Pelo amor de Andraste, — Rhys respirou — o que está fazendo? Você não deveria estar trancada em seu quarto?

Wynne se levantou.

— Vou deixar vocês dois se resolverem.

Adrian bloqueou seu caminho.

— Na verdade, eu queria falar com você também.

— Acho que conversamos o suficiente. Se alguém perguntar, eu nem vi você. — Ela contornou Adrian e saiu pela porta. Rhys a observou partir e teve a sensação de que não voltaria. De repente, ele se arrependeu de ter dito o que disse. Esse não era um jeito bom de deixar as coisas.

Ele franziu a testa enquanto Adrian se jogava na cama.

— Rhys, ela está aqui! — Ela exclamou, positivamente vibrando de excitação. — A Grande Encantadora está aqui!

— Foi o que ouvi.

— Não, quero dizer *aqui*. Na torre!

— Como sabe disso? E como chegou aqui, afinal?

Ela desconsiderou a pergunta com desdém.

— Diz o homem que escapou de seu próprio quarto não muito tempo atrás. Estive ocupada a semana toda, mantendo contato com os Libertários. O que *você* tem feito?

— Sendo discreto.

— Bem, pare com isso. Nós precisamos de você. A Grande Encantadora vai pedir uma nova votação no conclave.

Ele se recostou, atordoado.

— Isso é loucura. Deveríamos estar debatendo a pesquisa de Pharamond, não falando sobre independência. O Buscador-Mor estará nos observando como falcões. Não tem como ele deixar isso acontecer.

Adrian se animou. Ele podia ver a determinação nos olhos dela. O que ela estava esperando por toda a sua vida parecia próximo, mas o que era? Guerra? Seriam todos eles massacrados? Até onde eles iriam?

— Isso não importa — disse ela. — É um sinal, um sinal que precisa ser enviado. Se os templários fizerem alguma coisa, todo o Círculo dos Magos vai ficar sabendo. — Ela agarrou Rhys pelos ombros, quase o sacudindo em sua intensidade. — Só pense! Estaremos lá, bem no centro de tudo, quando acontecer. História em construção!

— Muitas coisas ruins acontecem na história, Adrian.

Ela se afastou, mudando instantaneamente para uma expressão magoada. Por um momento ela ficou em silêncio, e então franziu a testa.

— É aquela templária, né? — Ela perguntou desconfiada. — Você está preocupado se ela vai se machucar? Se o Buscador-Mor fizer uma manobra, acha que ela será forçada a ficar do lado dele?

Ele suspirou.

— Não, não é isso.

— Então o que é? — Adrian se levantou, andando agitada pelo quarto pequeno antes de se virar para ele e abrir os braços em um apelo desesperado. — Diga-me o que mudou! Nós nos juntamos à fraternidade Libertária juntos. Costumávamos nos sentar à noite e conversar sobre como seria um Círculo dirigido por magos, como ajudaríamos a administrá-lo. Você não quer mais isso?

Rhys passou a mão no cabelo, tentando controlar sua frustração. Ela estava olhando para ele em uma confusão impotente, e ele gesticulou em direção à cama.

— Sente-se, Adrian. — Quando ela hesitou, ele repetiu com mais força: — Sente-se.

Ela se sentou.

Ele pegou as mãos dela, para ter certeza de que ela ouviria.

— Eu ainda quero — ele afirmou. — Só não quero que ninguém se machuque. Nem Evangeline, nem você, nem Cole, nem ninguém.

A testa dela franziu.

— Quem é Cole?

— Deixa para lá. Temos que ter cuidado, é tudo o que estou dizendo. Se fizermos isso da maneira errada, se agirmos precipitadamente, especialmente quando o Buscador-Mor estiver esperando que façamos isso, podemos arruinar tudo, para todos.

Adrian suspirou, balançando a cabeça tristemente. Ela o olhou quase como se ele fosse ingênuo, e ela não soubesse como dizer isso para ele.

— Pode haver violência, Rhys. Temos que estar preparados para isso. E se isso acontecer, temos que estar preparados para trabalhar juntos.

Ele fechou a cara, mas teve que admitir que ela tinha razão. Ele tinha acabado de pensar, afinal, sobre como parecia não haver meio-termo.

— O que precisa que eu faça? — Ele perguntou.

— Fale com Wynne.

— Eu *tenho* falado com Wynne. Ela tem vindo quase todos os dias esta semana.

— Há muitos Aequitarianos vacilando. Astebadi de Antiva e Gwenael de Nevarra estarão aqui, e a Grande Encantadora disse que não demoraria muito para convencê-los a agir. — Adrian fez uma pausa dramática. — Rhys, esta é a nossa chance. Os ventos estão mudando. Se Wynne se posicionar em frente ao conclave e disser que acredita que o Círculo deve se separar, toda a fraternidade Aequitariana ficará para trás. Até os Legalistas podem concordar.

— Ela não fará isso.

— Então você tem que *convencê-la*.

— Wynne tem um plano, e ela tem a ajuda da Divina. Creio que ela deveria ter, pelo menos, a oportunidade de ver se consegue executá-lo.

— Não, não. — Ela balançou a cabeça, recusando-se a sequer considerar a ideia. — Eles estão nos dando um conclave para nos aplacar. Não importa o que digamos lá sobre o Tranquilo, você acha que isso vai mudar alguma coisa? Esta é a única oportunidade que teremos para resistir de verdade.

— Então temos que fazer isso sem Wynne.

— Não! — Ela disse, frustrada. Ela fez menção de se levantar da cama, mas ele segurou suas mãos com força. Com um grunhido raivoso, ela as afastou. — Você tem que fazê-la ouvir, Rhys! Ela é sua mãe. Se alguém pode convencê-la, é você.

Talvez ela tenha razão. Ele podia até imaginar em sua cabeça o que poderia dizer: *Se eu significo alguma coisa para você, Wynne, você vai*

nos ajudar. Eu nunca pedi nada, mas estou pedindo agora. Por favor, faça isso. Por mim.

Não obstante, parecia errado. Wynne o usara, então agora ele deveria dar o troco e usá-la? Se valer de qualquer relação entre eles, não importa quão leve, para conseguir o que queria?

— Adrian, eu... não posso.

Ela desistiu. Ela se sentou lá, derrotada, e por um momento Rhys pensou que talvez ela realmente fosse chorar. Ela tinha depositado tanto de si mesma nessa causa que o fez se perguntar: o que aconteceria com ela se conseguisse o que queria? Quando não houvesse mais ninguém para lutar? Eles costumavam conversar sobre o que fariam caso o Círculo fosse livre, sim, mas ainda restava alguma coisa daquela garota? Ele vira essa parte dela ser devorada ao longo dos anos, enquanto ele permanecia o mesmo. Deixado para trás.

Rhys começou a formular um pedido de desculpas quando Adrian se inclinou e o beijou. Ele foi pego completamente de surpresa e agarrou-a pelos ombros para empurrá-la para trás, talvez com mais força do que pretendia.

— O que... o que está fazendo?

— Eu não quero perder você. — Ela *estava* chorando. Agora que as lágrimas estavam vindo, vieram com força, seu rosto inteiro contorcido de pesar. — Todos esses anos eu disse a mim mesma que era melhor ser sua amiga. Presumi que estaríamos sempre juntos, e que juntos poderíamos fazer qualquer coisa. Mas... Eu *sinto* que está se afastando de mim.

— Adrian. — Ele tentou consolá-la, mas ela se afastou dele, envergonhada por suas lágrimas. — Adrian, isso não é jeito de nos mantermos unidos.

— Não? — Ela olhou para ele, seus olhos vermelhos e suplicantes. — Você não me ama?

Ele não conseguia responder, assim como não pôde responder da última vez que ela perguntou anos atrás. A pergunta pairava entre eles desde então, e Adrian levou uma eternidade para superar esses sentimentos de rejeição... e aqui estava ela desenterrando-os novamente.

A verdade era que a mulher que amava se fora há muito tempo.

Adrian não precisava que ele dissesse nada. Ela podia ver em seu rosto. Rapidamente se levantou e se recompôs, enxugando as lágrimas.

— Não importa — ela disse, sua voz, controlada. — Encontraremos um jeito... com ou sem você.

— Eu disse que ajudarei, Adrian.

Ela o encarou com um olhar fulminante.

— Rhys, você não consegue nem mesmo se ajudar. — Com isso ela se virou e saiu pela porta, e ele foi largado lá em seus aposentos... sozinho.

18

ALGO GRANDE ESTAVA ACONTECENDO. Estava se formando há semanas, como a eletricidade no ar logo antes de uma tempestade. Todos na torre estavam no limite. Eles não queriam que a tempestade começasse, mas não aguentavam esperar que ela acontecesse.

Cole não entendia muito. Haveria uma reunião e envolvia magos importantes que vinham chegando lentamente de lugares distantes. Todos se chamavam "Primeiro Encantador", embora ele não tivesse ideia de como tantas pessoas poderiam ser as primeiras em alguma coisa. Não tinha que haver um segundo e um terceiro?

Por mais importantes que fossem, ainda tinham medo dos templários. Quando discutiam, o faziam baixo porque havia templários por perto... observando, sempre observando. Eles cruzavam os braços e fechavam a cara para os magos, da mesma forma que os cozinheiros faziam careta quando avistavam um rato. Esses magos podiam usar todas as vestes pretas extravagantes que quisessem, isso não significava que não eram prisioneiros.

O Narigudo aparecia às vezes. Cole não sabia onde conseguiu sua nova armadura, mas estava polida até brilhar. Ele agora tinha uma capa escarlate também, assim como a que Evangeline usava. Narigudo gostava de acossar os magos. Ele os circulava, fingindo interesse em suas discussões até que lentamente se aquietavam. Eles não gostavam muito do Narigudo, e Cole sabia bem por que. Cole também não gostava dele.

Era estranho. Antes, Cole teria dito que não havia nada do qual tivesse mais medo do que templários... Mas agora? Agora ele caminhava até eles. Ele ficava a centímetros de distância, olhando em seus olhos, e sabia que eles não viam nada. Eles viam através dele. *Eu posso ver você*, ele queria falar. *Agora eu consigo ver o que você é.*

Rhys não podia ajudá-lo. Eles trancaram Rhys em seu quarto e, ainda que Cole considerasse ir visitá-lo, o que diria? Cole havia causado sofrimento suficiente. Era melhor ficar longe, talvez isso facilitasse as coisas para Rhys.

Evangeline também não podia ajudar Cole. Ela era tão bonita e gentil que fazia o coração de Cole doer. Quando ela prometeu levá-lo até os templários, ele ficou com medo... Mas isso também lhe deu esperança. Ela parecia forte, e quem conheceria os templários melhor do que ela? Mas agora ela estava no Poço, forçada a fazer coisas que um Oficial não deveria fazer. Isso é o que os outros templários diziam. Eles fofocavam sobre ela, dizendo coisas ruins que deixavam Cole com raiva.

A Velha também não podia ajudar Cole. Ele a tinha visto indo e vindo, às vezes indo para o quarto de Rhys. Ela era observada de perto o tempo todo, e sabia disso. Talvez ela até soubesse que Cole a observava e fingiu não notar. Ele suspeitava que ela sempre foi capaz de vê-lo, desde o início. Simplesmente não importava, porque ele não se encaixava nos planos dela. A Ruiva — Rhys a chamava de Adrian — não ajudaria Cole mesmo que pudesse. Os templários a trancaram dentro de seu quarto, assim como Rhys, mas isso não mudou nada. Havia outros que se esgueiravam até sua porta para entregar mensagens, e ela até conseguiu sair uma ou duas vezes. O tanto que ela e seus amigos faziam para distrair os guardas era fascinante para ele. Adrian tinha tantos planos quanto a Velha, e embora Cole provavelmente pudesse ter ouvido e descoberto quais eram os planos dela, ele não queria saber. O que quer que ela planejou, não ia ajudá-lo.

Nenhum deles poderia ajudá-lo.

Mas talvez ele seja capaz de ajudá-los. Enquanto eles voltavam à cidade, ele estava ouvindo. As coisas que diziam sobre os templários faziam sentido. Eles eram o problema. Quando olhava em seus olhos, não via o perigo que costumava ver. Ele via medo. Um medo terrível que ia queimar tudo em seu caminho.

Por muito tempo os templários foram os demônios assombrando seu mundo, e tudo o que ele tinha feito foi se esconder nas sombras... Mas, talvez, fosse hora de parar de se esconder. Afinal, ele não estava trancado em um quarto ou fora banido para o Poço. Ninguém o estava vigiando. Ele estava livre para agir. Cole atravessou o corredor escuro com cuidado, ciente de tudo ao seu redor. A torre estava dormindo ou tentando. A reunião que todos estavam esperando era amanhã de manhã, e a tensão atingiu um ponto tão febril que perturbava todos. Um movimento em falso e ele poderia virar uma esquina e esbarrar em um guarda, e tudo estaria acabado.

Um templário gordo estava parado do lado de fora da porta que Cole procurava, meio adormecido. Sua cabeça caía e se erguia novamente. Se ele apenas cochilasse, seria mais fácil, mas ele não teve essa sorte. O medo o mantinha acordado. Medo do homem de armadura preta.

Cole estremeceu com a lembrança. Aquele homem era feito de aço, com seu fino fio bem afiado. Quando Cole esteve nos aposentos de Evangeline, aquele homem o *sentira*. Havia algo nele, algo diferente dos outros templários, mas Cole não conseguia dizer o quê. Ele não queria descobrir o que era.

Lentamente, ele caminhou até o guarda, o coração batendo forte em seu peito. Pharamond disse que seu esquecimento por todos não era algo que apenas acontecia. Era algo que Cole fazia. Um poder. Se fosse verdade, talvez ele pudesse usá-lo.

Você não me vê. Você não verá nada do que eu fizer. Ele olhou nos olhos do guarda, concentrando-se, convocando... algo. Ele podia sentir. Bem dentro dele, no lugar escuro que ele nunca ousava olhar, havia algo lá. Tentou não deixar a coisa assustá-lo. Em vez disso, ele disse para ela vir.

Estendendo a mão, com muito cuidado, Cole arrancou as chaves do cinto do templário. Ele manteve contato visual o tempo todo. As chaves tilintaram e ele travou. Nada. O homem não piscou, não reagiu.

Eu consigo. Eu *consigo fazer com que não me vejam.*

Foi uma sensação emocionante. Ele cuidadosamente se afastou do guarda, segurando as chaves no peito. Quando ele se moveu para a porta, procurou por qualquer sinal de reação. Nada.

Cole fechou os olhos e respirou fundo. Agora que convocara o local escuro o qual estava esparramando dentro dele. Ele tentou afastá-lo, tentou

empurrá-lo de volta para baixo, mas a coisa não ia. Ele se infiltrou em cada parte dele, tentando levá-lo embora. Estava tentando fazê-lo sumir.

Não, não vou deixar.

Ele cerrou os dentes. Respirava, cada momento lento e excruciante, até que finalmente melhorou um pouco. Até parecia que as sombras no corredor se alongaram, como se se estendessem em direção a ele, mas tentou ignorá-las. Ele era real. Ele estava bem ali, e ia agir.

Cole destrancou a porta. Um clique levíssimo quando girou a chave e fez o menor dos ruídos quando puxou a maçaneta. Mesmo com o guarda a menos de meio metro de distância, ele não olhou. Cole entrou rapidamente.

O quarto era minúsculo e escuro. A janela gradeada mostrava apenas o céu noturno e um indício de neve, a primeira da estação. Uma única vela queimava sobre a mesa, reduzida quase a uma poça de cera derretida. Não iluminava nada e fazia as sombras parecerem ainda mais tristes. Esta sala era uma tumba, ou estava prestes a se tornar uma.

— Quem... quem está aí? — Uma voz trêmula da escuridão. Cole mal conseguia distinguir a figura de um homem deitado na pequena cama. Não que precisasse. Ele sabia exatamente quem era.

— É o Cole — disse.

Pharamond deu um salto, olhando para Cole com perplexidade. Ele tinha a aparência de um homem que não dormia há dias, talvez semanas. Desgastado e pálido, círculos escuros sob os olhos, abatido e esticado até os limites de sua resistência. Um dia alguém até poderia ter dito que este elfo era bonito, com seu cabelo branco sedoso e olhos azuis... Mas não esta noite. Esta noite, ele apenas parecia velho.

— Eu consigo ver você — Pharamond suspirou espantado. — E lembro quem você é. Por que isso? Algo mudou?

— Você mudou. — Cole caminhou até o elfo e se sentou na beirada de sua cama. Pharamond olhou para a adaga nas mãos de Cole, seus olhos se arregalando de medo. — Você consegue me ver e lembrar de mim porque quer morrer.

O elfo engoliu em seco ruidosamente uma vez. Ele não desviava o olhar. Não questionou como Cole sabia de uma coisa dessas. Ele também não disse que Cole estava errado.

— Amanhã de manhã eles vão me tornar um Tranquilo novamente — sussurrou, as palavras um coaxar arrancado das profundezas de sua garganta. — Eu quero morrer mais do que tudo.

Cole assentiu com tristeza, mas não respondeu. Em vez disso, olhou para a vela bruxuleante e, por um longo tempo, os dois ficaram em silêncio. Ser um Tranquilo não soava tão ruim para ele. Ele estivera com medo de ser engolido pela escuridão por tanto tempo que parecia ser um alívio acabar com isso. Só se tinha medo de se tornar um nada até ser nada.

Igual morrer.

— Eu consigo tirar você daqui — disse ele. — É por isso que eu vim.

— Me tirar daqui? Como?

— Do mesmo jeito que entrei. — Cole considerou a ideia cuidadosamente. — Eu acho... que poderia fazer com que eles também não notassem você, se estivesse comigo. Podíamos sair juntos pelas portas e eles nunca seriam capazes de machucá-lo.

— E se isso não funcionar?

— Então você morreria.

Pharamond parecia chocado, como se a possibilidade de fuga nunca tivesse passado por sua cabeça. Ele se levantou, andando de um lado para o outro no chão com crescente agitação... e então parou, olhando de maneira sombria pela janela para a neve que soprava.

— E para onde me levaria? — Perguntou.

— Para onde você quer ir?

— Não sei se há algum lugar que eu *possa* ir.

Cole não tinha nenhuma sugestão. Ele não sabia nada sobre o mundo fora da torre. O pouco que tinha visto durante a viagem para a fortaleza fez tudo parecer assustador e frio, cheio de pessoas que prestavam menos atenção umas às outras do que a ele.

— Não haveria nenhum lugar melhor do que aqui?

Pharamond caminhou até a janela, correndo sutilmente os dedos pelas barras. Elas já estavam cobertas por uma tênue camada de gelo.

— Os invernos em Diamantina são horríveis — disse ele. — As terras áridas ficam frias como gelo e aquela areia... Os ventos sopram com tanta força a areia que parece que vai arrancar a carne de seus ossos. As pessoas na fortaleza passam meses se preparando, mas, ainda assim, todos

os anos alguém morre. Caçadores pegos numa tempestade, mercadores visitantes que não sabem como é por lá, uma criança tola...

Cole não sabia por que o elfo lhe disse isso, mas ouviu mesmo assim. Foi tudo muito estranho. Antes, todas as vezes que procurou alguma alma perdida e sem esperança, foi porque uma necessidade ardente o levou até lá. Ele precisava deles e vice-versa. Não havia tempo para conversar porque ele precisava daquele reconhecimento em seus olhos, aquele momento que o tornava real.

O que ele sentia agora? Mesmo com a escuridão liberada, rastejando dentro dele como uma horda de insetos famintos, não havia aquela necessidade ardente. Ele passou o polegar ao longo da borda da adaga. Afiada. Dar a Pharamond essa saída seria fácil. Se não *precisava* fazer aquilo, seria misericórdia em vez de assassinato?

— Na primeira nevasca — continuou Pharamond — sempre há uma celebração. Achava tão estranho. O inverno é perigoso, não é algo a se comemorar. Mas o povo das terras áridas ainda coloca suas coroas e faz um grande banquete, com dança. Sempre era incluído e convidado para dançar, mesmo eles sabendo que eu não ia. Eu apenas os observava, intrigado com tudo. — Ele parou, sua voz falhando, e olhou para Cole. Ele estava chorando. — Não haverá nenhuma celebração em Diamantina hoje à noite.

— Você está dizendo que não quer escapar?

— Não quero fugir. Quero que me mate.

O último conclave que Rhys compareceu fora um espetáculo.

A Faculdade dos Encantadores em Cumberland era um palácio — outrora a casa de uma duquesa de Neverra e entregue ao Coro, diziam os rumores, porque o talento mágico de sua filha fora descoberto. A duquesa desejava que a filha vivesse na opulência a que estava acostumada, e não numa torre escura a duzentos quilômetros de distância.

Rhys acreditava naquilo. Se o Pináculo Branco era impressionante por sua grandeza opressiva, a Faculdade era impressionante pela sua ostentação: pilares de mármore, afrescos brilhantemente pintados, vasos e trepadeiras douradas que subiam pelas paredes. O salão de entrada era

especialmente interessante, com bustos de arenito de todos os grandes encantadores que ocuparam o cargo nos últimos seiscentos anos. Tudo reluzia. Não parecia o tipo de lugar onde magos poderiam se reunir, mas tem sido exatamente isso.

O "auditório vermelho", assim chamado por causa de seu teto abobadado de mogno, acomodava facilmente as duzentas pessoas presentes: primeiros encantadores, os chefes de todas as fraternidades, magos seniores e até aprendizes intrigados. Eles discutiam, postulavam, se dividiam em panelinhas e faziam discursos. Os mais velhos estavam lá simplesmente para assistir, com grande diversão, os "impressionáveis" recém-chegados. Rhys passara seu tempo vagando em meio à cacofonia, confuso quanto à agenda de eventos até perceber que não havia uma. Qualquer tentativa de impor ordem fora posta de lado em favor da conversa.

Muito pouco havia sido realizado e, de acordo com quem compareceu, aquilo não era incomum. Ainda assim, ninguém parecia ligar. Aquilo fazia os magos se sentirem como se fossem parte de algo maior do que apenas sua própria torre e, quando quisessem, poderiam falar em unissono.

Este conclave, se realmente podia ser chamado assim, não era nada disso.

O grande salão do Pináculo Branco ofuscava os presentes: quinze Primeiros Encantadores, faltavam quatro que não conseguiram chegar a tempo, mais a Grande Encantadora. Além deles, havia apenas Rhys, Adrian e Wynne. Os templários, que observavam maliciosamente das paredes, mais que dobraram em número. Era intimidante, e todos se sentiam claramente desconfortáveis.

Rhys ficou de lado, não se sentindo bem-vindo em seu círculo interno... ao contrário de Adrian, que não tinha saído do lado da Grande Encantadora desde que chegaram. Ninguém estava falando. Eles esperavam que Pharamond fosse trazido e isso por si só já era motivo de tensão: Wynne já havia explicado o que estava sendo feito, e nenhum dos Primeiros Encantadores ficou satisfeito. Quando o elfo finalmente entrasse, Tranquilo de novo, Rhys não tinha certeza de qual seria a reação. Nada boa.

A Grande Encantadora Fiona era uma elfa, com cabelos pretos grisalhos nas têmporas e quase tão baixa quanto Adrian. Seria cômico ver as duas de pé ao lado dos magos mais altos se ambas não possuíssem

uma intensidade que as tornava lendárias. Fiona perfurava os templários com os olhos e, aparentemente, era um sentimento compartilhado pelos outros.

Enquanto estava ali assistindo, Evangeline caminhou até ele. Sua armadura havia sido polida recentemente, mas ele notou que havia deixado o manto vermelho para trás. Aquilo, de alguma forma, a deixou... menos imponente.

Não que alguma vez a considerasse imponente por si só, mas sempre a vira como uma figura de autoridade. Se agora ela estava tentando minimizar isso, era a única templária presente fazendo tal coisa.

— Você não está com os outros — ela observou.

Ele sorriu para ela.

— É porque eu sou especial.

— Ah, é?

— É. Não sabia? Eu sou o mago que talvez seja um assassino. As damas não resistiram ao meu charme perigoso e começaram a desmaiar, então me pediram para esperar aqui.

Ela riu, e então lhe lançou um olhar escandaloso por tê-la feito rir — embora ele tenha notado que ainda não conseguisse esconder sua diversão.

— Tenho certeza de que não pensam assim de verdade.

Ele deu de ombros.

— Talvez. De qualquer jeito, não sou um Primeiro Encantador.

— Nem Adrian, mas isso não parece impedi-la.

— Adrian está atualmente agarrada à saia da Grande Encantadora. Isso a torna mais um acessório, suponho, tal como um belo cinto ou um par extra de sapatos.

Ela sorriu e acompanhou o olhar dele até onde Adrian estava no salão. Adrian percebeu e, quando seus olhos encontraram os de Evangeline, o sorriso desapareceu na hora.

— Não parecem estar com pressa para iniciar este conclave — comentou.

— Eles estão esperando por Pharamond.

— Ah.

— Você sabe quando ele deve chegar? Quanto tempo costuma levar o Ritual da Tranquilidade?

Evangeline olhou para a fileira de templários observadores e seus olhos fulguraram de raiva.

— Já deve ter acabado. Eu perguntei, mas o máximo que me disseram é que Pharamond está "a caminho". — Ela sorriu ironicamente quando as sobrancelhas de Rhys se ergueram. — Não estou exatamente nas graças da ordem no momento.

— Eu causei a você todo tipo de problema, não foi? Eu sinto muito.

Seu pedido de desculpas claramente a pegou de surpresa.

— Você não tem culpa, Rhys — disse ela. — Eu disse que tentaria ajudar... Cole. Eu disse que era meu dever como templária e falei sério. Se a ordem não está disposta a ceder, não é culpa sua.

Ela se lembrou do Cole. Houve um momento de hesitação, mas ele podia vê-la lutando para guardar o nome dele. Ele achou o esforço comovente, embora não pudesse dizer exatamente por quê. Por um bom tempo, os dois ficaram ali, confortáveis em seu silêncio enquanto examinavam o grupo de magos que se aglomerava no centro do salão.

— Eu tenho que lhe dizer uma coisa — ele finalmente disse. — Eu a admiro, Evangeline. De todas as coisas que já pensei sobre os templários, você conseguiu provar que estava errado sobre cada uma delas. Se mais deles fossem como você...

Ela estava realmente corando, embora escondesse bem sob um ar casual.

— A ordem é um lugar onde os ideais são postos de lado por necessidade. Simplesmente não há espaço para compaixão ou misericórdia, e aqueles que sentem que deveria haver... — Ela hesitou, e então deu de ombros. — Eles acabam alienados, feitos de exemplo para os outros.

— Como o resto de nós?

— Parece assim.

Ele sorriu.

— Não sei porque, mas isso a torna mais atraente do que nunca.

Evangeline o olhou incrédula, talvez imaginando se ele estava falando sério. Ele estava tentado a disfarçar rindo, fingir que não era nada além de uma provocaçãozinha... Mas simplesmente não conseguia. Ele manteve o olhar, e algo passou entre eles. Algo que nenhum dos dois estava disposto a reconhecer, no entanto, estava lá.

— Estou farto disso! — Alguém gritou no grande salão.

Foi o suficiente para quebrar o clima. Evangeline desviou os olhos, suas bochechas coraram e Rhys sentiu-se perdido por um instante. Ele deveria ter dito outra coisa, algo melhor.

A comoção no salão estava centrada em torno da Grande Encantadora, que agora estava batendo com seu bastão no chão de mármore para chamar a atenção dos outros. O cajado brilhou forte, fazendo suas vestes brancas contrastarem fortemente com as escuras ao seu redor. Os templários que observavam sussurraram com raiva em resposta, e vários se dirigiram para as portas.

— Não vamos esperar — declarou Fiona. — Estamos aqui agora e bem cientes do que vamos discutir. Não precisamos de outro Tranquilo para enfatizar o tipo de desprezo que os templários nos reservam.

— Você pode falar baixo? — Sibilou um dos primeiros encantadores com medo, um homem antivano com uma barba preta trançada.

— Não, eu não vou. — Seu cajado brilhou quando ela voltou seu olhar para os outros magos diante dela. — Esta é a primeira vez que nos permitem ficar juntos em um ano, e não vou desperdiçá-la. — Ela inspirou dramaticamente. — Estou postulando uma moção para separar o Círculo dos Magos do Coro.

Todos na sala engasgaram chocados. Mais templários se moveram em direção às portas, impelidos como se estivessem sendo perseguidos. Rhys sentiu que algo ruim estava para acontecer: o ar estava cheio de raiva, pronto para explodir. Ele seguiu Evangeline, correndo para o salão.

— Devemos discutir a pesquisa de Pharamond — insistiu Wynne. — E nada mais. Se você atrapalhar este conclave, Fiona, nunca conseguiremos outro.

Fiona bufou ironicamente.

— Isso não é um conclave. Isso é uma piada! Poderíamos discutir o que fazer sobre o Ritual da Tranquilidade até ficarmos com a cara azul; você acha que os templários *pensariam* em seguir nosso conselho?

— A Divina está disposta a…

— Foda-se a Divina. — Ela suspirou quando os outros olharam, atordoados pela blasfêmia dela, e esfregou a testa, nervosa. — Estou certa de que a Divina é uma pessoa muito legal — continuou em um tom mais conciliador. — Assim como a Grande Clériga Elthina em Kirkwall. Ela

deu seu melhor para manter todos felizes e o que aconteceu? Nada foi resolvido, até que finalmente sua inércia a matou.

Wynne franziu a testa.

— Ela foi morta por causa de um louco.

— Não concordo com o que Anders fez, — disse Fiona — mas eu entendo por que ele o fez. Estou apenas sugerindo que ajamos, não que explodamos o Pináculo Branco.

— Não está? Como acha que os templários vão responder a isso?

— Não somos responsáveis pelas ações deles. Somos responsáveis apenas pelas nossas. — Fiona voltou seu olhar para cada um dos primeiros encantadores, um de cada vez. — Todos sabem quem eu sou. Eu saí dos Guardiões Cinzentos para o Círculo porque vi que algo tinha que ser feito. Nos Guardiões, aprendemos a esperar o momento certo e aproveitá-lo — e esse momento é agora.

— E o que você quer que façamos? Que lutemos contra os templários quando tentarem nos levar presos? — Wynne parou na frente da Grande Encantadora, estendendo as mãos implorando aos outros. — O que Pharamond descobriu nos deu uma oportunidade. Diante da evidência de que o Ritual da Tranquilidade é falho, a Divina tem a desculpa de que precisa para pedir uma reforma. Isso será um começo, eu prometo a vocês.

— Você prometeu isso em nosso último conclave — disse Fiona. No entanto, suas palavras não foram ásperas… Rhys achou que ela mais parecia cansada do que outra coisa. — E olhe onde estamos. Sabemos como se sente, Wynne, mas o Coro não pode esperar para decidir quando é seguro fazer o que é certo.

— E os Libertários decidirão por nós? — Perguntou um dos primeiros encantadores, um careca corpulento com sotaque de Ander.

O mago com a barba trançada franziu a testa.

— Eu gostaria de saber se esse tal Pharamond realmente encontrou algo significativo, ou se isso é tudo apenas um monte de nada.

— Ele conseguiu se curar — Adrian interrompeu — e agora os templários o tornaram um Tranquilo novamente. O que isso lhe diz? Eles não se importam com o que aprendemos, ou com o que o Ritual faz ou deixa de fazer. Tudo o que importa é nos manter controlados.

Os Primeiros Encantadores pareceram absorver as palavras dela, balançando a cabeça inquietos. Wynne parecia chateada, talvez porque ela sentia a mesma coisa que Rhys sentiu — o clima estava pendendo a favor da Grande Encantadora. Mesmo aqueles que Rhys supôs que falariam em defesa de Wynne permaneceram em silêncio. O Primeiro Encantador Edmonde era um aequitariano como ela, por exemplo, mas simplesmente franziu o cenho e coçou a longa barba.

Rhys viu Evangeline observar nervosamente conforme mais templários deixavam o grande salão. Apenas uma dúzia permanecia aglomerada perto da porta, olhando os procedimentos com um ar perigoso. Os sons de muitos pés calçados com botas podiam ser ouvidos dos corredores.

— Sei que minha opinião não é bem-vinda aqui, — Evangeline disse aos magos — mas seja lá o que vão fazer, sugiro que façam rápido.

Edmonde pareceu surpreso.

— Você não vai nos impedir?

— O conclave sempre existiu para permitir que os magos decidam seu próprio caminho — ela disse, seu tom cuidadosamente neutro. — Então decidam.

Ninguém falou. Wynne parecia pensativa, mas Rhys imaginou que ela já havia dito tudo o que podia — o mesmo valia para a Grande Encantadora. Todos já sabiam o que os outros pensavam e conheciam o problema em questão. Eles simplesmente pareciam relutantes em cair no precipício.

— Será que eu poderia falar? — Ele calmamente perguntou. Surpreendentemente, todos se viraram e prestaram atenção. Até mesmo a Grande Encantadora. — Sei que não sou um de vocês...

— Sabemos quem você é, Rhys — disse o Primeiro Encantador careca. — Wynne tem falado de você com frequência. Para um Libertário, suas opiniões sempre se mostraram moderadas. Fale e nós ouviremos.

Rhys umedeceu os lábios nervosamente.

— A Grande Encantadora não está errada — disse. — Esta é a única chance que vocês tiveram de se reunir, e é a única que teremos. O Buscador-Mor considerará este voto como traição, não importa qual seja. Então só nos resta uma pergunta. — Seu olhar encontrou o de Adrian e ele quase podia ler seus pensamentos: *Faça. Diga! Convença-os.* — O que vocês querem dizer ao resto do Círculo? Vocês tentarão não piorar as coisas e confiarão na Divina, ou tomarão uma posição?

Houve um barulhão lá fora. Os templários estavam chegando — todos eles, ao que parecia. Ele podia ver nos olhos dos magos que sabiam exatamente o que Rhys queria dizer: a sorte estava lançada. Não havia como voltar atrás agora.

— Eu postulo a moção — a Grande Encantadora disse com urgência. — Quem concorda?

Mas era tarde demais. Todas as cabeças se viraram quando o Buscador-Mor Lambert marchou pelas portas do grande salão, uma multidão de templários atrás dele. Todos de espada na mão. Três homens usavam a mesma armadura negra que o Buscador-Mor e caminhavam ao seu lado — mais buscadores, notou Rhys. O barulho estrondoso da entrada deles era como a morte se aproximando.

Os templários e buscadores se espalharam, cercando os magos em um piscar de olhos, enquanto o Buscador-Mor caminhava em direção a eles. A fúria fria em sua expressão não deixava dúvidas de sua intenção.

— Este conclave acabou — ele declarou. — Como crianças, não podemos nem esperar que façam o que lhes é ordenado. Eu não vou permitir uma traição sob este teto.

A Grande Encantadora Fiona deu um passo à frente dos outros de forma protetora. Considerando o quão baixa a mulher élfica era comparada ao Buscador-Mor, poderia parecer risível se seu incrível poder não fosse óbvio. Seu cajado brilhou forte, refletindo a indignação em seus olhos.

— Isso não é traição. A Divina nos deu permissão para realizar o conclave, e você não tem o direito de nos dizer o que podemos ou não fazer com isso.

— A Divina é uma tola — ele rosnou para ela. — Assim como todos vocês, tanto por pensar que isso seria permitido... quanto por ouvir as palavras de um assassino. — Levou um momento para Rhys perceber que o homem estava se referindo a ele. — O Tranquilo, Pharamond, foi encontrado morto esta manhã. Esfaqueado até a morte. Tomei a liberdade de mandar revistar os aposentos do Encantador Rhys e encontrei isso.

Ele jogou algo no chão entre eles: uma faca com cabo preto, a mancha de sangue em sua lâmina claramente visível. Não era de Rhys e nem parecia a adaga de Cole. Rhys nunca a tinha visto antes.

— Mas... isso não é meu — ele contestou.

— Claro que você diria isso.

— É verdade!

Evangeline deu um passo à frente.

— Eu lhe disse quem era o responsável pelos assassinatos, milorde. Se você me ouvisse...

— Eu ouvi. Agora tenho provas que mostram que você estava enganada.

— Deve haver outra explicação! — Ela insistiu. — Alguém colocou isso no quarto dele, estão tentando...

— Silêncio! — O Buscador-Mor gritou. — Não torne isso pior para você, garota estúpida! Estamos lidando com um mago do sangue. Se não está sob a influência dele, então você permitiu que sua paixão por esses magos obscurecesse sua mente. — Ele gesticulou para os templários. — Leve o Encantador Rhys sob custódia.

— Não! — Wynne puxou Rhys pelo braço. — Isso é mais que um absurdo! A Divina ficará sabendo disso, eu juro!

Rhys sentiu-se confuso. Ele sabia que o Buscador-Mor estava com raiva dele, mas chegar a isso? Enquanto ele estava lá, os templários se aproximavam com suas lâminas preparadas. Os magos responderam brandindo seus cajados, a sala estalando com mana. Eles se espalharam, encarando os templários; uma batalha era iminente. O Buscador-Mor não parecia impressionado.

— Eu cansei de ouvir a Divina — ele anunciou. — Ela conduzirá estas terras a um caos insuportável. Todos vocês têm uma escolha: desistir e voltar para suas torres, ilesos, ou serem tratados como os rebeldes que claramente são.

— Não, é *você* quem tem escolha — a Grande Feiticeira Fiona advertiu. — Deixe-nos realizar nosso conclave legítimo. Permita-nos investigar esta alegação contra o Encantador Rhys de uma maneira racional. Ou enfrente as consequências.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Ameaças? — Ele olhou para Evangeline.

— E você? Você está com esses traidores, ou vai manter algum pingo de sanidade?

Evangeline apertou a mandíbula. Puxou sua espada.

— A única insanidade que vejo aqui é a de um homem que se recusa a ver que o que faz é errado.

— Que seja.

Com um aceno de sua mão, os templários atacaram. Mesmos preparados como os magos estavam, não estavam prontos para a onda de ruptura desencadeada — os poderes de um templário são projetados exclusivamente para combater os feitiços de um mago, e aqui isso era tudo. Lâminas caíram sobre escudos mágicos, quebrando-os e enviando faíscas ofuscantes voando pelo salão.

Isso não deteve os magos. A Grande Encantadora gritou de raiva, liberando uma bola de energia ofuscante no grupo de templários mais próximo. Vários ergueram seus escudos a tempo, mas isso não os impediu de serem arremessados quando a bola explodiu. A onda concussiva sacudiu toda a câmara.

Templários atacaram Rhys. Uma primeira encantadora ao lado ergueu as mãos.

— Eu me rendo! — Ela gritou em pânico.

Se os templários não a ouviram por causa da cacofonia ou pensaram que ela estava pronta para um ataque, não sabia dizer. De qualquer forma, o primeiro templário que a alcançou a empalou.

O olhar surpreso no rosto do jovem mostrava que ele não esperava por isso. Ele assistiu horrorizado conforme a maga olhava para baixo, confusa com a espada agora perfurando seu peito. Quando ela abriu a boca para falar, jorrou sangue. Silenciosamente, ela deslizou da lâmina e caiu no chão, uma mancha escura se espalhando em suas vestes.

A reação foi eletrizante. Um grito saiu quando mais magos viram o que havia acontecido e, de repente, eles não estavam mais apenas se defendendo. Rhys ouviu Adrian gritar de fúria e fogo mortal choveu sobre os templários — homens queimados gritando horrivelmente. A câmara inteira explodiu em caos, um ciclone de relâmpagos e fumaça convocado em seu meio. Os templários atacavam indiscriminadamente agora, derrubando qualquer mago que pudessem alcançar.

A confusão era demais para acompanhar. Rhys baixou a cabeça quando um grande pedaço de alvenaria caiu do teto, quase o acertando. Outro templário saiu da fumaça, soltando um grito de guerra com sua espada

erguida. Rhys estendeu seu cajado e soltou um raio de força, jogando o homem de volta na briga.

Ele se virou e viu Wynne embalando a mulher caída em seus braços. Ela convocou desesperadamente espíritos de cura para consertar os ferimentos da mulher, mas a magia derramada no corpo foi inútil. A mulher estava morta e ponto final. Wynne balançou a cabeça horrorizada, lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Não! Não, está tudo errado! Isso não pode estar acontecendo!

Rhys tentou afastá-la, mas ela resistiu. Então ele agarrou Wynne pelos ombros e a arrastou para cima, forçando-a a olhar para ele. Ela o fez, olhando com olhos arregalados, talvez sem compreender o que ele estava fazendo.

— Temos que sair daqui! — Ele gritou.

Evangeline surgiu do nada. Ele notou sangue em sua espada, e pela sua expressão sombria ficou claro que ela odiava tudo aquilo. Ela viu os dois e correu até eles.

— Os portões da frente! — Ela gritou, estremecendo quando outra explosão abalou o grande salão. — Eles estão cerrados, mas vocês podem explodi-los até abrirem!

Evangeline agarrou a mão dele e o puxou, e ele puxou Wynne. Juntos, os três passaram através da batalha. Espíritos rodopiavam, suas formas etéreas atacando os templários sem qualquer defesa contra eles. O Véu havia sido rasgado pela magia que atravessava o salão, e isso deixou Rhys inquieto. Quanto tempo até que um dos magos cedesse à raiva e ao desespero e permitisse que um demônio o possuísse? Então a batalha se tornaria algo muito, muito pior.

— E para onde você pensa que vai?

O medo apertou seu coração quando Rhys viu o Buscador-Mor de pé diante deles, uma brilhante lâmina de obsidiana segurada casualmente diante dele. Ele parecia não se importar com o caos, olhos cinzentos focados neles e apenas neles.

— Saia do nosso caminho, Lambert — alertou Evangeline.

— Ninguém vai sair desta sala — disse ele, seu tom frio como gelo. — Ninguém mesmo.

Uma dúzia de templários apareceu atrás dele e Rhys viu mais chegando. Os magos estavam em fuga agora, alguns tentando desesperadamente

fugir conforme eram mortos. Outros estavam sendo dominados, sua mana interrompida até que não pudessem lançar um único feitiço. Os magos estavam perdendo.

Wynne se afastou de Rhys, enxugando as lágrimas do rosto.

— Você não vai se safar disso! — Ela gritou, sua voz rouca.

— Me safar de levar um assassino à justiça? De impedir uma nova rebelião logo no começo? O trabalho do Criador está sendo feito hoje, nada mais. — Ele avançou, invocando poder em sua espada enquanto os outros templários os cercavam.

Evangeline ergueu sua lâmina com um olhar de determinação. Wynne também agarrou seu cajado e se preparou para a batalha. Rhys não podia deixar isso acontecer. Ele cavou fundo nas reservas de mana dentro dele, mais fundo do que nunca. Com um grito de raiva, ele ergueu seu cajado e soltou uma torrente de magia.

A onda de força que se expandiu dele fez todos os templários voarem para trás, como se não pesassem nada. O prédio inteiro estremeceu e, por um único momento, Rhys se sentiu empolgado. O poder... não era como nada que já havia usado antes. Ele corria em suas veias, preenchendo-o.

Seria muito fácil fazer mais. O Véu estava frágil e ele podia sentir os demônios, espreitando um pouco além e ansiosos para entrar neste mundo. Um único chamado daria para ele todo o poder de que precisava. Ele poderia levar muitos desses templários consigo, um último suspiro que eles nunca esqueceriam.

Poder proibido na ponta dos dedos, o chamando.

Com um grito de agonia requintada, Rhys se afastou da beirada. Ele se virou para Wynne e Evangeline, seus olhos brilhando com poder.

— Vão! — Ele gritou. Elas olharam para ele em choque, mas nenhuma das duas se moveu. — VÃO! — Rugiu.

Sem esperar, ele se virou para encarar os templários. Uma parede cintilante de pura força se ergueu entre eles, os homens batendo contra ela inutilmente. Segurando seu bastão, Rhys convocou uma tempestade de energia, acrescentando-a ao turbilhão. Ele derrubaria o salão inteiro, se fosse preciso, pedra por pedra.

O Buscador-Mor alcançou a muralha de força. Ele canalizou seu próprio poder, quebrando-a com um único golpe de sua espada negra. Uma dor quente atravessou Rhys. Ele disparou um raio mágico atrás do

outro no Buscador-Mor. O homem bloqueou todos, mas foi o suficiente para fazê-lo parar. Suas sobrancelhas franziram com o esforço enquanto lutava para chegar mais perto.

E então algo atingiu Rhys por trás. Um golpe na parte de trás de sua cabeça, fazendo sua visão turvar. Ele atacou com um feitiço, arremessando o atacante invisível no teto com força suficiente para quebrar seus ossos. Então outra coisa cortou o lado de Rhys. Ele também lançou um feitiço naquela direção, nem se incomodando em olhar.

E então lá estava o Buscador-Mor. Os olhos do homem estavam cheios de ódio.

— Andraste, guie minha lâmina — ele bradou e balançou sua espada com toda sua força.

O choque da ruptura fez Rhys cambalear para trás. O mundo girou ao seu redor e ele caiu no chão. Vários templários saltaram sobre ele instantaneamente, espancando-o com manoplas de metal e punhos de espada. A dor era cegante até que se rendeu a ela. Quando o mundo começou a desaparecer, ele olhou ao redor. O Buscador-Mor estava de pé sobre ele, observando a surra que Rhys recebeu com seus frios, frios olhos. Mas Wynne e Evangeline não estavam à vista. Elas se foram.

Ótimo. Pelo menos eu fiz algo certo.

E então a escuridão o alcançou e o levou.

19

EVANGELINE E WYNNE se arrastaram pelos esgotos, com água até os joelhos, tão suja que Evangeline nem queria pensar. Os túneis foram originalmente construidos como um refúgio contra o cerco — um meio de transportar suprimentos atrás das linhas inimigas e, às vezes, até mesmo uma maneira de abrigar a população da cidade. Os anos desde aqueles dias não foram bons, e agora este era um lugar decrépito e esquecido, com nada além de lixo.

Isso incluía a espécie humana também. Havia indícios de habitação: abrigos esfarrapados, fogueiras frias, pedaços de roupas e até armas. Os mais pobres dentre os pobres viviam nessas profundezas, chamados de *sous des gens* pelos habitantes da cidade, mas parecia que nenhum deles estava aqui. Sem dúvida, as gangues de aliciadores haviam vasculhado os esgotos semanas atrás, procurando por qualquer um que pudessem arrastar para o exército, sem se importar com as doenças. Por uma refeição garantida, algumas dessas pessoas poderiam até ter pegado a chance. Ela supôs que deveria estar grata pela falta de olhos para testemunhar sua fuga.

Os esgotos estavam congelando. A geada se concentrava em torno de todas as grades que levavam à superfície, às vezes em pilhas de vários metros de espessura. A água turva gelou as pernas de Evangeline mesmo estando de armadura. Wynne estava muito pior em suas vestes, agora manchadas até a cintura.

No entanto, ela não estava com vontade de reclamar. Desde que escaparam de seu perseguidor e fugiram pelas ruas, Wynne não dissera nada. Ela andou rápido, sua expressão era de fúria ímpia, e não estava claro se ela sabia, ou se importava, se Evangeline estava atrás dela. Exceto pelos sons ecoando da água chapinhando, o silêncio era total. Evangeline não tinha ideia para onde estavam indo.

Ela começou guiando Wynne, puxando a velha senhora à força, apesar de seus gritos de que precisavam salvar Rhys. No entanto, ele estava certo. Ou alguém mantinha os outros templários à distância ou todos teriam sido pegos. Isso não tornou a coisa mais fácil de fazer, e não deixou Wynne mais tolerante.

Evangeline entendia completamente. Neste momento, ela queria dar a volta e marchar de volta para o Pináculo Branco. E se Rhys ainda estivesse vivo? O que o resto dos magos da torre fariam? Eles devem ter ouvido as explosões. Ela supôs que o Buscador-Mor tinha lidado com eles antes de vir para o conclave — os separou nos dormitórios e manteve sob vigilância. Dessa forma, eles poderiam deixá-los assustados e conjecturando. Pelo que sabiam, todos os magos que não estavam na sala com eles estavam sendo transformados em Tranquilos, e eles poderiam facilmente ser os próximos.

O Buscador-Mor tinha claramente planejado tudo, talvez desde a audiência na Grande Catedral. Os templários o chamariam de outra rebelião, uma desculpa para restrições ainda mais duras. Isso a encheu de desgosto. Não ficariam satisfeitos até que fizessem os magos sangrarem, e se sentiriam plenamente justificados ao fazê-lo.

Elas continuaram pelos túneis antigos por algum tempo, Wynne liderando o caminho com seu cajado brilhante como única fonte de luz. De vez em quando passavam por uma grade de esgoto, a falta de luz do sol visível dizia a Evangeline que já era noite. Então, um dia inteiro foi gasto fugindo. O que a manhã traria? Teriam que deixar Val Royeaux?

— Espere — ela disse. — Onde estamos indo?

Wynne não desacelerou.

— Leliana sempre me disse para estar preparada e, felizmente, desta vez eu a escutei. — Quando ela virou outra esquina, seu cajado mostrou o que parecia ser um caixilho de metal embutido na parede do esgoto.

Seu mecanismo de travamento parecia incrivelmente complexo. — Ah, aqui está. Achei que tinha esquecido o caminho.

Evangeline observou confusa enquanto a velha senhora começava a mexer no disco da fechadura.

— Isso é seu? Aqui no meio dos esgotos?

— Eu aluguei isso de um jovem honesto da guilda de ladrões local quando cheguei à cidade... só por precaução.

O caixilho se abriu com um tinido alto, revelando duas coisas: um cajado feito de metal vermelho polido e um saco. Ela pegou o cajado primeiro, passando a mão ao longo de seu comprimento com carinho.

— Você já não tem um cajado? — Perguntou Evangeline.

— Este é diferente. — Ela colocou o cajado branco dela no caixilho e entregou o saco para Evangeline. Parecia pesado, tilintando como se estivesse cheio de moedas. Provavelmente estava. — Coisas do meu tempo de Flagelo, dadas a mim pelo Herói de Ferelden. Não é algo que eu ouso ostentar casualmente.

— Você não poderia ter usado isso em Diamantina?

— Não, a menos que também quisesse que os templários soubessem que eu o possuía. — Ela se virou para Evangeline, fitando-a com um olhar sério. — Diga-me: o que os templários vão fazer agora? Ainda nos caçando, sem dúvida.

Evangeline ponderou.

— Eles vão vasculhar as ruas, procurando em qualquer lugar que achem que podemos nos esconder. Provavelmente, o Buscador-Mor alegará que um apóstata está fugindo — isso obterá a cooperação dos cidadãos rapidamente. Então eles fecharão os portões da cidade e, assim que perceberem que não saímos, virão para cá.

— Então ainda temos tempo.

— Um pouco. Vamos para a Grande Catedral?

— Não vamos. — O cajado vermelho começou a brilhar. No entanto, esta não era a luz reconfortante de seu antigo cajado. Era escura e ameaçadora, fazendo cada sombra nos esgotos se contorcer como se estivesse viva. A pele de Evangeline se arrepiou. Ela queria se afastar, correr de volta para a superfície e continuar correndo até parar de estremecer.

— Eu pretendo voltar — afirmou Wynne, a determinação em seus olhos não deixando espaço para dúvidas. — Vou derrubar o Pináculo

Branco tijolo por tijolo se for preciso, mas pretendo encontrar meu filho vivo ou fazer o homem que o assassinou pagar.

Evangeline sentiu-se desconfortável. Era óbvio por que a velha senhora mantinha o cajado em segredo — os templários acreditavam que qualquer mago, não importava quão nobre fosse, recorreria à magia proibida quando encurralado. O fato de Wynne ter acesso a tal artefato serviria apenas como prova de que ela considerava usá-lo uma opção, e seria censurada de acordo.

Mesmo assim, Evangeline achou difícil dar crédito à postura dos templários quando foram eles que encurralaram os magos naquele canto. Ela não se lembrava de nenhum dos Primeiros Encantadores desesperado no grande salão se transformando em abominação — mas se o fizessem, poderia ela realmente culpá-los? Por medo, os templários estavam levando os magos a fazer as coisas das quais eram acusados. Era um ciclo vicioso que precisava ser interrompido.

Ela não disse nada. Em vez disso, olhou nos olhos de Wynne e assentiu. Foi um momento intenso, e a velha senhora pareceu satisfeita com a resposta. Wynne deu meia-volta e marchou pelos túneis mais uma vez, desta vez mais rápido.

— Você percebe que, se fizer isso, seu futuro com os templários acabou? — Ela perguntou.

— Meu futuro com a ordem já está no fim.

— E o lyrium?

— Há mais de uma maneira de obter lyrium.

Um de seus deveres ao longo dos anos tinha sido, de fato, caçar os vários anéis de contrabando anões que trouxeram lyrium para o distrito. Antes de hoje, ela nunca teria acreditado que aquele saber pudesse ser útil, embora convencer os homens que um dia caçou a confiar que agora ela só queria comprar seria... difícil.

— Tenho pelo menos uma semana antes de ficar inútil para você.

— Não vamos perder tempo, então.

Enquanto caminhavam para outro túnel, no entanto, Evangeline percebeu algo à frente nas sombras. Não era rato. Alguém estava lá embaixo com elas, movendo-se silenciosamente o suficiente para não perturbar o esgoto, mas o suficiente para alertá-la. Ela rapidamente puxou sua espada.

— Espere — ela disse a Wynne.

A figura se aproximou, agachada e cautelosa. Não era um templário, mas um jovem usando couro áspero com cabelos loiros desgrenhados caindo sobre os olhos. Se era um dos *sous des gens*, além disso era perigoso, pois segurava uma adaga de aparência perversa. Ainda assim, ela hesitou. Havia algo nele que parecia estranhamente familiar, como se ele fosse alguém que ela deveria conhecer. Alguém importante.

— Cole — disse Wynne, carrancuda.

O jovem parecia aliviado.

— Você lembra de mim.

Lembre-se do sonho. Evangeline se lembrou de tudo rapidamente. Ela embainhou sua espada e caminhou em direção a Cole, que olhou para ela, confuso. Quando ela chegou perto, o abraçou com força.

— Estou feliz que você está a salvo — ela sussurrou.

Inicialmente ele se contorceu em seu abraço, claramente desacostumado a isso, mas então relaxou e a abraçou de volta. Por um momento eram duas almas perdidas, abraçadas na escuridão.

— Afaste-se dele — Wynne avisou.

O brilho ameaçador de seu cajado aumentou, lançando uma sombra sinistra na velha senhora.

Evangeline soltou Cole e se virou para ela, mas em vez de sair do lado dele, se posicionou de maneira protetora na frente.

— Por quê? O que você acha que ele fez?

— Não é óbvio? Pharamond foi assassinado em seus aposentos. Sou capaz de acreditar que o Buscador-Mor Lambert é capaz de muitas coisas, mas não disso.

Evangeline hesitou. A faca que o Buscador-Mor largou no chão não era de Cole... Mas ele poderia estar enganado? Ela não queria acreditar que o jovem havia matado mais uma vez, mas e se ele tivesse matado? Quão tola ela seria, simpatizando com alguém que colocou seus amigos em perigo? Rhys poderia estar morto por causa dele.

Ela olhou para Cole em dúvida, suas suspeitas lentamente dando lugar ao medo por causa da expressão de culpa dele.

— Eu não o matei — disse ele... Mas a maneira como seus olhos olhavam para o chão indicava o contrário.

O olhar de Wynne se intensificou.

— Afaste-se, Evangeline.

— Wynne, eu...

— Eu disse afaste-se!

A velha bateu o cajado no chão e, de repente, uma chama negra saltou dele. Ela se torcia e se enrolava ao redor dela, fitas de algum poder sombrio que se alimentavam de sua raiva e extraíam força dela. Agora ela era uma força vingativa, olhos vermelhos como sangue, e Evangeline estava aterrorizada.

Cole fugiu. Ele disparou pelo túnel, espirrando na água salobra enquanto Wynne soltava um raio de chamas nele. Cole saltou para o lado, o raio o errando por pouco, e ao atingir o esgoto explodiu em uma cortina de fogo frio. O *uivo* do ar em expansão atingiu Evangeline como um punho, e ela cambaleou para trás. Wynne permaneceu imóvel, procurando por Cole através da fumaça.

— Pare! — Evangeline gritou.

Ela se lançou em direção a Wynne, agarrando o cajado vermelho. Estava tão frio que queimava, machucando suas mãos, mas ela se recusou a soltar. Enquanto lutavam pelo controle, gotas de chama negra jorravam de sua ponta. Uma explosão quase atingiu o rosto de Evangeline, a chama acariciando sua bochecha.

— Deixe-me em paz! — A velha senhora rosnou para ela como um animal.

Com grande esforço, Evangeline empurrou, conduzindo Wynne à parede do túnel. O impacto a forçou a largar, e Evangeline arrancou o cajado. Girando, ela bateu com ele contra o chão com toda sua força... e o estilhaçou.

Wynne gritou, um grito primitivo de perda e fúria. Evangeline não teve tempo de reagir quando uma explosão de energia a atingiu. Ela foi tirada do chão, rolando de ponta a ponta no túnel. Com um grunhido, ela aterrissou no esgoto, inalando água de péssimo gosto e, por um momento, tudo ficou escuro. Ela se debateu, confusa; seu grito, um rugido abafado em seus ouvidos.

Então ela veio à superfície. Um único arfar de ar encheu seus pulmões de agonia, e ela cambaleou para chegar à margem. Piscando, ela olhou para cima e viu Wynne de pé sobre ela. Os olhos da velha senhora se estreitaram em indignação.

— O que fez foi uma tolice, Ser Evangeline.

Ela ergueu a mão e convocou mana, uma esfera de poder se juntando em sua mão. Evangeline tentou falar argumentar com ela de alguma forma... Mas tudo o que saiu foram tosses roucas.

E então o feitiço simplesmente desapareceu. Wynne travou... e Evangeline percebeu que era porque Cole estava atrás da velha senhora, a adaga em sua garganta.

— Eu não vou deixar você machucá-la — disse ele.

Por um momento, Evangeline pensou que ele poderia cortar a garganta de Wynne. Ele não cortou. Ele cuidadosamente a forçou a recuar com ele. Evangeline se arrastou até o barranco, vomitando e cuspindo aquela sujeira de seus pulmões. Assim que o mundo parou de girar, ela tossiu uma última vez e enxugou a boca.

— Você o defende — Wynne fervia de raiva.

— Aquele cajado era maligno — disse Evangeline. Lentamente, ela se levantou. — O que quer que tenha acontecido, o que quer que tenha planejado, nunca deveria ter sido uma opção, e você sabe disso.

A velha senhora fechou a cara. No entanto, Evangeline podia ver o arrependimento em seus olhos. Por fim, ela cedeu, a raiva se esvaindo dela de uma só vez. Ela provavelmente teria caído de joelhos se Cole não estivesse segurando a lâmina em seu pescoço.

— Está tudo bem, Cole — disse Evangeline. — Você pode deixá-la ir.

Ele o fez, rapidamente saltando para longe. Sua expressão era sombria.

— Eu não matei Pharamond — disse ele. — Ele me implorou. Ele queria morrer. Mas eu... não pude. Sabia que Rhys ficaria infeliz e não queria causar mais problemas a ele...

Cole não se sentia culpado porque estava mentindo... ele se sentia culpado porque *não* matou Pharamond? Mesmo achando que deveria? Fazia sentido de um modo estranho. Evangeline lembrou-se das súplicas do elfo, do olhar aflito em seu rosto enquanto os templários o arrastavam. Se ele tivesse uma oportunidade, teria pedido a ela para mostrar-lhe misericórdia...

— Então quem o matou? — Wynne perguntou, confusa. — Certamente não foi o Buscador-Mor.

— Por que não? — Disse Evangeline. — Pharamond era uma ameaça à sua autoridade. Assim como Rhys. Ele já havia ordenado que eu matasse todos vocês uma vez, lembra?

Wynne assentiu lentamente... e se virou, incapaz de olhar para eles.

— Eu sinto muito — ela sussurrou. — Eu me sinto tola. Eu simplesmente não consigo parar de pensar... e se Rhys estiver morto? Depois de tudo isso, tudo o que passei, para vê-lo morrer na minha frente...

— Ele não está morto — disse Cole.

Wynne olhou para ele com espanto.

— O que você disse?

— Rhys está ferido. Eles o colocaram na masmorra, mas não consigo tirá-lo de lá. Agora tem muitos templários lá. — Ela fez uma pausa, olhando para as duas com incerteza. — É por isso que vim procurar vocês. Eu não posso ajudá-lo sozinho.

— Para começo de conversa, por que você faria isso?

Ele se contorceu.

— Rhys sempre quis me ajudar. Não sei por que ele fazia isso, mas fazia. Tudo o que aconteceu com ele é minha culpa. Eu tenho de fazer *alguma coisa*.

Wynne olhou para ele. Então ela balançou a cabeça, envergonhada.

— Sou uma velha tola. Agi sem pensar, fazendo todas as coisas contra as quais adverti outros magos. Eu... espero que possa me perdoar, jovem. O que eu fiz foi... imperdoável.

— Você é a mãe de Rhys — ele disse com simplicidade. — Minha mãe tentou me proteger também.

— E ela conseguiu?

— Não. Ela morreu. — O rosto de Cole se contorceu de tristeza.

Ele se afastou delas, tropeçando uma vez ao atingir a parede do túnel. Lá ele se agachou, colocando a cabeça entre os joelhos e as mãos sobre a cabeça. Como se estivesse se fechando.

Evangeline se ajoelhou ao lado dele. Ela colocou a mão em seu ombro, sussurrando algo para acalmá-lo. O pai dela fez isso. Apenas uma vez, no dia em que sua mãe morreu. Mesmo envolto em sua própria dor, ele não suportava ver sua filha sofrendo. Ela imaginou que ele se sentia tão indefeso quanto ela agora.

— Eu... a ataquei também, Ser Evangeline — a velha disse. — Não posso nem...

— Os templários protegem os magos, lembra? — Evangeline interrompeu. — Mesmo que seja deles mesmos. Posso não acreditar na ordem, mas isso não significa que deixei de acreditar no que defendíamos.

Wynne olhou para ela de forma estranha, como se a visse pela primeira vez.

— Acho que sei o que Rhys vê em você, Ser Evangeline.

— Basta salvá-lo. — Evangeline e Cole se levantaram. De repente, ele parecia calmo, como se nunca tivesse desmoronado. Aquela parede que Cole erguia em torno de si estava lá novamente. Isso a deixou triste, mas não havia nada que pudesse fazer. — Se vamos dar cabo disso, precisamos de um plano sensato — ela disse. — Correr por aí alarmado e cheio de raiva não vai adiantar nada. Temos que encontrar um caminho para dentro da masmorra, e que não tenha o Pináculo Branco inteiro bloqueando nossa saída.

— Eu sei de uma entrada — Cole disse. As duas mulheres o encararam.

— Há lugares antigos no Poço, — continuou ele — lugares que ninguém conhece. Algumas das paredes estão desmoronadas e pode-se acessar pelos esgotos. Foi assim que cheguei aqui.

Evangeline sorriu, seus pensamentos já correndo à frente. Ainda haveria a questão de lidar com quaisquer guardas que o Buscador-Mor tivesse colocado nas masmorras, sem mencionar as armadilhas mortais que as protegiam, mas se pudessem *entrar* sem atacar a entrada da frente...

— Eu sei o que vamos fazer — disse ela.

Rhys tossiu e seu corpo inteiro tremeu de agonia. Mais sangue gorgolejou em sua boca, o repugnante gosto ferroso fazendo-o engasgar-se. Ele cuspiu e o sangue pingou no chão de pedra da cela. Ele cuspiu de novo, o esforço fazendo seu estômago se apertar dolorosamente, então ele fechou os olhos e esperou que o espasmo passasse.

Alguém o havia esfaqueado. Disso ele se lembrava, um momento nebuloso pouco antes de finalmente sucumbir à inconsciência. Um dos templários pairou sobre ele, um sujeito com um nariz grande — o

mesmo que estava esperando em Diamantina. *"Agora vocês terão o que merecem, todos vocês"*, disse... e então esfaqueou Rhys. Ele ainda podia sentir a lâmina fria deslizando em seu estômago como se fosse ontem.

Realmente, foi uma coisa mesquinha de se fazer.

Por que não o mataram? Eles tinham todas as justificativas. Ele poderia facilmente ser rotulado de rebelde... Não era como se sua morte deixasse os magos *mais* furiosos. Depois daquela batalha campal no grande salão, o Pináculo Branco estaria em rebelião aberta ou em completo bloqueio. Ele só podia imaginar o que aconteceria quando os outros Círculos ouvissem a notícia. Os templários teriam as mãos ocupadas.

Um golpe no pescoço e tudo o que ele sabia sobre o trabalho de Pharamond desapareceria para sempre... a menos que fosse essa a questão. Talvez os templários quisessem informações que pensavam que só ele tinha? Se assim fosse, eles estavam fadados a se decepcionar. O elfo havia explicado suas teorias sobre como fazer a cura da Tranquilidade, mas quase nada além disso. Não houve tempo.

A lembrança de Pharamond o deixou triste. O elfo experimentou um breve momento de libertação da anulação terrível que era a Tranquilidade, apenas para ser assassinado em seus aposentos enquanto esperava que sua sentença fosse cumprida.

Não tinha como ter sido Cole. A adaga que o Buscador-Mor havia largado no chão não era de Cole; e por que ele usaria outra? Isso significava que os templários executaram Pharamond e propositalmente incriminaram Rhys por isso. Assim que viessem falar com ele, descobriria o porquê.

Cole... Algum tempo depois ele acordou na cela e viu Cole agachado sobre ele. Na época, ele pensou que era outro sonho febril, causado por seus ferimentos. Na verdade, ele tinha imaginado Evangeline ali e Wynne. Até Adrian. Um monte de pessoas desfilando por sua cela para ou ter pena dele ou acusá-lo. Dentre todos eles, porém, Cole parecia o mais plausível.

"Vou tirar você daqui, prometo."

Foi isso que Cole disse para ele? Não tinha como Rhys estar confiante. Ele queria que não fosse verdade. Não queria que Cole se arriscasse mais do que queria Wynne ou Evangeline fazendo o mesmo. Eles deveriam partir, ficar o mais longe possível de Val Royeaux antes que o que viesse a seguir os engolisse inteiros.

Porque algo *estava* por vir. A rebelião em Kirkwall não seria nada comparada a isso. Ele tinha visto vários primeiros encantadores mortos, e o resto...? Não importava agora, não é?

Houve um barulho na porta da cela. Uma chave girando na fechadura. Rhys tentou se levantar, e conseguiu fazê-lo apenas com uma pontada de agonia. Ele esperou na escuridão, olhando para onde a luz momentaneamente o cegaria.

Não se decepcionou. Com um grande estrondo, a porta de metal se abriu e uma grande inundação de luz encheu o quarto. Rhys fechou os olhos, esperando que o clarão deixasse de ser tão doloroso, e em vez disso escutou vários pares de botas pesadas pisarem.

Então era isso. Uma execução? Ou outra coisa?

— Deixe-nos — disse uma voz.

As botas saíram sem comentários, batendo a porta atrás de si. Rhys abriu os olhos novamente, piscando para afastar o redemoinho de pós-imagens e se concentrando na figura diante dele. Era um homem de armadura, segurando um lampião-incandescente... e sua luz azul suave revelou que era o Buscador-Mor.

O homem olhou para Rhys com desprezo.

— Está acordado. Ótimo. — O Buscador-Mor pendurou a lâmpada na parede e se sentou em uma cadeira trazida pra dentro, Rhys presumiu, pois não se lembrava de tê-la notado antes. É claro que, na escuridão total de sua cela, a cadeira poderia estar bem ao lado de sua cabeça e ele também não teria notado.

— Como assim? Sem biscoitos? Estou desapontado.

O Buscador-Mor o ignorou.

— Nós vamos conversar, você e eu. Parece que já passou da hora.

Rhys caiu na gargalhada, que foi interrompida por um ataque de tosse sangrenta.

— Conversa? — Ele finalmente disse. — Prefiro a execução. Seria menos doloroso e, francamente, por que eu deveria ser mais especial do que todos os outros?

O sorriso do Buscador-Mor foi paciente, mas não muito verdadeiro.

— Não houve execuções. Todos que não morreram no grande salão se juntaram a você na prisão... como muitos outros. Atrevo-me a dizer que as masmorras do Pináculo Branco não estiveram tão cheias em séculos.

— Você vai manter todos nós aqui?

Ele se recostou na cadeira, cruzando os braços e olhando severamente para Rhys.

— O que acontecerá com os outros depende inteiramente de você.

— O que você quer?

— Uma confissão.

— Muito bem. Confesso: sou um mago.

— Não seja idiota.

Rhys bufou rindo.

— Eu não matei Pharamond. Você sabe disso.

— Sei? — O Buscador-Mor ergueu uma sobrancelha em desaprovação. — Imagino que você vai me dizer que foi o "homem invisível", não? Cole, certo? Ele assassinou Pharamond como assassinou os outros magos? — Rhys sentiu um calafrio percorrer sua espinha. De alguma forma, ele esperava que os templários esquecessem de Cole, assim como todos os outros. Conhecê-lo através de Evangeline poderia significar que isso não aconteceria tão cedo.

— Cole não matou Pharamond — disse ele. — Pelo menos, não matou com aquela adaga.

— Tem certeza? — O Buscador-Mor se inclinou para perto, fazendo Rhys recuar. Aqueles olhos cinzentos pareciam perfurá-lo com sua intensidade, e aquilo era... preocupação? Havia preocupação neles também, mas se era por causa de Rhys ou outra coisa, realmente nem podia imaginar. A ideia de que este homem pudesse sentir simpatia por qualquer coisa era risível. — O que você acha que Cole é, exatamente?

— Um mago que foi trazido para a torre e depois perdido.

— Com habilidades nunca registradas antes, fora da magia do sangue?

— Ele não é um mago de sangue.

— Talvez não seja. Onde o viu pela primeira vez? — Quando Rhys não respondeu, o Buscador-Mor se levantou da cadeira. Andando ao redor da pequena cela, ele continuou. — Aqui na torre, imagino. Talvez vislumbres de um estranho que ninguém mais podia ver? No entanto, você teve que procurá-lo para poder conseguir falar com ele.

— Eu não sou o único que o viu. Evangeline, por exemplo.

— No entanto, ela o viu no Turvo primeiro.

— Sim, mas ele nos seguiu...

— Ele seguiu? Seguiu vocês através de metade do Império? Acompanhando vocês, de alguma forma, durante todo o caminho sem que você o visse? E deixe-me adivinhar: a primeira vez que de fato o viu, você o estava procurando. — Ele parou de andar, dando a Rhys um olhar incrédulo. — Qual é, Encantador. Você é um homem inteligente. Imaginei que tivesse um argumento melhor do que esse.

— Cole não é um demônio — Rhys objetou, mas, de repente, não tinha mais tanta certeza. Ele rejeitara essa noção muitas vezes. Quando ele falou com Cole, seu instinto disse que o jovem era real, uma alma perdida que precisava de ajuda. Tão humano quanto ele. Mas ainda restava uma dúvida...

Não! Ele está tentando enganar você! Esta foi apenas mais uma tentativa de convencê-lo à força. Ele só queria uma confissão, uma que fosse boa para ele.

— Permita-me refrescar sua memória. — O Buscador-Mor estendeu a mão atrás da cadeira e pegou um tomo do chão. Rhys reconheceu: um dos volumes que escrevera durante seus anos pesquisando espíritos, sem dúvida resgatado de algum canto dos arquivos onde se deteriorava. Rhys mal tinha pensado em sua pesquisa desde que a descontinuou um ano atrás e, portanto, era surpreendente vê-la agora... e mais surpreendente ainda que o Buscador-Mor se deu ao trabalho de desenterrá-la.

O homem foi até o lampião-incandescente e folheou várias páginas até encontrar a que queria. *"Os demônios muitas vezes ficam confusos quando passam pelo Véu,"* ele leu. *"Eles se encontram em um mundo sobre o qual não têm controle nem conexão. Eles buscam tais conexões, possuindo tudo o que podem ver e tocar, e procuram torná-lo conforme o mundo que deixaram para trás — um mundo incorporado por conceitos e emoções, em vez de realidade imutável. Eles se submetem ao mundo dos vivos, e é isso que os enlouquece."*

Ele fechou o livro e olhou inquisitivamente para Rhys, mas não disse nada. Rhys sentiu-se inquieto.

— Você está dizendo que Cole é um espírito confuso, mas isso não...

— Diga-me, — o Buscador-Mor interrompeu — quando os assassinatos começaram? Antes ou depois de você conhecer Cole?

Rhys hesitou.

— Depois.

— Por que não antes? Quanto tempo Cole afirmou ter vivido na torre?

— Não sei. Anos, eu acho.

— Então, ele viveu na torre, durante anos, longe da vista de todos e esquecido, e nunca sentiu a necessidade de matar ninguém até conhecer você. — O Buscador-Mor deu de ombros recolocando o livro atrás da cadeira. — Isso certamente é possível. Ele disse *por que* matou essas pessoas?

— Porque ele sentia como se estivesse desaparecendo, mas ...

— Desaparecendo. Como se ele não tivesse uma conexão com o nosso mundo, e os assassinatos de alguma forma o fortalecessem. — Ele esfregou o queixo pensativo e Rhys se sentiu ainda mais inquieto do que antes. Ele teria esperado ameaças, condenação... qualquer coisa menos isso. — A magia do sangue é a manipulação da energia vital, — continuou ele — a fonte mais forte de mana e a única proibida aos magos. Tal energia vital poderia fornecer a um espírito a conexão necessária, não importa quão temporariamente?

Rhys assentiu lentamente.

— Mas apenas um mago pode realizar magia de sangue. Então, ou esse Cole possuiu o corpo de alguma alma infeliz e é uma abominação, e, portanto, capaz de usar a magia desse corpo, ou ele é um espírito desencarnado tentando desesperadamente manter uma conexão com nosso mundo, seu único poder é a capacidade de influenciar o mundo. — O Buscador-Mor mostrou as mãos. — A questão é: com qual deles estamos lidando?

— E se ele não for nenhuma dessas coisas? — Perguntou Rhys. Ele se sentou novamente, estremecendo quando uma pontada de dor atravessou seu peito. — E mesmo se fosse, o que isso tem a ver com minha confissão? Se Cole é um espírito e você sabe disso, então por que me acusar de assassinato?

O Buscador-Mor assentiu, como se fosse uma excelente pergunta.

— Você é um homem compassivo, Encantador. Sempre disposto a ajudar quem precisa. Isso o tornou bastante popular. — Seus olhos se estreitaram quando olhou incisivamente para Rhys. — Deve ter sido muito angustiante encontrar um jovem tão desesperado e sozinho.

— Mas eu nunca...

— Só você poderia ajudá-lo. Você não podia contar a mais ninguém, por medo do que eles presumiriam, e ninguém mais podia ver o rapaz. Por que você poderia, vai saber? Coincidência, talvez. Algum aspecto de seus próprios talentos que você desconhecia.

Parecia estranhamente familiar. Rhys não disse nada.

— O que você faria para ajudar este pobre jovem, eu me pergunto? A magia do sangue poderia ajudá-lo, e só você pode fazer isso. Procure algum mago aprisionado, tão ansioso para morrer que você poderia até chamar isso de misericórdia, extraia a força vital deles...

— Mas eu não fiz isso! — Gritou Rhys.

O Buscador-Mor olhou para ele com conhecimento de causa.

— O espírito escolheu você. Você encontrou muitos durante sua pesquisa. Eles saberiam quem você é e poderiam segui-lo de volta à torre. É por isso que você o vê.

— Não!

— Eu pesquisei os registros de cima a baixo. Eles contêm os detalhes de todos os apóstatas encontrados, as ordens dadas para trazê-los ao Círculo, o testemunho dos templários enviados... Não há nada sobre um garoto chamado Cole, ou qualquer pessoa com esta descrição. Você pode optar por acreditar que as habilidades desse jovem se estendem a apagar registros, ou pode aceitar que Cole nunca existiu para começo de conversa.

Rhys se virou para desviar o olhar. Ele não aguentou. Seu coração batia forte, tudo o que ele queria fazer era gritar: *Não! Você está errado!* Mas agora Rhys estava cercado por dúvidas. Se Cole podia fazer as pessoas esquecrem-no, e se pudesse fazê-los esquecer de outras coisas? E se Rhys *tivesse* concordado em ajudar? E se ele tivesse deixado Cole entrar, aberto sua mente apenas o suficiente por uma única noite? E depois esquecido. Será?

O Buscador-Mor saltou para frente e agarrou Rhys pela garganta. As manoplas de aço pressionaram dolorosamente sua pele quando o sujeito forçou Rhys a olhar para ele. Aqueles olhos cinzas agora queimavam, sua paciência no fim.

— Confesse — ele exigiu. — Você dirá aos primeiros encantadores que esteve sob a influência de um demônio. Você matou o elfo, matou todos eles e, sem querer, deu poder a esse demônio para manipular os magos desta torre.

— E se eu não o fizer? — Rhys disse entre os dentes cerrados.

— Então você morrerá. — Ele soltou seu aperto, recuando mais uma vez. Rhys caiu no chão, tossindo e engasgando, a agonia em seu peito, quase insuportável. — Os Primeiros Encantadores serão executados, assim como a Encantadora Adrian e quaisquer outros magos que aprisionamos. Não podemos tolerar rebeliões, e eu encontrarei uma solução, ou lidarei com ela da maneira que for preciso.

Rhys gargalhou. Foi uma risada ofegante e fraca, acompanhada de suspiros dolorosos, mas ele não conseguiu se conter. Mais sangue encheu sua boca, que ele cuspiu, mas ainda não conseguia parar de rir. O Buscador-Mor olhou para ele incrédulo, sua expressão lentamente mudando para fúria.

— Algo o diverte? — Ele inquiriu.

— Você quase me convenceu — Rhys gargalhou. Ele virou-se, suando profusamente com o esforço, e se ergueu trêmulo. O Buscador-Mor não parecia impressionado com seus esforços.

Lentamente, a alegria de Rhys diminuiu. Ele limpou a boca e olhou sério para o Buscador-Mor.

— Mesmo que Cole seja o que você acredita, — ele disse — duvido que ele saiba disso. Ele certamente não está manipulando a torre inteira. Se você está procurando alguém para assumir a culpa, procure em outro lugar.

— Mas você matou aquelas pessoas.

— Ou você me incriminou, precisamente para que pudéssemos ter essa conversa. — Rhys sorriu docemente. — Creio que nunca saberemos.

O Buscador-Mor fez uma pausa. Olhando para Rhys especulativamente, o mago se perguntou se não deveria voltar atrás. E se ele fosse um assassino e Cole, um demônio? Ele estava morto de qualquer maneira; pelo menos confessar pouparia a vida de todos os outros.

Mas poupá-los para quê? A Tranquilidade? Alimentá-los com uma mentira, para que pudessem continuar engolindo tudo o mais que os templários escolhessem para jogar sobre eles? No fundo, Rhys não acreditava. Ele não podia. Cole era o que parecia ser, assim como o Buscador-Mor: um homem agarrando-se a factoides para evitar que o Círculo dos Magos desmoronasse ao redor de suas orelhas.

— Como quiser — disse o Buscador-Mor. Ele se virou e saiu, levando o lampião-incandescente consigo. No momento em que a porta da cela se fechou, Rhys ficou mais uma vez na escuridão.

Criador, me ajude, ele orou. *Não deixe que tentem me salvar. Diga-lhes para correr e se salvar.* E então ele fechou os olhos, de repente tremendo de pura exaustão. *E ajude Cole. Onde quer que esteja, o que quer que seja, acredito que ele tenha boas intenções.*

Eu acredito.

20

— EU PREFERIA A TORRE em Ferelden — Shale murmurou.

Wynne bufou rindo.

— Como pode dizer isso? — Ela sussurrou. — A única vez que você esteve na torre de Ferelden, estava cheia de abominações e corrupção de todo tipo.

— Estava melhor assim.

— Silêncio, vocês duas! — Evangeline sibilou.

Tentar ficar em silêncio com a golem que os acompanhava já era bastante desafiador sem que as duas ficassem conversando. Como Wynne conseguiu encontrar Shale, Evangeline não conseguia nem imaginar. Depois de chegar à Montsimmard, a golem seguiu até a capital — onde, obviamente, passara o tempo aterrorizando os pombos locais. Furtiva ou não, imaginou que ela seria bastante útil com o que estava por vir.

As coisas tinham corrido bem até agora. Eles entraram na torre através de uma seção antiga do sistema de esgoto, os túneis um dia já se conectaram ao Pináculo Branco e claramente foram esquecidos há muito tempo. Evangeline certamente nunca soubera disso, e as ruínas decrépitas na parte mais profunda do Poço não viam humanos há séculos. Também não era uma maneira fácil de entrar, exigindo quase submersão em águas repugnantes e escalando meia parede de argamassa, que ela tinha certeza de que desmoronaria.

Mas não foi o caso. Ela ainda aguentou o peso da golem e em pouco tempo eles estavam dentro. Colé conhecia o Poço como a palma de sua mão, e os conduziu infalivelmente pela escuridão. Havia tantas voltas e reviravoltas, tantas passagens desmoronadas e restos de fortificações bloqueando o caminho, que elas nunca teriam encontrado o caminho sem ele.

Quando finalmente chegaram à área perto das masmorras, a viram exatamente como fora relatado: repleta de templários. Pelo menos vinte estavam no posto de guarda, com mais do lado de fora. Metade dos magos devem estar presos, se não todos — o Buscador-Mor precisaria reabrir as celas nos níveis mais baixos, que poderiam facilmente conter o dobro da população da torre, caso necessário.

Eles poderiam ter invadido as masmorras naquele momento. Evangeline não gostou da ideia de lutar contra seus ex-companheiros novamente, mas ela seria tola em acreditar que agora seus atos não terminariam em sangue derramado. Independente disso, não eram os templários que os preocupavam. Bastaria um daqueles templários puxar a alavanca errada e as defesas na entrada da masmorra seriam ativadas. Ninguém entraria ou sairia.

Aquilo era um problema.

— Só estou preocupada com Rhys — Wynne sussurrou, mordendo o lábio nervosamente. — Gostaria que tivéssemos ficado com Cole e Leliana. Rhys está ferido. Quem vai curá-lo?

— Ele vai ficar bem — Evangeline assegurou a ela. — Estamos fazendo a nossa parte.

Elas subiram o longo lance de escadas em direção ao andar principal da torre. Wynne manteve seu cajado apagado, precisavam se mover com cuidado. Mesmo àquela hora da noite, ainda era possível um templário ir ou vir. Bastaria um e todos seus esforços seriam em vão.

Elas tiveram sorte. Ninguém apareceu, quando entraram na torre havia um silêncio mortal. Quaisquer guardas que estivessem acordados estariam posicionados na entrada do grande salão ou na área comum dos magos — esse seria o procedimento padrão, embora esta noite esperasse um acampamento armado, com guardas em cada porta e escada. Ela ficou feliz em ver que estava errada.

— Segurança de má qualidade — a golem fungou.

— Eles não estão tão preocupados com ataques vindos de dentro, ao que parece.

— Por que não? É exatamente com isso que eles devem se preocupar.

— Os magos são mantidos confinados. A torre é muito grande para os templários estarem em todos os lugares ao mesmo tempo. Mas se esperarmos o suficiente vamos dar de cara com uma patrulha. — Ela acenou para que avançassem, e lentamente elas subiram a escadaria central.

Elas passaram por vários níveis sem incidentes. Então, ao se aproximarem daqueles ocupados pelos magos, começaram a ouvir vozes abafadas. Evangeline espiou por cima do corrimão e viu suas suspeitas confirmadas: um grupo inteiro de templários ocupando a área comum. Eles não estavam em alerta — vários deles estavam sentados, jogando cartas à luz de um único lampião-incandescente. Os outros conversavam sussurrando ou cochilavam em um canto. Nem um único mago estava à vista.

O Buscador-Mor arrancaria suas cabeças se os visse tão relaxados, mas não era isso que importava. Elas não seriam capazes de subir as escadas sem o risco de serem vistos.

— Wynne, você poderia...?

— Sim.

A velha estendeu a mão e se concentrou. Um brilho fraco coalesceu sobre ela, ficando mais forte e mais brilhante até que Evangeline ficou alarmada. Então Wynne abriu os olhos.

— Silêncio — ela disse ao orbe cintilante flutuando diante dela... e escureceu em resposta. — Você entende o que estou pedindo?

O orbe saltou de uma forma que poderia ser um sim e voou pelo ar. Lá se dividiu em uma dúzia de orbes menores, que eram tão fracos que mal podiam ser vistos na escuridão. De repente, eles se espalharam, flutuando em direção aos templários.

— O que eles vão fazer? — Evangeline sussurrou nervosamente.

— Apenas observe.

Os orbes voaram sobre as cabeças dos templários, sem que nenhum deles se preocupasse em olhar para cima. Sorte, para dizer o mínimo, mas por que eles fariam isso? Então os orbes se dividiram, cada um indo em direção a uma porta diferente... e passaram pela fresta inferior.

Elas esperaram ansiosos na escada, cada segundo tornando mais provável que alguém aparecesse e complicasse imensamente as coisas. Não queriam entrar numa batalha campal. Não aqui e não agora.

Então, assim que um dos homens jogou suas cartas no chão com um grito triunfante, barulhos altos começaram a soar atrás das portas. Pareciam pequenas explosões. A reação dos templários foi imediata. Eles se levantaram de um salto, tropeçando em choque enquanto desembainhavam suas espadas. Vários deles correram para as portas, abrindo-as mesmo com o soar dos gritos de medo dos magos lá dentro.

Foi o suficiente. A cacofonia de barulho e confusão forneceu a cobertura de que precisavam para passar. Agora tudo o que tinham a fazer era torcer que a comoção atraísse outros apenas de baixo, e não de cima.

— Espero que isso não acabe com ninguém sendo prejudicado — Evangeline sussurrou enquanto se afastavam o suficiente da área comum. — Há principalmente aprendizes nesses dormitórios, e com a tensão alta do jeito que está...

— Eu também espero — disse Wynne.

Não havia mais nada a discutir. Elas entraram nos níveis superiores da torre, normalmente reservados aos oficiais. Os aposentos de Evangeline ficavam aqui — ou ficariam, se o Buscador-Mor não os tivesse transferido. Talvez Arnaud tivesse se mudado para lá em triunfo? Parte dela queria verificar. Só havia uma coisa que ela queria: o livro de seu pai. Mas desistiu, era muito arriscado. Uma lembrança de uma vida que agora ficara para trás.

Estava quieto como um cemitério, com apenas um único lampião-incandescente para iluminar o caminho. Cada passo parecia ter o barulho de trovão. Ela tinha certeza de que alguém iria ouvi-los.

E então viraram uma esquina na escada... e alguém bloqueou o caminho.

Wynne suspirou de surpresa e a golem avançou com os punhos de pedra erguidos para atacar, apenas para ser detida por Evangeline. A pessoa diante deles era uma elfa, suas vestes cinzas e a marca do sol na testa marcando-a como uma Tranquila. Ela ficou no patamar escuro, paralisada... Mas não de medo. Apenas a curiosidade complacente de quem havia encontrado algo inesperado.

Um momento se passou em confronto silencioso, sem que ninguém se movesse.

— Você sabe quem eu sou? — Perguntou Evangeline.

— Sim, Oficial — a Tranquila respondeu. — Você foi declarada inimiga do Círculo pelo Buscador-Mor Lambert.

— Você vai avisar a torre que estamos aqui?

Ela hesitou.

— Você pretende machucar alguém?

— Só se nos machucarem primeiro.

A elfa assentiu lentamente, como se essa resposta fosse aceitável.

— O Buscador-Mor recebeu uma convocação urgente para a Grande Catedral e saiu com muitos templários. Ele declarou que não demoraria muito. Qualquer que seja o seu plano, sugiro que o execute rápido.

Evangeline trocou olhares com Wynne. Parecia que Leliana tinha sido bem-sucedida em convencer a Divina em ajudá-los, afinal. Isso explicava o vazio na torre.

— Por que está nos contando isso? — Ela perguntou. — Eu nunca vi os Tranquilos fazendo nada além do que são ordenados.

A mulher inclinou a cabeça curiosamente, como se a resposta fosse óbvia.

— Obediência é prudência. Interpretá-la como falta de livre-arbítrio seria um erro. — Ela se virou para sair, e então parou. — Boa sorte, Oficial. — E com isso ela se afastou, desaparecendo nas sombras.

— É assim? — Shale perguntou incrédula. — Vamos deixá-la ir?

Wynne assentiu, sua expressão quase triste.

— Sim — disse ela.

Evangeline teve que concordar. Afinal, não havia motivo para machucar a mulher. Ainda assim, o encontro a fez pensar. Seria isso o equivalente a uma aprovação tácita, um sinal de que até mesmo os Tranquilos achavam as ações da ordem censuráveis? Ela sempre se perguntou o que os Tranquilos fariam se encontrassem uma razão, em algum lugar naquelas mentes lógicas deles, para se rebelar. Como se daria?

Seja qual for o caso, eles não tinham tempo a perder. Evangeline conduziu Wynne e Shale, agora com mais urgência, pelo último lance de escadas. Esta era uma caminhada da qual se lembrava bem — não

fazia muito tempo que havia subido esses degraus com o Primeiro Encantador Edmonde ao seu lado, buscando exatamente a mesma coisa.

Elas alcançaram o topo da torre... a sala de estar contendo a enorme porta do cofre que levava à câmara dos filactérios. Era como se lembrava e, ao lado do cofre, havia um único templário como antes. Desta vez, porém, o homem estava com a espada desembainhada. Ele a segurava nervosamente, suor escorrendo pela testa quando se viu confrontando não apenas outra templária, mas uma arquimaga, seu cajado em chamas de poder e uma golem de pedra e cristal.

— Pare! Quem vem lá? — Ele gritou, sua voz trêmula. Evangeline o reconheceu. O nome lhe fugiu da memória, mas era um homem jovem, apenas recrutado há um ano e ainda cheio de sonhos e ideais. Aterrorizado como estava, ele ainda se manteve firme e estava preparado para defender seu posto.

— Você sabe quem sou — disse Evangeline, puxando sua própria espada.

Ele se mexeu inquieto quando ela entrou no vestíbulo, seus olhos oscilando entre Shale e Wynne atrás dela. Ele não abaixou sua lâmina um centímetro, embora sua tremedeira provasse que não era um espadachim. Ela poderia facilmente desarmá-lo. Na verdade, poderia facilmente apunhalá-lo, se quisesse.

— Você não deveria estar aqui, Oficial.

— No entanto, aqui estou eu.

Essa resposta não o agradou. O jovem templário recuou ainda mais, até esbarrar no cofre. Isso o fez pular e, por um momento, Evangeline pensou que isso poderia impulsioná-lo a atacar, mas ele se controlou o suficiente.

— Ouça-me com atenção — disse ela. Sua lâmina permaneceu firme e o seguia para onde quer que se movesse. — Você não vai morrer aqui. Você vai abandonar seu posto, descer correndo as escadas e dizer aos templários onde estamos. Faça isso o mais rápido e alto que puder.

Ele lambeu os lábios nervosamente.

— Mas...

— É seu dever soar o alarme. Não lutar contra o impossível.

Ele tentou um passo em direção a ela, a espada tremendo ainda mais do que antes. Evangeline recuou, para permitir que passasse.

Aquilo aparentemente o encorajou e ele deu mais dois passos na direção de Wynne e Shale. Ele girou sua espada para apontá-la para elas, beirando o pânico.

Wynne olhou para ele calmamente. A magia girando em torno de seu cajado branco diminuiu, e ela também ficou de lado. A golem parecia muito mais relutante. Encarou o jovem templário antes de abrir caminho a contragosto. O caminho para as escadas agora estava livre.

Ele se movia devagar, aos trancos e barrancos, e claramente foi ficando mais certo de que tudo aquilo era um tipo de truque. Nada aconteceu. Quando chegou à porta, de repente disparou, desceu correndo as escadas gritando tão alto que seus gritos ecoaram. Evangeline ouviu e suspirou.

Era isso, então. Logo começaria.

— Vamos acabar com isso — disse Wynne.

Ela caminhou rapidamente até a placa do outro lado do cofre, colocando a mão sobre ela. Evangeline fez o mesmo do outro lado. A chave para entrar na câmara dos filactérios: um templário e um mago, trabalhando em conjunto. Evangeline só esperava que o Buscador-Mor não tivesse conseguido mudar isso de alguma forma.

Ele não mudou. Ambas canalizaram energia em suas placas, o brilho avermelhado mudando para azul... e então o cofre começou a tremer. Seus mecanismos giraram ruidosamente, cada camada de metal da porta se movendo até se alinhar. Lá embaixo, descendo as escadas, gritos podiam ser ouvidos.

— Deveria tê-lo matado — Shale murmurou.

Evangeline não respondeu. Quando a maçaneta do cofre se revelou, ela correu e a puxou. A porta maciça se abriu com um gemido estremecedor. Além dela ficava a câmara dos filactérios, exatamente como a viu da última vez: grandes pilares reluzentes chegando até o teto da torre, cada um contendo centenas de frascos vermelhos — o sangue de todos os magos do Pináculo Branco e muitos outros. A câmara pulsava com sua energia escura, enviando um arrepio de pavor pela espinha de Evangeline.

As três entraram, esquecendo por um momento a comoção crescente escada abaixo. Wynne olhou para os pilares, os olhos arregalados. Talvez ela nunca tivesse visto uma câmara de filactérios antes? Ou ela estava surpresa ou enojada, difícil dizer.

Evangeline se aproximou do grande pilar central.

— Acho que me lembro onde o frasco de Rhys está localizado. Espero que o Tranquilo o tenha colocado de volta onde...

— Espere. — Wynne estudou o pilar mais próximo. Ela estendeu a mão, passando os dedos pelos frascos de vidro... e lentamente sua expressão endureceu. Havia raiva ali, uma raiva imensa que ficava mais forte a cada minuto.

— Mal podemos esperar, Wynne.

— Mesmo que encontremos o filactério de Rhys, os Primeiros Encantadores também têm o deles aqui. Libertá-los não adiantará nada se puderem ser rastreados novamente.

Evangeline sentiu-se desconfortável.

— O que propõe?

Wynne olhou para Shale.

— Destrua — disse ela. — Destrua tudo.

Talvez a golem tenha sorrido. Ansiosa, aproximou-se do pilar central. Por um momento, Evangeline se perguntou se deveria tentar impedir. Destruir os filactérios? Era... impensável. Ou será que não? Ela sempre desconfiava dos templários usando magia de sangue simplesmente porque era conveniente. E qual seria o propósito de recuar agora?

Ela tinha feito sua escolha. Todos tinham.

Evangeline observou conforme Shale alcançava o pilar. Ela olhou para cima brevemente, então apertou as mãos... como um grande martelo, e atingiu o pilar com uma força tremenda. O som de vidro se quebrando era ensurdecedor. A coluna inteira tremeu, prateleiras inteiras de frascos esvaziando seu conteúdo e chovendo no chão.

Shale atacou novamente e desta vez o pilar se moveu. Evangeline podia sentir a força do golpe em seus ossos. A escada de metal em espiral que circundava o pilar de repente se desprendeu, dobrando-se quase ao meio antes de finalmente desabar. Quase acertou a golem, lançando uma nuvem de detritos. Os outros pilares agora também começavam a tremer, cada um deles derramando frascos às dúzias. Com um grande grito, a golem esmagou o pilar mais uma vez. Desta vez ele cedeu. Oscilou lentamente, os últimos de seus filactérios cobrindo a golem com vidros vermelhos e, então, ele tombou. Com um gemido estrondoso, ele atingiu um dos pilares ao redor, e aquele também desabou. Que caiu

contra o próximo, e aquele caiu contra o outro... uma reação em cadeia começou, fazendo toda a câmara desmoronar. Até partes do telhado estavam caindo.

Tanto Wynne quanto Evangeline recuaram para o vestíbulo, cobrindo os rostos enquanto uma nuvem de poeira subia da câmara. Até parecia que a torre inteira ia cair em torno delas. Evangeline ficou estupefata; a magnitude da destruição foi avassaladora.

Quando o clamor começou a diminuir, elas olharam para o que restava além da porta do cofre. Muito pouco podia ser visto, exceto escuridão e poeira. Parecia impossível que algo permanecesse intacto ali, ou que a golem pudesse ter sobrevivido. No entanto, conforme observavam, uma silhueta enorme se aproximou, cada passo esmagando vidro estilhaçado.

Shale apareceu, uma monstruosidade de pedra completamente coberta de partículas de vidro cintilante... e sorrindo amplamente.

— Isso foi estranhamente satisfatório — disse.

Agora os sons de botas podiam ser ouvidos, subindo correndo as escadas e acompanhados pelos gritos dos homens. Muitos homens.

Evangeline se preparou. Agora haveria sangue.

As pernas de Cole estavam ficando tensas. Ele esperou nas sombras, não muito longe da entrada das masmorras, e observou.

Ele não precisaria ficar escondido se não fosse pelo fato de estar com uma estranha: uma mulher de cabelo curto e ruivo que a Velha chamava de Irmã Leliana. Ele supôs que isso significava que ela era uma sacerdotiza? Caso fosse, não se parecia com uma. Ela estava vestida com cota de malha acobreada, com botas de couro preto que chegavam quase até as coxas e um arco longo mais ornamentado do que qualquer coisa que já tinha visto em volta dos ombros. Ela parecia alguém que lutava tão facilmente quanto respirava. Havia padres assim? Ele não fazia ideia.

Desde que Evangeline e as outras foram embora, a Irmã e Cole não falaram uma palavra. Ela se agachou ao lado dele, seu olhar fixo nos templários. Ele queria fazer perguntas a ela. Como ela conheceu a Velha? Ela conhecia Rhys? Ele se lembrava vagamente dela parada ao lado da

mulher de chapéu alto, no lugar sagrado que fedia a perfume, mas ela parecia diferente naquela época.

Mas isso não importava muito, né? Ele não estava lá para fazer perguntas, estava lá para salvar Rhys. Quando Cole o viu em sua cela, ele estava pálido e pouco coerente. A ferida em seu estômago parecia bem feia. Cole não sabia nada sobre medicina ou feitiços de cura, ou teria tentado ajudá-lo. Se Rhys tivesse morrido enquanto estava fora...

Finalmente, depois do que pareceram horas, começou.

Primeiro, houve um som como um trovão, bem alto e tão distante que Cole não tinha certeza se tinha ouvido. Então ficou mais alto e um tremor sacudiu o teto — apenas o suficiente para desalojar torrões de poeira e alarmar os templários. Eles pularam todos de uma vez, desembainhando suas espadas e gritando um com o outro. Antes que pudessem fazer qualquer coisa, outro templário desceu correndo as escadas, tão rápido que quase tropeçou.

— Estamos sendo atacados! — Ele gritou.

— Como assim? Por quem? — Disse o outro.

— Onde está o Buscador-Mor?

— Sei lá!

Houve um momento de confusão, seguido por outro som vindo de cima: uma explosão desta vez. Isso os pôs em ação. Um dos templários assumiu o comando, ordenando que três homens ficassem para trás enquanto ele reunia os outros e partia. O som de suas botas nas escadas estava ficando fraco quando a Irmã finalmente se mexeu.

Ela soltou o arco e encaixou uma flecha, mas não a puxou. Parecia descontente.

— Isso não é bom — ela sussurrou. — Eles deixaram três. Eu esperava menos.

— Três é muito?

— Não é isso. É preciso apenas um para ativar as defesas, e matar todos os três com rapidez suficiente pode ser... complicado. — Ela deu um leve sorriso enquanto levantava o arco, mirando com cuidado enquanto puxava a flecha.

Cole pôs a mão em seu ombro.

— Eu consigo — disse ele.

A Irmã olhou para ele curiosa, mas não se opôs. Então, ele se levantou. Nunca havia ferido um templário antes. No entanto, ele não ia deixar que o impedissem de salvar Rhys, e Evangeline disse que eles não teriam muito tempo.

Agarrando sua adaga com força, Cole rastejou pelo corredor em direção ao posto de guarda. Ele alcançou o primeiro templário, um homem mais velho que estava perto da entrada. Ele tinha a pele bronzeada, curtida e um bigode preto espesso salpicado de grisalho. O homem olhou através de Cole, olhando nervosamente na direção das escadas. A cada som fraco de batalha, ele se contorcia.

— Outra rebelião — ele rosnou.

Uma das outras duas, uma mulher de queixo quadrado que usava um capacete que cobria a maior parte do rosto, balançou a cabeça em desgosto.

— Que tolice — ela suspirou. — O Buscador-Mor vai arrancar a cabeça deles dessa vez. Eles não aprendem.

O velho templário apenas grunhiu. Cole olhou em seus olhos, tão perto que podia sentir o hálito azedo do homem. Concentrando-se, Cole contatou o poço de escuridão dentro dele. Ele se fortaleceu contra o medo que veio junto.

Não vou permitir que me leve, pensou. *Rhys é o único amigo que tenho no mundo inteiro e eu faria qualquer coisa para ajudá-lo. Qualquer coisa.*

Cole ergueu a adaga. Delicadamente, ele colocou a borda serrilhada contra o pescoço do templário. Ele pressionou contra sua pele, tirando um pouco de sangue... mas o homem não reagiu. Ele continuou a olhar, como se nada estivesse acontecendo.

Você não vai me ver. Cole fez um corte profundo, o pescoço do homem jorrando sangue brilhante pelo peitoral de sua armadura. Seus olhos se arregalaram e ele engasgou, segurando sua garganta em pânico. O sangue escorria mais rápido agora, manchando sua túnica e pingando no chão. Ele ergueu sua manopla para olhar, confuso. Então soltou um único gorgolejo e caiu sobre um joelho.

Você não pode ver o que eu faço. Cole deixou o velho templário de lado e foi até a mulher. Ele podia sentir a mortalha que deitou sobre os olhos dela. Ela lutou contra aquilo sem estar ciente do que estava fazendo. Suas têmporas latejavam dolorosamente.

Você não pode me parar. Ele colocou a ponta da adaga contra a base de sua garganta e empurrou, pressionando seu peso contra ela. A lâmina enterrou-se fundo. A mulher grunhiu, um pouco de sangue jorrando de sua boca. Ainda assim, ela parecia paralisada, incapaz de emergir do mar de oblívio onde nadava.

Nenhum de vocês pode me parar. Ele puxou a lâmina para fora, observando enquanto ela cambaleava para trás e caía contra a parede. Sua espada caiu no chão fazendo barulho. Ela tentou em vão estancar o fluxo de sangue com as mãos. A mulher se virou para o último templário, estendendo a mão trêmula para tentar avisá-lo, mas tudo o que saiu foi um grito abafado.

Se ele estiver morto, vou caçar todos vocês. Um por um, eu juro. O último templário era um homem mais jovem. Seu cabelo loiro era longo e bagunçado, de certa forma ele lembrava a Cole de si mesmo. A testa do jovem franziu, como se detectasse algo errado, mas não conseguisse identificar o quê. Cole lutou para manter a concentração, mas a sentiu escorregar por entre os dedos. Seu coração batia tão alto em seus ouvidos que era tudo que podia ouvir.

A mulher finalmente caiu no chão, o som que ela fez de repente alertou o jovem templário. Ele se virou, gritando de surpresa, e viu Cole na hora.

— Não! — Ele gritou, levantando sua espada para atacar.

Era tarde demais. Cole saltou, cortando seu pescoço com o punhal. O templário cambaleou para trás, seu desajeitado golpe, fácil para Cole evitar. Tentou levantar sua lâmina novamente, mas o sangue estava jorrando livremente agora. Ele estava muito fraco. A espada oscilou e depois caiu. Ele caiu de joelhos, olhando para Cole com espanto absoluto. Então, muito lentamente, desmoronou.

Cole soltou um suspiro explosivo. Ele cambaleou para longe do corpo, encostando na parede e lutando contra a vontade de vomitar. Esse poder sombrio estava em cada centímetro dele agora, como um óleo nocivo que enchia cada fibra de seu ser. Ele tremeu, suor escorrendo pela testa, e fechou os olhos. *Empurre para baixo, de volta...* foi preciso cada grama de força de vontade que possuía para recuperar o controle.

Quando se levantou trêmulo, a Irmã já estava entrando no posto de guarda, com o arco ainda na mão. Ela notou os templários caídos, mas

sua atenção permaneceu fixa em Cole. Havia cautela em seus olhos. Medo, até. Medo dele.

— Isso... o que você faz é uma coisa interessante — ela disse cuidadosamente.

— Tudo bem. Você não vai se lembrar disso.

Ela não pareceu acreditar nele. Ele não se importou. Limpou a adaga no manto de um dos templários. Os sons de gritos escada acima estavam mais altos agora. Mais perto.

A Irmã pegou o lampião-incandescente da parede, assim como o chaveiro do cinto do templário mais velho, e juntos correram para o corredor com todas as celas. Cole podia ouvir gritos abafados atrás de algumas portas — muitos, na verdade. Havia mais pessoas aqui do que ele já tinha visto antes, incluindo alguns nos níveis mais baixos, e todos pareciam estar pedindo ajuda.

— Eu preciso encontrar Rhys — disse ele nervosamente.

— E vamos!

A Irmã correu para a cela mais próxima e a destrancou. Quando a porta se abriu, uma mulher baixa com um hematoma feio cobrindo uma de suas bochechas surgiu. Ela olhou para eles com raiva, agachada no canto como um gato encurralado pronto para dar o bote. Cole lembrou-se que a conhecia: era a Ruiva. Adrian. A que discutia o tempo todo.

— O que você quer comigo? — Ela inquiriu.

A Irmã riu.

— Esse é um bom jeito de cumprimentar seus salvadores.

Os olhos da Ruiva se estreitaram, desconfiados.

— Salvadores?

— A menos que prefira ficar.

Levou apenas um instante para Ruiva perceber a verdade. Ela se levantou, estendendo as mãos algemadas.

— Tire de mim isso, então — ela falou. — Temos que encontrar a Grande Encantadora. Se alguém tem que escapar, precisa ser ela.

A Irmã assentiu e se virou para Cole. Ela arrancou uma das chaves do chaveiro e passou para ele.

— Liberte os outros. Rápido.

— Eu preciso encontrar o Rhys — Ele repetiu.

— Precisamos libertar *todos.* — Ela imediatamente correu até Adrian e destrancou as algemas.

Cole correu corredor adentro. Os ruídos agora eram mais altos. Os gritos dos que estavam nas celas eram uma onda crescente de medo, e ele deixou que ela o invadisse.

Cole fechou os olhos, ficando a sós com seus pensamentos. Rhys estava vivo. Ele podia senti-lo perto, fraco e definhando, mas ainda resistindo. Cole não estava muito atrasado. A Irmã poderia ajudar os outros — ele não estava aqui por eles.

Não morra, ele gritou. *Eu vim por você, assim como disse que faria. Não vou deixar você morrer.*

21

RHYS SENTIU SER rudemente arrancado da névoa de dor em que se encontrava. Alguém o sacudia pelos ombros. Ele queria gritar, ordenar que parassem. *Pelo amor do Criador, você está me machucando!* Tudo o que ele podia fazer, no entanto, era gemer fracamente.

— Rhys! Você tem que se levantar!

A voz era do Cole. Parecia tão distante... como se estivesse olhando para si mesmo deitado na escuridão, mas nada daquilo tinha relação com *ele.* Não era real. Apenas um sonho do qual ele não conseguia acordar.

— Rhys!

Ele relutantemente abriu os olhos. A realidade que o recebeu foi afiada e implacável, um nó de agonia que queimava em seu estômago e espalhava seus tentáculos pelo resto de seu corpo. Ele queria recuar, voltar para a escuridão, mas o tremor insistente não o deixava.

— Cole, — ele murmurou — pare, estou acordado...

Cole parecia aliviado. Ele começou a destravar as algemas de Rhys e quando ele lentamente voltou a si, percebeu que algo estava errado. Houve gritos do lado de fora de sua cela. Portas batendo e pessoas correndo. Vozes cheias de urgência. Ao longe, uma explosão ressoou.

Aquilo o fez se sentar. A torre estava sob ataque?

— Espere, o que está acontecendo? — Ele perguntou. — O que você fez? Tomara que não...

As algemas caíram de seus pulsos para o chão com um baque surdo. Rhys não tinha percebido o quão pesadas elas eram, mas agora que estava sem, foi uma benção.

— Viemos resgatá-lo — disse Cole, como se fosse a coisa mais simples do mundo. Ele olhou Rhys diretamente nos olhos. — Você consegue se levantar? Eu carrego você, se não puder.

Rhys duvidava que Cole fosse forte o suficiente, mas não duvidava que o jovem tentaria. Ainda assim, não foi aquilo que o fez hesitar. Ele observava Cole agora, a maneira como ele se movia, a preocupação em sua expressão, e se perguntou se havia algo lá que não tinha visto antes. As palavras do Buscador-Mor voltaram na hora.

E se fosse verdade? E se *tudo* fosse verdade?

— Cole, eu... preciso dizer uma coisa para você. — Ele falou as palavras antes que tivesse tempo de pensar nelas.

Cole não o questionou ou sugeriu que agora não era o melhor momento. Ele apenas assentiu e recostou-se, esperando que Rhys continuasse.

O que poderia dizer? Ele não tinha mais provas do que o Buscador-Mor, um homem que tinha todos os motivos para manipular a verdade a seu favor. O Buscador-Mor nunca conheceu Cole, nunca o olhou nos olhos. Ele não esteve no Turvo e testemunhou o tipo de dor que fez do jovem o que ele é hoje. Cole era real. Rhys sabia disso em seu âmago.

Por que, então, ele se sentia tão culpado? Lentamente, ele baixou os olhos.

— Deixa para lá.

Cole o ajudou a ficar de pé e saíram juntos para o corredor. Não foi fácil; cada passo era uma agonia, um solavanco que fazia suas entranhas parecer que iam cair. Ele tentou segurar seu estômago com força, mas não adiantou. O suor escorria pela sua testa e ele tremia incontrolavelmente.

— Eu... não posso — ele resmungou.

— É aqui perto — Cole o incentivou.

Rhys tentou invocar mana para se curar. Ele fechou os olhos e se concentrou, mas a dor era simplesmente grande demais. Era uma chama branca que ele simplesmente não conseguia superar, e tentar só piorava. Ele se dobrou, a tontura ameaçando fazê-lo desmaiar.

Outra pessoa correu até eles, carregando um lampião-incandescente. Era Adrian. Rhys nunca esteve tão feliz em ver alguém em sua vida. Ele

tinha certeza de que ela tinha sido morta no grande salão — se alguém era do tipo que cairia lutando, afinal, era ela. Pelo hematoma em seu rosto, parecia que não foi por falta de tentativa.

Adrian derrapou até parar.

— Qual o problema com ele? — Ela perguntou a Cole. — Por que ele não se cura?

— Ele está muito machucado.

Adrian fechou a cara.

— Mil poções nesta torre, e ninguém pensou em trazer uma? — Ela levantou o queixo dele e estudou seu rosto. Ele cerrou os dentes, sentindo que iria queimar e congelar ao mesmo tempo. — Sinto muito, Rhys — disse ela, sua irritação se dissolvendo em uma óbvia preocupação. Ele parecia pior do que se sentia. — Você sabe que não conheço feitiços de cura e não posso perder tempo para encontrar alguém que saiba.

— *Você* está bem? — Ele perguntou a ela debilmente.

A pergunta a pegou de surpresa. Ela parecia desconcertada, quase desconfiada. Era estranho, embora não conseguisse descobrir por quê. Ele conhecia Adrian há tanto tempo, mas agora se lembrou da última vez que conversaram em seus aposentos. Talvez a amiga que ele conheceu um dia tivesse partido para sempre. Aquilo o deixou triste.

— Estou bem — disse ela. — Tente sair em segurança, Rhys.

E com isso ela fugiu. Rhys a observou partir, então assentiu agradecido conforme Cole o ajudava a avançar. Aquilo exigiu esforço, seus passos eram trôpegos e incertos, mas ele conseguia andar. Por muito pouco.

Havia pessoas passando por eles correndo. Rhys reconheceu um casal: eram Primeiros Encantadores do grande salão. Outros eram magos que ele conhecia da torre. Todos eles estavam apavorados e sem vontade de desacelerar. Havia uma mulher ruiva com um lampião-incandescente à frente na entrada do salão, acenando para todos. Ela parecia vagamente familiar, mas Rhys não conseguia identificá-la. Ele tinha outras coisas com que se preocupar.

Como caminhar. Rhys deu o seu melhor para manter o ritmo, Cole e ele entrando em um ritmo estranho: anda-arrasta-salta, anda-arrasta-salta... era agonizantemente lento, mas Rhys cerrou os dentes e continuou. Ele se sentia tão inútil que era enlouquecedor, mas Cole não parecia se importar. Ele pacientemente apoiava Rhys.

Em pouco tempo ficaram para trás. A ruiva gritava para que todos a acompanhassem. Ele viu a Grande Encantadora do lado dela, assim como Adrian. E então elas se foram. Rhys e Cole estavam sozinhos na escuridão, com apenas os sons da batalha distante e os gritos dos magos à frente para lhes dar um senso de direção. Não que Cole precisasse. Ele conhecia bem essas passagens.

Anda-arrasta-salta, anda-arrasta-salta.

O tempo passou devagar. Os sons foram se afastando cada vez mais e a escuridão tornou-se completa. Rhys ficou cego. Ele sabia que estavam descendo cada vez mais fundo no Poço, mas não tinha ideia de onde estavam. Ele confiou em Cole para guiá-lo, os únicos sons eram seus passos na pedra fria e as batidas de seu coração em seus ouvidos.

Onde estava Evangeline? Wynne também estava aqui? Elas faziam parte da luta? Para onde estavam indo, e se os templários viessem caçá-los? Ele queria fazer essas perguntas a Cole, mas tudo o que conseguia fazer era controlar a dor e continuar se movendo. Depois do que pareceu uma hora de tortura, Rhys ouviu água espirrando sob seus pés. Ele podia sentir o cheiro de algo azedo e pútrido, como esgoto, em camadas espessas em meio a toda a poeira.

— Onde estamos? — Ele perguntou entre respirações ofegantes.

— Está perto, agora — disse Cole. O homem poderia muito bem ser invisível, se não fosse a voz na escuridão e o braço que sustentava a cintura de Rhys. — Há uma parede à frente. Você vai precisar escalar para baixo.

— Cair, você quer dizer — Rhys riu de forma sombria.

— Vamos dar um jeito.

De repente, Rhys ouviu algo atrás deles: o som de muitos pés calçados correndo. Homens bradando ordens. Templários. Ele paralisou, instintivamente tentando invocar mana em sua defesa, mas a onda de dor foi demais. Ele cambaleou para trás, tropeçando em uma pedra, e Cole rapidamente o pegou antes que caísse.

O coração de Rhys batia sem controle. Ele se agachou e esperou, estremecendo quando o corte em seu estômago protestou. Talvez os templários não viessem por aqui? Talvez… mas suas esperanças afundaram quando viu a luz reveladora de um lampião-incandescente ao longe.

Vários, na verdade. A luz ficou mais brilhante quando os templários correram em sua direção.

— Cole, temos que correr!

— Espere — Cole insistiu. — Está tudo bem.

Como assim? Não que o mancar de Rhys os tivesse levado longe, mas ficar parado e torcer pelo melhor?

Ele sentiu uma onda de pânico quando o primeiro templário surgiu. Havia cinco deles, homens grandes e corpulentos em armaduras pesadas salpicadas de sangue. Seus rostos sombrios diziam que estavam prontos para matar o que quer que estivesse em seu caminho.

O líder ergueu seu lampião-incandescente enquanto olhava para a passagem. Rhys estava confuso. O templário não estava nem a um metro e meio de distância. A luz deveria tê-los revelado, claro como o dia. Como ele não pôde ver?

— Eu podia jurar que ouvi água batendo — ele murmurou.

— Somos nós — disse o outro. — São apenas ecos.

— Talvez. Tem certeza de que alguém veio por aqui? O que tem aqui embaixo?

Um templário com uma espessa barba preta avançou, balançando sua espada irritadamente contra a parede.

— Pelo sopro do Criador, quem sabe? Devemos voltar. A gente não devia ficar vagando por aí, caçando fantasmas.

— O Buscador-Mor disse que devemos encontrar quem escapou da masmorra. Ele virá assim que puder.

— E se ele não puder? Devemos nós mesmos lutar contra uma dúzia de Primeiros Encantadores? Tenha bom senso, cara!

O líder lançou um olhar azedo para ele.

— Diga isso ao Buscador-Mor, se estiver disposto. Talvez você queira se juntar à Ser Evangeline? Ela está lutando do lado daqueles magos, você e eu vimos. Isso é loucura.

O restante não disse nada, evitando trocar olhares para não entregar seus pensamentos particulares. O templário líder cuspiu com desgosto e então marchou pela passagem. Os outros rapidamente o seguiram. Cada um deles passou espirrando água por Cole e Rhys, ninguém os notou.

Então Rhys sentiu: um poder tão fraco que mal percebeu que estava lá. Era um silêncio que o cercava como um cobertor, grosso e sufocante.

E vinha de Cole. Com os últimos vestígios das luzes dos templários, ele pôde ver os olhos de Cole bem fechados. O rapaz estava se concentrando muito, um rastro de sangue escorrendo de seu nariz.

— Cole — ele sussurrou. — Eles se foram.

Os olhos de Cole se abriram. Ele olhou para Rhys, surpreso... e então estremeceu de dor. O rapaz se enrolou no chão, colocando a cabeça entre as pernas, choramingando. Rhys não sabia o que havia de errado. Ele deu um tapinha impotente no ombro do jovem e, quando os templários se foram, eles se sentaram na completa escuridão mais uma vez.

Por fim, a respiração de Cole desacelerou.

— Eu... acho que estou bem agora.

— Como você fez isso?

Cole não respondeu. Em vez disso, ele puxou Rhys para ficar de pé e o levou adiante mais uma vez. Essa nova habilidade de Cole o incomodou. Não parecia nenhum tipo de magia que Rhys havia encontrado antes. Era... algo completamente diferente. Não era um pensamento reconfortante.

Os templários também mencionaram Evangeline. Isso significava que ela ainda estava viva? Ele esperava que sim. Se o Criador realmente cuida dos fiéis e dos bons, Ele a deixaria escapar.

Eles alcançaram a parede que Cole mencionou. Não foi fácil descer no escuro. Levou uma eternidade, Rhys agarrando-se a pedras que não podia ver, respirando com dificuldade e rezando para não cair. E então ele *caiu*. Por sorte, Cole estava lá para pegá-lo. A dor era inimaginável. Rhys ficou deitado na água fria e pegajosa do esgoto até que os espasmos diminuíram; tudo o que Cole pôde fazer foi acariciar sua cabeça e incentivá-lo a continuar se movendo.

Após um tempo, eles entraram nos esgotos. Tinha que ser os esgotos, por causa do mau cheiro. Certamente o resto dos magos tinha vindo por aqui. Vozes fracas ecoaram nas passagens e Cole rapidamente o conduziu na direção oposta.

Não demorou muito para que surgissem mais templários. Muitos templários, na verdade. Eles gritavam ordens um para o outro e mergulhavam na água, os sons aparentemente vindos de todas as direções. Era confuso, mas Cole parecia saber para onde estava indo. Rhys confiava nele.

Desceram uma passagem e depois outra. Continuava sem parar, o tempo se misturando a uma névoa de dor, Rhys talvez tenha desmaiado

mais de uma vez — se desmaiou, quando voltou a si, ainda estava andando. Finalmente Rhys puxou a manga de Cole.

— Eu... tenho que parar — ele ofegou. Suas pernas tremiam tanto que pareciam prestes a desmoronar debaixo dele.

Cole não disse nada, mas pegou Rhys pelo ombro e o guiou até um barranco. Lá estavam eles sentados, Rhys tentando controlar sua respiração. Suas entranhas queimavam. Parecia que estava sangrando de novo, sua vida se esvaindo incontrolavelmente. Sua cabeça girava de exaustão.

Uma luz fraca descia de uma grade no teto. *A luz de Val Royeaux à noite*, supôs. Foi o suficiente para mostrar as bordas das paredes da passagem e os ratos correndo pelos cantos. Rhys se perguntou se não deveriam tentar alcançá-la, talvez fugir para a cidade. Então, ele rapidamente descartou a ideia. Mesmo que houvesse uma escada, ele não conseguia se imaginar subindo agora... e se a grade estivesse selada? Sem magia, ele era inútil.

Rhys travou. Alguém estava vindo na direção deles. No entanto, não estava correndo... estava andando. Cole agarrou a mão dele e Rhys estremeceu quando sentiu aquela mortalha escura cair sobre eles mais uma vez. Eles estavam escondidos.

Então seu perseguidor apareceu: era o Buscador-Mor.

O homem atravessou lentamente a água, segurando um frasco vermelho brilhante diante dele. O coração de Rhys afundou — tinha que ser seu filactério. O Buscador-Mor o estava rastreando com ela. Ele se movia casualmente, graciosamente... um caçador à espreita.

A habilidade de Cole os esconderia? Rhys prendeu a respiração, observando enquanto o Buscador-Mor fazia uma pausa. O homem moveu lentamente o frasco, estudando como as luzes carmesins lá dentro respondiam. Então ele franziu a testa.

— Saia — disse ele. — Sei que está aqui. Todo aquele esforço para destruir seu filactério, e eu o guardei comigo o tempo todo.

Nenhum deles se moveu.

— Ah sim — o Buscador-Mor riu. — A invisibilidade é um truque interessante, vou te dizer. Claro, todo truque é inútil quando a verdade é revelada.

Ele guardou o frasco... e tirou um pequeno livro. Era uma coisa estranha, do tamanho de sua palma e encadernado em ouro brilhante.

O homem abriu e começou a ler em voz alta. As palavras eram antigas, Tevene Antigo... quase um cântico, na verdade. O que ele pensava que estava fazendo, Rhys não podia imaginar.

Então algo mudou. O formigamento da magia, coçando ao longo de seu pescoço. Varreu a passagem como um vento e com ele foi-se a mortalha que os escondia. Cole suspirou em choque.

A cabeça do Buscador-Mor instantaneamente girou com o som. Aqueles olhos cinzentos se estreitaram quando os viu e ele sorriu friamente.

— E cá estamos — disse ele. — Cole, eu presumo? — Jogando o livro de lado, ele ergueu sua espada e atacou.

Cole ficou de pé, adaga na mão. Ele correu para combater o buscador sem fazer barulho. Rhys tentou agarrá-lo, assustado.

— Não! Não seja tolo! Você precisa fugir!

No entanto, Cole não parou, e Rhys só caiu da beira do barranco. Ele caiu na água, o sangue subindo para a cabeça e deixando-o tonto. Ele tentou convocar mana, procurou desesperadamente por poder, — qualquer coisa — mas sua cabeça apenas cambaleou em agonia. Ele gritou.

Cole esquivou-se do primeiro golpe da espada do Buscador-Mor agachando-se e apunhalando-o com a adaga. Ela resvalou inutilmente na armadura preta do homem. O buscador girou em um instante, mais rápido do que Rhys teria pensado ser possível, e chutou Cole. A bota de metal o atingiu, fazendo o jovem voar de volta para a água do esgoto com um grunhido de dor.

Cole não ficou lá muito tempo. Ele saltou de pé em um movimento ágil, agachando-se em uma postura de luta. Os dois agora se encaravam andando em círculos, o Buscador-Mor estudando seu oponente cuidadosamente.

— Não vou deixar você machucar Rhys — Cole rosnou.

Ele disparou em direção ao Buscador-Mor, atacando rápido como uma cobra. Quando o buscador desceu a lâmina, Cole pulou para o lado no último segundo e a deixou atingir a água. Então ele pulou e cortou o pescoço do homem. A adaga acertou e, se o Buscador-Mor não a tivesse torcido para o lado, ele teria recebido muito mais do que apenas um corte.

Mesmo assim, ele parecia enfurecido. Ele levou uma manopla até o pescoço, e então analisou o sangue nela.

— Você é rápido — disse ele. — Isso é verdade.

Ele apontou sua espada para Cole, a ponta seguindo o jovem enquanto ele se movia de um lado para o outro... e então atacou. Os golpes do Buscador-Mor foram rápidos, um após o outro, Cole mal conseguiu se esquivar a tempo. O jovem foi forçado a recuar e, quando tropeçou na margem, o Buscador-Mor se aproximou para matá-lo.

— Cole! — Gritou Rhys.

Cole tentou aparar o golpe, mas tudo que conseguiu foi ser desarmado. A adaga caiu no chão e o Buscador-Mor a chutou para a água. Quando Cole pulou atrás dela, o buscador agilmente balançou o punho de sua espada contra a cabeça de Cole. O jovem voou para trás, batendo contra a parede do túnel.

Sem pausas, o Buscador-Mor cravou sua lâmina no ombro de Cole. Cravou-a profundamente e Cole gritou de agonia.

Quando o buscador removeu a espada, Cole fez um som de rosnado como um animal raivoso e saltou sobre ele. O Buscador-Mor foi pego de surpresa. Cole estava em cima dele, arranhando e mordendo seu rosto. Foi o suficiente para fazer o homem cambalear e ele largou a espada, mas sua confusão durou apenas um instante. Estendendo a mão, ele agarrou Cole pelos cabelos e o jogou de lado como uma boneca de pano.

Cole aterrissou na água com um grande respingo e instantaneamente ficou de pé num pulo. O Buscador-Mor esperava isso, no entanto, e o chutou no estômago. Foi um golpe sólido, fazendo Cole voar vários metros até cair na água novamente. Ele tentou se levantar, mas o Buscador-Mor o chutou novamente. O sangue escorria de sua boca conforme ele boiava de volta.

— Não! — Rhys gritou. — Cole! Fuja!

Ele rastejou pela água turva em direção ao local onde o Buscador-Mor havia chutado a adaga. Devia estar lá em algum lugar! Ele tateava ao redor no lodo, suas mãos tremendo.

O Buscador-Mor marchou até Cole, puxando-o pelos cabelos. Desta vez Cole estava muito fraco para fazer mais do que se sacudir. O buscador fechou o punho e deu um soco no rosto de Cole. Ele caiu, mas ainda tentava se levantar. O Buscador-Mor o pegou pelos cabelos e repetiu o castigo. Duas vezes. Três vezes. Com o último golpe, o nariz de Cole explodiu em uma chuva de sangue. Ele ficou no chão, rastejando lentamente pela água em direção ao barranco.

Rhys encontrou a adaga. Sua mão se fechou ao redor do punho e ele, trêmulo, ficou de pé. O mundo ao seu redor ficou ofuscado. Ele tentou dar uma carga, mas tudo que conseguiu foi tropeçar na direção ao Buscador-Mor.

— Deixe-o em paz! — Ele gritou.

O Buscador-Mor se virou e agarrou seu pulso, esmagando-o até que deixou cair a adaga. Então ele deu um tapa no rosto de Rhys com as costas da mão em desprezo. O golpe o fez cambalear para trás, batendo contra a parede, onde ele desmoronou em um amontoado. Seu estômago ardeu em uma agonia penetrante, e ele se contorceu no chão, seu grito, um mero suspiro irregular.

Suspirando irritado, o Buscador-Mor caminhou até sua espada e a pegou. Então, ele parou, observando enquanto Cole se levantava. O jovem estava ali, com o rosto manchado de sangue, com um olho fechado pelo inchaço e com os pés vacilando… Mas pronto para lutar. O buscador parecia impressionado.

— Tão desesperado assim para abater sua presa, demônio? Seria mais sensato fugir para o Turvo e nunca mais voltar.

Cole cuspiu sangue escuro.

— Eu *não* sou…

— Não é um demônio? Claro que você é. — O Buscador-Mor olhou em volta e viu onde havia jogado o livrinho. Ele pegou e mostrou para Cole. — A Ladainha de Adralla. Você sabe o que é isso?

Cole olhou para ele e não disse nada.

— Claro que não — continuou o homem. — Foi criado por um magister de Tevinter para dissipar a influência demoníaca sobre a mente. Não funciona em mais nada.

O coração de Rhys afundou. Ele observou como a raiva se esvaiu de Cole.

Ele olhou para o buscador, confuso.

— Pobre espírito estúpido — disse o Buscador-Mor. Ele guardou o livro e caminhou em direção a Cole. O jovem tentou recuar, mas não conseguia parar de encarar o homem, boquiaberto. — Você se esforçou tanto para fingir que era um de nós, fingir que era real, que esqueceu quem realmente era?

Ele avançou, com uma mão agarrando Cole pelo pescoço e levantando-o do chão. Cole engasgou e se debateu fracamente, mas não havia nada que pudesse fazer.

— Você *não* é real — disse o Buscador-Mor, seu tom, mordaz. — Você é apenas mais um parasita que se infiltrou em nosso mundo, alimentando-se de todas as coisas que não pode ter.

— Deixe ele ir! — Rhys clamou. — Ele não é nada para você!

O Buscador-Mor virou-se e olhou para Rhys com honesta consternação.

— Esta criatura ataca aqueles que jurei proteger, não importa o quão indignos. Ele o enganou, o transformou em um assassino e o tornaria seu hospedeiro em pouco tempo. Por que defendê-lo?

— Você está errado. — Rhys se preparou e se levantou lentamente. — Nem todos os espíritos são iguais, assim como nem todos os magos são iguais. Nem todo possuído é uma abominação. Nem toda magia é igual.

Ele alcançou lá no fundo de si e convocou mana. A dor era incrível, quase cegante, mas ele lutou contra ela apenas por pura vontade. Fogo branco enrolou-se em seus punhos, o ar crepitando com magia.

Isso chamou a atenção do Buscador-Mor. Rhys podia ver o cálculo nos olhos do homem: *ele está blefando? Quanto poder ele realmente tem?* Ele soltou o pescoço de Cole, deixando o jovem cair no chão, e apontou sua espada para Rhys em advertência.

— Não seja tolo.

Rhys não vacilou.

— Um tolo é um homem que vai além de seu alcance. Um tolo é um homem que se recusa a aceitar que há limites para seu conhecimento. Não sou um tolo.

Cole se afastou do Buscador-Mor e então parou. Ele olhou para Rhys, seus olhos se encontrando… e Rhys viu que estava chorando. Não havia negação ali, nenhum repúdio ou raiva. Havia compreensão. O mundo de Cole desabou ao seu redor, a única coisa que ele sempre temeu finalmente se tornava realidade: ele não era real.

E assim, do nada, Cole desapareceu.

Naquele momento, Rhys soube a verdade. Uma parte dele, no fundo, sempre soube.

Era como se um buraco se abrisse embaixo dele e nele caísse toda a sua força para lutar. Sua mana se foi, o fogo branco se dissipou e ele caiu de joelhos. *Deixe-o me matar*, pensou. *Vamos acabar com isso, aqui e agora.*

— Estou desapontado. — O Buscador-Mor caminhou em direção a Rhys, a boca apertada fina em uma carranca. — Parecia que havia mais gana, Encantador. Aguardo essa rebelião há algum tempo e, francamente, esperava que fosse difícil.

Rhys mal olhava para cima.

— Você pode me abater, — disse ele — mas isso não vai parar os outros.

— A vez deles chegará. A ordem será restaurada, um mago de cada vez, se necessário.

— Temo que seja tarde demais para isso, Buscador-Mor — disse uma nova voz das sombras. Era Evangeline.

Ela adentrou a penumbra, era fácil ver que estivera em batalha: sua armadura estava coberta de manchas de sangue e seus olhos tinham a intensidade sombria de uma mulher forçada a matar aqueles que uma vez foram seus companheiros... A maneira como ela portava sua espada, no entanto, mostrava que a ela nada seria negado.

— Ser Evangeline. — O Buscador-Mor parecia surpreso. Ele se virou para ela, levantando cautelosamente sua própria lâmina e ignorando Rhys. — Você deveria ter fugido quando teve a chance. Você é uma desgraça para a ordem, para a sua família e para o Criador.

Eles andavam lentamente em círculos na água, se encarando.

— De todas essas coisas, — ela disse — você está errado sobre minha família. Meu pai ficaria orgulhoso do que eu fiz. Ele sempre dizia que a tirania era o último recurso daqueles que perderam o direito de liderar.

— Ele a ensinou mal.

— Evangeline — Rhys resmungou. Sentia-se totalmente esgotado, mal conseguindo se manter de pé. Até falar era difícil. — Cole, ele...

Ela não tirou os olhos do Buscador-Mor.

— Eu ouvi. Não muda nada.

Com isso ela avançou. Os dois se chocaram, espada com espada. Eles dançaram um ao redor do outro, combatentes habilidosos não dando trégua. Rhys só podia assistir. Ele tentou invocar sua magia, mas o esforço quase o fez desmaiar.

Outros estavam vindo. Ele podia ouvir o eco de suas vozes distantes, os respingos conforme corriam. Magos, ou mais templários? *Aguente firme, Evangeline.*

Ela lutou bravamente. Várias vezes Rhys pensou que Evangeline poderia realmente levar a melhor sobre o Buscador-Mor, chegando para atacar rápido assim que avistava uma abertura. Toda vez, no entanto, o homem desviava seu golpe ou girava para fora do caminho no último momento.

Aos poucos, ele buscava uma vantagem. Evangeline foi forçada a ficar na defensiva, fazendo tudo possível para aparar seus golpes enquanto recuava. O Buscador-Mor sabia que estava vencendo. Ele começou a martelar a espada dela, cada golpe soando alto e fazendo com que ela se esforçasse ainda mais só para segurá-la.

Finalmente, mais pessoas apareceram. Eram os magos, afinal. Wynne estava na liderança, o cajado brilhando intensamente, com, pelo menos, uma dúzia de outros logo atrás dela. Eles correram pela água, com a intenção de deter o Buscador-Mor.

Mas era tarde demais.

Bastou aquela única distração para o Buscador-Mor dar um golpe letal. Um golpe sólido na espada de Evangeline fez com que ela voasse de sua mão. Ela girou descontroladamente, aterrissando com um barulho retumbante a menos de um palmo de Rhys. O homem atacou antes que ela pudesse reagir, enfiando a lâmina em seu peitoral.

— Evangeline! — Rhys gritou.

Ele estendeu a mão para ela, amaldiçoando sua fraqueza... e, por um momento, tudo ficou quieto. Rhys não viu nada além dos olhos de Evangeline se virando para encontrar os dele. Havia dor ali, a perda do que poderia ter sido, e ele a sentiu tão intensamente quanto ela. Evangeline murmurou as palavras *sinto muito*, sangue jorrando de seus lábios. Então ela deslizou da espada do Buscador-Mor caindo silenciosamente na água enquanto Rhys assistia incrédulo.

A corrida dos magos parou. Wynne caminhou à frente deles, olhando primeiro para o corpo de Evangeline e depois para Rhys... e depois para o Buscador-Mor, sua expressão implacável.

— Seus templários foram derrotados — ela disse. — Você perdeu.

Ele não disse nada a princípio, ficou tenso e equilibrado, calculando suas chances. Contra um único mago ferido com poucos feitiços para se defender? Contra um jovem armado apenas com uma adaga? Ele venceria sem dúvidas. Mesmo contra uma única templária habilidosa, ele era mais que um páreo. Contra uma dúzia de magos furiosos, no entanto... isso era outra coisa.

— Vocês não ganharam nada — ele, por fim, declarou. — Faça o que fizer aqui, você não terá permissão para ser livre. Vamos rastreá-los e colocá-los de volta em suas jaulas, eu juro.

Os olhos de Wynne se estreitaram.

— Hoje não.

O Buscador-Mor recuou. Ele ergueu a espada, avisando a qualquer um dos magos que atacaria se ousasse se aproximar dele, e então se virou e fugiu para as sombras. Os magos imediatamente o perseguiram, seus cajados brilhando com fogo. Dentro de instantes todos eles se foram, o som de seus feitiços desaparecendo nos túneis... todos exceto Wynne. A velha senhora ficou para trás, balançando a cabeça com tristeza.

Rhys mal se importava. Ele rastejou pela água, lutando contra a dor e a fraqueza para alcançar Evangeline. Ele mal estava ciente de suas lágrimas, por dentro estava gritando. Isso não era justo. Não estava certo. Evangeline deveria ter deixado o Buscador-Mor matá-lo, não intervindo e sofrido por isso.

Ele alcançou seu corpo e o puxou para fora d'água. Precisou de toda a sua força. Lá ele a embalou em seus braços, limpando as mechas molhadas de cabelo de seu rosto ensanguentado. Ela parecia quase em paz, seus olhos olhando para algum lugar distante.

— Não... não, não, não — ele repetiu, a dor do luto se espalhando livre agora.

Ele não queria deixá-la ir. Ele a queria de volta. Rhys alcançou as profundezas de si mesmo, puxou o pouco de mana que possuía... ele estremeceu de dor, e o que veio foi lamentavelmente pouco, mas derramou tudo o que tinha no corpo de Evangeline. Ele emendou carne com magia de cura, fechou suas feridas com seus feitiços. Mas não adiantou. Ela permaneceu pálida e sem vida.

Uma mão gentilmente tocou seu ombro.

— Rhys. — A voz de Wynne doía de pena. — É tarde demais. Você não pode...

Ele balançou a cabeça, quase incoerente em sua dor.

— Ela é a melhor entre eles. Ela não merece isso. O Criador *não pode* tirá-la de mim, não agora. — Ele deitou a cabeça no peito de Evangeline, soluçando.

Soluçando e rezando silenciosamente para que a morte viesse para ele também. Ele havia perdido Cole, perdido Evangeline, perdido *tudo*. Tudo o que queria fazer era ajudar, mas em vez disso destruiu tudo.

Wynne tocou o cabelo dele com a mão. Era um gesto afetuoso e, quando ele ergueu os olhos, viu que havia lágrimas de compaixão nos dela. Ele se lembrou da mulher que conhecera há tanto tempo — aquela heroína do Flagelo que entrara no Pináculo Branco com um sorriso caloroso e um coração aberto, aquela que ele sentia tanto orgulho de chamar de mãe.

— Permita-me — ela sussurrou.

— Mas você não pode... ela está...

— Shhh. — Wynne colocou a mão sobre os lábios dele para acalmá-lo. Então ela segurou sua bochecha amorosamente, mas havia tristeza e arrependimento em seus olhos. — Eu nunca soube por que o espírito me manteve viva, quando eu deveria ter morrido tantos anos atrás. Agora eu sei.

Wynne voltou sua atenção para Evangeline. Ela colocou as duas mãos no corpo dela e fechou os olhos. Houve um impulsão de poder. Rhys não sabia muito bem como descrevê-lo. Se expandiu para fora de Wynne, enchendo o túnel de esgoto com sua luz quente, e ele observou com espanto quando *algo* fluía dela para Evangeline. Não era escuro ou terrível. Era a vida. Era uma faísca.

A princípio parecia que nada ia acontecer. Mas então ele viu — a cor voltou às bochechas de Evangeline. De repente, ela respirou fundo, ofegante. Seus olhos se abriram e ela se levantou em pânico. Rhys teve que segurá-la para evitar que ela se debatesse na água.

Seus olhos se encontraram. Era ela. Ela estava viva.

Então Rhys percebeu o que aquilo significava. Ele olhou para Wynne... e viu sua mãe sorrir. Era um sorriso que dizia adeus. E então ela caiu para trás e se foi para sempre.

22

RHYS EXAMINOU AS RUÍNAS do alto da torre mais alta que sobrara, o vento frio farfalhando seu cabelo. As nuvens escuras ameaçaram nevar durante toda a tarde, o ar pesado com a antecipação de uma tempestade de inverno, mas nada acontecera. Parecia que o clima estava tão inquieto quanto seu humor.

O Extremo de Andoral ficava nos limites de Orlais, há muito tempo, uma poderosa fortaleza do Império Tevinter, que havia sido saqueada quando Andraste se rebelou com seus exércitos bárbaros para acabar com o domínio dos magos. Quão apropriado que os magos se reunissem logo aqui para seu primeiro conclave desde o Pináculo Branco.

Eles vinham aos poucos desde que os Primeiros Encantadores chegaram, um mês atrás. Uma dúzia por dia por um tempo, depois diminuindo nas semanas que se seguiram, até agora com as ruínas quase explodindo com mais de cem magos — todos apóstatas. Rhys não tinha certeza de como eles tinham ouvido falar das ruínas, ou por que vieram, mas vieram. Para onde mais podiam ir?

Eles vieram famintos, com as mãos vazias e medo nos olhos, assim como com histórias do que estava acontecendo no momento nos outros Círculos. Os templários os tinham reprimido. Em alguns lugares, eles receberam as notícias do Pináculo Branco antes mesmo dos magos e atacaram preventivamente. Não fez diferença. Em cada torre, os

magos reagiram da mesma maneira: eles lutaram. Muitos morreram. O resto fugiu.

Rhys supôs que deveria se preocupar. A destruição de tantos filactérios os havia protegido até agora, mas se os magos em outras torres podiam ouvir falar do Extremo de Andoral, então os templários também podiam. Eles não precisariam dos filactérios. Se os templários viessem, no entanto, precisariam vir com um exército. As ruínas estavam decrépitas, suas paredes rachadas e cobertas de hera, mas suas fortificações ainda ofereciam proteção. Com centenas de magos para guarnecer as ameias, eles poderiam conter um exército dez vezes maior — se não mais.

Que venham, ele pensou de forma sombria.

Ele examinou o horizonte pela centésima vez, mas viu apenas colinas nevadas e céus negros. Nenhum templário à vista. Diziam que a guerra civil em Orlais estava piorando. Houve uma terrível batalha nas Terras Agrárias. Disseram que Val Royeaux estava queimando. Se fosse verdade, os templários poderiam muito bem ter as mãos ocupadas e serem incapazes de lidar com apóstatas escondidos nos limites do Império.

Rhys ouviu os passos de Adrian na escada da torre muito antes dela chegar ao topo. Ela não parecia mal por causa da situação ruim, o que não era surpreendente. Adrian era durona. Ela agora vestia as vestes negras de um Primeiro Encantador — o idoso Edmonde havia morrido durante a fuga do Pináculo Branco, e Adrian havia sido eleita sua substituta pelos sobreviventes uma semana antes. Primeira Encantadora de onde, ninguém sabia dizer. Ela não tinha Círculo. Nenhum deles tinha.

Isso não a impediu de ficar entusiasmada com sua nomeação, mesmo sendo breve o tempo que pretendia mantê-la. Ela acenou para ele enquanto se aproximava, afastando os cachos ruivos do rosto quando uma súbita rajada de vento os fez vibrar.

— Eles estão chamando por você, Rhys — disse ela. — Vai começar em breve.

— Eu sei.

Ela poderia ter saído, mas em vez disso permaneceu ao seu lado. Ela olhou para as colinas áridas junto dele, o silêncio entre os dois era tenso.

— Ser Evangeline me disse que você deixou a fraternidade Libertária. — Ela disse isso casualmente, como se fosse uma questão sem importância. Rhys não caiu nessa. Ele sempre sabia quando

Adrian estava mortalmente ofendida. — Ela diz que você planeja se juntar aos Aequitarianos.

E é claro que foi por isso que ela o procurou.

— Já o fiz — respondeu. — O Primeiro Encantador Irving me pediu esta manhã para tomar o lugar de minha mãe e representá-los no conclave. Eu aceitei.

— *Você* é o representante deles?

— Aparentemente, eles confiam no meu julgamento.

Ela franziu a testa, pensativa.

— E como você vai votar?

— Ainda não decidi.

Ela o estudou com cuidado, sem dúvida tentando discernir o motivo de sua ambivalência. Talvez a Grande Encantadora a tivesse enviado presumindo que a amizade entre eles faria Rhys confiar em Adrian antes do início do conclave? Se foi o caso, ela errou. Se Rhys se sentiu afastado de Adrian antes, agora era totalmente. A amizade deles havia evaporado, substituída por um constrangimento que ele não conseguia determinar. Aquilo foi além de sua rejeição a ela naquela noite em seus aposentos. Havia algo no modo como ela se recusava a olhar nos olhos dele... e ele havia pensado nisso com cuidado.

Adrian se virou para sair, abandonando seus esforços, mas ele a pegou pelo ombro.

— Espere — disse ele. — Eu tenho algo a perguntar.

Ela ficou tensa. Quando ela se virou, no entanto, assumiu um ar de indiferença.

— Prossiga.

— Como Pharamond morreu?

Aquilo a pegou de sobressalto.

— Os templários o mataram e incriminaram você.

— O Buscador-Mor disse que não. — Ele defletiu sua réplica. — Eu sei que você dirá que ele estava mentindo, mas por quê? Ele disse a verdade sobre todo o resto, por que mentir sobre isso? Por que se esforçar tanto para me incriminar? Não faz sentido.

Ela deu de ombros.

— Então quem assassinou os outros deve ter matado Pharamond também.

— O nome dele é Cole. Você o conheceu, mas não se lembra disso. — Rhys encontrou o olhar de Adrian, forçando-a a olhar para ele. Ele franziu a testa quando ela quebrou o contato novamente e desviou o olhar. — O problema é que Cole disse a Evangeline que ele não o fez. Ele nunca mentiu sobre os outros assassinatos, por que mentir sobre esse?

— Não sei. Por que as pessoas mentem sobre assassinato?

Rhys deu um passo em direção a Adrian, olhando para ela com raiva. Ela recuou, assustada, até que atingiu o parapeito e não conseguiu recuar mais. Ela olhou para trás, para a longa queda até o pátio das ruínas, e depois de volta para ele.

— Acho que há outra resposta — ele rosnou.

Eles se enfrentaram em um silêncio tenso. Ela teimosamente se recusou a ceder, ou o responder. Então, lentamente, ela baixou os olhos.

— Tudo bem — disse ela. A voz dela era tão baixa e cheia de culpa que ele sabia a resposta antes mesmo que ela a dissesse. — Eu matei Pharamond e coloquei a faca debaixo da sua cama.

— Diga-me o porquê.

— O que você acha? — Adrian disse com raiva. — Era a única maneira de Wynne mudar de ideia. Ela foi àquela conferência para convencer todo mundo a não votar pela independência novamente, e teria conseguido. — Ela olhou para ele, seus olhos desafiadores. — Ela nunca teria enfrentado os templários, a menos que tivesse motivo para isso. Não, a menos que alguém que ela amava fosse ameaçado por eles.

Rhys sentiu sua raiva fervendo. Ele agarrou Adrian pela frente de seu roupão e ficou muito tentado a jogá-la para o lado. Teria sido fácil. Não havia magia que pudesse salvá-la da queda, e ela nem estava lutando contra ele. Na verdade, ela parecia estar desafiando-o a fazê-lo. Aquilo tornou as coisas piores. — Você a matou — ele fervia de raiva. — Você matou Evangeline e todas aquelas outras pessoas. O sangue delas está em suas mãos.

— Aceito a responsabilidade por minhas ações, — disse ela — mas não pelos templários. Nunca pensei que as coisas iriam tão longe. Ainda assim, faria de novo. Pharamond queria morrer. Ele me implorou.

— Você se orgulha do que fez.

— Tinha que ser feito. Por todos nós.

Por todos nós. Rhys a soltou rudemente e se virou. Ele não suportava olhar para ela... mas, de certa forma, ela estava certa. O que era mais um cadáver entre as fundações? Afinal, ele não podia alegar inocência. Ele também desempenhou o papel dele no que aconteceu. Havia tanto sangue em suas mãos.

No entanto, ele não podia evitar lembrar da rebelião de Kirkwall. Um mago chamado Anders havia matado o Grande Clérigo e desencadeado uma série de eventos que levaram ao massacre de quase todos os membros do Círculo da cidade... e ele fez isso pelo bem de todos eles, porque não via alternativa. Além de forçar um confronto com os templários. Não importa quem foi pego no meio.

Isso era tudo o que restava para eles? Cada lado deveria derramar sangue, matar o outro em nome da justiça até que apenas um ficasse de pé? Não fazia muito tempo que ele estava convencido de que o Círculo precisava acabar, que Wynne estava errada. Ela tinha mudado de ideia, graças a Adrian, mas e ele? Tudo o que sentia agora era nojo.

— Acabou, você e eu — disse ele friamente. — Fomos amigos um dia, mas não mais. Eu quero que você saiba disso.

Ela parecia triste, mas não surpresa.

— Eu entendo.

— Você não entende nada.

Ele a deixou para trás e desceu as escadas da torre. Começou a nevar.

Este conclave foi muito diferente do último. Em vez de um vasto salão cheio de mármore e vitrais, os magos se reuniram em uma câmara em ruínas que poderia ter sido um quartel, mas agora não era muita coisa. Metade das paredes era pouco mais que pilhas de pedra em ruínas, e grande parte do teto havia desmoronado há muito tempo. As ervas daninhas subiam pelo chão e o musgo grudava em todas as superfícies que podia. No quesito abrigo, eles poderiam ter ficado no meio de um descampado que seria a mesma coisa.

Havia muito mais do que uma dúzia de primeiros encantadores, também. Centenas de magos lotaram a câmara, tantos que nem podiam querer ficar sob o pequeno teto que restava. A neve caía sobre eles,

acumulando-se lentamente em pilhas no chão. Eles ficaram praticamente ombro a ombro, deixando apenas espaço para uma coluna desmoronada no centro — o que seria um palco, ele supôs.

E havia apenas uma templária. Evangeline sorriu aliviada quando viu Rhys entrar. Ele sorriu de volta, jogando fora de sua mente o que aconteceu com Adrian. Quando Evangeline se aproximou, mais olhos se voltaram na sua direção. A conversa na câmara diminuiu e depois desapareceu completamente. Todos sabiam que o conclave estava pronto para começar.

A Grande Encantadora Fiona aproximou-se da coluna desmoronada. A elfa subiu com cuidado e quando se virou para encarar a multidão solene não havia dúvida de sua posição. Ela parecia indomável. Desafiadora. Era fácil crer que ela tinha sido uma Guardiã Cinzenta. Se estava prestes a levá-los à liberdade ou de volta aos braços do Coro, ainda não se sabia.

— Temos duas opções — ela anunciou, suas palavras ecoando com facilidade. Ninguém sequer sussurrava. — Acho que está claro para todos aqui quais são: nos submeter ou lutar.

Seus olhos escanearam todos os presentes, desafiando-os a discordar. Ninguém discordou.

— Caso nos submetamos, — ela continuou — o faremos como um grupo. Até os Libertários. Voltamos ao Coro e nos colocaremos à mercê deles. Muitos de vocês não sabem disso, mas a Divina nos ajudou em nossa fuga do Pináculo Branco. Ela é nossa amiga. Talvez até possa poupar alguns da Tranquilidade ou da execução... mas certamente não todos.

Ninguém falou nada.

— Se lutamos, lutamos como um. Declaramos o Círculo como morto e, com ele, qualquer tentativa dos templários ou do Coro de nos governar. Isso significará guerra. A Divina não será capaz de conter os templários, se de fato ela tentar. Muitos de nós perecerão nas batalhas que virão... Mas certamente não todos.

De novo, ninguém falou nada. A neve caía com mais força pelas frestas do teto, mas ninguém notou. Um arrepio percorreu a espinha de Rhys.

— A hora do debate acabou — disse a Grande Encantadora. — Agora devemos agir, antes que os templários venham e toda escolha seja tirada de nós. Como Grande Encantadora do Círculo dos Magos, venho por este meio pedir uma votação sobre nossa independência.

Uma sinfonia de sussurros flutuou pela câmara, mas logo se extinguiu.

— Nem todos os Primeiros Encantadores estão presentes. Recebi a notícia de que o Direito de Anulação foi invocado no Círculo de Dairsmuid. Todos dentro foram mortos, assim como a Primeira Encantadora Rivella. — Ela pausou novamente, esperando os suspiros de choque passarem. — Não sabemos dos outros. Os magos hoje aqui optaram por ser representados por suas fraternidades. Peço a esses líderes que se levantem agora e façam seus votos serem ouvidos.

O primeiro a fazê-lo foi um velho encurvado, um Primeiro Encantador recém-nomeado que alegava representar os Legalistas. Ele fez um breve discurso com a voz trêmula, pedindo aos magos que se submetessem. Não havia como lutar contra os templários, disse ele. O povo de Thedas nunca aceitaria os magos livres e, como no tempo de Andraste, eles se uniriam e os derrubariam. O Círculo era a única esperança deles.

Nada além do que as pessoas esperavam dos legalistas, mas talvez o mais inusitado fosse aqueles que vieram depois. As fraternidades menores se levantaram e cada uma preferiu seguir a liderança Legalista: submissão em vez de resistência. Por mais que fossem poucos seus seguidores, suas palavras ainda lançavam uma escuridão sobre a câmara. A vida parecia se esvair dos olhos da Grande Encantadora.

Então Adrian atravessou a porta, não muito longe de Rhys.

— Os Libertários votam por lutar! — Ela gritou. A multidão farfalhava quando todos os olhos se voltaram para ela. — Vocês são tão gado que se deitariam e aceitariam o inevitável? Se vocês acham que alguma coisa vai mudar se nos submetermos, estão certos! Vai ser pior! Cada Circulo se tornará uma prisão. Todos os magos que chegarem a um quilômetro do lugar serão transformados em Tranquilos. Eles não conhecem *outro jeito*, e nunca conhecerão, a menos que ensinemos a eles!

Um murmúrio mais alto saudou suas palavras, mas pouco foi de raiva. Poucos poderiam negar o que ela disse. Pelas cabeças que baixavam e pelas lágrimas que alguns derramavam, parecia a Rhys ser apenas uma questão de qual resultado trazia mais dor. Não havia escolha fácil a ser feita aqui.

Quando a baderna cessou, a Grande Encantadora voltou os olhos para Rhys. Os Aequitarianos eram a maior fraternidade e agora, como sempre, mantinham o equilíbrio de poder. Se ficassem do lado dos Libertários,

juntos seriam mais numerosos do que os outros. Caso ficassem do lado dos Legalistas, a questão seria resolvida de forma irrevogável. Alguns talvez tenham questionado a escolha aequitariana de porta-voz: um homem que não era um Primeiro Encantador e que nem fazia parte de sua fraternidade até esta manhã. Rhys também se questionava. Sentia-se um substituto inadequado para sua mãe. Mesmo assim, ninguém presumia qual seria sua resposta.

Ele sentiu a mão de Evangeline envolver a sua e apertá-la.

— Todos vocês sabem quem era minha mãe, — disse ele à multidão — e ela me ensinou algo antes de morrer. Que chegou a hora de deixarmos de lado nossas suposições do passado — as suposições dos outros, bem como nossas suposições sobre nós mesmos. Não sabemos nada sobre a Tranquilidade, ou os demônios, nem mesmo das nossas próprias limitações. Aconteça o que acontecer a seguir, só sobreviveremos se aprendermos a olhar com novos olhos. Se não o fizermos, simplesmente cometeremos esses velhos erros novamente... e qualquer que seja nosso destino, nós o mereceremos.

Alguns assentiram com suas palavras, mas ninguém falava. A Grande Encantadora Fiona esperou, e então olhou para ele com uma expressão perplexa.

— Perdoe-me, Encantador Rhys, — ela disse — mas eu não acredito que você deixou claro o seu voto.

Rhys respirou fundo e então lançou o dado final.

— Eu voto por lutar.

A neve caiu forte naquela noite, mas Rhys não prestou atenção.

Ele estava sentado em um canto escuro do pátio das ruínas, finalmente sozinho com seus pensamentos. Ele esperava um alvoroço após sua votação, mas em vez disso houve apenas silêncio. A compreensão de que o Círculo dos Magos já não existia mais levantou uma questão: e agora? Não era algo que ele pudesse encarar agora, então partiu. Outros magos fizeram o mesmo, cada um precisando aceitar o inevitável.

Evangeline apareceu, atravessando a neve e o vento. Qualquer outra pessoa ele teria considerado um desrespeito à sua solidão, mas não ela.

— Está feito — disse ela ao alcançá-lo, sua expressão sombria.

— Está.

Evangeline estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar, e ele a pegou.

— No que está pensando? — Ela perguntou.

— Na minha mãe.

Ela assentiu com tristeza, sem precisar de explicação.

— Eu estava do outro lado daquela escuridão e Wynne enviou uma luz dourada para me trazer de volta. Foi... lindo.

Evangeline não tinha falado daquela noite desde que acontecera. Rhys ainda estava surpreso em vê-la viva. A magia nunca havia rompido o muro entre a vida e a morte antes. Não era para ser possível, mas eis aqui Evangeline: não um espírito, não um fac-símile da mulher que ele conhecia. Um milagre.

— Está... está dentro de você? — Ele perguntou inquieto.

— O espírito? Não sei. Não me sinto diferente.

— Você se lembra do que aconteceu antes?

Evangeline não disse nada a princípio.

— Lembro-me de Cole. Lembro-me de seu olhar quando você... percebeu o que ele era. — Rhys assentiu, sentindo a vergonha queimar suas bochechas, mas ela colocou uma mão tranquilizadora em seu ombro. — Você não deveria se atormentar.

— Não deveria? Ele me enganou. Eu, mais que ninguém, deveria saber.

— Eu estava lá no Turvo. Aquilo não era mentira, Rhys.

Ele balançou a cabeça.

— Mas isso não pode ser verdade. Nunca houve nenhum menino chamado Cole. Aquilo nunca aconteceu. Deve ter sido apenas um pouco de...

— E quem acabou de dizer aos magos aqui reunidos que era hora de deixar de lado nossas suposições? — Evangeline riu com tristeza enquanto ele fechava a boca. — Não sei o que Cole era. Tudo o que sei é que ele era uma alma perdida e você tentou fazer o que era certo por ele. Isso é tudo o que importa.

— Acho que matei aquelas pessoas.

— Eu sei. Isso não muda nada em você.

Eles ficaram quietos por um tempo.

— Você acha que vamos ver Cole novamente? — Ele perguntou.

— Não sei. Creio que não.

Rhys assentiu com a cabeça.

— Então, o que vai fazer? — Ele perguntou baixinho. — O Círculo acabou. Os templários virão atrás de nós e será guerra, assim como Fiona disse. Você vai lutar contra eles?

Ela então olhou para ele e não sorriu, sua expressão totalmente séria.

— Se isso significa que lutarei ao seu lado, terei prazer em morrer de novo e não me arrependo de nada.

— Então enfrentaremos o futuro juntos.

Evangeline assentiu e o abraçou com força, e ele aceitou o abraço de bom grado. Rhys percebeu que a questão do que estava por vir já não parecia tão assustadora. Com ela… a questão desaparecia conforme olhava em seus olhos. Ele quase a perdeu para sempre. Lá no pátio em ruínas, com a neve caindo silenciosamente ao redor, eles se beijaram. Ele pareceu espontâneo e apropriado.

Ela sorriu e pegou sua mão quando se separaram.

— Venha comigo. — Eles caminharam juntos para um lugar não muito longe do Extremo de Andoral. Lá, em um campo, havia um carvalho maciço solitário, uma coisa nodosa e cinzenta tão velha que parecia impossível que ainda estivesse de pé. Mas também tão majestoso que contemplá-lo era de tirar o fôlego. Aquela árvore tinha visto as eras passarem. Ela vira os Flagelos encherem a terra com crias das trevas e ainda assim não sofreu corrupção. Talvez tenha até assistido os exércitos de Andraste derrubarem a poderosa fortaleza, testemunhado batalhas que mataram milhares e milhares de homens, mas ela mesma não caíra.

Foi ao pé daquela árvore que as cinzas de Wynne foram enterradas. Foi uma sugestão de Leliana. Wynne não ia querer nenhum monumento, ela disse, nenhuma cripta de mármore ou pompa. Apenas um lugar para finalmente descansar, um lugar onde aqueles que a conheciam pudessem vir e se lembrar dela como ela era: uma mulher que lutou por aquilo em que acreditava, que se opôs tanto às criaturas das trevas quanto ao caos. Uma mulher que usou os anos que lhe foram dados para fazer do mundo um lugar melhor do que o qual encontrara.

Leliana estava lá agora, assim como Shale. O Primeiro Encantador Irving também. Havia outros também, todos de cabeça baixa, lembrando com tristeza, marcando o falecimento de sua amiga. Nem a golem tinha gracejos sarcásticos para oferecer, a luz em seus olhos agora fraca e cinza.

Rhys e Evangeline observavam em silêncio à distância. Ele tentou se lembrar de sua mãe e daquele último sorriso que ela lhe dera. Seu coração doía, imaginando a vida que ele poderia ter tido, se ela nunca tivesse sido forçada a entregá-lo, a vida diferente que ela poderia ter tido. Talvez pudessem ter sido bons um para o outro.

Leliana começou a cantar. As palavras eram élficas, mas Rhys as entendia mesmo assim: falavam de alegria e perda, e como todas as coisas deveriam chegar ao fim.

Era, ao mesmo tempo, a melodia mais assombrosa e mais bonita que ele já tinha ouvido.

Epílogo

O BUSCADOR-MOR LAMBERT entrou em seus aposentos, seu rosto vermelho de satisfação. Rapidamente removeu sua capa preta e a jogou para um pajem élfico que seguia atrás dele. Quinze Buscadores em uma sala, e nenhum deles tinha levantado a voz em protesto. Todos sabiam o que precisava ser feito. Aqueles poucos que mantinham restrições particulares permaneceriam em silêncio ou seriam substituídos.

Eles juntariam um exército e os patéticos magos reunidos no Extremo de Andoral seriam esmagados... ou mortos de fome, não importava. Suas mortes serviriam de exemplo para todos os que viriam depois. O Círculo dos Magos se foi, e logo seria substituído por uma nova ordem que finalmente teria o poder de estabelecer uma paz real. Onde até mesmo o Coro falhara, os Buscadores da Verdade permaneceriam triunfantes aos olhos do Criador.

— Escreva uma carta, garoto — ele disse rispidamente.

O pajem quase ganiu de medo, deixando cair a capa e os papéis que carregava. O Buscador-Mor esperou impaciente enquanto o garoto tentava recuperar tudo. Ele pendurou a capa e sentou-se à escrivaninha minúscula, mergulhando uma caneta no tinteiro com a mão trêmula.

— Pelo sopro do Criador, garoto. Se essa carta ficar ilegível, vou arrancar seu couro.

O pajem engoliu em seco.

— Sim, meu senhor.

Sua mão desacelerou, ainda que sua respiração em pânico não. Lambert teria sorte se o garoto conseguisse escrever a carta toda sem falecer ali mesmo. Bem, não importava, desde que fosse escrito e entregue esta noite. Ele desatou sua armadura conforme ditava:

Santíssima,

Os Buscadores estão bem cientes do papel que você desempenhou na rebelião. Você me chama para a Grande Catedral no meio da noite em negócios "urgentes" apenas para falar de assuntos triviais? E então, quando volto ao Pináculo Branco, descubro o caos... e uma de suas agentes no meio dos apóstatas.

Achou que eu não notaria? Você crê estar acima das repercussões de seus atos? Foi um dia negro quando o Coro pôs uma mulher tão incapaz no Trono Reluzente. Eu não vou ficar ocioso e assistir você destruir o que as eras de tradição e justiça construíram. No vigésimo ano da Era Divina, o Acordo de Nevarra foi assinado. Os Buscadores da Verdade baixaram nossa bandeira e concordaram em servir como o braço direito do Coro, e juntos criamos o Círculo dos Magos. Sem o Círculo, declaro que o Acordo caducou. Nem os Buscadores da Verdade, nem a Ordem dos Templários reconhecem a autoridade do Coro e, em vez disso, realizaremos o trabalho do Criador como deveria ser feito e como acharmos adequado.

Assinado neste dia no quadragésimo ano da Era do Dragão, Buscador-Mor Lambert van Reeves

Ele foi até a mesa e pegou a carta assim que a página estava pronta. Examinando-a, ele assentiu com aprovação.

— Feche-a com meu selo e coloque-a nas mãos de Ser Arnaud. Diga-lhe que ele deve levá-la pessoalmente para a Grande Catedral. *Pessoalmente.* Está entendido?

— Sim, meu senhor.

O pajem correu para fora da câmara tão rapidamente que quase tropeçou. Lambert fechou a porta e se permitiu sorrir. Ele imaginou a Divina a lendo. Sem os templários, o Coro era inofensivo — nada mais do que um bando de velhas armadas apenas com palavras. O que ela

faria? Tentar convencer as pessoas, depois de séculos ensinando-lhes que os magos deveriam ser temidos e contidos, que agora tudo era diferente?

Em três dias, a hoste templária marcharia no Extremo de Andoral. Com alguma sorte, quando voltasse vitorioso, o Coro teria caído em si e escolhido uma nova Divina... uma que estaria ansiosa para a chegada a um novo Acordo com os buscadores, colocando o poder muito mais firmemente onde pertencia.

O Buscador-Mor removeu o resto de sua armadura, apagou a lâmpada e se arrastou para a cama. Ele dormiria bem esta noite. Logo ele seria um herói, os magos seriam recolocados em seus lugares e tudo ficaria bem no mundo. Foi um bom dia, de fato.

À medida que o sono vinha lentamente, ele percebeu que algo estava errado. Um som na escuridão — o mais leve dos rangidos, como a porta se abrindo. Imediatamente ele pegou sua espada ao lado da cama, mas antes que pudesse alcançá-la algo estava sobre ele. Um homem o empurrou para baixo e colocou uma adaga em sua garganta. Ele congelou. Na tênue luz da lua que entrava pela janela, ele vislumbrou o cabelo louro desgrenhado do intruso e imediatamente o reconheceu.

— Demônio — ele rosnou e assobiou de dor conforme a lâmina pressionava contra sua carne.

O jovem se inclinou para perto, sua expressão era de intenção mortal.

— Havia um Cole — ele sussurrou. — Você o esqueceu naquela cela e eu ouvi seus gritos quando ninguém mais o fez. Fui até ele e segurei sua mão na escuridão até que acabasse. Quando os templários o encontraram, apagaram tudo para esconder sua vergonha... e eu era impotente para agir. — Tristeza, e talvez até arrependimento, cruzou o rosto do jovem, mas apenas por um momento. — Não estou mais desamparado. — As palavras causaram um calafrio ao coração de Lambert.

— O que você quer de mim?

O jovem sorriu friamente.

— Eu quero que olhe nos meus olhos.

Criador, mesmo que a escuridão venha sobre mim,
Eu abraçarei a luz. Eu resistirei à tempestade.
Eu suportarei.
O que você criou, ninguém pode despedaçar.
— Cântico das Provações 1:10

Um assassino místico espreita pelos corredores do Pináculo Branco, o coração do poder templário no poderoso Império Orlesiano. Como Rhys é o único capaz de vê-lo, olhares acusadores recaem sobre o mago. Relutante, ele embarca em uma jornada pelas terras do oeste como uma última tentativa de provar sua inocência. Tal viagem não só revelará muito mais do que o previsto como também mudará o destino dos seus companheiros magos para todo sempre.

Escrito por David Gaider, antigo roteirista-chefe da BioWare e co-fundador do Summerfall Studios, *Despedaçado* é o terceiro romance de *Dragon Age*, que explora e aprofunda o cenário da premiada série de games para PC, XBox e PlayStation. O rico universo de *Dragon Age* invadiu animações, livros, quadrinhos e RPG de mesa. No Brasil, a Jambô Editora também publica o RPG oficial da marca, vencedor do ENnie Award de 2016 por Melhor Jogo e Melhor Arte.